



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação e Arquivística
do Conselho dos Farmacêuticos



Centro de Documentación Farmacéutica
de Ordenación Farmacéutica

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

Magnum iter ascendo, sed d: t mihi gloria vires.
PROP.—LIB. 4, Eleg. 10.

OITAVA SERIE — ANNO DE 1884 — TOMO V

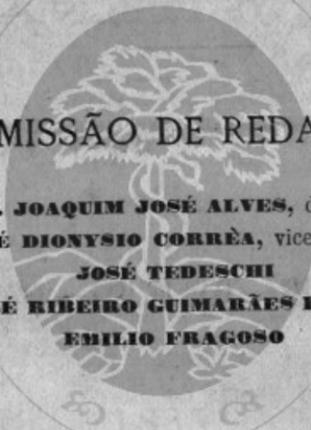


LISBOA
TYPOGRAPHIA DA VIUVA SOUSA NEVES
65, Rua da Atalaia, 65
1884

JORNAL

SOCIEDADE FARMACÊUTICA

LUSITANA



COMISSÃO DE REDACÇÃO

DR. JOAQUIM JOSÉ ALVES, director
JOSÉ DIONYSIO CORRÊA, vice-director
JOSÉ TEDESCHI
JOSÉ RIBEIRO GUIMARÃES DRACK
EMILIO FRAGOSO

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACETICA
LUSITANA

PEÇAS OFFICIAES

Representações do Centro Pharmaceutico Portuguez e da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, dirigidas á camara dos srs. deputados da nação portugueza, contra' o requerimento que tem por fim dispensar a João da Cunha e Oliveira, natural de Loanda, os preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia.

Senhores Deputados da Nação Portugueza.— Ainda a classe pharmaceutica não estava livre do pasmo, que lhe causou a confirmação approvativa, dada pela camara dos dignos pares do reino ao projecto de lei n.º 228, que lhe havia sido enviado pela camara dos senhores deputados—projecto de lei, tendente a auctorisar André Gonçalves Pinto, sem preparatorios escolares ou abonação alguma de lettras e de sciencias, a poder fazer n'uma das nossas escôlas de medicina exame de pharmacia—quando foi sôbresaltada pela apresentação em côrtes de mais um requerimento, em que João da Cunha e Oliveira, natural de Loanda, pede identica auctorisação...!

O Centro Pharmaceutico Portuguez, senhores, trahiria a humanidade enferma, a sciencia e a sua classe, se não viesse de prompto dizer-vos que a auctorisação já concedida

e a que agora se pede, são um mal á saúde publica, acarinham a ignorancia, vão completamente de encontro á egualdade de todos perante a lei, e constituem uma excepção odiosa ao estabelecido no decreto de 12 de agosto de 1854, que é a carta patente e o nivel regulador do ensino e das habilitações officiaes, que no nosso paiz devem possuir aquelles, que pretenderem adquirir um diploma, que lhes permita exercer a nobre e scientifica profissão pharmaceutica.

Senhores, como representantes dos direitos sociaes, como cidadãos portuguezes e amantes do vosso paiz, e como legisladores justos e circumspectos, o Centro Pharmaceutico pede-vos, em nome da muito patriota e benefica classe pharmaceutica, para que não mais adorneis ignorantes com diplomas honrosos que só pertencem a quem estuda e a quem trabalha—para que não mais offendais uma classe, que tantos serviços tem prestado e presta á sociedade—para que não mais amesquinheis uma classe, a quem os governos e os legisladores d'outros paizes estão desveladamente protegendo e muito considerando.

Tende por certo, senhores, que se um dia a patria fôr assolada por uma epidemia, ou estiver a braços com um inimigo terrivel como é o cholera, que mal irá a ella, se para a sua salvação não tiver medicos e pharmaceuticos muito dedicados e instruidos.

E será justo, senhores, que pela força do favor, tornando-se esquecida a força do direito, se incorporem n'uma classe scientifica e de importancia social, como é a pharmaceutica, membros menos illustrados e menos competentes em conhecimentos uteis e precisos — quando é sabido de vós todos que, desde ha muito e ém todas as sessões legislativas, a classe pharmaceutica vos tem pedido melhor regularisação e mais augmento d'instrucção no seu ensino official?

A vossa razão esclarecida que o decida — e é a ella tambem que entregamos a justiça do nosso pedido, para não concederdes a João da Cunha e Oliveira, ou a outro qual-

quer individuo, dispensa de preparatorios escolares e habilitações legaes para poder fazer exame de pharmacia.

Exigi, senhores, mais sciencia aos pharmaceuticos do vosso paiz e não lh'a poupeis, porque isso causa grave prejuizo á sociedade, manifesta offensa á lei geral e grande detrimento a uma classe, que tem direito á justa consideração do governo e do legislador e ao respeito publico pelos seus trabalhos e serviços a bem da humanidade.

Deus guarde a V.^{as} Ex.^{as} — Porto e secretaria do Centro Pharmaceutico Portuguez, 19 de janeiro de 1884.— *Isidoro da Fonseca Moura.* — *José Rodrigues de Mello Junior.* — *Antonio Rodrigues Ferreira de Carvalho.*

Senhores Deputados da Nação. — Com todo o respeito que lhe merece a elevada missão que vos conferiu o povo portuguez, e como representante dos pharmaceuticos do paiz, vem a sociedade pharmaceutica lusitana reclamar perante vós, a quem compete legislar de modo que as vossas leis produzam sempre um progresso material ou um bem moral, que se traduza na utilidade de todos, mas nunca em beneficios pessoases, com detrimento de muitos e particularmente quando esse detrimento affecte o pondunor e a dignidade de uma corporação, contra o requerimento que tem por fim dispensar a João da Cunha e Oliveira os preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia.

E, se a sociedade pharmaceutica ousa transpôr com uma reclamação o limiar da sala onde assenta tão respeitavel assembléa, é porque, senhores, a dispensa, quando concedida, significa um aviltamento para a classe que ella representa, e vós não querereis certamente aviltar uma classê honesta, que trabalha assiduamente para o bem da humanidade.

Se um precedente lastimavel, devido, queremos acreditar-o, a uma imprevisão, e nunca a um proposito, não tivesse já magoado profundamente todos os pharmaceuticos

portuguezes, a sociedade pharmaceutica não viria agora desviar a vossa attenção para este assumpto, porque confiaria na vossa justiça e na vossa sã razão; mas um facto inteiramente identico, a que consta do requerimento, teve sancção da vossa assembléa, e vós fôstes certamente illudidos e a classe pharmaceutica foi menospresada.

E, para que o facto se não repita, para que vos não illudam nem nos menospresem, nós vimos dizer-vos: Srs. deputados da Nação, a pharmacia em Portugal é, como em todos os paizes civilisados, uma profissão scientifica. Para se poder ser pharmaceutico, isto é, para se desempenhar com consciencia e dignidade esta profissão, é indispensavel um desinvolido estudo das sciencias naturaes e uma aturada pratica de laboratorio.

Os legisladores que vos precederam assim o comprehenderam, e isso significam as leis de 1836 e 1854.

Mas, a classe pharmaceutica julga que essas leis não satisfazem já hoje ás exigencias das sciencias medicas, e por isso tem pendente da vossa approvação um projecto de lei que alarga os horisontes da sua habilitação scientifica.

Ora não é justo, senhores, que por leis do estado se eguallem, em direitos e deveres, regalias e considerações, homens que trabalham e se instruem e que desejam e precisam instruir-se mais, áquelles que, relapsos ou ambiciosos, procuram viciar as leis e conspurcar os creditos d'uma classe que tem todo o direito á consideração publica.

Por isso a sociedade pharmaceutica lusitana espera da vossa comprovada illustração e da vossa dedicação ao bem geral, que não defiraes o requerimento que tem por fim dispensar a João da Cunha e Oliveira os preparatorios para fazer exame de pharmacia.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 16 de janeiro de 1884. — *José Tedeschi*, presidente. — *José Gomes de Mattos*, 1.º secretario. — *Antonio Augusto de Ascenção*, 2.º vice-secretario.

Moção feita pelo ex.^{mo} sr. presidente da sociedade, em sessão de 8 de janeiro de 1884, sôbre o projecto de lei que dispensa a André Gonçalves Pinto, droguista na provincia de S. Thomé, os preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia.

Senhores.— Não é permittido a uma sociedade scientifica, legalmente constituida, lançar em suas actas um *voto de censura* aos poderes do estado, ainda mesmo que seja bem reconhecida a razão que para isso houvesse.

Não lhe é licito egualmente formular protestos contra as deliberações tomadas por esses poderes, ainda mesmo que seja bem clara e evidente a injustiça que provenha d'ellas, ou seja em desfavor do paiz em geral ou de alguma classe e pessoa em particular.

Mas se lhe não é permittido, nem licito, tomar qualquer d'estes dois expedientes, quando um facto que o mereceria a vem offender em suas justas aspirações, tambem lhe não é licito ficar silenciosa e acceitar mudamente as deliberações d'esses poderes, em que a sua dignidade é offendida, a sua justiça despresada, as suas justas petições esquecidas, a lei geral e a egualdade na sua applicação calcadas por uma lei especial, feita a favor de um individuo, com prejuizo dos direitos de muitos outros a quem têm sido impostas obrigações que a esse são dispensadas.

Eis o facto, narrado com toda a simplicidade e despidido de ornatos, que julgamos sempre desnecessarios quando se trata de expôr a verdade.

Um governador de uma das nossas provincias ultramarinas, levado por influencias, que nos não compete avaliar, auctorizou, por uma portaria, um individuo natural d'essa provincia africana a estabelecer uma pharmacia, administral-a e exercer n'ella o seu expediente, sem dependencia da habilitação que as leis exigem.

Um outro governador, a quem foi requerida a derogação d'essa portaria, que fôra passada illegalmente, talvez por deferencia para com o seu antecessor que a promul-

gara, indeferiu esse requerimento, confirmando-a e lançando em seu despacho uns fundamentos, que, além de falsos, eram offensivos ás escólas do reino, onde se obtêm as habilitações leaes para o exercicio de qualquer profissão.

Recorrendo-se d'esse despacho ao governo, pelo ministerio da marinha e ultramar, aconteceu presidir a esta repartição do Estado um homem instruido, recto e imparcial, que reconhecendo a justiça do pedido e a illegalidade da portaria e do despacho que a confirmara, a derogou e a annulou, recebendo a auctoridade que abusara, excedendo a sua alçada, a devida correccão.

Este ministro foi o sr. conselheiro Mello Gouveia, a quem esta sociedade votou agradecimentos em virtude da justiça que praticara, como era esperada.

Passado algum tempo é apresentado na camara dos srs. deputados um projecto de lei, em que a favor do mesmo individuo, a quem fôra passada a portaria illegal, se derogam todas as leis que regulam o modo e condições de se fazer as habilitações de pharmaceuticos! Apesar das justas reclamações feitas n'essa occasião, e pela protecção dada ao interessado, o projecto foi approvedo sem o assentimento da competente commissão de instrucção publica.

Subindo á camara dos dignos pares do reino, ali, e com a rapidez do raio, estava a ser votado quando o digno par, o sr. Pires de Lima, observou que não devia ser votado sem ser ouvida a commissão de instrucção publica.

Apesar d'esta observação, o projecto foi votado e approvedo na ultima hora da sessão parlamentar de 1883!

A sociedade pharmaceutica lusitana, pois, que representara legalmente contra esta injustiça que se pretende fazer aos aspirantes pharmaceuticos, a quem se exige, com muita razão, um certo numero de preparatorios, e que vê assim despresadas todas as suas representações pedindo a regularisação das escólas e ensino de pharmacia, não pode deixar de lamentar que tal approvação se verificasse, e visto que não tem outros recursos para obviar a execução de tão injusta deliberação, nem lhe é permittido exarar censuras

nem protestos em suas actas, não deixará contudo de mostrar a sua reprovação, para o que, proponho:

Que se lance na acta um voto de puro sentimento, pelo facto de se ter approved, no poder legislativo, uma proposta de lei que está em completa opposição aos justos pedidos d'esta sociedade, todos tendentes a aperfeçoar a instrucção pharmaceutica.

Lisboa e sala da sociedade pharmaceutica lusitana, em 8 de janeiro de 1884.—O membro effectivo, *José Tedeschi*.

Parecer da commissão de direito pharmaceutico, de 5 de maio de 1883, ácerca do fornecimento de medicamentos, para o exercito portuguez, por meio de arrematação.

Senhores.—A commissão de direito pharmaceutico d'esta sociedade recebeu, ha poucos dias, um officio, que lhe fôra dirigido pelo pharmaceutico de Santarem, o sr. Francisco João Rosa, pedindo a sua opinião sôbre a legalidade, ou illegalidade, com que se tem feito, e parece que vae continuar a fazer-se, o fornecimento de medicamentos para o exercito portuguez por meio de arrematação.

A resposta, que esta commissão e mais tarde a sociedade, tem a dar é simples e facilima, porque a seu respeito a lei, que dirige o exercicio da pharmacia é clarissima n'este ponto, como oxalá o fôsse n'alguns outros.

Effectivamente quem lêr o § 12.º do art. 74.º da lei de 3 de dezembro de 1868, unica, que actualmênte nos rege, ali encontrará, que é punido com a multa de 4\$000 réis, e o dôbro pela reincidencia, o *pharmaceutico, que vender medicamentos por preço maior ou menor que o preço marcado no regimento*.

O regimento em vigor foi approved e mandado executar por decreto de 13 de abril do findo anno de 1882, assignado pelo rei e referendado por um dos actuaes ministros, o ex.^{mo} sr. Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira, que serve o importante cargo de ministro do reino, debaixo da

presidencia do actual ministro da guerra, que por fiel executor das leis do paiz, e porque de certo em conselho de ministros sancionou a doutrina d'aquelle decreto, não consentirá que elle seja despresado pelas repartições a seu cargo:

Demais, não é crível, que o actual ministro da guerra, não só porque sancionou, como não podia deixar de sancionar, a doutrina d'esse decreto, que tem por base a lei de 3 de dezembro, mas, além d'isto, pelo muito zêlo, que mostra ter pela benemerita classe militar, que não quererá sujeitar á eventualidade de ser soccorrida, em suas doenças, com medicamentos de inferior qualidade, o que acontece sempre quando se procura o mais barato; não é crível, dizemos, que possa ordenar, nem consentir, que pelas repartições do seu ministerio se promova, consinta, e pratiquem infracções da lei que, como ministro, como militar, como legislador e cidadão tem obrigação de respeitar, manter, cumprir e fazer cumprir.

Já vê, pois, esta sociedade, que a opinião da vossa commissão, fundada na lei do paiz e na conveniencia dos doentes da nobre classe militar, é que taes arrematações não se podem fazer, nem se devem consentir, e que contra este abuso se deve reclamar quanto antes para de uma vez acabar com elle.

A sociedade, pela sua illustração e competencia, resolverá como julgar de justiça,

Lisboa e sala da commissão, em 5 de maio de 1883.—
O director, *J. Tedeschi*.—*Augusto d'Oliveira Abreu*.—*Agostinho Sisenando Marques*.

PHARMACIA

Presença de cobre nos extractos pharmaceuticos

O dr. Galippe publicou o resultado de algumas analyses, relativamente á presença do cobre metallico em diversos

extractos pharmaceuticos, ou nas materias primeiras que serviam para os obter.

Já, em 1877, havia annuciado á sociedade de biologia a presença de cobre no extracto de quina dos hospitaes de Paris.

Mais recentemente doseou o cobre metallico no referido extracto de quina dos hospitaes, e encontrou 0,12 por 1000 de extracto. No extracto de quina preparado pelo methodo Mouchon, e evaporado em capsula de porcellana, obteve 0,03 de cobre metallico por 250 de quina empregada.

A quina continha pois, pelo menos, 0,12 de cobre por 1000. Esta proporção deve necessariamente variar segundo a especie e o solo d'onde procede.

O dr. Galippe pesquisou igualmente a presença de cobre metallico na ipecacuanha do commercio, encontrando 0,0056 por 1000; d'onde se conclue que o extracto de ipecacuanha deve normalmente conter cobre.

Na raiz de genciana a percentagem de cobre era de 0,0128 por 1000, e no extracto 0,034 por 1000.

Poder-se-hia proseguir n'estes doseamentos para todos os extractos pharmaceuticos, com a certesa de encontrar o referido metal em proporção mais ou menos consideravel, visto que todos os vegetaes analysados até aqui o contêm em quantidade apreciavel.

Em certos extractos de alcaçuz do commercio a proporção de cobre é muito notavel. Assim:

Extracto de alcaçuz A, cobre por 1000 ... 0,0880

Extracto de alcaçuz B, cobre por 1000 ... 0,3128

Esta ultima percentagem não deve surprehender, visto que os extractos de alcaçuz do commercio, entre outras impurezas, encerram aparas de cobre. Além da sua insolubibilidade, estas parcellas de cobre, ainda mesmo que, em consequencia do seu volume, podessem penetrar no tubo digestivo, não provocariam ahi nenhuma reacção, como está evidenciado por uma serie de experiencias realisadas sôbre o homem e sôbre animaes.

(*Journ. des connoiss. médicales.*)

S. M.

Essencias e aguas distilladas aromaticas

PELO SR. PERCY WELLS

Este auctor, quando procedia á preparação das essencias e das aguas distilladas aromaticas, descobriu o meio de obter estes productos de qualidade superior; de cheiro mais suave e impedia a decomposição das aguas distilladas. O processo consiste em ajuntar, á agua que vae servir á distillação, sufficiente quantidade de permanganato de potassa até que obtenha ligeira coloração rosada.

Se as flôres fôrem já avelhantadas ou damnificadas em parte, adicionar-se-ha á agua e do mesmo modo o dito permanganato.

As aguas assim preparadas conservám-se por espaço de dois annos.

As essencias retificadas em agua, ajunta-se, a cada trinta grammas, tres a seis centigrammas de permanganato de potassa; e, depois da distillação, consegue-se notavel melhoramento.

(Pharmaceutical Journal.)

J. D. CORRÊA.

VARIÉDADES**A GEOLÓGIA**

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

I

A geologia é uma sciencia vasta. Dirige-se ella ao estudo da constituição physica do globo terrestre, e á descoberta das leis que presidem á formação das suas diferentes partes. Primeiro estuda os factos, que reúne em grande numero, depois combinando-os, d'ahi deduz theorias certas ou provaveis e consequencias rigorosas, conforme o numero de factos é mais ou menos consideravel.

Como todas as sciencias, a geologia se conservou muito tempo no seu estado infantil; seculos decorreram conservando esta sciencia apenas apoiada em meras hypotheses, cosmogonias, resultados incoherentes de uma imaginação credula.

Vulgarmente a geologia julga-se uma sciencia nova, não é porém assim; ella é cultivada desde a mais longinqua antiguidade, pôsto que cheia de mysterios e mythos incomprêhensíveis.

Desde épocas muito afastadas se tenta prescrutar as origens do globo, suspeitando-se ainda que, vagamente, as causas que o produziram; e a antiguidade, por intermedio de suas religiões e idéas cosmogônicas, nos apresenta bases, que indicam conhecimentos geologicos assás desinvolvidos.

II

A biblia, esse livro antiquissimo, é o unico que nos fornece noções sôbre a historia da geologia, mais claras e mais exactas; e agora que a sciencia se firma em bases solidas, não podemos deixar de admirar a precisão mathematica com que o auctor, inspirado, nos conta a origem e a criação do globo.

Moysés e os livros sagrados, nos descrevem a terra creada, desde a sua origem, e recebendo sua forma do proprio Deus, que a destinava a ser habitada, primeiro no estado cahótico ou de materia incandescente, depois coberta pelas aguas, conservando uma parte a sêcco para receber primitivamente as plantas, os animaes e por fim o homem. Se a escriptura nos mostra depois a terra destruida, primeiro pela queda do primeiro homem, depois por um diluvio resultante dos crimes dos descendentes de Adão, tambem a antiguidade nos descreve a terra sublevada interiormente pelos fogos subterraneos. Assim, ora nos aponta os tremores de terra aluindo ou sublevando ás montanhas, ora os effeitos synchronicos das aguas pelo esgôto dos rios,

fluxo dos lagos, as vagas do mar, de que a violencia cava as rochas e destroee pouco a pouco as margens.

Eis portanto esboçados os germens e as bases de altas questões geologicas: a terra primitivamente creada com seus habitantes e para sua habitação; depois modificada interiormente e na superficie pelas duas causas synchronicas, a agua e o fogo; que a destroem e a modificam por seus esforços reunidos. N'isto se firma toda a geologia, concordando assim com todas as leis do universo. Comparando-se a narração ao mesmo tempo simples e grandiosa, que Moysés nos legou, da criação do mundo com as descrições vagas e confusas dos philosophos gregos, que viveram posteriormente, facilmente conheceremos que a cosmogonia do legislador judaico é muito superior a todas as outras.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Pesquisa do oleo de algodão no azeite de oliveira

Segundo noticia o *Jornal de pharmacia de Alsacia-Lorena*, o professor Bechi, de Florença, tendo feito numerosas experiencias, chegou a determinar um processo simples para a referida pesquisa, o qual é muito mais exacto que todos os outros processos que têm sido indicados.

O processo do professor Bechi baseia-se na propriedade, que possui o oleo de algodão, de reduzir o azotato de prata.

Mistura-se em um pequeno matraz 5^{cc} de azeite suspeito com 25^{cc} de alcool a 98° e 5^{cc} de um soluto de azotato de prata (1 gr. de azotato: 100^{cc} de alcool a 98°), e aquece-se em banho de agua a 84°. Se o azeite contém oleo de sementes de algodão, ainda que seja em diminuta quantidade, adquire coloração mais ou menos carregada, segundo a percentagem de oleo de algodão.

N'este ensaio é preciso não aquecer a mistura á chamma directa, porque n'estas circumstancias obtêm-se colorações

mais ou menos intensas com outros oleos, taes como oleo de colza, de linhaça, de caroços de pecego. S. M.

Vinho nutritivo de carne

Acêrca d'este novo preparado pharmaceutico do nosso distincto collega o sr. conselheiro Pedro Augusto Franco, encontra-se em um dos ultimos numeros do *Correio Medico* a local que transcrevemos em seguida:

«Como sub-delegado de saude do concelho de Belem, fui convidado pelo sr. conselheiro Pedro Augusto Franco para assistir á preparaçãõ do seu novo invento — o vinho nutritivo de carne.

O sr. Franco teve a deferencia de mostrar-me e ao sr. administrador de Belem, que tambem por convite se achava presente, o accordãõ da junta consultiva de saude publica approvando o alludido vinho, assim como a licença legal para o poder expôr á venda; teve egualmente a condescendencia de mostrar-me a formula do preparado, a qual achei muito bem combinada e propria para preencher o fim para que foi feita.

O vinho nutritivo da carne é um verdadeiro liquido alimenticio, de gôsto agradável, de digestão facilima, ainda, para os estomagos menos tolerantes, e podendo conservar-se inalteravel por muito tempo. Parece-me que este preparado está destinado a substituir, com muita vantagem e dentro em pouco tempo, todos os preparados analogos que nos chegam do estrangeiro, como vinhos de carne, de peptona, etc. — *Alves Branco Junior.*»

Esta apreciação é-nos muito agradável por dizer respeito a um medicamento devido ao labor e intelligencia de um pharmaceutico portuguez e por ser firmada por um medico abalisado. S. M.

NECROLOGIA

Francisco Antonio Alves de Azevedo

O dia 5 de novembro de 1883 foi de luto e de lagrimas para a illustre familia Alves de Azevedo. Victima d'uma congestão cerebral, caira fulminado um dos seus mais honrados membros, o sr. Francisco Antonio Alves de Azevedo, pharmaceutico distincto e um dos proprietarios da bem conhecida pharmacia Azevedo, sita na praça de D. Pedro d'esta cidade.

A fouce da morte caindo implacavel por sôbre todas as jerarchias, sem o respeito pelas edades, pelo saber, pela nobresa, pela virtude, pela opulencia, e com a indiferença da sua fatal voracidade, acaba de prostrar este notavel homem de bem; digno a todos os respeitos, pela sua bondade, pela sua esclarecida intelligencia, pela sua honradez, e pela sua dedicação ao trabalho, de mais dilatados annos.

Nascido na epoca calamitosa, em que já se iam sumindo os eccos das campanhas napoleonicas, que abalaram pelos alicerces, derrocando alguns, os thronos da Europa; educado por seu pae nos principios da mais austera moralidade, ainda chegou a tempo de saudar com a alegria infantil a nova era de 1820.

Seu pae desde os primeiros annos lhe foi ministrando o ensino pharmaceutico, como quem via já em tão intelligente filho um digno successor; iniciando-o simultaneamente nos estudos preparatorios, que cursou com brilhante exito.

Acabava de completar 18 annos, e a despeito da grave interrupção no seu curso, correu a alistar-se como o voluntario n'um nos batalhões nacionaes, onde mais liberal, mais heroico, mais patriotico pulsava o sangue portuguez.

Sem a hesitação dos fracos, e ardendo em amor pelos principios liberaes, troca de bom grado o fôfo leito do lar domestico, pela dura taboa da tarimba; as iguarias da mesa

paterna, pelo negro pão de munição; os desvelos da família pela rude convivência do quartel.

Austero respeitador da disciplina militar, a sua acção e dedicação pela causa, não se exerceu nos estreitos limites da — parada — e do passeio militar, — entrando em fogo com um denodo e abnegação que mereceu dos seus superiores o louvor dos bravos. Triste é dizel-o, o batalhão de Malta, a que então pertencia; era constituido quasi exclusivamente de mancebos, que, sentindo arrefecido o ardor dos seus enthusiasmos primitivos, ia enfraquecendo com as deserções continuadas, por tal modo, a ficar reduzido a um numero extremamente exiguo.

Quem gostara os transportes da gloria com o enthusiasmo de uma ardente convicção, tinha animo de mais para repeller com energia a tão estranha pratica da camaradagem *pusillanime*, que o instava por sua adhesão.

Firme nos seus principios acompanhou sempre a bandeira do seu ideal até ao fim da campanha.

Terminada a guerra e volvido a casa de seus paes, entregou-se de novo aos labôres da pharmacia.

Era muito para vêr a pontualidade, a sujeição e o progressivo desinvolvimento que realisava em tudo que lhe era confiado no seu laboratorio; trocando sem estranhesa os habitos da vida militar, tão varia, pelas monótonias d'uma paz, consumida longe das distrações inherentes á adolescencia, para viver preso e amarrado á dura pratica da vida pharmaceutica.

Seu pae, para quem a instrucção era a verdadeira riqueza, esmerou-se até ao limite de suas posses em a ministrar a seus filhos, couvicto que esta era a melhor herança que lhes podia legar.

A tão sentidos desejos correspondeu Francisco Antonio Alves de Azevedo, que pressuroso correu a frequentar as aulas, como complemento de habilitação, para o curso a que se dedicara, tendo por companheiro seu irmão o sr. José Joaquim Alves de Azevedo.

Inseparaveis desde a primeira idade estes dois irmãos,

quaes Castor e Pollux na amisade, constituindo uma dualidade harmonica, formavam como que uma só entidade, em todas as suas revelações sympathicamente discretas.

Consequindo termo dos seus estudos, os novos pharmaceuticos, sôb a direcção de seu pae, se entregaram fervorosamente ao proposito de desinvolver com irreprehensivel solicitude e acerto todos os negocios da casa, e tão bem dirigida e exercida foi a sua actividade, que ella mereceu, ainda dos mais exigentes e pechosos, referencias honrosas, ambicionando a sorte de tão feliz pae, que via com mal disfarçado orgulho levantarem seus filhos a um esplendor admiravel, o seu estabelecimento ha poucos annos ainda tão limitado em suas transacções.

No vasto mar da vida, em que as ondas encapelladas pelos ventos das paixões fazem sossobrar tantos baixeis, séguia seu rumo, qual nau alterosa, este estabelecimento, mercê de tão habeis timoneiros.

A fortuna ia coroando de prosperidades a infatigavel diligencia dos moços pharmaceuticos, que, cada vez mais fôram ampliando com aptidão notavel o campo das suas operações commerciaes.

Chêgara emfim a occasião de Antonio Feliciano Alves de Azevedo poder descançar das suas fadigas, confiando inteiramente a seus filhos a direcção da já então importante casa; não sem a modesta hesitação d'estes, que a tudo antepunham o seu justo melindre; mas acceitando gostosos tão pesado encargo, com allivio que era para tão bom pae.

Sem embargo da labutação da vida pharmaceutica e commercial, nas horas que todos procuram para descançar, os livros eram o seu melhor ocio.

A par das sciencias — a botanica — a geographia — o estudo das drogas — a chimica — a pharmacia, eram-lhe tambem familiares os estudos litterarios; é assim que a historia, o latim, o grego e os classicos portuguezes lhe occuparam longas horas de meditação.

Este affincado amor ao saber manteve-o elle até aos ultimos dias da sua existencia; de uma memoria que a todos

admirava, alternando assumptos ainda os mais diversos, encantava sempre, prendia a attenção, pela sagacidade e philosophia com que os tratava.

No conhecimento da historia natural e commercial das drogas medicinaes era notavel a sua vasta erudição, bem como notavel era tambem, pela grande copia de conhecimentos botanicos que possuia, e que a cada momento manifestava, a proposito de qualquer especie sôbre que era consultado.

Conhecia a flora portugueza, e eram-lhe familiares todos os botanicos, que classificaram e herborisaram na peninsula, Brotero, Garcia de Horta, Corrêa da Serra, Christovam dos Reis, João de Loureiro, Amatus Lusitanus, Chaudet, Sprengel, Chevallier, Guibourt, Hamboury e Tournefort constituiam a sua predilecção, manuseando-os constantemente.

Qual piedoso romeiro que á volta de trabalhosa peregrinação pelas terras, berço do christianismo, reparte, pelos crentes, com mão larga, o fructo da sua colheita, tal se nos afigura este homem, distribuindo com mão generosa e modesta os conhecimentos interessantes, adquiridos nos campos da sciencia em aturadas lucubrações.

A pharmacia e a chimica applicada mereceram-lhe tambem um especial cuidado; notando-se-lhe a brevidade com que resolvia qualquer consulta, relativamente á preparação dos compostos pharmaceuticos e chimicos.

Os seus conhecimentos não se limitavam á sciencia pharmaceutica; entremeiando, com os estudos da sua profissão, a historia — a geographia, mais de uma vez o vimos finalizar considerações sôbre botanica ou chimica, pelas reflexões historicas e geographicas, tão bem, e com tão opportuna actualidade que facil se insinuava no espirito dos que o escutavam.

Muitas vezes, como amante que era da lingua patria, agastado, se não indignado, e carregando o semblante, com toda a viva scintillação dos seus olhares penetrantes, erguia a voz contra os que menospresando o idioma portuguez lhe

roubavam suas galas, para o eivar de cenismos; vendo assim malbarateadas as lições dos classicos, que elle tanto prezava e estudava.

Pouco expansivo em affectos, guardava no intimo da alma sentimentos, cuja grandesa bem se patenteava na oportunidade de occasião.

O seu amor paternal levou-o á pratica dos maiores extremos pelos filhos, não se poupando aos maiores sacrificios, para lhes legar um futuro digno e honrado.

A caridade foi das virtudes christãs a que mais ennobreceu aquelle coração; nunca a pobreza deixou de o procurar, que não encontrasse n'elle sempre um valioso auxilio.

Estranho ás *luctas* partidarias da politica, e abstendo-se de exercer cargos publicos de representação, para que foi convidado, o seu logar foi sempre dentro do estabelecimento; onde se desinvolia uma actividade que, a todos espantava, não só pelo acerto dos seus expedientes, mas pela singelesa e despreensão com que se entregava a todos os trabalhos, ainda os de mais rude tracto.

Era um d'esses portuguezes antigos, francos de alma, de rija tempera, de convicções ardentes, de character francamente aberto, indifferente a todas as exterioridades fatuas, a todo o brilho futil, simples, modesto, honrado e sincero, e de um desprezo pelas exigencias do luxo, quanto ao seu vestuario, que chamava sobre si a attenção, de todos que viam n'aquelle velho venerando a encarnação do philosopho.

A familia perdeu n'elle o mais desvelado chefe; a classe pharmaceutica — um dos seus mais sabidos membros; o commercio, um dos mais honrados negociantes; a sociedade — o cidadão probó, trabalhador exemplar; e nós, que tantas vezes lhe bebemos o melhor dos seus conselhos e practicas — o mais affectuoso dos amigos.

(*Gazeta de Pharmacia.*)

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 13 DE NOVEMBRO DE 1883

Presidencia do sr. Guimarães Drack, 1.º vice-presidente

Foi aberta a sessão ás sete horas e meia da noite.

A acta da sessão antecedente não foi lida pelo segundo secretario que pediu desculpa.

A correspondencia teve o devido destino.

Ao encetarem-se os trabalhos entrou na sala o sr. commendador José Tedeschi, que vinha pela primeira vez assistir ás sessões da sociedade, depois do grave desastre que lhe succedera.

O sr. *Guimarães Drack* immediatamente o convidou a occupar o logar da presidencia, tendo previamente mostrado o prazer e a satisfação que tinha, assim como toda a sociedade, em vêr completamente restabelecido o sr. Tedeschi, cujas altas qualidades de espirito e coração exaltou; mostrando tambem os seryços que toda a classe devia a tão prestante pharmaceutico. A assembléa, que era numerosa, applaudiu muito o sr. Drack, no que mostrou quanto apreciava o sr. Tedeschi.

Tendo este occupado o logar da presidencia, começou por agradecer ao sr. Drack as palavras amáveis com que o tinha distinguido, o que significava simplesmente a amizade intima que os ligava. Agradeceu a todos os pharmaceuticos da capital e das provincias as provas d'estima que lhe dispensaram durante o tempo em que esteve afastado dos trabalhos da sociedade.

Em seguida propoz que se lançasse na acta um voto de louvor ao sr. Drack, pela maneira como tinha dirigido os trabalhos durante o tempo que esteve exercendo a presidencia. — Foi approvedo unanimemente.

Propoz tambem que se lançasse na acta um voto de sen-

timento pela morte do socio effectivo Francisco Antonio Alves d'Azevedo, a quem fez o elogio, e pela morte da mãe do nosso consocio Augusto Santos Viegas. — Fôram approvados.

Antes da ordem da noite foi concedida a palavra ao sr. Guimarães Drack, que pediu explicações á mesa pelo facto de, na acta de uma das antecedentes sessões, não constar que elle tinha enviado um officio, em que mostrava a necessidade de se fazer uma exposição pharmaceutica.

Fôram-lhe dadas pelo segundo secretario que prometeu transcrever na integra o dito officio que é o seguinte:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tendo-se apresentado a idéa de uma exposição pharmaceutica nacional, para celebrar o quinquagesimo anniversario da nossa sociedade, no banquete offerecido por muitos dos nossos socios aos collegas portugueses, que vieram representar contra a importação dos medicamentos estrangeiros de composição desconhecida; e tendo esta mesma idéa apparecido, justamente encarecida, na muito apreciada *Gazeta dos Hospitaes Militares*, tenho a honra de solicitar de v. ex.^a o obsequio de apresental-a á consideração da sociedade, não tanto para approval-a já, mas para preparar os animos a acetal-a depois de detida meditação, caso se julgue realisavel e conveniente, como se me afigura.

Como explicação ou antes como additamento ao que se lê na *Gazeta dos Hospitaes Militares*, de 30 de julho findo, direi que, em tempo, consultei alguns dos nossos collegas mais auctorizados, para realisarmos uma exposição dos nossos productos, como faziam então os nossos vizinhos hespanhoes; esses collegas, porém, objectaram-me por forma que eu não ousei levar a idéa ao seio da sociedade, onde ella já tinha sido apresentada e posta de banda nos ultimos annos de vida do nosso distincto collega Pedro José da Silva, um dos que tomou parte na discussão, se bem me recordo.

Quer-me parecer, porém, que para a conjunctura indicada do semi-centenario, uma festa de tal ordem teria todo o cabimento e é digna de que, para a sua realisação, nós

envidemos todos os esforços, como mui judiciosamente pondera no seu jornal o meu illustre e particular amigo Guilherme José Ennes. Deus guarde a v. ex.^a Lisboa, 11 de agosto de 1883.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Antonio Gomes Roberto, dignissimo segundo vice-presidente da sociedade pharmaceutica lusitana.—O primeiro vice-presidente, *José Ribeiro Guimarães Drack.*»

Passando-se á ordem da noite, fôram eleitos socios correspondentes os srs. Manuel Augusto de Mattos Feliz, Cesario Corrêa da Silva e Boaventura de Lima Sanches.

Em seguida continuou-se na discussão da proposta do sr. Fernandes da Cunha.

O sr. *J. D. Corrêa* pediu a palavra e disse o seguinte: «Sr. presidente.—Tem-se, insensivelmente, feito renascer uma questão, de ha muitos annos fortemente debatida e votada pela sociedade, ácerca dos pharmaceuticos de primeira e segunda classe.

Permitta-me v. ex.^a que eu faça uma breve narraçãõ do que tem occorrido a este respeito, em presença dos meus apontamentos.

Extincta a physicultura-mór do reino, por effeito da sollicitaçãõ d'esta sociedade, occupou-se esta de estudar os meios que se deviam pôr em pratica, não só para diminuir gradualmente o numero de pharmaceuticos em Portugal, sem prejuizo de direitos adquiridos, mas ainda para elevarmos a nossa classe á altura a que tẽem chegado os nossos collegas das nações mais civilisadas.

Houve a idéa, apresentada pelo nosso primeiro presidente, José Vicente Leitão, de representarmos aos poderes publicos, pedindo a fixaçãõ do numero de boticas em cada localidade, segundó a populaçãõ e distancias.

Pouco tempo depois foi publicado o decreto, com fôrça de lei, de 29 de dezembro de 1836, pelo qual se estabeleceram as actuaes escólas annexas de pharmacia e as duas classes de pharmaceuticos; ficando obrigados os nossos collegas estabelecidos a enviarem annualmente, a cada uma das ditas escólas, o registro dos seus praticantes.

Infelizmente alguns d'aquelles collegas descuidaram-se de remetter os ditos registros, determinados no art. 131.º do sôbredito decreto; e aconteceu aos seus praticantes estarem ameaçados de perderem o tempo de pratica que possuiam para fazerem exame.

Em 1853 occupou-se a sociedade de discutir, em diversas sessões, um extenso *projecto para a criação de escôlas especiaes de pharmacia*, o qual contém quarenta e um artigos e vem inserto em o nosso jornal, tomo do mesmo anno, pag. 226.

N'esta occasião a sociedade entendeu conservar ainda as duas classes de pharmaceuticos; e, para maior incitamento dos que se dedicassem para a primeira classe, approvou a proposta por mim feita: *«que não carecem de licença para estabelecerem pharmacia em qualquer parte do reino, ou seus dominios, serão preferidos para todos os logares publicos da sua classe e que se provêrem nas ditas escôlas, no serviço de saude publica, nos partidos das camaras municipaes e nas direcções das boticas civis, da marinha e do exercito.»* Para os da segunda classe: *só poderão estabelecer-se fóra das capitães dos districtos administrativos.»*

Todas estas disposições assemelham-se ás estabelecidas na legislação franceza.

Em 27 de junho de 1855 alguns dos ditos praticantes requereram respeitadamente a valiosa protecção d'esta sociedade, para que interpozesse as suas supplicas ao governo, a fim de não serem victimas dos descuidos já referidos. A sociedade acceitou este pedido e obteve do governo se procedesse ás justificações perante as competentes autoridades administrativas, com relação ao tempo de pratica.

Sr. presidente.—Fui sempre defensor da segunda classe de praticantes de pharmacia, oppondo-me ás pressões injustas praticadas contra elles; a ponto de haverem chegado á posição melindrosa e ameaçadora de perderem, sem que para isso tivessem dado causa, muitos annos de assiduos trabalhos e avultadas despesas.

Em sessão de 4 de março de 1858 occupou-se esta so-

cidade de discutir o *projecto de lei de reforma de instrucção pharmaceutica*, apresentado pelo deputado e nosso consocio o ex.^{mo} sr. Antonio Xayier Rodrigues Cordeiro, de Leiria, è bem assim o respectivo parecer da commissão de direito pharmaceutico. Entraram n'este importante debate e fallaram extensamente os nossos dignos consocios Marianno Cyrillo de Carvalho, João de Sousa Pereira, Joaquim José Alves, Manuel Vicente de Jesus, o relator da commissão e eu.

A commissão de direito pharmaceutico e os socios acima mencionados combateram, e eu defendi, a existencia da segunda classe de pharmaceuticos que vinha comprehendida no projecto em discussão; e a sociedade approvou, por grande maioria, que houvesse só uma classe de pharmaceuticos.

Respeitando, como é do meu dever, esta deliberação e fiel ao cumprimento impôsto pelos nossos estatutos e regimento interno, não posso deixar de a defender e observar.

Sr. presidente.—Do que deixo expôsto já os meus collegas e consocios me farão justiça de acreditar que não sou incoherente, mórmente quando se trata do progresso da pharmacia, sem effeito retroactivo e em presença do projecto de reforma do ensino pharmaceutico, apresentado pelos representantes da nação e nossos dignos consocios os ex.^{mos} srs. dr. Joaquim José Alves, Marianno Cyrillo de Carvalho, Visconde de Carregoso e conselheiro Pedro Augusto Franco. O digno Centro Pharmaceutico Portuguez tambem nos tem acompanhado n'este pedido, e ha merecido os nossos cordiaes agradecimentos.

Resumindo, julgo indispensavel continuarmos n'esta honrosa cruzada, não só por pertencermos a uma profissão liberal e scientifica, mas porque *o actual ensino pharmaceutico, entre nós, é o mais excepcional e scientificamente miseravel, e que muito concorre para o descredito de um paiz qualquer, em assumptos de saude publica e do ensino de sciencias medicas*, como foi asseverado pelo nosso digno consocio benemerito o ex.^{mo} sr. dr. Antonio Augusto da Costa

Simões, na sua oração de sapiencia feita em 16 d'outubro de 1881, por occasião da abertura das aulas da Universidade de Coimbra.

Com a devída venia, termino por avivar, o que todos sabemos, *que a sciencia não pára, porque as descobertas vão successivamente apparecendo; tudo devido ao constante lutar das modernas intelligencias.*»

Usou da palavra o socio Emilio Fragoso, que fez prolongadas reflexões em favor das duas classes de pharmaceuticos, ficando ainda a discussão pendente.

Estando a hora adiantada, encerrou-se a sessão. Eram onze horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso.*

Officio do Centro Pharmaceutico Portuguez, de 18 de janeiro de 1884, em resposta ao que lhe fôra endereçado por esta sociedade, datado de 14 do referido mez.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tenho a honra de accusar recebido o officio que, sôb o n.^o 66 e com data de 14 do corrente mez, v. ex.^a se dignou dirigir a este Centro; e, em resposta ao mesmo, cumpre-me dizer a v. ex.^a, para que haja a mercê de o fazer saber á muito benemerita Sociedade pharmaceutica, que pode afoutamente caminhar a bem dos interesses e da consideração da classe, que para tal empresa jámais lhe escaceará ou demorará o auxilio d'este Centro, ainda que bem pouco valioso elle seja.

Como prova de boa vontade dos pharmaceuticos do Porto, bastará informar a v. ex.^a que tendo o Centro conhecimento, extra-officialmente das resoluções d'essa Sociedade, nomeou logo em sua reunião extraordinaria de 10 do corrente, uma commissão, para de accôrdo com a muito digna direcção da Sociedade pharmaceutica, não só representar á Camara dos Senhores Deputados contra a illegal pretensão de mais um outro individuo querer obter permissão para fazer exame de pharmacia, sem possuir os respectivos preparatorios de letras e sciencias, mas tambem,

se licito fôr, protestar pela imprensa, contra o facto consumado das camaras legislativas authorisarem André Gonçalves Pinto a fazer exame de pharmacia sem haver os mesmos preparatorios.

Corre-me mais o rigoroso dever de agradecer as expressões de amavel fraternidade e de alta valia que no mesmo officio se encontram endereçados ao Centro pharmaceutico; mas, permitta v. ex.^a que lhe diga que taes louvores nem são cabidos nem merecidos, pois que, apesar dos bons desejos de todos os membros do Centro, elles ficam muito áquem do zêlo e da actividade, que a Sociedade pharmaceutica tem empregado em favor do bem geral da classe de quem ella é a principal representante e a mais desvelada defensora.

Deus guarde a v. ex.^a — Secretaria do Centro Pharmaceutico Portuguez, 18 de janeiro de 1884. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. 1.^o secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — O secretario, *Antonio Rodrigues Ferreira de Carvalho*.

SAUDE PUBLICA

Ensaio do azeite que se suppõe falsificado com o oleo de algodão

Pelo sr. Zecchini

Segundo diz o sr. Mario Zecchini o processo para reconhecer a presença do oleo de algodão no azeite é facil e muito expedito, permittindo decobrir até 5 % da substancia que serviu para a falsificação.

Mistura-se em um tubo de ensaio 5^{cc} do azeite de que se desconfia com 10^{cc} de acido azotico completamente incolor e exempto de vapôres nitrosos ($d = 1,40$); agita-se o tubo fortemente por meio minuto, e seguidamente colloca-se em sentido vertical, deixando-o em repouso durante cinco ou seis minutos, que tantos bastam para o liquido se dividir em duas camadas.

A superior, constituída pelo azeite, hade apresentar a

côr cinsenta com um ligeiro reflexo amarellado, se o oleo fôr puro.

Operando nas mesmas circumstancias com oleo de algodão, observa-se no liquido a côr de castanha, quasi preta, que faz lembrar a côr do infuso de café.

No caso de haver mistura dos dois oleos, a côr da camada superior dos dois liquidos irá desde o amarello de ouro até á côr de casca de castanha mais ou menos intensa, apresentando diversos cambiantes, conforme a proporção dos oleos misturados.

G. DRACK.

PHARMACIA

Assucar de leite

Tem apparecido algumas vezes falsificado com alumen, sal marinho. O seu soluto aquoso precipita então em branco pelo chloreto de baryo, sôb a forma gelatinosa pela ammonia, em amarello-canario pelo chloreto de platina; e dá, com o azotato de prata, precipitado branco solúvel na ammonia e insolúvel no acido azotico.

Essencia de mostarda negra

Tem sido falsificada com alcool, benzina, petroleo, sulfureto de carbono.

Os dois hydrocarburetos são descobertos pelo acido sulfurico, misturando-se, em um vidro de relógio, 50 gôtas d'este acido concentrado e incolor com 5 gôtas de essencia suspeita, agitando-se com vareta de vidro, que dará coloração vermelha ou escura bastante intensa; e, quando a essencia é pura, não apresenta mudança alguma, conservando-se a mistura incolor.

Incenso

O mais estimado é o da India, trazido directamente de

Calcutá, formado de lagrimas amarellas, semi-opacas, arredondadas, mais grossas que as do incenso de Africa. Algumas vezes tem sido encontrado no incenso, conduzido em fardos ou caixotes, pequenos crystaes de carbonato de cal natural.

Mel commum

É muitas vezes falsificado com amido, pôlpa de castapha, farinha de feijão, farinhas cruas ou torradas, areia, etc.

O amido, farinhas e areia, servem para dar a viscosidade ao mel alterado e augmentar-lhe seu volume. Estas fraudes reconhecem-se pelo calor, sôb a influencia do qual o mel sophisticated adquire grande consistencia, em quanto que o mel puro liquida-se.

A agua fria solve todas as substancias soluveis do mel e deixa em residuo os corpos estranhos; taes são: a areia, que se precipita, as farinhas e o amido, etc.

Potassa caustica

Encontra-se no estado de hydrato, e contém algumas vezes cal, alumina, silica, sulfatos, chloretos, oxydos metallicos. Todas estas impuresas provêem da falta de cuidado na preparação d'este producto ou dos vasos nos quaes fôra executada.

Reconhece-se a existencia da cal e da alumina, sôbresaturando o soluto aquoso de potassa caustica pelo acido azotico, que dará precipitado de carbonato de cal por um carbonato alcalino, e precipitado gèlatinoso de alumina pela ammonia, insoluvél no soluto azotico de potassa; este produzirá precepitado branco com o chloreto de baryo se existirem sulfatos, e precipitado branco com o azotato de prata se tiver chloretos.

Em quanto aos oxydos metallicos (prata, cobre, chumbo, ferro), a sua presença manifesta-se quando se faz passar uma corrente de gaz sulfhydrico no soluto aquoso do al-

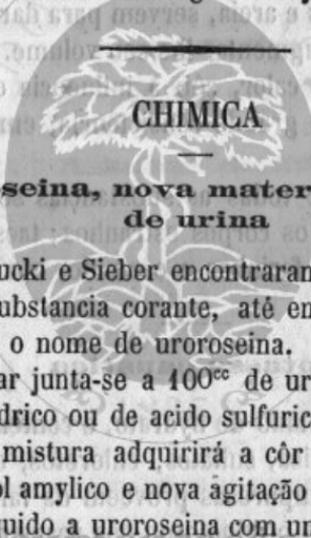
cali, e este escurece-se depositando floccos negros que serão depois analysados pelos reactivos.

Soda caustica

Ha duas sortes: *soda a cal*, *soda a alcool*.

A soda a alcool é a mais pura; a soda a cal contém algumas vezes substancias estranhas (chloreto de sodio, sulfato e carbonato de soda, sal de ferro, etc.), e bem assim proporção consideravel de agua da hydratação.

J. D. CORRÊA.



CHIMICA

Uroroseina, nova materia corante de urina

Os srs. Neucki e Sieber encontraram em uma urina diabetica uma substancia corante, até então desconhecida, e á qual deram o nome de uroroseina.

Para a isolar junta-se a 100^{cc} de urina suspeita 10^{cc} de acido chlorhydrico ou de acido sulfurico a 25^o%. Se a urina a contiver, a mistura adquirirá a côr vermelha. Algumas gôtas de alcool amylico e nova agitação fazem apparecer em solução no liquido a uroroseina com uma bella côr de rosa.

É muito instavel, e tanto, que chega a desaparecer das urinas que a contêem, no fim de algumas horas.

Não existe na urina normal. Os srs. Neuchie e Sieber têm tido occasião de enconral-a principalmente nas urinas dos doentes de cancro, febre typhoide, nephrite, e chlorose.

Examinada ao spectroscopio, apresenta na parte verde do spectro uma linha de absorpção caracteristica entre a linha E e a linha D do sodio. Além d'isso o seu soluto, quando é submettido á concentração, toma successivamente a côr da laranja, do azul de anil, e da violeta.

G. DRACK.

Dosagem da uréa pelo processo alcalimétrico do sr. L. Hugounenq.

Este chimico, preparador no laboratorio da escola de medicina de Montpellier, lembrou-se de aproveitar a propriedade que tem a uréa de transformar-se em carbonato de ammoniaco em presença da agua a uma temperatura elevada, para mais facilmente obter a dosagem d'esta amide.

A transformação começa a 14°, e activa-se a 180—190, temperatura mais propria para se completar. Obtida ella, resta dosar o carbonato de ammonia por meio de um soluto normal de acido sulfurico e determinar a quantidade de uréa.

Introduz-se em um tubo espesso, fechado por uma extremidade, 5^{cc} da solução de uréa; junta-se-lhe 15^{cc} a 20^{cc} de agua distillada, fecha-se o tubo e mergulha-se em um banho de oleo, que se eleva a 180—190, por espaço de uma hora. Passado esse tempo, abre-se o tubo, vasa-se, depois de lavado convenientemente com agua distillada, reuem-se as aguas de lavagem ao liquido primeiro.

Procede-se então ao ensaio alcalimétrico. N'este caso prefere o sr. Hugounenq um soluto, contendo 40^{gr.} SO³ por litro, e substitue a tintura de tornesol por um soluto de uma côr de anilina conhecida no commercio pelo nome de laranja n.º 3. Quando se opera nas condições ditas, isto é, sobre 5^{cc} de soluto, e com um liquor graduado como o auctor aconselha, basta multiplicar por 60 numero de centim. cubicos empregados, descontando-se o ultimo decimo de centimetro cubico, para ter em grammas a riqueza exacta de uréa contida em um litro de soluto.

Para bem apreciar o valor do seu processo, o auctor preparou solutos graduados de uréa sêcca e pura e obteve os seguintes resultados:

Riquezas verdadeiras	Resultados obtidos pelo methodo proposto	Resultados obtidos por meio do hypo-bromito
18,8 por mil	12,8 por mil	12,6 por mil
14,0 » »	13,9 » »	13,0 » »
15,0 » »	15,0 » »	14,4 » »
16,0 » »	16,2 » »	15,1 » »
17,0 » »	17,0 » »	16,0 » »
18,0 » »	18,0 » »	16,9 » »
19,2 » »	19,3 » »	18,3 » »
24,0 » »	24,0 » »	22,4 » »
28,0 » »	28,0 » »	» » » »

Por outra serie de experiencias reconheceu que a presença successiva ou simultanea do chloreto, do sulfato, do phosphato, e do urato de soda não affectavam a exactidão dos resultados. E reconheceu mais que, se os saes da urina physiologica permittem a dosagem da uréa com toda a precisão, outro tanto não succede á acidez normal e á materia corante.

Por isso é necessario, quando se opéra com urina, agital-a com negro animal não lavado, e filtral-a. O negro animal tem a dupla vantagem de saturar o acido em excesso, e eliminar a materia corante sem reter a uréa.

A presença da albumina é tambem prejudicial na urina, e importa recorrer á ebullição, para nos desembaraçarmos d'ella.

A glucose, e a magnesia em quantidade notavel, oppõem-se tambem a este methodo de ensaio.

Como é sabido, a dosagem volumetrica pelo hypo-bromito de soda dá resultados um pouco inferiores, e o processo de Liebig fornece pelo contrario numeros um tanto altos. O sr. Hugouenq, para demonstrar a excellencia do seu methodo, offerece-nos o quadro seguinte:

Urinas normaes

Processo Liebig	Methodo alcalimetrico	Processo pelo hypobromito
25 por mil	20,6 por mil	19,4 por mil
16,4 » »	12,0 » »	11,3 » »
34,5 » »	32,7 » »	32,4 » »
16,7 » »	13,8 » »	12,7 » »

G. DRACK.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado do tomo de 1883, pag. 243.)

PERSONATAE

*Scrophularinae. R. Br.**Verbascum thapsus*, L. ¹

(V. Schraderi. Mey.; V. alatum. Lam.; V. neglectum. Guss.)

Verbasco ordinario.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Cabeceiras de Basto e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas e summidades floridas.

Emp. como emolliente e peitoral nas affecções pulmonares ².*Scrophularia aquatica*. Brot. non Lin. ³

(S. auriculata. L. 2. minor. Lge.)

Herva das escaldadellas.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Lagoa de Albufeira e em outros pontos das nossas provincias da Beira, Douro e Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como emetica, purgativa, diuretica e narcotica.

Pouco usada ⁴.¹ Variedade. β . Hispanicum. Coss.² Póde substituir-se-lhes o *Verbascum crassifolium*. Hfsg. et Lk.; V. phlo-moides. L.; V. sinatum. L., todos indigenas da nossa Flora.³ Variedades: α . glabra., β . pubescens.⁴ O povo emprega esta planta debaixo de fórmias diversas contra as queimaduras superficiaes pelos liquidos quentes.

Antirrhinum latifolium. D. C. β . *purpurascens*. Bth.

(A. majus. Brot. A. Linkianum Boijs et Reut.)

Herva beserra.

Hab. nos arredores de Coimbra, Lisboa, Cintra, Cezimbra e Serra da Arrabida e em outros pontos do paiz.

P. u. as folhas.

Emp. como emolliente, debaixo da fórma de cataplasma para resolver os tumores. Pouco usada.

Antirrhinum majus. L. β *angustifolia* Willk.

Hab. nas visinhanças de Faro.

Flor. na primavera e estio.

Hab. as folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Digitalis purpurea. L.¹

Dedaleira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Vizella, Cintra, Grandola, Estremoz, Serra de Monchique e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e parte do estio.

P. u. as folhas radicaes².

Emp. como diuretica e narcótica. Esta planta é muito venenosa e convém ter a maxima cautella na sua applicação. Empregada em alta dôse occasiona nauseas, vomitos, evacuações alvinas, vertigens, cephalalgia, desmaios, delirio, convulsões e a morte³.

Gratiola officinalis. L. β . *angustifolia*. Wk. et Lge.

(G. officinalis. Brot.; G. linifolia. Hffgg. et Lk., non Vahl.)

Cinifolio, Graciosa ou Graciola.

¹ Variedade. β . tomentosa. Wbb.

² Devem ser colhidas da planta espontanea, no segundo anno de vegetação, antes de terminada a floração. (*Pharmacopœa portugueza*, 1876.)

³ O principio activo d'esta planta, que se chama *Digitalina*, foi obtido em Paris no anno de 1844 pelos srs. Homolle e Quevenne. «A digitalina exerce uma acção especial sobre o coração, diminue de maneira notavel o numero das pulsações, acalma a suffocação, e é dotada de tal energia, que não é possivel, sem perigo de vida, administral-a senão em doses extremamente pequenas, 1 a 2 milligrammas, repetidas duas a tres vezes por dia, raras vezes mais.» (Chernoviz.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Paul de Foja, Peso da Regua e margens do Vouga.

Flor. de maio a agosto.

P. us. a planta florida.

Emp. como emeto-cathartico.

Veronica officinalis. L.¹

Veronica da Allemanha ou das boticas. Chá da Europa.

Hab. no Bussaco, Serras da Louzã, da Estrella, do Gerez Cabeceiras de Basto e outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. de maio a julho.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estimulante fraco e sudorifico.

Veronica beccabunga. L.

Beccabunga, Morrião da agua.

Hab. junto das nascentes entre Campião e Peso da Regua, Bragança e em outros pontos da Beira e Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Acanthaceae. R. Br.

Acanthus mollis. L.

Acantho, Branca ursina dos italianos, Herva gigante.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Santarem e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. como emolliente. Pouco usado.

PETALANTHAE

Primulaceae. Vent.

Primula officinalis. Jacq.

(*P. veris* α . *officinalis*. L.; *P. veris*. Willd.)

Primavera das boticas.

¹ Variedade. β . *Tourneforti*. Rehb.

Hab. em Trás-os-Montes e outras partes no norte do reino. (Brot.)

Flor. em abril e maio.

P. u. a planta florida.

Emp. como calmante e antispasmodica. Pouco usada.

Lysimachia vulgaris. L.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Paul de Foja, Leiria, Lagôa d'Obidos, S. Thyrsó e na Beira proximo ao Mondego, assim como em alguns pontos nas margens do Douro.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringente. Pouco usada.

Anagalis arvensis. L.¹

Murrião.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Buarcos, Leiria, Lisboa, Faro e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. a planta florida.

Emp. como narcotico². Pouco usado.

BICORNES

Ericaceae. D. C.

Calluna vulgaris. Salisb.

(*C. erica*. D. C.; *Erica vulgaris*. L.)

Urze, ou Torga ordinaria.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Vizella, Bussaco, Covilhã, Otta, Beja, Faro e em quasi todo o paiz.

Flor. em setembro e outubro.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como lithonriptica. Pouco usada.

Arbutus unedo. L.

Medronheiro, Ervodo.

Hab. na Serra da Arrabida, Pinhal de Leiria, vizinhanças de Coimbra, Bussaco, Serras da Louzã e do Gerez, etc.

Flor. na primavera e ás vezes nõ estio.

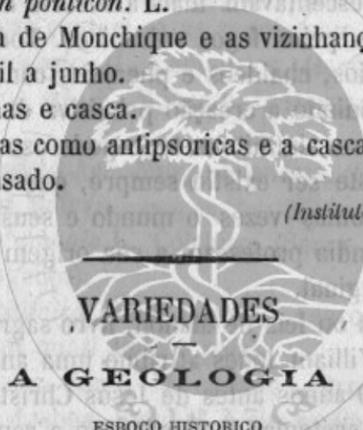
¹ Variedades: *β. longifolia*. Wk., *γ. latifolia*. Lge.

² Outr'ora foi muito empregada para combater a epilepsia e a hydropsia.

- P. u. a casca, folhas e fructos.
 Emp. a casca e folhas são adstringentes, os fructos narcoticos. Pouco usado ¹.
Vaccinium myrtillus, L.
 Arando, Uva do monte.
 Hab. o Gerez.
 Flor. em maio e junho.
 P. u. as bagas.
 Emp. como refrigerantes e adstringentes.
Rhododendron ponticon, L.
 Hab. a Serra de Monchique e as vizinhanças de Agueda.
 Flor. de abril a junho.
 P. u. as folhas e casca.
 Emp. as folhas como antipsoricas e a casca como adstringente. Pouco usado.

(Continúa)

(Instituto de Coimbra.)


 VARIEDADES

A GEOLOGIA

ESBOÇO HISTORICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 14)

III

Os chaldeos, admittindo a terra primitivamente creada no meio das aguas, julgavam que houvera primeiro uma primavera perenne, e que catastrophes ou phenomenos diversos tinham produzido alterações no estado da terra e nas estações; admittiam que a terra era ôca e que por phenomenos produzidos, parcialmente no interior do globo, a superficie da terra descaira em certos locaes, dando logar ao levantamento das montanhas. Os egypcios ad-

¹ Dos fructos do medronheiro obtem-se um magnifico alcool, talvez o melhor depois do vinho.

mittiam em suas cosmographias, ha mais de tres mil annos, a fluidez primitiva do nosso planeta, sua submersão prolongada nas aguas e metharmorphoses successivas na superficie do globo, produzidas, segundo elles admittiam, pela deslocação do eixo dos polos, que suppunham ter sido primitivamente paralelo ao da ecliptica; assim admittiam tambem a formação das montanhas pelo descaimento do solo debaixo das aguas e destruição parcial das terras pelas vagas. Os phenicios, adoptando as idéas egypcias, accrescentavam mais a theoria do levantamento das montanhas pelos fogos vulcanicos. Todos estes povos antigos, egypcios, chaldeos e phenicios concordam com os hebreus, attribuindo a criação primitiva do mundo produzida por um ser infinito e todo poderoso. Elles são concordes que este ser existiu sempre, que tem destruido e reformado algumas vezes o mundo e seus habitantes. As doutrinas da India professam a sua origem n'uma tradição primitiva e original.

Os institutos ou leis de Manon, livro sagrado dos indios, ao qual sir William Jones attribue uma antiguidade, pelo menos de 880 annos antes de Jesus Christo, contém uma exposição do systema de destruição e reproducção alternativa do mundo. Por uma successão alternativa e constante de horas de vigilia e de repouso, diz Manon, o inimitavel poder revifica e destroe eternamente este immenso ajuntamento de creaturas, dotadas ou não de movimento. Manon declara depois que houve uma longa successão de *Mamwantaras* ou periodos; de que a duração ha sido, para cada periodo, de milhares de seculos e continúa assim, e tem havido creações e destruições de mundos innumeraveis; mas o ser elevado ao supremo fastigio parece brincar com tudo isto, tal é a facilidade com que compõe e destroe: além de que, elle recompõe sem cessar, pelo unico prazer de tornar felizes os entes que creou.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Flora pharmaceutica portugueza**(Herborisações)**

Os empregados do jardim botânico da universidade de Coimbra e os do jardim botânico da escola polytechnica têm feito, nos últimos tempos, algumas excursões botânicas, dando em resultado ter sido a flora pharmaceutica indigena enriquecida com mais algumas especies, que não constava habitassem em certas localidades, ou mesmo no paiz. Entre outras contam-se as seguintes:

Teucrium chamaedris L. Camedrios, Herva carvalhinha. (Encontrada pelos srs. F. Moller e J. Deveau, proximo do Cabo Espichel).

Cetraria islandica Ach. Musgo islandico. (Serra da Louzã e visinhanças de Mafra).

Colchicum autumnale L. Colchico. (Serra de Rebordão, proximo de Bragança).

Smilax mauritanica Desf. Legação negro. (Visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz).

Lonicera etrusca Santi. Madresilva. (Proximidades de Coimbra, Porto, Lisboa, Setubal e em muitas outras localidades do paiz).

Lonicera implexa Ait. (Villa Franca de Xira. Serra da Arrabida, Setubal, Loulé e outros pontos do paiz).

Vinca major L. Congossa maior. (Castello Branco e em algumas terras do Algarve — S. Braz, Faro, Tavira e S. Estevão).

Menianthes trifoliata L. Trevo de agua, Trevo dos charcos, Trifolio fibrino. (Lagoacho das Favas na Serra da Estrella).

Thapsia garganica L. Thapsia. (Proximidades de Monte-mór-o-Novo, Beja, Mertola, Serra d'Ossa, Albufeira).

Levisticum officinale Koch. (Serra da Estrella, proximo ao Cantaro magro, Pomar de Judas, etc.) Segundo Guibour, os fructos e raizes que se vendem em França com os nomes de sementes e raizes de aipo são os fructos e rai-

zes d'esta planta, que ali é vulgarmente denominada *aipo dos montes*.

Sarotahmnus scoparius. Koch. Giesteira commum. (Visinhanças de Coimbra, Gerez e outros pontos do paiz).

S. M.

Papel transparente para photographia

Mergulha-se o papel em soluto alcoolico de oleo de ricino e, depois da evaporação do alcool, obtem-se bello papel transparente. Póde-se depois expellir o oleo por uma nova immersão no alcool.

Meio de separar a agua do alcool

Deita-se na mistura pequenos pedaços de gelatina, a qual, insolavel no alcool, absorve toda a agua.

Tincta de vanadio

Berzelius indicou o tannato de vanadio como tincta de escrever, porque os acidos não a atacam.

Este sal é hoje empregado na tincturaria e preparado em maior quantidade que n'outro tempo.

O sr. dr. Siemens apresenta a formula seguinte:

Tannino.....	10,00 gram.
Vanadato de ammonia.....	0,20 „
Agua distillada.....	200,00 „
Gomma arabica em pó.....	6,00 „

F. s. a.

O sr. Boettger propõe o acido pyrogallico e o vanadato de ammonia, que produz tincta azulada sem precipitado; mas o sr. dr. Geissler diz que os caracteres, traçados com esta tincta, tornam-se amarellentos em pouco tempo. O extracto de campeche e o vanadato de ammonia dão uma tincta excellente.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 27 DE NOVEMBRO DE 1883

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente, e bem assim a da sessão de 9 de outubro ultimo.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura de dois officios dirigidos pelos socios effectivos os srs. Augusto Ribeiro dos Santos Viegas e Francisco Bernardo de Sousa; no primeiro, agradecia-se á sociedade o ter-se feito representar no saimento da mãe do nosso consocio, no segundo, agradecia-se á sociedade o cuidado que teve em mandar, repetidas vezes, saber do estado de saude do nosso consocio, durante a prolongada doença que o accommetteu.

Receberam-se os seguintes jornaes: *Gazeta dos Hospitaes Militares e Correio Medico*, de Lisboa; *L'Union Pharmaceutique*, e *Répertoire de Pharmacie*, de Paris; *Monitor de La Salud*, de Barcelona; *Coimbra Medica*, de Coimbra; *Boletim Commercial*, e *Boletim de Pharmacia*, do Porto.

Ordem da noite

Continuação da discussão da proposta do sr. Fernandes da Cunha

O sr. *Silva Machado* foi quem encetou os debates, baseando a sua argumentação na defeza d'uma unica classe de pharmaceuticos, mas com instrucção mais pratica do que theorica, e não concordando, em absoluto, com o projecto sôbre o ensino apresentado em camara pelo sr. dr. Alves.

Que o socio Fragozo argumentava tambem com b exemplo d'outras nações, não se lembrando que a França e a Hespanha tractam actualmente d'organisar uma unica classe, por

a pratica lhes demonstrar o inconveniente de haver duas com differença de habilitações.

Que era sempre mau haver, em individuos que exercem denticia profissão, graus scientificos differentes, porque isso contribuia para a rivalidade, e d'esta nasciam odios e invejas muito para lamentar.

Que na medicina e outras profissões scientificas não haviam duas especies de habilitação.

Fez ainda outras considerações, terminando por mandar para a mesa a seguinte proposta, que foi admittida á discussão.

«Proponho que se eleja uma commissão para elaborar um projecto de reforma de ensino pharmaceutico, despido de luxo de sciencia; mas comprehendendo os conhecimentos theoreticos e praticos indispensaveis para o bom e cabal desempenho da missão pharmaceutica.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 27 de novembro de 1883.—O socio honorario, *Alfredo da Silva Machado.*»

O sr. *Fernandes da Cunha* combateu a opinião do socio *Fragoso*, apresentando varios argumentos em favor de uma unica classe de pharmaceuticos. Leu varios periodos d'um livro publicado em 1868 pelo sr. Luiz Vicente Fortuna, pharmaceutico em Mathosinhos, em que se advoga a opinião de que deve haver uma unica classe de pharmaceuticos com um curso desinvolvido.

O socio *Fragoso* fallou novamente em favor das duas classes, porque com ellas se obstava ao charlatanismo que necessariamente havia de campear por todo o paiz, desde que se admittisse só uma classe com um curso desinvolvido. Mostrou como os governos assim o têm entendido, porque nunca concordaram com os pedidos feitos actualmente pelas duas sociedades pharmaceuticas do paiz. Que na reforma de 1836, feita por Passos Manuel, se creou uma escola de pharmacia annexa ás de medicina com um curso theoretico pouco desinvolvido e que mesmo assim, desde 1836 até 1854, epoca em que o duque de Loulé, para sa

tisfazer ás necessidades publicas, creou uma classe de pharmaceuticos mais praticos do que theoreticos, poucos ou nenhuns as frequentaram. Que só admittia uma unica classe com um curso desinvoldido, desde que isto fôsse o complemento d'uma serie de medidas reformadoras no exercicio da profissão. Que crear-se uma unica classe com um curso desinvoldido, sem que primeiro se acabasse com as leis absolutas que regem a pharmacia; sem que o estado protegesse a industria pharmaceutica e os pharmaceuticos, da concorrência desleal que lhes é feita por outras entidades, seria uma medida altamente pernicioso e contraria aos bons principios.

Combateu vivamente a maneira como a sociedade tem procedido, no que respeita aos seus pedidos sobre instrução; umas vezes pedindo duas classes, outras vezes pedindo uma com curso desinvoldido, sem consultar todos os pharmaceuticos do paiz como era indispensavel para saber como havia de se dirigir.

Fez ainda outras reflexões terminando por apresentar uma nota em que se mostrava que em quasi todas as nações da Europa existiam duas classes de pharmaceuticos.

O sr. *Manuel Vicente de Jesus Abrantes* usou da palavra para responder simplesmente a algumas opiniões emitidas pelo sr. *Silva Machado*, com as quaes não concordava, e declarou que, sobre a conveniencia ou não conveniencia das duas classes não dava opinião por ser elle um dos pharmaceuticos chamados de primeira classe.

Em seguida encerrou-se a sessão ficando ainda a discussão pendente. Eram onze horas.—O segundo secretario, *Emilio Frago*.

SESSÃO DE 11 DE DEZEMBRO DE 1883

Presidencia do sr. *Guimarães Drack*, 1.º vice-presidente

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, foi approvada.

A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *Drack* propoz que se lançasse na acta um voto de congratulação por ter sido elevado a ministro o ex.^{mo} sr. Antonio Augusto de Aguiar, socio benemerito d'esta sociedade.—Foi approved unanimemente.

Ordem da noite

Continuação da discussão da proposta do sr. Fernandes da Cunha

Fallou em primeiro logar o sr. Sisenando Marques que apresentou varios argumentos em favor d'uma unica classe de pharmaceuticos.

O socio *Fragoso* tornou a fallar terminando por apresentar a seguinte proposta:

«Proponho o adiamento da discussão, até se conhecer qual a opinião dos pharmaceuticos do paiz sôbre o assumpto, o que facilmente se pode fazer, sendo consultados por meio de uma circular que lhes pode ser dirigida pelo primeiro secretario d'esta sociedade.—O socio effectivo, *Emilio Fragoso*.»

Foi admittida á discussão e ficou ainda pendente a proposta do sr. Fernandes da Cunha, para ser posta á votação na proxima sessão, tendo previamente feito breves reflexões o sr. Gameiro a favor das duas classes.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram dez horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

SAUDE PUBLICA

Cura da hydrophobia pelo curare

Pelo sr. dr. Offenberg

Uma camponeza de Westphalia, de 24 annos de idade, foi mordida por um cão reconhecido com os symptomas de hydrophobia; a ferida foi cauterisada com ammonia e, onze

semanas depois do accidente, quando estava quasi cicatrizada, appareceram os ditos symptomas rabicos.

Segundo a descripção feita pelo sr. dr. Offenberg, não houve a menor duvida sôbre a natureza da doença.

A morphina e o chloroformio fôram administrados inutilmente; o professor injectou 10 centigrammas de curare em soluto a 5 0/0, em sete injectões empregadas no espaço de quatro horas; depois d'este espaço de tempo as contracções diminuíram progressivamente, sendo ainda indispensavel novas injectões de 3 centigrammas, passadas trinta horas, para combater um novo accesso que desappareceu. Ao terceiro dia a cura era completa.

(Archiv für Wissenschaft, und prakt. Thierh.)

Pesquisa do acido picrico na cerveja

Pelo sr. Christel

Evaporam-se 200^{cc} de cerveja, no banho de agua, até á consistencia de xarope; deita-se o residuo xaroposo n'um balão; ajunta-se 50^{cc} de alcool (a 90 por 100); deixa-se de parte por vinte e quatro horas, agitando-se frequentemente; filtra-se e trata-se o restante por 30^{cc} de alcool; reuna os liquidos alcoolizados e evaporam-se até á consistencia de xarope; o residuo é adicionado de 4 a 5 gotas de acido sulfurico diluido (acido 1, agua 3), e collocado em tubo d'ensaio com rôlha de cortiça; depois, tratado por 5 ou 6 volumes de ether, é agitado e, decantado o ether, será repetido o tratamento com o ether adicionado de 2 ou 3 gotas de acido sulfurico diluido.

Evaporam-se os liquidos ethereos e trata-se o residuo pela agua distillada, 5 a 10^{cc}, filtra-se e neutralisa-se com ammonia. N'este soluto procura-se o acido picrico pelos meios conhecidos; o reactivo muito sensivel é o cyaneto de potassio. Como exemplo: 20 centigrammas de assucar em pó contém um centesimo de milligramma de acido picrico

e aos quaes se ajunta uma gôta de soluto de cyaneto de potassio, dando coloração rosa-vermelha.

(*Chwiker Zeitung.*)

Pesquisa do assucar pelo acido picrico

Pelo sr. G. Johnson

Misturando-se volumes eguaes de lixivia de potassa e de soluto saturado de acido picrico, forma preecipitado de picrato de potassa; pela acção do calor resulta um liquido transparente corado em vermelho-alaranjado. Se, a este liquido, juntar pequena quantidade de glucosa, a coloração passa a vermelho-purpura, depois a negro; o assucar de canna não exerce nenhuma influencia e invertido, pelo acido chlorhydrico, dá esta reacção.

Um simples soluto de picrato de potassa crystallisado não produz os mesmos resultados; a presença de um alcali caustico em excesso é necessaria.

Pode-se tambem descobrir a presença da glucosa no soluto contendo 4,50 grammas para 40,000 partes de liquido.

(*Archiv der Pharmacie.*)

J. D. CORRÊA.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 37)

Dialypetalae

DISCANTHAE

Umbelliferae. Juss.

*Sanicula*¹ *europaea*. L.

¹ Esta planta era uma das que os antigos mais consideravam pelos seus effeitos therapeuticos; e por isso Tournefort lhe poz o nome generico de *Sanicula* que é derivado de *sano curar*; allusão ás suas propriedades medicinaes.

Sanicula vulgar.
Hab. nas serras do Gerez, Rebordão, Bussaco, da Estrella, da Louzã; nos montes de Castello-Viegas, proximo a Coimbra e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. em junho.

P. u. toda a planta.

Emp. como detersiva e ligeiramente adstringente. Faz parte das especies vulnerarias.

Eryngium latifolium. Hffsg. et Lk.

(*E. campestre* L. β . *latifolium* Lam.)

Cardo corredor ordinario.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em diferentes pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como diuretico e tonico. Tambem se tem empregado como aphrodisiaeo. Pouco usado.

Eryngium campestre. L.

Hab. na Regua e em outros sitios da nossa provincia do Douro.

Flor. em junho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Eryngium maritimum. L.

Cardo corredor maritimo.

Hab. na Figueira da Foz, Buarcos, Lisboa, Praia das Mações e em muitos outros pontos da nossa costa.

Flor. de maio a julho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente, porém os seus efeitos são muito mais activos. ¹ Pouco usado.

Apium graveolens. L.

Aipo.

¹ Os usos pharmaceuticos d'estas tres especies do *Eryngium* são os mesmos; mas na França e Allemanha usam da segunda; na Inglaterra e Paizes Baixos da terceira.

Hab. na Costa da Trafaria, Cascaes, Serra da Arrabida, Buarcos, Antanhol proximo a Coimbra e em outros pontos do paiz. Cultiva-se muito nas hortas a variedade *hortense*. (A. graveolens. L. var. dulce. D. C.) para os usos culinarios.

Flor. de junho a agosto.

P. u. a raiz e os mericarpos ou akenios ¹.

Emp. como diuretico e excitante. A raiz faz parte das cinco raizes *aperientes*; as sementes são aromaticas e fazem parte das quatro *sementes quentes* ².

Petroselinum sativum. Hffm. ³

(P. hortense. Rchb.; Apium. Petroselinum. L.)

Salsa.

Planta originaria do Oriente e muito cultivada em quasi todas as hortas do nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz, os mericarpos ou akenios e as folhas.

Emp. a raiz entra no numero das cinco raizes *aperientes*, os akenios são carminativos e reduzidos a pó, passam por ser um bom insecticida; as folhas applicam-se exteriormente nos córtes e picadas de insectos como resolventes. O succo das folhas é aconselhado contra a blennorrhagia. O extracto do mesmo succo é empregado em Allemanha contra as febres intermitentes ⁴.

Ammi majus. L.

Ammio maior ou vulgar.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Louzã, Buarcos, Lisboa, Montargil, Faro e em outros pontos das nossas provincias da Extremadura e Beira.

Flor. no estio.

¹ Vulgarmente chamado sementes.

² Não se lhe substitua, sem indicação especial, o Aipo hortense. (*Pharmacopéa Portugueza*, 1876.)

³ Variedade β . crispum. D. C.

⁴ Dos Akenios obtem-se um principio immediato, chamado *Apiol*, aconselhado contra as febre intermitentes e contra a amenorrhœa (Chernoviz). Nas visinhanças de Lisboa o povo emprega muito o xarope das folhas da salsa para combater a *Coqueluche*.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como estomachicos e carminativos. Pouco usado ¹.

Pimpinella anisum. L.

Herva doce.

Planta originaria do Oriente e muito cultivada ao sul do paiz.

Flor. no estio.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como estimulante e carminativo.

Oenanthe phellandrium. Lam.

(*Phellandrium aquaticum*. L.)

Funcho d'agua, Cicutaria dos paües.

Hab. na margem esquerda do Tejo e nas nossas provincias do Douro e Minho. (Brot.)

Flor. em julho e agostó.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como narcoticos e diureticos. A infusão e o xarope das sementes d'esta planta usa-se muito nas affecções broncho-pulmonares.

Oenanthe apifolia. Brot. ²

(*O. crocata*. L.)

Embude.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Aveiro, Lisboa, Setubal, Cintra e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira e Extremadura.

Flor. de março a junho.

P. u. a raiz.

Emp. como diuretico e litonriptico. Pouco usado.

Oenanthe fistulosa. L.

Hab. nas visinhanças de Lisboa, Coimbra, Foja, Ouren- tam, Aveiro, Oliveira do Bairro e em outros pontos do paiz.

Flor. em junho e julho.

¹ Póde se substituir pelo *Ammi Visnaga*. Lam. (*Daucus. Visnaga*. L.) Bis- naga das searas da Paliteira, planta da nossa flora.

² Variedades: * *oligactis*. Lge; ** *macrosciadia* (*O. macrosciadia*). Wk.)

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Foeniculum officinale. All.

(F. vulgare. Gaertn., Anethum Foeniculum. L.)

Funcho ordinario.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Vinhaes, Lisboa, Cascaes e em quasi todo o reino.

Flor. no estio.

P. u. a raiz, os mericarpos ou akenios, e as folhas.

Emp. a raiz é uma das cinco raizes aperientes; os akenios são estimulantes, carminativos e usados em todos os casos de flatulencia; e as folhas são empregadas como condimento ¹.

Seseli tortuosum. L.

(Athamanta Turbith. Brot., A. ramosissima. Hffg. et Lk.)

Cominhos de Candia ou de Marselha.

Hab. nas visinhanças de Cintra, Collares, Peniche, Praia da Vieira, etc.

Flor. em junho e julho.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como carminativo. Pouco usado ².

Angelica silvestris. L. ³

Angelica silvestre.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Cintra e em outros pontos da Extremadura e Beira proximo ao Mondego.

Flor. em julho e agosto.

P. u. a raiz.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Funcho doce* — *Foeniculum dulce*. G. Bauh. — (Anethum dulce. D. C.), especie annual cultivada no continente. (*Pharmacopœa portugueza*, 1876.)

² Póde substituir-se-lhe o *Ptychotis ammoides*. Koch. (*Seseli ammoides*. L. S. pusillum. Brot.) *Seseli* pequeno. Planta que habita nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

³ Variedades: β . villosa (A. villosa. Lag); γ . elatior. Wahlenb; (A. montana. Gaud.)

Emp. como estimulante, antispasmodica e carminativa.
Pouco usada. ⁴

Peucedanum officinale. L. ²

Brinça. Funcho de porco.

Hab. proximo á Regoa, Porto e em outros pontos das
nossas provincias do Douro, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. os mericarpos ou akenios e a raiz.

Emp. como carminativa. Pouco usada.

Peucedanum lancifolium. Leg.

(*Siler lancifolium*. Hffe. et Lk. (non Moench.) *Selinum*
peucedanoides. Brot. phyt. Lusit. (non Desf.) *Laserpitium*
peucedanoides. Brot. fl. lusit. (non L.)

Pyretro da Beira, Bruco do Alemtejo.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Foja, Lavos, na serra
da Louzã, Arrentella, Amora e em outros pontos das nos-
sas provincias do Douro, Beira, Extremadura e Alemtejo.

Flor. no estio e outomno.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. a raiz como revulsiva debaixo da forma de emplas-
to, as folhas como diureticas. O povo usa do pó do Pyretro
para sustar as hemorrhagias abundantes consecutivas á ap-
plicação das sanguesugas. ³ Pouco usado.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos.

¹ A Angelica que geralmente se emprega na pharmacia é a A. Archangelica.
L. (*Archangelica officinalis*. Hoffm.) planta oriunda da Europa septentrional.

² Variedade. β . *italicum*. Mill.

³ «O dr. Brotero no *Catalogo das plantas pharmaceuticas portuguezas*, que
quiz ter a bondade de me remetter, diz que os raminhos, folhas e flores seccas
do Pyretro da Beira se usam em infusão em Lisboa contra os calculos dos rins
e da hexiga, os quaes fazem expellir, e acalmam as dôres produzidas por elles.»
(*Flora Pharm.* do dr. J. J. de Figueiredo.)

(Continúa)

(*Instituto de Coimbra.*)

FORMULARIO

**Pilulas anti-catarrhaes de alcatrão
compostas**

(Vigier)

Alcatrão purificado	10 centig.
Benjoim de Siam	10 »
Pós de Dower	10 »

F. s. a. uma pilula. Para tomar tres por dia nos intervallos das refeições.

N'estas pilulas encontra-se o alcatrão no estado de liberdade, ao passo que nas usuaes existe combinado. Misturando n'um gral as tres substancias, obtem-se immediatamente massa pilular de boa consistencia. O alcatrão contém acidos acetico, phenico, phtalico, creosota, etc., que se combinam com a magnesia, que é preciso ajuntar-lhe, quando se quer convertel-o em pilulas. Esta difficuldade de preparação tem sido uma das causas do successo das capsulas de alcatrão. A formula acima indicada tem, porém, sôbre as capsulas as vantagens seguintes:

1.º As pilulas podem ser preparadas em todas as phar-macias, o que não acontece com as capsulas;

2.º Nas pilulas está o alcatrão dividido, em contrario do que se dá com as capsulas, que por isso lhe são inferiores relativamente á sua acção estomago;

3.º O pó de Dower é um excipiente apropriado.
Gazette hebdomadaire).

S. M.

Acido borico contra a blennorrhagia

(Ikeltou-Hill)

Acido borico	2 gram.
Agua distillada	120 »

Solva. Para injeccões. A blennorrhagia tem sido curada em quatro ou seis dias.

Agua dentifricia

Essencia de hortelã pimenta	5 a 10 gôtas
Alcool de vinho	100 gram.
Chloroformio	até 10 »

M. s. a. Applica-se nas hemorragias consecutivas da extracção dos dentes. Tem-se obtido com este preparado grandes vantagens, não só como desinfectante, mas como fortificante nas diferentes formas da necrosa dos dentes e das gengivas, e da hyperesthesia dentaria.

(*Art. dentaire.*)

Desinfecção do suor dos pés

1.º *Soluto de choral ao centesimo.* Applica-se em lavagens, de manhã e á noite, envolvendo os pés com um panno embebido.

2.º Na armada allemã usa-se regularmente do pó seguinte:

Acido salicylico	3 gram.
Amido	19 »
Talco	87 »

M. s. a.

(*Journ. de Pharm.*)

Glycerina aromatica

da Ordem dos Farmacêuticos

(Jaccoud)

Glycerina	40 gram.
Rhum ou cognac	10 »
Essencia de hortelã pimenta	1 gôta

F. s. a. Deve-se empregar como excitante das funcções digestivas, durante o periodo não febril da *tysica commum*, quando o oleo de figado de bacalhau deixa de ser tolerado. Dá-se a glycerina aromatica em duas ou tres doses, durante o dia, tanto fora da refeição como durante esta.

Injecção de brometo de potassio

(Mauriac)

Agua distillada.....	150 gram.
Glycerina.....	10 »
Brometo de potassio.....	6 »
Laudano de Rousseau.....	2 »

F. s. a. Para quatro injeções, nas vinte e quatro horas, e recommenda-se que a ultima injeção seja feita ao deitar. Cada injeção será conservada no canal durante um ou dois minutos.

Injecção hypodermica de bromhydrato de quinina

(Mac Auliffe)

Bromhydrato de quinina.....	1 gram.
Ether sulfurico.....	8 cent. cub.
Alcool rectificado.....	2 »

F. s. a. Este preparado não produz accidentes locais.

Injecção hypodermica de chlorhydrato de quinina

(Kobner)

Chlorhydrato de quinina.....	0,05 a 1 gram.
Glycerina.....	2 »
Agua distillada.....	2 »

F. s. a. Para quatro injeções. O auctor considera o chlorhydrato de quinina o sal mais conveniente, tanto pela sua grande solubilidade como pela riqueza em alcaloide muito superior á do sulfato de quinina. Kobner tem obtido excellentes resultados, nos casos de nevralgias intermitentes, ou de outras affecções sujeitas da quinina pelas injeções de 12 a 15 centigrammas de chlorhydrato de quinina.

Injecção vesical de acido borico

(Guyon)

Acido borico..... 40 gram.

Agua distillada..... 1000 »

F. s. a. Emprega-se tepido.

Pilulas de acido phenico contra a septicemia puerperal

(Siredey)

Acido phenico..... 10 centigram.

Gomma arabica em pó.....)

Raiz d'alcaçus em pó.....) aa q. b.

Sabão medicinal.....)

F. s. a. uma pilula. Pode-se ajuntar sulfato de quinina a o acido phenico, que formam uma especie de mel e constituem d'este modo muito facilmente pilulas; completa-se então este preparado com um pó inerte.

Pilulas balsamicas

(V. Audhouñ)

Extracto de quina amarella..... 10 gram.

Extracto de cicuta..... 1 »

Tinctura balsamica..... 50 gotas

Raiz de althéa em pó..... q. b.

F. s. a. Estas pilulas são administradas na tísica pulmonar simples.

Pomada contra a vaginita

(Terrillon)

Vaselina..... 150 gram.

Amido..... 150 »

Tannino..... 50 »

F. s. a.

Suppositorios contra o vulvismo

(Martineau)

Manteiga de cacau	20 gram.
Iodoformio.....	10 »
Essencia de rosas.....	2 gôtas

F. s. a. seis suppositorios.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES**A GEOLOGIA**

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 38)

IV

Os gregos alcançaram dos egypcios as primeiras noções cosmographicas. Herodoto, Thules de Milet, Zenon e Heraclito, Empedocle de Agrigente, etc., admittidos no santuario do templo d'Osiris, fôram iniciados n'uma parte dos mysterios, em que estavam incluídos os conhecimentos de então e as theorias da formação do globo terrestre. A cosmographia passou das escolas gregas para os principaes povos da Europa; mas em lugar de observarem a natureza para avaliar a exactidão das theorias egypcias, relativas á formação da terra, os gregos as tinham commentado e alterado a capricho de sua imaginação; geralmente se discutia a natureza e formação do globo, sem noção alguma exacta da constituição physica e dos numerosos phenomenos que se passam na superficie da terra; theorias contradictorias se succederam rapidamente, e o ridiculo tornou-se depressa o apanagio de todos os geologos. Ovidio nos transmittiu a theoria de Pythagoras, relativamente á destruição e reedificação da terra; facilmente se comprehende, que é incomparavelmente mais philosophica, que qualquer

outra versão, conhecida pelas cosmogonias, nascidas entre as seitas orientaes ou egypcias. A terra firme se converteu em mar; o mar se converteu em terra; conchas marinhas jazem longe do oceano, e a ancora deixou vestigios no cimo das colinas. Valles fôram abertos pelas correntes impetuosas, e inundações varreram as montanhas, impellindo-as até ao fundo do mar. Os pantanos substituiram os terrenos sêccos e os terrenos sêccos tambem se transformaram em terrenos pantanosos. Então os tremores de terra abalaram a terra, muitas fontes seccaram e outras reben-taram do seio da terra; as ribeiras abandonaram seus leit-os, tomando diversas direcções; as aguas doces, de alguns rios, tornaram-se salgadas.

A formação de certas d'ellas e depositos novos, deu lugar á reunião de algumas ilhas ao continente. Porções de terra se destacaram dos continentes, formando ilhas.

Alguns paizes têm sido submergidos pelos tremores de terra. Ha fontes de que a temperatura varia em differen-tes epocas; ha outras de que as aguas são inflammaveis; certas correntes têm o poder de petrificar, convertendo em marmore os corpos que tocam. As aberturas vulcani-cas não conservam sempre a mesma posição; ou porque, devido ás convulsões do globo, certas cavernas se fecham, outras se entreabrem, ou porque as materias combustiveis, que alimentam a combustão, se tenham extinguido etc., etc. Tal é a theoria de Pythagoras; ella constitue um pro-gresso sensivel e real em todas as cosmogonias preceden-tes.

V

Aristoteles, o iniciador das sciencias de observação, accumulando em si uma verdadeira encyclopedia de co-nhecimentos humanos, creou a geologia, positiva. Em sua meteorologia, elle trata especialmente de algumas questões geologicas, adopta mais desinvolvidamente as theorias de Pythagoras; mas sua geologia, toda positivista, não adianta muito mais que a de Pythagoras. A acção das aguas é por

elle admittida exactamente, sendo mais preciso e mais exacto na theoria dos tremores de terra e dos vulcões, porque em lugar dos ventos interiores, elle admite que a acção das aguas e do fogo, pôde produzir os phenomenos, que mais tarde se chamaram vulcanicos.

O historiador Herodoto e o geographo Erathosthene de Alexandria fallam de conchas em espiral, cascas d'ostras e de outros moluscos esparsos pelo solo do Egypto e até nas montanhas, nos arredores do templo de Jupiter Amon, pretendendo assim provar a existencia de um lago, analogo ao mar vermelho e que provavelmente foi entulhado pelos nateiros do Nilo.

Strabão, finalmente, que floresceu 60 annos antes de Christo, ensinava que o fogo interior, incessantemente activo no seio da terra, operava por phenomenos inherentes e consecutivos, a formação de novas ilhas, submergindo outras e até partes do globo.

Plinio não professava opiniões theoricas propriamente suas, com relação á alteração da superficie da terra.

N'este assumpto, como em todos, elle representa o simples papel de compilador, não se dando ao trabalho de discutir os factos, nem de os citar pela sua ordem; todavia, a relação das ilhas novas, formadas no Mediterraneo, que nos legou; assim como a descripção de algumas outras revoluções naturaes, mostram que os antigos souberam observar as alterações, que se produziram na superficie do globo em epochas longinquas.

da Ordem dos Farmacêuticos

VI

Seculos decorreram, permanecendo apathico o cultivo das sciencias.

Decaido o imperio romano, as sciencias phisicas fõram cultivadas com successo pelos arabes, cêrca do oitavo seculo da nossa era. Um sabio arabe do decimo seculo, Omar Aalem escreveu uma obra sôbre o movimento retrogrado do mar; mas a decadencia dos arabes arrastou no seu turbilhão a florescia das artes e das sciencias da epocha.

Apenas no começo do seculo xv os phenomenos geologicos atrairam a attenção das nações christãs. A Italia, tão rica em fosseis e tão favoravel ás explorações d'este genero, estava fadada novamente para theatro do renascimento das sciencias.

Nas excavações feitas em Verona, em 1517, se encontraram innumeraveis petrificações curiosas, que produziram estudos de diversos auctores: Frascatoro, festejado sabio da epoca, declarou que, na sua opinião, as conchas fosseis encontradas, tinham, pertencido a viventes, que habitaram, e se multiplicaram no proprio local, onde jazem os seus despojos. Demonstrou quanto era absurdo, para explicar a origem d'estes fosseis, recorrer a uma certa *fôrça plastica*, dotada, segundo se dizia, com o poder de produzir, nas pedras, formas organicas.

O interesse pela geologia se transmittiu da Italia á França e á Allemanha, e firmando-se nos estudos dos phenomenos de Italia, Danois, Niels, Steensen, geralmente conhecido pelo nome de Nicolas Stenon, creou sua celebre theoria, que Elias de Reaumont transmittiu á Europa. Nicolas Stenon sustentou que a casca do globo se compunha de camadas parallelas e superpostas, formadas pelo mar, lagos ou rios etc.; que os tremores de terra e as erupções vulcanicas tinham produzido as montanhas e os valles, destruindo essas camadas. Em 1580, Rernard Palyssy tentou combater a idéa geralmente admittida, relativamente ás conchas fosseis, que se suppunha, serem todas, sem excepção, depositadas pelo diluvio; foi o primeiro que sustentou em Paris, que os restos fosseis dos testaceos e peixes tinham antigamente pertencido a animaes marinhos.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Glycerina como vomitiva

O sr. Smith annuncia, no *British Medical Journal*, que a glycerina possui a propriedade vomitiva simples e rapida nas creanças, na dose de meia colher das de chá.

J. D. CORRÊA.

BIBLIOGRAPHIA
 —
 CHIMICA PHARMACEUTICA
 —
 ELUCIDARIO

AOS

ENSAIOS DAS SUBSTANCIAS MEDICINAES

RECOMMENDADOS NA PHARMACOPÉA PORTUGUEZA

ELABORADO

Por Alfredo da Silva Machado

Pharmaceutico pela universidade de Coimbra,
 chefe do serviço pharmaceutico do hospital Estephania,
 approved com louvor no curso de chimica applicada ás artes do instituto industrial de Lisboa
 e membro honorario da sociedade pharmaceutica lusitana

Preço 400 réis

Este livro, que é de grande utilidade para todos os individuos que exercem a pharmacia, remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia em vale do correio ou estampilhas ao auctor, pharmacia do hospital Estephania.

Foi publicado este importante e valioso trabalho; já tive occasião de o lér com todo o interesse, e a impressão que me produziu foi tão agradável, que me cumpre felicitar o nosso illustrado collega e consocio auctor d'esta publicação, não só pela somma de conhecimentos de pharmacia e de chimica que encerra, mas pelo methodo empregado.

É um bom auxiliar para o cumprimento do que se acha prescripto na pharmacopéa portugueza; é de grande utilidade para os praticantes de pharmacia, principalmente de segunda classe, os quaes, pelo dispòsto no art. 136.º do decreto, com força de lei, de 29 de dezembro de 1836, estão sujeitos a responderem ás doutrinas chemicas em que fõrem vagamente interrogados pelo respectivo jury de exames: tornando-se o nosso distincto collega e consocio, ex.^{mo} sr. Alfredo da Silva Machado, digno de todo o louvor, pelo serviço prestado á sciencia e á classe pharmaceutica na publicação do seu *Elucidario*.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 18 DE DEZEMBRO DE 1883

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Feita a leitura da acta da sessão antecedente, foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* deu conta dos seguintes officios:

1.º Do sr. Silverio Mendes Marques Couceiro, em que participa que envia uns productos naturaes de Bissau. — Fôram recebidos com especial agrado e mandaram-se enviar á Comissão de Historia Natural para os classificar.

2.º Do sr. José Ferreira dos Santos, sôbre assumpto da thesouraria, e em que pedia a sua demissão de socio por ter deixado de exercer a profissão.

3.º Do sr. Satyro, sôbre exercicio profissional. — Resolveu-se que se lhe officiasse a pedir alguns documentos.

O sr. *presidente* declarou que fôra, em companhia do sr.

1.º vice-presidente, comprimentar o nosso consocio ex.^{mo} sr. Aguiar, em nome da sociedade, e pedir-lhe a sua valiosa cooperação para sermos attendidos nos diversos pedidos que se têm feito aos governos. Que o sr. Aguiar agradecera as attentões da sociedade, que muito considerava e prometteu a sua coadjuvação.

Ordem da noite

Continuação da discussão da proposta do sr. Fernandes da Cunha

O sr. *presidente* declarou que, estando esgotada a inscrição, se ia passar ás votações das differentes propostas.

Foi posta em primeiro logar a do sr. Cunha, que foi regeitada por maioria.

O socio *Fragoso* declarou que, em vista da votação ser contraria á proposta do sr. Cunha que elle combateu, pedia para retirar a sua proposta.—Concedido.

A proposta do sr. Machado não soffreu votação por não estar presente o seu auctor, a quem varios socios desejavam pedir alguns esclarecimentos.

Em seguida entrou em discussão, na generalidade, um parecer da commissão de pharmacia sôbre varios quesitos. É o seguinte:

«A commissão de pharmacia tendo sido encarregada de informar ácerca da consulta do socio o sr. Antonio Taborda, de Mora, que desejava saber se podia addicionar, ao preço dos medicamentos, mais uma quinta parte do seu valor, visto estar afastado de qualquer pôrto de mar: tem a declarar que julga antes da competencia da commissão de direito pharmaceutico, do que da sua a resposta a esta pergunta; com tudo parece-lhe que não erra affirmando que a lei, que autorisava esse augmento, está de ha muito revogada.

A respeito do quesito do socio o sr. Pedro Fernandes da Cunha, de Lisboa, ácerca dos phenomenos chimicos, que possam dar-se quando se dissolve o sulfato de strychnina no soluto de pyro-phosphato de ferro e soda, a commissão declara a sua incompetencia para resolver tal questão.

Por ultimo temos de dar uns esclarecimentos pedidos pelo socio o sr. Joaquim d'Oliveira, de Agueda. Em primeiro lugar pergunta este senhor se o emplastro d'iodeto de potassio deve ou não ser preparado na occasião do emprego?

A pharmacopêa não se refere a este preparado e o codigo, assim como alguns bons formularios, recommendam que se prepare na occasião do emprego. A commissão tambem assim o entende, tanto mais que este emplastro é de facil e prompta preparação.

A segunda pergunta é se a limalha de ferro pode ser substituida pelo ferro reduzido pelo hydrogenio?

A pharmacopêa manda que, quando não haja indicação especial, se empregue o ferro reduzido pelo hydrogenio.

Parece-nos isto muito explicito e muito bastante para resolver a duvida apresentada. Lisboa, 27 de novembro de 1883. — *Manuel Vicente de Jesus Abrantes*, director, *Pedro Fernandes da Cunha*, *José Gomes de Mattos*.»

O socio *Fragoso* disse que sentia não vêr presente o sr. *Abrantes*, presidente da commissão de pharmacia, e um dos signatarios do parecer, mas como estavam os srs. *Mattos* e *Cunha* dirigiu a estes cavalheiros as seguintes perguntas, a que se dignariam responder para assim poder entrar na discussão:

«1.ª Qual a razão que levou a commissão a advogar a opinião emitida no codigo pharmaceutico lusitano, em que diz que o emplastro d'iodeto de potassio deve ser preparado extemporaneamente?»

«2.ª Qual o motivo porque a commissão se inclinou á opinião da pharmacopéa que diz que pode substituir-se o ferro em limalha pelo ferro reduzido pelo hydrogenio?»

Não se achando fundamentada no parecer as opiniões da commissão desejava que algum dos seus membros o fizesse.

Respondeu o sr. *Mattos* e *Cunha* replicando o socio *Fragoso*, sendo approved o parecer na generalidade.

Estando a hora adiantada encerrou-se a sessão. Eram onze horas. — O 2.º secretario, *Emilio Fragoso*.

Centro de Documentação Farmacêutica

SESSÃO DE 29 DE DEZEMBRO DE 1883

da Ordem dos Farmacêuticos

Presidência do sr. commendador *José Tedeschi*

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approveda a acta da sessão antecedente.

O sr. 1.º secretario deu conta da correspondencia.

Receberam-se os seguintes jornaes:

Coimbra Medica, de Coimbra; *L'Union Pharmaceutique e Journal de Pharmacie et de Chimie*, de Paris; *Boletim de Pharmacia*, do Porto; *El Monitor de La Salud*, de Barcelona; *Gazeta de Pharmacia*, de Lisboa.

Ordem da noite

Continuação da discussão do parecer da commissão de pharmacia sôbre uns quesitos apresentados por varios socios correspondentes.

1.º *Quesito*: Offerecendo-se ao meu espirito a duvida se deve sommar qualquer formula pharmaceutica mettendo-lhe mais a 5.ª parte como é expresso na legislação, que diz: «que os pharmaceuticos que ficam a distancia dos portos de mar são obrigados a levar mais a 5.ª parte do preço marcado no regimento» consulto a sociedade sôbre este ponto.

A resposta da commissão foi que lhe «parecia que a lei estava de ha muito revogada».

Fallaram contra a opinião da commissão o sr. Oliveira Abreu, Sesinando Marques e o sr. presidente, e a favor o socio Fragoso.

Pôsto á votação foi o parecer regeitado, ficando o sr. 1.º secretario encarregado de mandar dizer ao socio consultante que a lei não estava revogada, mas que a opinião da sociedade era que ella não revivesse para não dar logar a conflictos.

2.º *Quesito*: O sr. Cunha perguntou «quaes os phenomenos chimicos que se dão no soluto de pyrophosphato de ferro e soda, tendo em solução o sulfato de estrychnina?» A pergunta do sr. Cunha é baseada no facto d'este soluto apresentar, ao principio, um amargo pronunciadissimo proprio da estrychnina, mas que passado algum tempo tal amargo é destruido.

A commissão julgou-se incompetente para dar opinião, visto haver na sociedade uma commissão especial e de chimica, a quem compete resolver taes assumptos.

Deliberou-se envia-lo á commissão de chimica.

3.º *Quesito*: O socio sr. Joaquim d'Oliveira perguntava se o emplastro d'iodeto de potassio devia ser preparado na occasião do emprego.

A commissão respondeu que, visto a pharmacopêa não

se referir a este preparado e o código pharmaceutico e mais alguns bons formularios recommendarem que se fizesse na occasião do emprego, ella tambem assim o entendia e tanto mais que o referido emplastro era de prompta e facil preparação.

O socio *Fragoso* insistiu em que a commissão devia fundamentar uma opinião e não limitar-se a citar quaesquer livros por muita auctoridade que tenham.

Que o socio consultante não desejava saber o que dizia o código ou quaesquer formularios, porque para isso não precisava vir á sociedade. Que a idéa d'elle era evidentemente adquirir uma opinião fundamentada, para elle a submeter ao seu juizo critico.

Fez ainda outras considerações terminando por declarar que regeitava o parecer.

O sr. 1.^o secretario declarou que, como signatario do parecer e em vista do ataque energico que elle soffrera por parte do socio *Fragoso*, lhe cumpria usar da palavra para o defender. Entrando no assumpto disse que a sociedade não era uma escola de pharmacia, que servisse para explicar a sciencia pharmaceutica. Que a commissão dizendo que o emplastro devia ser preparado na occasião do emprego era o sufficiente.

Que bastava vêr a natureza do preparado, em que entrava o iodeto de potassio, para se saber que deve ser feito na occasião em que se peca.

Sendo posto á votação o parecer foi approved por maioria.

4.^o Quesito: O sr. *Joaquim d'Oliveira* perguntava se a limalha de ferro podia ser substituida pelo ferro reduzido pelo hydrogenio?

A commissão conformando-se com a opinião da pharmacopéa, que é explicita sôbre o caso, declarou que esta era sufficiente para resolver a duvida.

Pôsto á discussão fallaram os socios *Fragoso* e *Cunha*, sendo em seguida approved o parecer.

O socio *Fragoso* apresentou, para servir de base á discussão na sessão immediata, o seguinte quesito:

«O regimento dos preços actual attende aos legitimos interesses do pharmaceutico ou é susceptivel de n'elle se introduzirem algumas modificações importantes?»—Foi admittido.

Eram onze horas encerrou-se a sessão.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

CHIMICA

Doseamento rapido do opio

Pelos srs. Portes e Langlois

- 1.º Tirar do centro da amostra 7 grammas de opio;
- 2.º Pesar 3 grammas de cal extinta;
- 3.º Medir 70 centimetros cubicos de agua distillada, triturar com todo o cuidado o opio e a cal, ajuntando-lhe o liquido em pequenas porções e deixar em contacto durante meia hora, agitando-se repetidas vezes;
- 4.º Deitar tudo sobre um filtro e collôr 53 centimetros cubicos do liquido em pequeno copo munido de tampa;
- 5.º Ajuntar ao liquido 10 centimetros cubicos de ether e agitar;
- 6.º Solver n'este liquido 3 grammas de chlorhydrato de ammonia em pó, mexer para auxiliar a solução e deixar em repouso por espaço de duas horas;
- 7.º Decantar o ether, substituil-o por outra quantidade, agitar e decantar novamente;
- 8.º Recolher o precipitado de morphina, sobre um filtro sem pregas, de 10 centimetros de diametro, e lavar o precipitado e o vaso com alguns centimetros cubicos de agua distillada fria;
- 9.º Fazer cair o precipitado por meio de pequena porção de agua distillada (50 centimetros cubicos pouco mais ou menos), no vaso que serviu á precipitação;
- 10.º Adicionar 5 centimetros cubicos de soluto de acido

sulfurico contendo 16^{gr},17 de acido (SO³HO) para 1000 centimetros cubicos de agua distillada (cada centimetro cubico d'este liquido corresponde a 1 decigramma de morphina), e 4 gôtas de tinctura de tornasol perfeitamente neutralisada. Se o liquido se tornar vermelho, o opio não contém mais que 10 por 100 de morphina; se adquirir coloração azul tem mais que a gradação normal;

11.º Para se certificar da falta ou do excesso de morphina é sufficiente: (17)

Se o opio é muito fraco, deitar gôta a gôta, com buretta alcalimetrica, um soluto alcalino (agua de baryta preparada com hydrato crystallizado), neutralisando-se exactamente o seu volume de acido acima dito;

Se, pelo contrario, o opio contém excesso de morphina, empregar o liquido acido.

Nos dois casos o numero de divisões, multiplicado por 20, indica por 100 a falta ou o excesso do alcaloide.

O sr. Guichard, que tem estudado este processo, certifica que produz excellentes resultados.

A decantação do ether não é sempre muito facil e o sr. Guichard recommenda deitar tudo sobre um filtro e quando o liquido esteja filtrado, é bastante deital-o no funil para separar o ether.

Acido phenico

O sr. Meyke, de Varsovia, conseguiu conhecer as causas da coloração vermelha que apresentam, muitas vezes, os phenoes do commercio. Depois de uma serie de experiencias, conclue o seguinte:

1.º Não se pode considerar acido phenico puro senão o que estiver completamente incolor.

2.º Que a coloração vermelha é devida aos recipientes de vidro, nos quaes o mesmo acido é conservado, e quando entra chumbo na composição do vidro.

J. D. CORRÊAS

HISTORIA NATURAL

—

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 51)

Anethum graveolens. L.

Endro ordinario ou maior.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Faro e outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como carminativo e excitante¹.

Pastinaca sativa. L.²

Cherivia.

Planta originaria de toda a Europa (Wk. et Lang.) e entre nós cultiva-se nas hortas a variedade α , com especialidade em Lisboa e Porto.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como ligeiro aphrodisiaco. Pouco usado.

Cuminum cyminum. L.³

Cominho.

Planta originaria do Egypto e da Ethiopia, e entre nós cullivada nas hortas, principalmente nas nossas provincias do sul.

Flor. no estio.

P. u. os mericarpos ou akenios.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Endro Menor* — *Ridolfia segetum* Moris (*Anethum segetum* L.), planta que habita nas visinhanças de Coimbra, Adorigo, Miranda do Corvo, Lisboa, Cabo de Espichel, Cezimbra, Montargil, etc.

² Variedades: α . *edulis*. D.C. (*P. sativa*. Mill.); β . *silvestris*. D.C. (*P. silvestris*. Mill)

³ Variedade *hispanicum*. (*C. hispanicum*. Mer.)

Emp. como carminativo, estomachico e excitante¹,

Thapsia villosa. L.²

Tapsia.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Berlengas, Lisboa, Setubal, Castello Branco e outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. em Hespanha é usado o cosimento, em banhos, para combater a sarna. Pouco usada.³

Daucus carota. L. var. *sativa*. D.C.

Cenoura.

Cultiva-se nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. diuretico e debaixo da forma de cataplasma nas ulceras e molestias cutaneas. Pouco usada.

Margotia gummiifera. Lge.

(*M. laserpitoides*. Boiss., *Laserpitium gummiiferum*. Desf.

L. thapsiaeforme. Brot.)

Bruco fetido.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Buarecos, Bussaco, Regua, e ao sul do Tejo proximo a Almada, Alfeite e Caparica.

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. como revulsivo debaixo da forma de cataplasma. Pouco usado.

Conium maculatum. L.

¹ Em Allemanha deitam as sementes dos cominhos no pão, e na Hollanda no queijo.

² Variedades: α . *dissecta*. Boiss.; β . *latifolia* Boiss.

³ A *Thapsia* que se emprega actualmente em pharmacia é a *T. garganica*. L. planta que habita na Barbaria, cuja raiz dá uma resina muito irritante. Prepara-se com ella um emplasto que se applica na pelle e que produz um effeito revulsivo energico. Tambem tem sido aconselhada para substituir o oleo de *Croton tiglium*. Lam. para uso externo ou a pomada stibiada.

⁴ Variedade β . *lejocarpum*. Boiss.

Cicuta maior, é conhecida como estomachico.

Hab. em sitios humidos nas vizinhanças de Coimbra, Bussaco, Serra da Estrella, Foja, Pinhão, Vinhaes, Serra do Gerez, Villa Fernando, Lisboa e em quasi todo o paiz; mas não é frequente.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e os mericarpos ou akenios.

Emp. como resolutiva e narcotica. É preciso ter a maxima cautela no seu emprego. Em alta dôse, occasiona uma especie de embriaguez, prostração geral, nauseas, lentidão do pulso, perturbações da vista, delirio furioso, convulsões, paralyasia e a morte¹.

Coriandrum sativum, L.

Coentro.

Planta originaria da Europa austro-oriental e da Asia temperada. Entre nós é muito cultivada nas hortas.

Flor. na primavera e estio.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como estimulante e carminativo.

Araliaceae, Juss.

Hedera helix, L.

Hera ordinaria.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto, Bussaco, Faro e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no outomno.

P. u. as folhas verdes.

Emp. para collocar sôbre os fonticullos, e tambem se tem usado como antipsorica e sudorifica².

Ampelideae, Kunth.

Vitis vinifera, L.

Videira.

¹ Pela distillação das sementes da *Cicuta maior* obtem-se um alcaloide chamado *Cicutina*, *Conicina*, ou *Conina*.

² Por incisões no tronco da *Hera* obtem-se uma gomma-resina que se chama *Hederina* e que se tem empregado como emenagoga. Tambem se usa esta gomma-resina, debaixo da forma de pasta, para combater a carie dos dentes.

Planta originaria da Asia austral e, com pequenas excepções, cultiva-se em todo o paiz um grande numero de variedades.

Flor. na primavera.

P. u. as bagas ¹.

Emp. Poucas plantas fornecem á pharmacia um tão grande numero de medicamentos como a videira. Empregam-se as bagas seccas (passas de uva) em decoctos peitoraes; das uvas fabrica-se o vinho; d'este o alcool, o vinagre, o cremor de tartaro, etc.

Corneae. D. C.

Cornus sanguinea. L.

Sanguinho legitimo.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a casca.

Emp. como febrifuga. Pouco usado ².

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra).

Errata.—A pag. 37 do n.º 2, de fevereiro ultimo, onde se lê *Rhododendron ponticum, L.* deverá lêr-se *R. BAETICUM Boiss. et Reut.*

VARIEDADES

A GEOLOGIA

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 59)

VII

Foi especialmente na explicação do diluvio, que os sabios de primeira plana, se mostraram fecundos em hypo-

¹ Vulgarmente chamadas uvas.

² Lindley diz que os fructos d'esta planta contém grande quantidade de oleo, e que é bom como o azeite de oliveira.

theses inconcebíveis. Thomás Burnet, escriptor inglez, foi o primeiro que, em 1681, pretendeu estabelecer uma theoria completa, que parece ter sido inspirada no poema de Lucrecia, e que delineou d'accôrdo com os livros santos. Dizia elle: antes do diluvio, a superficie da terra era plana, sem montanhas, sem valles; todas as materias se depositavam no centro do globo, conforme a sua gravidade. A agua espargia-se por toda a parte; no entanto materias oleosas, mais ligeiras que a agua, formaram, pouco a pouco, uma ultima camada, que envolveu as aguas e todo o globo; n'esta camada extremamente fertil, viviam, n'uma primavera perenne, as gerações anti-diluvianas.

O diluvio alterou tudo; a crôsta solidificou-se e as aguas, subindo, forçaram este envoltorio ligeiro, ella estalou e desabou no abysmo das aguas. Sua queda fez mudar o eixo do globo e consequentemente a temperatura dos climas; as arestas erectas da crôsta formaram nossas montanhas. Esta opinião foi seguida e desinvolvida, com os novos absurdos por John Wood, professor em Cambridge, a quem não faltava erudição. Willam Whiston acreditava que o diluvio tinha sido produsido pelo encontro da terra com a cauda do cometa observado por elle em 1680.

Rayen (1693), Hook e Lazaro Moro (1740), admittiram, todos tres, que a fôrça vulcanica levantou a crôsta terrestre para formar as montanhas. Descartes e Leibnitz emittiram a opinião, que a terra era um sol extincto. Pretendia o primeiro que os differentes elementos se dispozeram de maneira que o fogo occupou o centro, e a agua cubriu a superficie do globo. Elle attribuia, ao fogo central, os effeitos vulcanicos e a formação dos metaes. Leibnitz pretendia, pelo contrario, que a terra, depois de arrefecida, se transformara n'uma mole de granito, coberta de terra e areia, e cheia de fendas: que a atmosphaera, arrefecendo, se transformara em agua, que precipitando-se violentamente sôbre a terra, a tinha inundado; mas que a superficie do globo, fendendo-se em varios sitios, dera vazão ás aguas para o seu interior, e que os continentes e as ilhas se produziram

por continuas alterações d'esta ordem. Jacques Schenchzer, de Zurich, admittia que as aguas productoras do diluvio, tinham brotado dos reservatorios contidos no interior do globo, e que as montanhas eram produzidas por substancias pedregosas do globo; dispersas primeiro pelo diluvio, mas juntas depois por intervenção directa do poder divino, que tinha esboçado as montanhas, nos logares onde as pedras eram mais abundantes.

VIII

Buffon, na sua Historia Natural, publicada em 1749, expôz sua theoria da terra, fundada n'um certo numero de factos incontestaveis; a theoria de Buffon, com as provas annexas constitue a verdadeira base e o ponto de partida, hoje consideravelmente desinvolido, da geologia positiva, que a sã observação fará progredir. Mas a par de «*La Theorie de la Terre*» vem postar se na mesma fileira «*Les epouques de la Nature*», pensamento magnifico de um genio, que nada se esforça, para se recrear com a defesa de hypotheses as mais frivolas, imprimindo-lhe por sua auctoridade apparencias de verdade. Assim adoptou, ao mesmo tempo, a hypothese de um nucleo primitivo igneo, e a do oceano universal de Leibnitz. «As mais altas montanhas, diz elle, fôram outr'ora cobertas por este envoltorio aquoso; depois as correntes marinhas, exercendo uma accção assaz violenta, cavaram valles submarinhos profundos, e formaram camadas horisontaes, arrastando de certos logares as materias solidas, depondo-as n'outros sitios. Parte das aguas do oceano, sumindo-se pelo seu curso natural em cavernas subterraneas, produziu a depressão do seu nivel e, por fim, o esgôto das aguas pondo a terra a descoberto.»

Guettard foi o primeiro que iniciou, em 1746, as cartas geologicas destinadas a representar a natureza dos terrenos.

A terra foi dividida em tres camadas, constituindo a primeira o terreno sckistoso, correspondendo ás formações primitivas; a segunda o terreno marnoso, correspondendo

ao terreno secundario, e a camada arenosa ou formação terciaria.

A elle se devem os primeiros estudos da bacia de Paris. Pallas, contemporaneo de Buffon, deve ser como este considerado o progenitor da geologia positiva, e da anatomia paleontologica. A memoria sôbre a theoria das montanhas, de Pallas, modificou as idéas de Buffon em sua «*Theorie de la Terre*», e fez desapparecer varias hypotheses que se encontram nas «*Epoques de la Nature*».

As idéas de Pallas são mais consentaneas com as leis da natureza, pôsto que não sejam ainda isemptas de êrros.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Ensaio rapido do azeite

Cinco centímetros cubicos de azeite de superior qualidade e a mesma porção do oleo que se pretende ensaiar, serão aquecidos separadamente em tubos competentes até á temperatura de 250°.

Pela acção do calor o azeite puro torna-se um pouco mais claro que o falsificado que adquire a coloração mais carregada.

O cheiro do azeite puro é agradável, em quanto que o do falsificado pela addição de outros oleos é opposto.

Conservação das madeiras

O sr. Fayol, depois de dez annos de estudo e experiencias, apresentou as conclusões seguintes,

Tratamento com alcatrão.—(Carvalho) augmenta sensivelmente a sua duração, chegando algumas vezes a duplicar. (Pinheiro manso) é pouco o augmento de duração.

Tratamento com sulfato de ferro.—(Carvalho) 1.º as primeiras experiencias têm demonstrado que as madeiras, não preparadas, não duram mais que dois annos, emquanto que as sulfatisadas chegam a durar mais de trinta annos; 2.º as experiencias têm provado que a immersão de vinte e quatro horas em soluto de 200 grammas de sulfato de

ferro por litro produz tambem bons effeitos ; 3.º uma experiencia especial descobriu que, o tratamento com o sulfato, é tambem efficaz nas madeiras sêccas. (Pinheiro-manso) o sulfato de ferro decupla egualmente a sua duração.

Processo para reconhecer o linho e o algodão nos tecidos de seda

Segundo o sr. Boettger, a seda dissolve-se rapidamente, a quente, no soluto concentrado de chloreto de zinco ; este reagente não tem acção sôbre o linho e o algodão.

O chloreto de zinco dissolve tambem a lã ; convém pois certificar, depois da dissolução completa, se na seda não existe lã.

O emprêgo do microscopio dá os melhores resultados. Os fios de seda são constituídos por filamentos transparentes, os fios de lã têm a côr baça e exteriormente de aspecto escamoso.

Essencia e decocto de atanasia

O *Boston Medical and Surgical Journal* cita oito casos de envenenamento por estes dois productos empregados como abortivos, e chama a attenção sôbre a venda que d'elles têm tido frequentemente os droguistas americanos sôb pretextos diversos.

Acido chromico contra as verrugas

O sr. dr. W. Allen Jamieson diz que o melhor remedio contra as verrugas, é applicar-lhes uma gôta de soluto de acido chromico preparado em partes eguaes de agua distillada e deixar-se seccar. Em virtude d'isto e com uma camada de oleo, preserva-se a pelle em tôrno das mesmas verrugas ; os tecidos albuminosos são coagulados e endurecidos e, com a segunda applicação, as verrugas desaparecem.

J. D. CORRÊA.

BIBLIOGRAPHIA
 —
 CHIMICA PHARMACEUTICA
 ELUCIDARIO
 AOS
ENSAIOS DAS SUBSTANCIAS MEDICINAES

RECOMMENDADOS NA PHARMACOPÉA PORTUGUEZA

ELABORADO

Por **Alfredo da Silva Machado**

Pharmaceutico pela universidade de Coimbra,
 chefe do serviço pharmaceutico do hospital Estephania,
 aprovado com louvor no curso de chimica applicada ás artes do instituto industrial de Lisboa
 e membro honorario da sociedade pharmaceutica lusitana

Preço 400 réis

Este livro, que é de grande utilidade para todos os individuos que exercem a pharmacia, remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia em vale do correio ou estampilhas ao auctor, pharmacia do hospital Estephania.

**Apreciações feitas nos importantes jornaes scientificos
 abaixo mencionados**

**Boletim commercial-noticioso
 da Casa Pharmaceutica do Porto**

«Desde ha bastante tempo que desejavamos dar um segundo abraço de boa e leal fraternidade a um moço instruido e collega illustrado, como é o digno chefe do serviço pharmaceutico no hospital Estephania, o sr. Alfredo da Silva Machado, eis que, senão quando, uma visita inesperada nos veio augmentar e avivar esse desejo.

Silva Machado não veio ao Porto, como compromisso é seu, mas mandou-nos uma offerta que, para nós, é de grande valor e que veio augmentar, se era possível, a consideração e estima que desde muito lhe tributamos.

A offerta é uma publicação sua, e a que bem lhe cabe o nome baptismal: — *Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na pharmacopéa portugueza*. O que escrevessemos de elogio em favor do livro de Silva Machado, depois de patentearmos a sympathia que professamos a este cavalheiro, poderia ser taxado de louvor devido à amizade; contentar-nos-hemos portanto em dizer: não elogiamos, porque o que é bom elogios não necessita; e,

n'este caso, com toda a certeza e verdade inteira está o trabalho de Silva Machado. O *Elucidario* era um livro preciso, senão para todos pelo menos para muitos, e bôa idéa teve o seu auctor em dal-o á imprensa.

Alfredo da Silva Machado pertence á phalange dos pharmaceuticos que hão gravado no seu lemma:—LEVANTAMENTO SCIENTIFICO DA CLASSE—e é por isso que, apesar de alquebrado pela grande copia de serviço, a que seu cargo o obriga, elle, como um dos briosos soldados do seu esquadrao, veio depôr, no altar religioso da regeneração da classe, a offerta do seu estudo e as primicias do seu trabalho, preenchendo perfeitamente uma lacuna que havia na livraria do pharmaceutico. Oxalá que todos os pharmaceuticos, lidos e instruidos, cujo numero já não é pequeno no nosso paiz, empregassem o seu engenho e dedicassem o seu estudo a trabalhos de sciencia profissional e a obras litterarias, de que só adviessem honra e consideração para a classe pharmaceutica. Façam isto e em breves annos a posição social do pharmaceutico no nosso paiz será outra e bem outra d'aquella que hoje tem.

Silva Machado comprehendeu e cumpriu bem o seu dever, agora os outros que cumpram tambem o seu — e se nem todos os pharmaceuticos querem ou não podem escrever, a todos, porém, corre-nos o dever d'auxiliar e animar o trabalho dos nossos irmãos pharmaceuticos.

Sabemos que em muitos dos nossos collegas a abonação real do capital scientifico, auferido e cultivado, é grande e abundante e que as livrarias possuidas são ricas e opulentas... mas desculpa, não se poderá encontrar para deixar de comprar um livro de facil maneação e que muitas vezes o pharmaceutico será obrigado a abrir e consultar, e quando o seu custo, de 400 réis, é mais que modesto!

Ainda que todos os pharmaceuticos do paiz o comprem, como é do seu dever e conveniencia, nem assim a verba obtida dará o necessario para pagar o trabalho e as despesas, já não dizemos o serviço feito á classe, porque esse é grande e não pode ser pago.

«Acceite, Silva Machado, os nossos respeitos e parabens, em quanto não lhe vamos dar um apertado aperto de mão. — H. Lima.»

Correio Medico de Lisboa

«N'este livro, elaborado pelo distincto pharmaceutico Alfredo da Silva Machado, estão agrupadas e desinvolvidas as reacções indicadas na pharmacopèa official, com o fim de examinar o grau de pureza das substancias medicamentosas. No seu elucidario, escripto com bastante claresa, a par da concisão, o sr. Silva Machado enumera tambem as falsificações e inquinações dos medicamentos, umas vezes fraudulentas, outras vezes devidas ás imperfeições dos processos de preparação, ao mesmo tempo que expõe os processos chimicos para as reconhecer. Por esta simples noticia vêem bem os leitores de que utilidade é para o pharmaceutico, no exercicio da sua profissão, o livro a que nos referimos e com que o seu auctor confirma os creditos de que justamente gosa. — V. M.»

Gazeta dos Hospitaes Militares

«O nosso collega Alfredo da Silva Machado, chefe do serviço pharmaceutico do hospital Estephania, acaba de publicar um *Elucidario* aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na *Pharmacopèa Portugueza*.

É uma obra pequena, mas de bastante trabalho e de utilidade para a classe pharmaceutica, principalmente para os pharmaceuticos das provincias; porque, além de lhes poupar algum tempo, por estarem n'ellas reunidas um grande numero de reacções, hade tambem tiral-os de algumas difficuldades, visto o *Elucidario* indicar, com muita claresa, a forma porque se deve proceder á analyse preparatoria dos productos, que mais frequentemente se empregam, e nem todos terem os meios necessarios para resolver estas questões scientificas.

Ao auctor, que é pharmaceutico habil e activo, pedimos que continue a publicar os seus uteis trabalhos, para credito seu e da classe a que pertencemos. — F. de Carvalho.»

Gazeta de Pharmacia

«O sr. Silva Machado, illustrado pharmaceutico do hospital Estephania, acaba de publicar um livro de grande importancia para os pharmaceuticos e muito especialmente para os aspirantes quando pretendem habilitar-se ao exame de pharmacia.

Agradecemos muito penhorados o exemplar com que nos brindou e, avaliando o prolongado estudo que necessariamente fez para produzir a sua obra e o trabalho e despesas de publicação, sentimos verdadeiro prazer de registrar o nome d'aquelle que, apesar do estado anarchico a que chegou a pharmacia em Portugal, sente em si bastante força de vontade, bastante intelligencia e bastante illustração para reagir com a decadencia commum, trabalhando para distinguir o seu nome e para ser util á sua classe.

O sr. Silva Machado tornou-se, pelo seu *Elucidario aos ensaios recommendados na pharmacopéa*, credor dos mais sinceros elogios, não só porque estuda e se illustra e procura illustrar os mais, quando os poderes publicos negam todos os meios de illustração á classe pharmaceutica, mas tambem porque o seu livro é deveras util e será sempre um bom auxiliar nas analyses de que trata a *pharmacopéa*, porque resume uma somma de conhecimentos que não se encontram facilmente sem consultar os melhores livros de chimica e pharmacia, os quaes nem sempre o pharmaceutico pode possuir.

Recommendamos pois o *Elucidario* aos nossos assignantes e em especial aos estudantes de Pharmacia.»

**Jornal de Pharmacia e Sciencias
accessorias de Lisboa**

«Com o mui apropriado titulo — CHIMICA PHARMACEUTICA, ELUCIDARIO DOS ENSAIOS DAS SUBSTANCIAS MEDICINAE RECOMMENDADOS NA PHARMACOPÉA PORTUGUEZA—acaba de publicar o nosso mui illustrado collega, o sr. Alfredo da Silva Machado, pharmaceutico pela universidade de Coimbra, chefe do serviço pharmaceutico no hospital Estephania, aprovado com louvor no curso de chimica applicada ás artes

do instituto industrial de Lisboa, e membro honorario da sociedade pharmaceutia lusitana, além d'outras estrangeiras, um livro de cem paginas, oitavo grande, que se torna de grande utilidade a todos os pharmaceuticos, que precisam manipular os seus medicamentos com verdadeiro conhecimento da pureza das substancias, que têm de empregar; por isso que, além de lhes indicar os seus principaes caracteres, isto é, aquelles que devem ter quando puros, descreve tambem os processos mais modernos, mais seguros e mais faceis de chegar a descobrir as falsificações ou sophisticações de que tiverem sido alvo. Em muitos dos seus artigos, que têm por base os que fazem parte da Pharmacopêa Portugueza, apresenta tambem o processo mais recommendado para obter uns certos productos, cuja composição não vem publicada n'esta Pharmacopêa, por a ter julgado desnecessaria essa publicação.

O sr. Machado preenche esta lacuna, como elle a considera, pondo, ao alcance de todos, os melhores processos para obter taes productos.

É louvavel o empenho que este nosso collega mostra em promover todas as cousas, que concorram para o bem da classe a que muito se honra de pertencer; e é de suppôr que esta corresponda aos seus desejos, manifestando o seu agradecimento e adquirindo um livro que tão conveniente e necessario lhe é.

Receba o nosso bom collega os nossos agradecimentos e louvores, que de coração lhe tributamos.»

El Restaurador Pharmacéutico

«Hemos recibido con agradecimiento la obra siguiente:

Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na Pharmacopêa Portugueza, se titula un folleto de 100 páginas que ha publicado el farmacéutico D. Alfredo da Silva Machado, jefe del servicio farmacéutico del hospital Estefania. El titulo ya revela la importancia de la obrita, y de la exposicion de su doctrina pueden sacar utilidad los profesores en el reconocimiento de las especies quimicas y farmacológicas de que se ocupa.»

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 8 DE JANEIRO DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Foi aberta a sessão ás oito horas da noite.

O sr. presidente, na ausencia do sr. segundo secretario, que tinha pedido a escusa do cargo temporariamente, convidou a occupar o lugar de segundo secretario o socio Fernandes da Cunha e, em seguida, procedeu-se á leitura da acta da sessão antecedente, a qual foi approvada; fazendo-se apenas uma declaração de que não fôra só o sr. presidente que foi comprimentar o nosso consocio, ex.^{mo} sr. ministro Aguiar, mas tambem acompanhado pelos secretarios da mesa.

O sr. *presidente* apresentou uma moção, para o que chamou a attenção da sociedade, que passou a lér, e referia-se ella aos ultimos acontecimentos das camaras dos srs. deputados e pares do reino, em que fôra concedido, por estas duas camaras, a permissão de fazer exame de pharmacia, em manifesta contradicção com as leis vigentes, a um droguista natural de S. Thomé, Gonçalves Pinto, dispensando-se-lhe todos os preparatorios e mais requisitos da lei.

O sr. *Machado* pediu para que fôsse feita uma pequena modificação, n'uma palavra da moção referente ao numero de preparatorios.

O sr. dr. *Alves* não foi da opinião do sr. *Machado*, sendo corroborado pelo sr. *Fragoso*, que tambem combateu em breves palavras a modificação do sr. *Machado*, fazendo este sr. ainda umas reflexões sôbre o assumpto.— Foi a moção posta á votação e approvada unanimemente.

O sr. *Machado* propoz em seguida que fôsse lançado na acta um voto de sentimento pelo fallecimento do nosso consocio Gomes Roberto, o que foi accete.

O sr. dr. *Alves* fez ainda considerações sobre o que acabava de se passar nas duas camaras, com respeito ao droguista Pinto, de S. Thomé, e expôz a conveniencia de se representar contra a continuação de semelhantes factos, porque elles dariam logar a novas e numerosas pretensões no mesmo sentido, o que seria um desdouro para a classe; que era de toda a urgencia que se evitasse, sendo por fim de opinião que a representação se faça breve.

O sr. *presidente* fez uma declaração, com respeito ao processo, como sabia que tinha corrido o projecto que se referia ao droguista Pinto, ultimamente dispensado dos preparatorios e mais habilitações para fazer exame de pharmacia, notando a velocidade ou rapidez quasi electrica, como tinha passado nas duas camaras o mesmo projecto; caso que se não dá com outros de interesse geral do paiz, notando ainda o que podem as influencias politicas.

O sr. *Fragoso* concordou plenamente com as palavras do sr. presidente.

O sr. dr. *Alves* tambem opinou pelo que acabava de esponder o sr. presidente e expoz ainda mais considerações tendentes a explicar d'um modo frisante como as cousas se passaram, insistindo em que se deve representar contra semelhante procedimento.

O sr. *Coelho de Jesus* manifestou tambem a sua opinião no mesmo sentido, dando explicações como a sociedade se tem havido em outros assumptos, sendo contra o sr. *Fragoso* e optando pela opinião do sr. da *Alves*.

Fallaram ainda os srs. dr. *Alves* e *Fragoso* sobre o mesmo assumpto, sendo em seguida posta á votação a proposta do sr. presidente, no sentido de se representar, que foi approvada.

Por proposta do sr. dr. *Alves* foi approvedo que, n'este sentido, se officie ao Centro Pharmaceutico Portuguez, para este representar de accôrdo com a sociedade.

Entrou-se em seguida na ordem da noite, fallando em primeiro logar o sr. *Fragoso*, dando umas explicações sobre a sua proposta, com referencia ao regimento de preços

dos medicamentos, pedindo para a retirar, por ser assumpto que a todos interessa e estarem presentes poucos socios, sendo corroborado este pedido pelo sr. Gomes de Mattos.

Os srs. *Drack*, *dr. Alves* e *Pessoa* não fôram de parecer que se retirasse a proposta por ser ella de interesse para a classe, antes fôsse discutida e tomada na devida consideração.

O sr. *Fragoso* lamentou a pouca concorrência dos socios ás sessões da sociedade, o que parecia que descuravam dos seus interesses mais palpitantes, e era esse o motivo porque pediu para ser retirada a proposta.

O sr. *Drack* foi de opinião de se nomear uma commissão para tratar do assumpto da proposta do sr. *Fragoso*, que se referia ao regimento dos preços, para estudar e dar o seu parecer e haver base para a discussão, e assim transmitir o resultado á commissão que labora na confecção do novo regimento; sendo composta essa commissão dos srs. *Fragoso*, *Coelho de Jesus* e do socio *Fernandes da Cunha*.

Encerrou-se a sessão eram dez horas da noite.—O socio servindo de secretario, *Fernandes da Cunha*.

SAUDE PUBLICA

Maneira de descobrir o acido salicylico no leite

No laboratorio municipal de Paris, a analyse qualitativa do leite, com relação ao acido salicylico, opera-se do modo seguinte:

Toma-se 100 c. c. de agua a 60°, e outro tanto de leite, ajunta-se 5 gôtas de acido acetico e egual porção de sôluto de azotato de mercúrio; agita-se e filtra-se.

O sôro de leite, assim obtido, é limpido; contém, no sôluto, todo o acido salicylico; deita-se n'um tubo de vidro com torneira; ajunta-se 50 c. c. de ether e agita-se com vehemencia; deixa-se em repouso por algum tempo, até

que o ether se separe e sôbrenade contendo o acido salicylico puro; separa-se a parte aquosa; deita-se o soluto ethereo em amplo vidro de relógio e abandona-se á evaporação espontanea; tracta-se o residuo por algumas gôtas de agua distillada e depois addiciona-se uma ou duas gôtas de soluto de perchloreto de ferro ao centesimo, que produzirá coloração violeta com a presença do acido salicylico.

Para dosar o acido salicylico, toma-se 200 c. c. de leite que se mistura a 200 c. c. de agua; eleva-se a 60° e coagula-se o caseo e a albumina pelo acido acetico; em seguida ajunta-se ligeiro excesso de azotato mercurico (isento de azotato mercurioso), a fim de precipitar o principio albuminoide, descoberto no leite pelos srs. Miller e Commaille, sôb o nome de lactoproteina, que não é coagulada nem pelo calor nem pelo acido acetico, que fornecerá, com o ether, emulsão mui difficil de lhe separar inteiramente a camada etherea, mesmo depois de repouso prolongado; agita-se com 100 c. c. de ether puro e deixa-se em quietação; passado algum tempo, decanta-se a parte aquosa para outro tubo e trata-se de novo por 100 c. c. de ether; separa-se outra vez a camada etherea, que será reunida á primeira, e lava-se toda a massa por duas vezes em pequena quantidade de agua que se elimina; filtra-se o ether, para uma larga capsula de vidro, e deixa-se exposta á evaporação espontanea.

A totalidade do acido salicylico é obtido sôb a forma de crystaes brancos, retendo pequenas porções de acido acetico e de acido butyrico, os quaes são expellidos pela exposição na estufa de 80 a 100°.

Sólva-se em agua alcoolisada e gradua-se com soluto alcalino de cobre.

J. D. CORRÊA.

(*Journ. de pharm. d'Anvers.*)

CHIMICA

Naphtol

O naphtol bruto, tal como se emprega na industria das materias corantes, apresenta-se sôb a forma de massas violete-escuras, que podem ser facilmente reduzidas a pó. O naphtol puro, unico empregado em medicina, é pelo contrario perfeitamente crystallizado em agulhas brancas, brilhantes, finas e sedosas. Chemicamente puro, possui cheiro fraco ou quasi nullo, o seu sabor é ardente; respirado fortemente, provoca violentos espirros.

O naphtol é facilmente soluvel na agua ebulliente, muito soluvel no alcool, no ether, no chloroformio, no benzol, nos oleos e nas gorduras; o seu soluto aquoso, saturado a 25°, contém uma parte de naphtol por 550 partes de agua; aquecido suavemente, sublima-se com facilidade; pode ser tambem distillado em uma corrente de vapôr de agua; deve-se mesmo ter em conta esta propriedade quando se empregue agua ebulliente para fazer um soluto de determinada percentagem.

Quando se queira dissolver naphtol em uma grande quantidade de agua, convém dissolvê-lo previamente na menor porção de alcool (cêrca de 2 p. de alcool para 1 de naphtol); verte-se depois este soluto na agua, agitando constantemente.

Foi em 1881 que, por indicação de Ludwig, o professor Kaposi ensaiou o emprego do naphtol em medicina. Os numerosos ensaios d'este sabio demonstraram rapidamente que o naphtol substitue com vantagem o phenol, mesmo em soluto diluido, de 1 : 1000, por exemplo. Desprovidos de cheiro, estes solutos não incommodam os enfermos, actuando não obstante como poderoso desinfectante; obstatam e paralizam qualquer fermentação e por consequencia qualquer decomposição de compostos organicos; applicados sôbre membranas mui delicadas, causam ao principio uma

sensação ardente e uma irritação local que desaparecem muito rapidamente e que são muito menos dolorosas do que as provocadas pelo contacto com os solutos phenicos; parece até que applicados sobre queimaduras muito graves, têm favorecido e estimulado a formação de novos tecidos.

O naphtol é pois um agente dos mais poderosos; as experiencias de Neisser mostram effectivamente que um gramma d'um soluto aquoso concentrado é susceptivel de matar um coelho pesando cerca de 1 kilogramma; um cão do peso de 4^k, 5 não resiste á dose de 1 gr. e meio.

Quanto á acção local, que o naphtol exerce sobre a pelle, as experiencias de Kaposi têm mostrado que o naphtol em solução na banha, mesmo na dose de 15 a 20 por 100, não produz nenhuma irritação, quando applicado sobre uma pelle sã. Applicado sobre o eczema, pode provocar uma inflamação aguda, mesmo quando é diluido n'uma pomada na dose de 1 por 100. O soluto alcoolico actua muito mais energicamente: na concentração de 1 1/2 a 1 por 100, este soluto provoca, mesmo sobre a epiderma sã, uma erupção urticaria que pode ir além da parte friccionada.

Pôsto que tenhamos já feito notar que o naphtol não tem cheiro, quando é chimicamente puro, A. Jarisch observou que elle adquire, pelo seu contacto com a pelle, um cheiro *sui generis* que se transmite á atmospherá da camara.

Uma das grandes vantagens do naphtol consiste ainda em não corar nem a pelle nem os cabellos; todavia produz mancha cor de rosa, que passa a vermelho, em contacto do ar, nos tecidos de linho e de algodão; esta coloração desaparece porém mui facilmente por meio d'uma simples lavagem com agua quente e sabão.

A acção do acido sulfurico sobre a naphtalina forneceu, manuseada por Merz, dois acidos isomeros; tratados pelos alcalis, os saes d'estes acidos dão naphtoes α e β .

Naphtol α — Apresenta-se em agulhas brilhantes fusiveis a 94°.

Naphtol β — Este naphtol, fusivel a + 122°, tem o aspecto de laminas micaceas, incolores.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 71)

CORNICULATAE

Crassulaceae. D. C.

Umbilicus pendulinus. D. C.

(*Cotyledon umbilicus*. L.)

Conchelos, Sombreira dos telhados, Orelha de monge.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Caldas de Moledo, Serra da Estrella, Povoia de Lanhoso, Miranda do Corvo e em quasi todo o paiz.

Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas recentes.

Emp. como emollientes e refrigerantes. O succo e o extracto d'esta planta têm sido preconizados por alguns medicos inglezes contra a epilepsia ¹.

Sedum telephium. L.

Telophio, Favaria vulgar, Herva dos callos.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa. (Brot.)

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas recentes.

Emp. como adstringente. Pouco usado.

Sedum acre. L.

Vermicularia, Uva de cão menor.

Hab. nas proximidades do Porto, Regua e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Minho e Trás-os-Montes.

¹ Em Hespanha as folhas d'esta planta entram na composição do unguento de populeão.

Hetet achou no *Umbilicus pendulinus*. D. C. a *propylamina*.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas recentes e o succo.

Emp. as folhas em cataplasmas para resolver tumores do peito; e o succo como vesicante, emetico e purgativo. Tambem tem sido aconselhada como febrifuga, diuretica e antiscorbutica. Pouco usada.

Sempervivum arboreum. L.

Saião.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos ao sul do paiz.

Flor. em novembro e dezembro.

P. u. as folhas e o succo.

Emp. as folhas como adstringentes e o succo tem sido indicado como efficaz nas febres biliosas, na dysenteria, angina e chorea ¹.

Saxifragaceae. D. C.

Saxifraga granulata. L.

(*S. cernua*. Lap.)

Saxifragia granulada ou branca.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Povoia de Lanhoso, Serra da Estrella, Ponte de Murcella, Buarcos e em diversos pontos das nossas provincias da Extremadura, Beira, Douro, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. na primavera.

P. u. a raiz.

Emp. como litontriplica. Pouco usada.

Ribesiaceae. Endl.

Ribes rubrum. L.

Groselhas vermelhas.

Hab. em diversos paizes da Europa e, entre nós, cultiva-se nas hortas e jardins.

Flor. em maio.

P. u. os fructos recentes.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Sempervivum tectorum*. L. que é vivaz e cultivado nos jardins (*Pharmacopœa portugueza*, 1876).

Emp. para preparar um xarope, que se usa como temperante e laxante.

POLYCARPICAE

Ranunculaceae. Juss.

Clematis flammula. L. ¹

Vidraria, Flammula de Joh.

Hab. proximo a Lagos, Monchique e em muitas outros pontos do Algarve.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como poderoso epispastico. Pouco usado.

Clematis vitalba. L.

(*Atragene* Theophrasti. Clus.)

Sipó do reino, Vide branca.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Louzã e em diferentes pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como rubefaciente e vesicante. Pouco usado.

Thalictrum glaucum. Desf.

(*Th. flavum*. Cav. non L.; *Th. flavum hispanicum*. Brot.;

Th. flavum β . *speciosum*. L.; *Th. speciosum*. Auct.)

Rhuibarbo dos pobres.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Louzã, Porto, Povoia de Lanhoso, Serra da Estrella, S. Thyrso, Cabeceiras de Basto, Lisboa, Cintra, Lagoa da Albufeira e em outros pontos da Beira, Douro, Minho e Extremadura.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como purgativa e diuretica. Pouco usado.

Anemone nemerosa. L. ²

Anemola dos bosques.

Hab. nas serras da Louzã, Gerez, Marão, Cabeceiras de

¹ Variedade β . *maritima*. D.C. (*C. maritima*. L.; *C. caniculata*. Lag.)

² Variedade β . *hirsuta*. Pritz.

Basto, visinhanças do Porto e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. de março a maio.

P. u. as folhas e raiz.

Emp. as folhas narcotico-acre, a raiz como vesicante. As folhas tambem têm sido recommendadas contra a tenia. É necessario o maior cuidado na sua applicação por isso que é muito activa. Pouco usada.

Ranunculus flammula. L.

(R. lingua. Plan.)

Ranunculo inflammatorio.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Mealhada, Aveiro, Foja, Porto, Cabeceiras de Basto, Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. de maio a agosto.

P. u. a planta florida.

Emp. como epispastico. O hydrolato d'esta planta é emetico. Como no caso antecedente deve haver o maior cuidado na applicação d'esta substancia por ser muito activa. Pouco usado ¹.

Ranunculus sceleratus. L.

Patalou dos valles.

Hab. nos campos do Mondego e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas.

Emp. como vesicante. É venenoso. Pouco usado ².

¹ Em Allemanha o povo emprega o succo d'este ranunculo misturado no vinho como antiscorbutico.

² É de todas as especies de ranunculos a mais acrimoniosa em todas as suas partes: esta acrimonia é na rasão inversa da idade da planta, e directa do apartamento da raiz para as flores. As folhas trituradas entre os dentes excitam uma sensação de combustão com um fluxo consideravel de saliva; repetida a experiencia inflammam a lingua, escoriam-na, privam-na do gosto, produzem na sua parte anterior uma certa asperesa estyptica, fendem-na no apice, produzem o estupor dos dentes, e constituem as gengivas dolorosas e cruentas.

A acrimonia dos ranunculos consiste n'um principio volatil, posto que ino-

Ficaria ranunculoides. Moench.

(*Ranunculus Ficaria*. L.)

Celidonia menor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Bragança, Povoia de Lenhoso, Serra da Estrella, Buarcos, Porto, Cabeceiras de Basto, Lisboa, Cintra, Serpa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em março e abril.

P. u. as folhas.

Emp. o hydrolato d'esta planta como antiscorbutico. Também se usa debaixo da forma de cataplasma nos tumores escrophulosos. Pouco usado.

Helleborus foetidus. L.

Herva de Bêsteiros. Helleboro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, entre os moinhos da Boiça e o Caboco, assim como em Cintra, Semide, Arouca Bragança, Porto e em outras partes das nossas provincias septentrionaes.

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas.

Emp. como purgante drastico. É um veneno narcotico acre ¹.

Nigella arvensis. L.

Alipivre dos campos, Barbas de velho.

doro, como prova a sua abolição pelo calor, cocção, exsiccação e maturação: esta acrimonia existe em muitas partes d'estas especies, ex. gr. raiz, caule, folhas, flores, germes no estado immaturo, succo expresso, cozimento, infusão, como em muitas experiencias observou Krapf (Experimenta de nonnullorum Ranuncularum venetata qualitate, horum externo et interno uso. Vien., 1766). O mesmo auctor tentou achar antidotos a similhante veneno, e conheceu que as folhas das azedas, as groselhas, e sobre tudo a agua, eram os melhores para o mitigar. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora Pharm.*)

Duas gotas do succo do *R. sceleratus*. L. occasionaram a Krapf. dores agudas no ventre e violentas convulsões. (Texidor y Cos.)

¹ O *Helleborus niger*. L. é o que se emprega geralmente em pharmacia. É planta originaria da Europa central.

A infusão das folhas do *Helleborus foetidus*. L., dizem ser um bom remedio, em clysteres, contra as ascariides lombricoides. Em veterinaria emprega-se o Helleboro para entreter os sedenhos.

Hab. ao sul de Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. as sementes.

Emp. como estimulantes e carminativas, sialagogas e emenagogas. Pouco usado.

Nigella damascena. L. ¹

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Torres Novas, Lisboa, Cintra, Azeitão, Montargil, Faro e em muitos outros pontos das nossas provincias da Extremadura, Beira, Douro, Alemtejo e Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. tudo o que diz respeito á especie antecedente. Pouco usado ².

Aquilegia vulgaris. L. ³

Herva pombinha ou Luvas de Nossa Senhora.

Hab. nas visinhanças de Formozelha, Buarcos, S. Pedro da Cova, Porto e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as sementes.

Emp. Segundo Texidor y Cos esta planta favorece a saída das pustulas variolosas e augmentam a secreção do leite. Pouco usada ⁴.

Aquilegia dichroa. Freyn.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Manteigas, Pova de Lanhoso, Serras de Rebordão e Montesinho e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

¹ Variedade β . minor. Bss.

² A *Nigella sativa*. L. é a que mais se usa em pharmacia, mas não é indigena do nosso paiz.

³ Variedades: β . Hispanica. Wk. (*A. vulgaris* β . viscosa. Coss.)

⁴ A infusão não protrahida das flores da *Aquilegia* recentes, e succosas dá uma cor azul elegante, a qual se torna rubra pelos acidos, e verde pelos alcalis: póde formar-se com ella um xarope superior ao das violas, como reagente, para mostrar a presença dos acidos e dos alcalis. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora Pharm.*)

P. u. as sementes.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Delphinium consolida. L.

Consolda real, Esporas.

Hab. em Cintra, ao sul do Tejo e nas nossas provincias do Alemtejo e Algarve.

Flor. no estio.

P. u. as flores e sementes.

Emp. as flores como diureticas, emenagogas e vermifugas. As sementes obram como emeticas e purgativas. Pouco usada.

Delphinium staphysagria. L.

Parrapaz ou Herva piolheira.

Hab. na serra da Arrabida, proximo ao convento, e Brotero, diz encontrar-se espontanea nos arredores de Coimbra.

P. u. as sementes.

Emp. como emeticas, drasticas e purgativas: É preciso ter a maxima cautela na sua applicação porque irritam a mucosa gastro-intestinal, e determinam a aфонia, convulsões e a morte ¹.

Aconitum napellus. L.

Aconito.

Hab. nas visinhanças de S. Martinho de Angureira proximo a Mogadouro. (E. Schmitz).

Flor de junho a agosto.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. O aconito em alta dose (4 a 8 gram.) é um veneno narcotico-acre; em pequena, emprega-se na aslluma, syphilis, hydropsia, rheumatismo, sciatica, gôttta, constipação, coqueluche, nevralgia facial, tysica, amaurose, paralysisia, nas febres exanthematicas, taes como o sarampo, escarlatina, cataporas, bexigas, erysipelas, etc. O aconito possui a propriedade de supprimir a exhalação sanguinea na dy-

¹ As sementes do Parrapaz reduzidas a pó, e incorporadas em banha, serve para destruir os piolhos.

Brandes em 1819 descobriu nos Delphioms um principio muito venenoso a que chamou *Delphina*,

senteria, e é aconselhado com proveito n'esta molestia. Exerce sua acção sôbre o systema nervoso, e obra tambem como sudorifico e diuretico. Mas o aconito serve especialmente para o tratamento das molestias que provêem da perturbação das funcções da pelle. Eis-aqui os phenomenos observados por Matthioli, pela acção de 2 oitavas de aconito, em quatro condemnados á morte: entorpecimento da lingua, suores geraes, pallidez, dilatação da pupilla, peso da cabeça, vertigem, salivação, frio no espinhaço, escurecimento da vista, urinas copiosas, vomitos, evacuações alvinas, involuntarias, manchas vermelhas no corpo, fraqueza, convulsões, paralysisa, pulso fraco, e finalmente a morte ao cabo de tres horas (Chernoviz.). A planta verde é muito mais activa do que depois de secca. Todas as preparações com o aconito, sendo possivel fazel-as com a planta recente, merecem a preferencia. O principio activo d'esta planta é a *aconitina* um dos venenos mais fortes que se conhecem. Administra-se na dóse de meio a tres milligrammas.

Paeonia broteri. Bss. et Reut. ¹

(*P. officinalis*. Brot. non L. nec. Retz.)

Rosa albardeira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Mafra, Cintra, Faro e em outros pontos da Extremadura e Beira, Douro e Algarve.

Flor. de abril a junho.

P. u. as petalas e raizes.

Emp. as petalas como emenagogas e antispasmodicas e são tambem aconselhadas contra a epilepsia e histerismo. As raizes são ligeiramente adstringentes e constituem a base do Xarope de peonia. Pouco usada.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

¹ Variedades: *β. ovatifolia*. Bss. et. Rt. (*P. lobata*. Bss. non Desf., *P. officinalis β. lobata*. Wbb.)

VARIEDADES

Assumptos pharmaceuticos

Seja-me permitido transcrever do n.º 159 da *Gazeta dos Hospitaes Militares*, o artigo que publiquei n'aquella fôlha, porque desejo, no proximo numero do nosso jornal, demonstrar algumas proposições que não estão sufficientemente esclarecidas, não o fazendo já para não prejudicar as outras secções litterarias.

Eis o artigo:

A Importancia de um ramo de sciencias medicas

Para analysar o assumpto de que vou tratar, servirme-hei de exemplos bastante conhecidos, por entender que é pela clareza, com que esta materia fôr tratada, que a sua verdade se apresentará mais facilmente ao espirito dos que lerem este artigo.

Obedecendo, pois, ao plano que tracei, começo por me servir do vapôr e da electricidade.

O partido que a sciencia tirou d'estes dois corpos, applicando-os aos meios de comunicação, é uma conquista das mais admiraveis e uteis do nosso seculo; e se o vapôr tem enormes applicações na industria, nas artes, no commercio e nas sciencias, e concorre poderosamente para estreitar relações entre povos remotos, permitindo pela facil comunicação, não só que se visitem e estreitem cada vez mais as suas relações, mas tambem que troquem entre si os seus productos, abrindo um futuro brilhante ao commercio, e auxiliando tão incontestavelmente as sociedades; a electricidade vem activar tudo isto, pela rapidez espantosa com que podemos transmitir o pensamento ás mais longinquas partes do mundo, e trocar com os seus habitantes as nossas idéas.

Mas succederia isto, se as sciencias physico-chimicas não estivessem formadas?

De certo que seria impossivel; e, para confirmar esta opinião, basta apenas notar que, se a descoberta do vapor e da electricidade são antigas, e que se aquelle agente no seculo xiv, já teve alguma applicação, e se no meiado do seculo xvii foi mesmo aproveitado, por Watt, para as industrias, estava reservado ao seculo actual o seu maior aproveitamento, o que nos mostra que o seu estudo foi acompanhando o desinvolvimento da chimica, e que a sua maior utilidade só appareceu, depois d'aquella sciencia se ter constituido, no fim do seculo passado, com Lavoisier.

Podia fazer considerações analogas a respeito da electricidade, mas julgo-as desnecessarias.

Depois o grupo physico-chimico e o grupo biologico estão por tal forma ligados que, para se comprehender um, tem que se estudar o outro.

Com effeito, se o botanico só souber *anatomia e physiologia*, tem conhecimento, por aquella sciencia, dos tecidos elementares que entram na estrutura de cada orgam, e por esta, do mecanismo das diversas acções que compõem a vida da planta; mas se quizer conhecer a composição intima dos tecidos, isto é, se quizer pela analyse decompôr o corpo nos seus elementos, o que é da mais alta importancia, tem de recorrer á chimica, porque, sem este auxilio, nada mais saberia.

E se subirmos a uma esphera superior; se, em vez de considerarmos o reino vegetal examinarmos o reino animal; e se, chegando a este campo, quizermos estudar o ser mais importante,—o homem, a chimica torna-se-nos ainda indispensavel.

Se lançarmos mão do microscopio e analysarmos o cerebro,—que é a parte mais importante do nosso organismo, onde as idéas e os pensamentos que dominam o mundo são elaborados, e que é, como que o cadinho ou a retorta do chimico, onde as medidas mais arrojadas, mais elevadas da humanidade se produzem, onde os direitos e os deveres do homem germinam,—veremos dois hemispherios, umas circumvoluções mais ou menos perfeitas, uma

massa branca e cinzenta, e nada mais poderemos conseguir.

Chamado porém, o chimico, elle vae decompôr cada uma das suas partes nos seus elementos, e diz, se não de todas, da maior parte, qual a sua composição.

Não será isto da mais alta importancia?

Não será isto maravilhoso e digno de ser altamente considerado pelos homens que amam as sciencias e por aquelles a quem está confiada a instrucção publica?

Se o que acabo de dizer é verdadeiro, como nenhum espirito sufficientemente instruido pode duvidar; se a importancia da chimica é tão grande, e se dizer chimica, é dizer pharmacia, para que se não dá largamente, no nosso paiz, a instrucção á classe pharmaceutica, que, nos outros paizes, como por exemplo a Hespanha e principalmente a França, é tão attendida?

Pode-se affirmar que os maiores vultos das sciencias physico-chimicas têm saído da classe pharmaceutica, e citarei os chimicos e sabios pharmaceuticos *Geoffroy, Leme-ry, Glazer, Wenzel, Scheele, Baumé, Pelletier, Vauquelin e Liebig*, porque se fôsse a citar todos os outros celebres seria longa e enfadonha a enumeração.

A quem, senão a elles, recorrem os governos, recorre a justiça para pronunciar o seu *verdictum* sôbre questões sociaes de alta importancia, dependendo da opinião dos chimicos pharmaceuticos, a liberdade ou a condemnação do homem?

Ainda agora Baudrimont e Jungfleisch, dois pharmaceuticos notaveis que a França se ufana de possuir, juntamente com um medico distincto, acabam de prestar um grande serviço á humanidade e de restabelecer o credito de uma fabrica, com a analyse que fizeram ao sulfato de quinina italiano, que estava sendo falsificado com sulfato de cinchonidina, por um droguista de Paris, e que foi condemnado a um anno de prisão e affixar a sentença nas portas do proprio estabelecimento.

Não desconheço que o juiz deve saber bem psychologia;

mas, ainda que a philosophia seja bem ensinada e comprehendida, só por si será impotente para descobrir certos crimes, porque ha particularidades do pensamento humano, que, por mais perspicaz que seja o psychologo, lhe escapam fatalmente; e se, só se guiasse pela sciencia psychologica, havia de cair em graves erros, luctar com grandes difficuldades, e é para evitar estas faltas que a chimica ou a pharmacia vêm em seu auxilio.

E' necessario desenganarem-se, que o pharmaceutico não é apenas um preparador d'esta ou d'aquelle formula medicamentosa: é tambem um collaborador scientifico da medicina, e pela revelação que faz aos clinicos da composição d'este ou d'aquelle producto, os habilita a empregal-o em proveito da humanidade.

Para comprovar o que acabo de dizer, seja-me permitido transcrever do n.º 136 da *Gazeta dos Hospitaes Militares*, algumas palavras, escriptas por um medico—o dr. Cunha Bellem.

Diz este escriptor, a respeito da medicina e da pharmacia o seguinte:

«São dois ramos de um tronco commum, que se emancipam um do outro, que vivem a par, sem que um possa florescer, não florescendo o outro.

«E' tão impossivel imaginar uma pharmacia embryonaria ao lado de uma medicina florescente, como uma medicina ignorante junto de uma pharmacia illustrada.

«O pharmaceutico é um collaborador scientifico da obra medica. Uma vez, segue as indicações do clinico, outra vez, lhe abre o caminho; e no serviço sanitario do exercito tem o seu logar de honra marcado e insubstituivel.»

Bastam estes periodos para confirmar o que disse.

Mas, mesmo como preparador de qualquer formula medicamentosa, precisa o pharmaceutico ter a sua intelligencia sufficientemente cultivada e empregar as suas faculdades com o maximo cuidado, porque á sua capacidade scientifica está entregue, n'esse acto profissional, a vida do individuo, e tem na sua mão a morte ou a saude d'elle.

Parecendo-me ter demonstrado, ainda que muito resumidamente, a importancia da pharmacia nas artes, na industria, no commercio e nas sciencias, devo aproveitar esta occasião para pedir a todos os que se interessam pelo desenvolvimento do paiz e pelo bem da humanidade, que pugnem pela instrucção da classe pharmaceutica, porque d'esta forma prestam um grande beneficio ao credito e dignidade do nivel scientifico nacional uma solida face de instrucção.

Com effeito pode um alumno de pharmacia, ser pharmaceutico e ter a comprehensão do que o seu titulo de habilitação representa?

Como ha de elle proceder á analyse chimica, preparatoria dos productos que recebe em sua casa, se lhe faltam os principios mais elementares de chimica?

Como ha de elle cumprir as condições da sua profissão e que são indispensaveis ao pharmaceutico?

Quem não tem largas habilitações e dilatados estudos não está nas condições de ser membro de uma classe scientifica, sòb pena de ter de praticar graves erros no exercicio de uma profissão que não está habilitado a exercer com bases sufficientes.

Faço votos para que todos os meus collegas, que prezam o diploma que se obtém n'uma escola superior, e ao mesmo tempo a dignidade e seriedade da corporação pharmaceutica, se empenhem n'esta guerra santa, que tem por objectivo a completa educação profissional do pharmaceutico portuguez.

(Continúa.)

F. DE CARVALHO.

Desinfectante

Solva 500 grammas de sulfato de zinco em 5 litros de agua quente.

Este soluto será empregado depois de frio, em quatro ou cinco porções, conforme a intensidade das exhalações.

J. D. CORRÊA.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc. relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza.

(Continuado do tomo de 1883, pag. 46)

N.º 345

Carta de lei, de 3 de maio de 1884, relativa ao pharmaceutico mais antigo do exercito, logo que conte vinte e cinco annos de bom e effectivo serviço

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º No quadro dos pharmaceuticos militares do exercito pertence a graduação de major ao mais antigo dos pharmaceuticos, logo que conte vinte e cinco annos de bom e effectivo serviço.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cupram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, aos 3 de maio de 1884.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.* (Logar do sello grande das armas reaes.)

— Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 1 de março findo, que dispõe que no quadro dos pharmaceuticos militares do exercito pertence a graduação de major ao mais antigo dos

pharmaceuticos, logo que conte vinte e cinco annos de hom e effectivo serviço, manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contém, pela forma acima declarada.

Para Vossa Magestade vêr. — *Edmundo Carlos Cordeiro da Silva*, a fez.

(*Diário do Governo*, n.º 141 de 1884.)

(Continúa.)

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Representação da sociedade, dirigida a El-Rei em 4 de junho de 1884, pedindo providencias contra a arrematação, em hasta publica, do fornecimento de medicamentos para o Asylo dos Invalidos de Runa.

SENHOR.— A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, constando lhe, por annuncios feitos pela imprensa, que no dia 8 do corrente mez de junho se pretende arrematar, em hasta publica, o fornecimento de medicamentos para o Asylo dos Invalidos de Runa, vem muito respeitosa e trazer ao conhecimento de Vossa Magestade este facto, previsto e condemnado pelo § 12.º do artigo 74.º da lei de saude, de 3 de dezembro de 1868, unica actualmente em vigor sobre tal assumpto.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana dispensa-se de enumerar as razões de alta conveniencia e interesse publico que determinaram o governo de Vossa Magestade a inserir na lei em vigor aquella salutar prescripção. O governo de Vossa Magestade comprehende muito melhor do que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, o alcance de uma tal medida, a qual, para ser acatada, lhe basta ser *lei do Estado*.

No mez d'agosto do anno ultimo, uma tentativa analoga de arrematação se fez na cidade de Santarem e, sendo levada ao conhecimento do sabio governo de Vossa Magestade, as providencias, então tomadas para desafrontar a lei, foram promptas e immediatas. Portanto, de modo algum é licito a esta Sociedade duvidar da efficacia da resolução que

o governo de Vossa Magestade hade adoptar na presente conjuntura; sôbre que ella muito respeitosa mente vem representar a Vossa Magestade, é sôbre a urgente necessidade de se adoptarem as medidas necessarias, a fim de que cessem de uma vez para sempre estes attentados á lei, que implicam grave prejuizo para a saude publica e para o bem estar de um grande numero de subditos que tõem a grande felicidade de achar-se debaixo da paternal tutela de Vossa Magestade.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 4 de junho de 1884.—*José Ribeiro Guimarães Drack*, 1.º vice-presidente.—*Emilio Fragoso*, 2.º secretario.

CHIMICA

Doseamento dos alcaloides da quina

Pelo sr. Prollius

A acção da cal caustica, para isolar os alcaloides da quina e determinar as materias corantes, é muito favorecida pela ammonia. O auctor aconselha a mistura de 38 partes de alcool, 10 partes de chloroformio, 2 partes de ammonia e 5 partes de quina em pó e agitar tudo em frasco apropriado; o liquido adquire côr vinhosa e contém todos os alcaloides; depois de algumas horas de repouso, decanta-se o liquido limpido, mistura-se-lhe 5 partes de hydrato de cal em pó fino; o liquido descora-se e conserva os alcaloides; filtra-se este liquido, depois é evaporado e deixa a quinina sôb a forma de um verniz, em quanto que os outros alcaloides apresentam o aspecto crystallino se a evaporação tiver sido lenta. Do peso da materia empregada infere-se a relação do peso total dos alcaloides com a casca.

Limitando-se ao doseamento dos alcaloides soluveis no ether, opera-se sómente sôbre 3 grammas de quina em pó e serve-se da mistura de 88 partes de ether, 4 partes de ammonia e 8 partes de alcool. O alcool facilita a mistura

do ether com a ammonia liquida concentrada; agita-se repetidas vezes, durante algumas horas, 30 partes d'esta mistura com 3 partes de quina em pó e deixa-se repousar; precipitada a quina decanta-se, sem filtração, 20 partes d'este liquido claro, que contém os alcaloides de 2 grammas de quina; adicionando-se-lhe 5 a 6 gôtas de acido sulfurico diluido (sufficiente para que o mesmo liquido tenha ligeiro excesso); os alcaloides agglomeram-se no fundo do copo e o ether pode ser facilmente decantado; o liquido decantado, por causa da pequena quantidade de alcool que contém, conserva pequena quantidade de alcaloide; consegue-se despojal-o agitando-o em seguida com 2 partes de agua, depois com 1 parte de agua, que se reune a o primeiro liquido.

Para se obterem os alcaloides expella-se o alcool pelo calor; depois adiciona-se ammonia liquida que precipita os alcaloides; se a precipitação é effectuada, durante o liquido ainda quente, o sedimento dos alcaloides é resinoide, facil de ser lavado; pode-se seccar em vaso tapado e depois pesar. O peso dos alcaloides \times 50 dá a percentagem dos alcaloides.

Quando os alcaloides são dosados com a mistura de ether, alcool e ammonia, pode-se obter os ditos alcaloides no estado de sulfatos crystallizados, depois de haver aquecido a ammonia, ajuntando-se para este fim bastante acido sulfurico diluido para neutralisar os alcaloides.

(*Archiv der Pharmacie.*)

Acido trichloracetico considerado como reagente da albumina na urina

Pelo sr. A. Raabe

Para pesquisar a albumina na urina, o auctor aconselha empregar-se o acido trichloracetico crystallizado. Introduz-se um fragmento d'este acido no tubo de ensaio, que contenha um centimetro cubico de urina filtrada; não se agi-

ta a mistura. Depois de alguns instantes apparece uma zona turva, formada de albumina coagulada.

Este reagente é mais sensível que o acido azotico e principalmente o acido metaphosphorico; não turva a urina normal, mas apresenta rapidamente sedimento de acido urico nas urinas carregadas de uratos.

(*Pharmaceutische Zeitschrift für Russland.*)

J. D. COBRÊA.

FORMULARIO

Licor mineral antiseptico

(A. HUET)

Este licor resulta da transformação que soffrem as lavas causticas tratadas pelo acido chlorhydrico.

As lavas, que são silicatos, pela acção do dito acido produzem um magma polposo, semelhante à gelêa, que, depositando-se, divide-se em duas partes: uma parte esverdeada, espessa, granulosa, quasi solida; outra parte liquida, amarellenta, de consistencia xaroposa, a qual, segundo a analyse feita pelo sr. Millot, é composta de:

Chloreto de aluminio	61,75
« de potassio.....	19,81
« de ferro	15,09
« de calcio.....	2,13
Silicato gelatinoso.....	1,22
	<hr/>
	100,00

O inventor d'este licor tem-no empregado nos matadouros de Paris, como desinfectante muito energico, e o sr. dr. Horteloup o tem usado no curativo dos cancos e nas adenitas virulosas, obtendo bons resultados.

O sr. Horteloup considera os effeitos d'este medicamento muito semelhantes aos do chloreto de zinco, e as suas propriedades antisepticas mais activas.

As grandes vantagens d'este licor são: 1.º a excessiva

facilidade com a qual pode ser dosado; 2.º sua qualidade innocente sôbre a epiderma; 3.º sua ausencia completa de cheiro, propriedade excepcional para o desinfectante; 4.º seu preço excessivamente moderado, pois que um litro d'este licor a 32º custa 5 francos.

Perfumes de cigarros americanos

I. Extracto fluido de valeriana	28,4 ^{cc}
Tinctura de fava Tonka	225,0
Alcool, q. b. para completar.....	896,0
II. Acido valerianico	40,5
Ether butyrico.....	0,4
Ether acetico.....	1,6
Alcool.....	1800,0
III. Tinctura de valeriana.....	14,4
Ether butyrico.....	14,4
Tinctura de baunilha.....	7,2
Espirito d'ether nitroso.....	3,6
Alcool.....	140,0
Agua, q. b. para completar.....	452,4

Pó antiseptico

(BRUNS E KERSCH)

Colophonia	60 partes
Estearina	15 »
Acido phenico.....	25 »
Carbonato de cal precipitado....	7 a 800 »

Funda-se a brando calor a colophonia e a estearina e, depois do resfriamento parcial, ajunta-se o acido phenico. Esta mistura será reduzida ao estado de pó homogêneo, pela adição do carbonato de cal precipitado, que se incorpora com cuidado.

Poção acida com hortelã pimenta

(V. AUDHOU)

Agua commum	100	grammas
Agua de hortelã pimenta	30	»
Xarope simples.....	20	»
Acido sulfurico diluido.....	12	gôtas.

Misture. Dissipa facilmente os ataques da dyspepsia flatulenta simples, que não é essencialmente dolorosa e na qual não ha deliquio.

Poção antimetrorrhagica

(COURTY)

Agua ebulliente.....	100,00	grammas
Fôlha de dedaleira.....	0,30	»
Infunda e ajunte:		
Xarope de consolda maior....	30,00	grammas
Agua de flor de laranjeira....	30,00	»
Tinctura de canella.....	15,00	»
Extracto de ratanhia.....	4,00	»
Ergotina Bonjean.....	1,00	»
Extracto de opio.....	0,10	»

F. s. a. Uma colher, das de sopa, de doze a doze ou de seis a seis horas, ou repetidas vezes se for necessario.

da Ordem dos Farmacêuticos**Poção de brometo e chloral**

(DUJARDIN-BEAUMETZ)

Brometo de potassio.....	7	grammas
Agua distillada.....	60	»
Xarope de chloral.....	60	»

F. s. a. Uma colher, das de sopa, em uma chavena de leite contendo uma gema de ovo, na pneumonia com delirio.

Poção sedativa

(LUYS)

Brometo de potassio.....	4 grammas
Hydrato de chloral.....	2 »
Agua distillada.....	100 »
Xarope de morphina.....	30 »

F. s. a. Uma colher, das de café, de duas a duas horas, aos alienados agitados.

Xarope bechico

(DR. GALLOIS)

Xarope de balsamo de Tolú....	25 gram.
Xarope de sulfato de morphina..	25 »
Agua de loureiro-cerejeira	5 »

Misture. Administra-se em duas porções, durante a noite, afim de diminuir os quintos de tosse, promover o sono aos tuberculosos ou ás pessoas que soffrerem affecção aguda das vias respiratorias.

Xarope contra a tosse convulsa

(TORDEUS)

Brometo de potassio.....	10 grammas
Agua de loureiro-cerejeira	5 »
Xarope de ipecacuanha.....	125 »
Xarope de belladona.....	25 »
Xarope de ether.....	25 »

F. s. a. Para tomar uma colher, das de café, á noite. A's creanças de maior idade, duas, tres, quatro das ditas colheres durante o dia e a noite.

Xarope de quinina para creanças

(AUJÉ)

Sulfato de quinina.....	1 gramma
Agua de Rabel.....	q. b.

Dissolva e ajunte:

Xarope de acido tartarico..... 30 grammas

Xarope simples..... 40 »

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Parecer da Comissão de Guerra da Câmara dos senhores Deputados, ácerca do pharmaceutico mais antigo do exercito.

Senhores.—O projecto de lei n.º 175-C, do sr. deputado Cunha Bellem, attende principalmente a fazer elevar, na consideração do cargo exercido e nas remunerações justamente alcançadas, uma classe pequena e desprotegida porém de muita importancia no exercito, onde é o natural e indispensavel auxiliar da benemerita corporação medico-castrense.

O diminuto quadro de cinco pharmaceuticos, estatuido na carta de lei de 16 de abril de 1859, está claramente indicando que as condições de acesso e os demais beneficios concedidos aos outros quadros, são n'este quasi completamente desconhecidos. Por outro lado, as habilitações scientificas, impreterivelmente exigidas, a essencial aptidão do pharmaceutico, a responsabilidade do serviço que presta, estão impondo melhor retribuição e um justo incitamento, que tragam a esta classe quem n'ella seja verdadeiramente prestavel á medicina militar, nos multiplices e arriscadissimos lances em que esta ultima tem de ser um elemento essencial ás fôrças combatentes.

Havendo o governo propôsto recentemente na reorganisação do corpo de saude naval, que ao pharmaceutico naval mais antigo, chefe da respectiva classe, se dê a gradação de capitão tenente, ahi se encontra igualmente provado já quanto convém estatuir analogo direito ao chefe da mesma classe no exercito de terra. Demais, senhores, a concessão, além de estabelecer assim a entidade superior

de uma corporação, onde até agora a não havia, o que é regular, harmonico e militarmente vantajoso, sôb o ponto de vista da disciplina e do bom serviço, permite ainda uma melhoria de reforma a funcionarios, quasi sem futuro, que por largos annos se hão de constantemente entregar a mesteres mais abundantes de fadiga e responsabilidades, do que de lucros ou de glorias.

A vossa commissão é, portanto, de parecer que o projecto de lei n.º 173-C, do sr. deputado Cunha Bellem, merece ser attendido e convertido no seguinte:

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º No quadro dos pharmaceuticos militares pertence a graduação de major ao mais antigo dos pharmaceuticos.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.—*Caetano Pereira Sanches de Castro—José Frederico Pereira da Costa—Jeronymo Osorio de Castro Cabral e Albuquerque—Manuel Joaquim da Silva e Mata—Antonio José de Avila—Sebastião de Sousa Dantas Baracho—Cypriano Leite Pereira Jardim—A. M. da Cunha Bellem—Eugenio de Azevedo—J. C. Rodrigues da Costa, relator.*

Assumptos pharmaceuticos

da Ordem dos Pharmaceuticos

(Continuado de pag. 100)

A IMPORTANCIA DE UM RAMO DE SCIENCIAS MEDICAS

Vamos apresentar as proposições a que no artigo antecedente nos referimos, e que servem de base ao nosso artigo:

Pode um alumno de pharmacia, ser pharmaceutico e ter a comprehensão do que o seu titulo de habilitação representa?

Como ha de elle proceder á analyse chimica preparato-

ria dos productos que recebe em sua casa, se lhe faltam os principios mais elementares de chimica?

Como ha de elle cumprir as condições da sua profissão, e que são indispensaveis ao pharmaceutico?

Pôsto isto entremos no assumpto.

Sabem os leitores não só pelo que dissemos no outro artigo, mas tambem pelo que a experiencia e uma simples reflexão mostram claramente, que ao pharmaceutico está confiada uma missão tão importante como ao medico; porque se este receita, aquelle necessita estar sufficientemente habilitado, não só para bem saber preparar ou dirigir a preparação do producto que lhe pedem, mas tambem, para antes d'isso, proceder á analyse preparatoria dos productos que tem de empregar n'ella.

Comos vimos, não são só estes os serviços que a sociedade reclama do pharmaceutico, e que elle tem de satisfazer, com a seriedade e segurança que se espera do membro de uma corporação scientifica.

E é claro que, quem não tiver dilatados estudos, não está no caso de desempenhar os trabalhos a que acabamos de nos referir.

É um facto incontestavel, como dissemos no numero anterior, que os maiores luminares da chimica têm saído da classe pharmaceutica, e o partido que todas as sciencias tiram do grupo physico-chimico é tão valioso e conhecido dos individuos de mais ou menos instrucção, que julgamos desnecessario demorar-nos n'este ponto.

Estabelecidos estes principios, se mostrarmos que ha individuos que pertendem entrar para uma corporação scientifica, sem as habilitações que o seu curso exige, e que são letra de lei, e que estes individuos são alumnos de pharmacia, demonstradas ficam as nossas proposições.

Effectivamente o alumno de pharmacia que em vez de estudar as disciplinas que a lei exige, anda pedindo aos legisladores, não mais sciencia do que a lei pede actualmente, mas sim que lhe dispensem esta, porque não tem capacidade para a estudar, ou porque é indolente e incapaz

de se dedicar a um estudo serio, não está nos casos de ser pharmaceutico, porque não tem a comprehensão do que o seu titulo de habilitação representa.

Comprehenderiam n'isto os nossos legisladores?

Infelizmente não, como o provam factos positivos, e que nós mostram que não devemos descançar á sombra dos louros alcançados n'esta ou n'aquella batalha, nem desanimar, se o combate nos fôr desfavoravel. As camaras legislativas concederam, como é sabido, a André Gonçalves Pinto, a faculdade de fazer exame de pharmacia sem os competentes preparatorios.

A maior responsabilidade d'este infeliz caso, cabe, a nós só, ás commissões d'ultramar, porque fôram ellas que elaboraram os pareceres, quando a sua resposta devia ser — que não estavam habilitados para dar pareceres sôbre assumptos de instrucção e de saude publica, e que para estes trabalhos lá existem as respectivas commissões.

As commissões d'ultramar são de certo muito competentes para tratar de negocios que digam respeito ás nossas possessões, ou para qualquer reforma de marinha, porque têm no seu centro officiaes da armada, mas para questões de pharmacia são tão competentes, como nós somos para resolver as que lhes dizem respeito.

Mas se suas ex.^{as} estivessem doentes, não haviam de querer que aquelle, que julgaram nos casos de prescindir dos preparatorios para fazer exame de pharmacia, fôsse o preparador ou dirigisse a preparação dos medicamentos que tivessem de tomar.

É obvia a razão que temos para affirmar que suas ex.^{as} procederiam d'esta forma. Com effeito, pode-se duvidar que individuos illustrados, não saibam avaliar a importancia da missão elevada que o pharmaceutico desempenha na sociedade?

Devemos exitar em dizer que homens, que têm mais ou menos conhecimentos da importancia de um preparado medicinal, não saibam que o seu preparador deve ser bastante instruido, e que a falta de conhecimentos ha de ne-

cessariamente leval-o a praticar êrros graves, que implicam com a conservação da vida?

De certo que não, e suas ex.^{as} sabem perfeitamente que o pharmaceutico, sem as habilitações competentes, é um perigo para a humanidade, porque não está no caso de cumprir as condições que indicamos no outro artigo e que lhe são indispensaveis. Consta-nos que alguém disse, que não se devia exitar na approvação do projecto—que hoje é letra de lei, porque A. G. Pinto ia exercer a pharmacia para S. Thomé.

A isto responderemos com o que a faculdade de medicina disse em favor de uma só classe de pharmaceuticos, de que tambem somos defensores, e que se pôde aqui applicar.

«Parece-nos immoral o paralelo que se pretende estabelecer entre a ordem das populações e a categoria dos pharmaceuticos.

«A nação deve proteger por egual a saude dos povos nas populações ricas e nas pobres, nas cidades como nas aldeias. Um pharmaceutico precisa conhecer a sua arte da mesma maneira, quer exerça nas provincias quer exerça nas capitaes».

Felizmente este facto ficará isolado, porque a opinião autorizada dos lentes da escola medico-cirurgica e dos da faculdade de medicina condemnou este acontecimento, e isto junto aos protestos do Centro Pharmaceutico do Porto e da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, ha de imperar no animo dos legisladores, e não permitir que taes casos se repitam.

A *Medicina Contemporanea* escripta por professores da escola medico-cirurgica de Lisboa, disse:

«Que circumstancias concorrerão no agraciado, para que se faça esta gymnastica com as leis?

«O caminho continua excellente. Esperemos que em pouco os nossos independentes legisladores transformem n'um medico ou n'um padre, qualquer curandeiro ou sachristão que disponha d'alguns votos nas eleições.

«Não será porém melhor que se publiquem as tarifas?»

E a *Coimbra Medica*, de que é director o distincto professor da universidade, dr. Augusto Rocha, e de que são collaboradores varios professores da faculdade de medicina diz no n.º 2 de janeiro:

«Escandalo legislativo.—Foi approved na camara dos pares um projecto de lei dispensando André Gonçalves Pinto dos preparatorios exigidos pelo artigo 11.º da lei de 12 de agosto de 1854 para ser admittido ao axame de pharmacia, de que trata o artigo 136.º do decreto de 29 de dezembro de 1836.

«Não sabemos o que reteve os legisladores em consummar o escandalo. Sim! Porque, como se trata de dispensar exames, era mais simples dispensal-os todos e auctorisar o sujeito a usar do titulo e profissão de pharmaceutico sem mais formalidades.

«Era mais simples e egualmente engenhoso.»

Para reforçar mais a nossa causa, devemos tocar, ainda que de passagem, n'um documento importantissimo, saído de um laboratorio respeitavel.

Referimo-nos ao projecto de lei, que a faculdade de medicina apresentou ao governo, afim de se crear a faculdade de pharmacia.

Não podemos analysar agora este projecto, não só por já o termos feito no n.º 172 da *Gazeta dos Hospitaes Militares*, mas tambem porque teremos occasião de nos occupar d'elle, em alguma sessão da Sociedade Pharmaceutica.

Para concluir diremos que em vez dos nossos legisladores se entreterem com cousas identicas ás que apresentamos, bom será que tratem antes de reformar o ensino pharmaceutico, com que o paiz de certo lucrará mais.

F. DE CARVALHO.

A GEOLOGIA

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 74)

IX

A publicação *La Theorie de la Terre* por Hutton, em 1785, influiu muito na geologia, este auctor regeitou parte das hypotheses, que attribuiam á agua a origem de certas rochas; explicou, pela acção do fogo central, não só a formação de uma multidão de rochas e mineraes, mas também a de nossos continentes, que imagina terem sido levantados do fundo das aguas. As theorias de Hutton são muito racionaes, mas este geologo também, algumas vezes, se perde em conjecturas, que destroem a boa impressão de suas asserções plausiveis.

Elle é considerado o chefe da escola vulcanista.

De Saussure despendeu uma grande parte de sua fortuna, consagrando sua vida ao estudo da constituição physica dos Alpes. Acompanhado de guias e operarios, percorreu essas gigantescas montanhas a pé, de martello em punho, subindo as rochas as mais escarpadas até aos cumes os mais elevados, sem o aterrarem as neves ou os gélos eternos. Repousando de suas fadigas, consignava suas observações gradualmente, produzindo uma obra immortal; a primeira em que se encontram os factos geologicos, n'uma exposição elegante e com uma verdade até então desconhecida.

X

Ao mesmo tempo que De Saussure subia os Alpes, Werner, professor de mineralogia, na escola de minas de Freyberg, calculando a grande importancia que provinha á sciencia, pelo conhecimento das leis, que presidem á distribuição das especies mineraes no seio da terra; estudou

minuciosamente o paiz que habitava, e assim foi levado á descoberta de muitos factos novos. Elle descobriu nas rochas traços comprovativos de successivos depositos; estabelecendo relações intimas entre as massas mineraes e as circumstancias de seu jazigo e de sua estrutura; restringiu a geologia á observação dos factos e criou uma serie de doutrinas, constituindo uma sciencia a que chamou *Geognosia*. Em 1787 publicou sua theoria, que até 1796 se enriqueceu com grandes aperfeiçoamentos. Como Lehmann dividiu os terrenos em varias épocas; aos terrenos graniticos, chamou terrenos primitivos ou de filão; aos terrenos extractificados de origem mais recente, e apresentando restos organicos, chamou terrenos secundarios ou de camadas. Mais tarde denominou terrenos intermediarios ou de transição, aos depositos intercalados entre os terrenos primitivos e os terrenos secundarios, e apresentando certos caracteres particulares.

Como Lehmann commetteu o erro de acreditar que as montanhas do Herz constituíam o typo das montanhas da terra; produzindo o erro opposto a Hutton, attribuindo todas as formações ao fluido aquoso; conquistando assim para seus adeptos o nome de neptunistas. Werner conquistou seus creditos, pela forma decidida de seu systema, e sobretudo pelo talento com que ensinou a determinar a composição mineralogica das rochas; mas como todos os homens, concepções arrojadas, elle inspirou a seus discipulos, não só uma veneração independente, que deve caracterisar os verdadeiros sabios, mas tambem, uma admiração fanatica, conducente á crença até dos erros mais inverosimeis: este servilismo scientifico prejudicou muito os progressos da geologia. Seus numerosos adeptos se espalharam immediatamente pelo mundo e proclamaram que, as leis reconhecidas n'uma pequena parte da Allemanha, bem comprehendidas, podiam-se applicar a todos os sitios da terra.

Freisleben, Mohr, Raumer, Brocchi, D'Aubuisson, Charpentier, De Bernard, etc., exploraram as differentes partes da Europa. Humboldt percorreu o novo mundo e seus tra-

balhos, não só sobre as sciencias naturaes, mas ainda sobre quasi todos os conhecimentos humanos, causaram verdadeira admiração. De Ruch percorreu a Escandinavia, a Italia, as ilhas d'Africa etc., e D'Aubuisson poude justificadamente avançar a proposição, com referencia a Werner, como se dizia de Linneo: «os seus discipulos se espalharam por toda a terra e a natureza inteira foi interrogada em nome de um só homem.»

XI

Em todo o decurso do decimo oitavo seculo, a geologia se conserva ainda nas facha infantis; a theoria geogenica a domina, sem que a experiencia presida ao seu dominio. No entanto, no fim d'este periodo, as diversas formações começaram a ser melhor conhecidas, as descripções de geologia local substituiram os systemas.

Não se extinguiram no entanto os systemas, o que demonstra quanto a humanidade preza substituir a verdade pelos sonhos da sua phantasia, mas os systemas tomaram então um character mais positivo, procurando firmarem-se nos factos da experiencia. De Lametherie, considerando os factos adquiridos assaz sufficientes e provados, julgou poder fazer a historia das revoluções do globo e publicou uma theoria da terra (1791) que se assemelha ás do seu tempo. Dolomien (1750-1801), substituindo a Daubenton na cadeira de mineralogia do Museu de Paris, publicou algumas memorias sobre os vulcões e a *Voyage aux iles Lipari*, etc.

Particularmente elle tinha estudado as dunas e os depositos de lodo, com o fim de descobrir as edades geologicas. Admitte que todos os elementos constitutivos do nosso globo, dissolvidos n'um liquido qualquer, seguidamente crystallisaram confusamente em grandes agglomerações. As montanhas e os valles primitivos resultaram da elevação e da destruição parcial da casca terrestre, e valles secundarios se cavaram pelo impulso de immensas correntes. Não acreditava que o mar tivesse permanecido nos nossos

continentes, imaginando que os depositos de conchas marinhas, que n'elles se, notam, procediam das marés ascendendo a grande altura. Deluc (1770-1810) é o mais original; suppõe que, no seu principio, o globo se conservou n'um estado de congelação completa. Mais tarde o sol, tornando-se luminoso, fundia successivamente os gêlos, os quaes dissolveram as materias terrosas, que depois crystallisaram, formando os terrenos primitivos. Depois appareceram os seres organisados e os seus despojos se misturaram com os terrenos secundarios, que se depozeram no fundo das aguas. A continua fusão dos gêlos sôbre o globo, produziu immensas cavernas que, por successivas metamorphoses, fôram origem das montanhas e dos valles.

Deluc tornou-se no entanto muito celebre, pelas diligencias empregadas para conciliar o Genesis com as descobertas geologicas.

Fanjas de Saint-Fond foi o primeiro que enunciou a analogia manifesta entre os fosseis conchiliferos e as conchas marinhas. Spallanzani estudou os volcões e as lavas; Scipião Breislak, de Roma, publicou pela primeira vez, em 1811, o primeiro tratado regular de geologia sôb o titulo *Introduction á la geologia*; e mais tarde publicou ainda um outro trabalho muito notavel, sôbre a estrutura exterior do globo. Elle não se pronuncion abertamente pelas theorias da formação pelo fogo ou pela agua; mas primeiro a fluidez primitiva do globo, causa de sua forma espheroides, depois o concurso das aguas produzindo os phenomenos de que o globo foi theatro. Começa por desenvolver a serie de phenomenos resultantes da fluidez ignea; a formação das montanhas etc.; depois examina as que são devidas á acção da agua.

Este systema prevaleceu a todos os outros.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Agua albuminada

Prepara-se solvendo 400 grammas de albumina de ovos em 900 grammas de agua distillada, agitando fortemente

a albumina em pequena quantidade da agua, ajunte a restante; cõe.

Este preparado é muitas vezes empregado nos casos de envenenamento, pelo effeito neutralisante de grande numero de toxicos.

Maneira de afastar ou destruir as moscas e mosquitos

Para afastar estes insectos dos quartos, é sufficiente suspender, nos tectos dos mesmos quartos, um panno humedecido em acido phenico; e, para os destruir, pisar pequena porção de pimenta misturada com assucar, reduzir esta mistura a pó muito fino, ajuntar um pouco de leite e expôr este preparado em pratos.

Maneira de temperar o aço dos objectos delicados d'este metal, sem lhes alterar as formas.

Colloca-se a peça em brasa sôbre um pedaço de madeira de pinheiro e mergulha-se tudo na agua fria; tornando-se menos impetuosa a acção e o objecto conservar as suas formas.

Lacre para garrafas

Resina de pinheiro, 1 kilo; pez de Borgonha, $\frac{1}{2}$ kilo; cera amarella, 250 grammas; sebo de vacca, 90 grammas; almecega da India, 200 grammas; funda e cõe.

Maneira de bronzear os canos das espingardas

Mistura-se uma porção de chloreto de antimonio com sufficiente quantidade de azeite, até se formar uma especie de sabão, e applica-se, em um panno, uma camada a mais egual possivel no cano da espingarda; conserva-se n'este estado o cano por espaço de 24 horas, que se en-

contrará coberto de ferrugem e facilmente se lhe tira com panno humedecido em azeite. Repete-se esta operação até se conseguir a côr desejada. O sabão d'antimonio deve ser preparado no acto de se empregar.

Graxa liquida para calçado

Carvão animal em pó fino, 90 grammas; assucar, 60 grammas; acidos chlorohydrico e sulfurico, ãa 30 grammas; azeite, 15 grammas; vinagre, 1 litro.

Em um vaso apropriado deita-se o carvão e o assucar, ajunta-se-lhes, a pouco e pouco, o azeite agitando-se com espatula de madeira e depois, em pequenas porções, os acidos; terminada a reacção produzida pelos acidos e continuando-se a agitar a massa, addiciona-se-lhe o vinagre. Terminada esta operação, o producto será guardado em vasos ou botijas apropriadas, as quaes serão agitadas quando se usar da graxa.

Conservação do aroma do café

O café, quando torrado, perde grande parte do seu aroma quando tirado do torrador. Evita-se este inconveniente addicionando-lhe, n'aquelle acto, para cada 25 kilos de café empregado 750 grammas de melação, o qual esfria rapidamente o café, impede a dilatação e retém o seu aroma.

Maneira de distinguir o aço do ferro

Applica-se, a o objecto que se pretende examinar, uma vareta de vidro molhada em acido nitrico, passado pouco tempo lava-se a parte tocada com agua. Se o objecto for de aço, a nodoa fica negra e, se for de ferro, adquire a côr esbranquiçada.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 16 DE JANEIRO DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

O sr. *presidente* informou a assemblêa dos motivos para que tinha sido convocada a sessão. Que tendo sido resolvido, na ultima sessão, representar ao poder legislativo mostrando o inconveniente de se attender ao pedido feito pelo sr. João da Cunha e Oliveira, aspirante de pharmacia, entendia que a sociedade devia tomar conhecimento da representação, que ia ser lida pelo sr. 1.º secretario a quem a mesa delegou a elaboração de tão importante trabalho. Que na ultima sessão igualmente se decidira que se protestasse contra o facto da camara conceder a André Gonçalves Pinto igual dispensa, mas que era uma questão seria e grave que elle desejava novamente submeter á consideração da assemblêa.

O sr. 1.º *secretario* leu a representação, a qual está impressa na 5.ª pag. do jornal do presente mez.

O sr. *Coelho de Jesus* elogiou a representação mas que, na opinião d'elle orador, a sociedade devia protestar pela imprensa contra o facto já consummado da dispensa d'exames a André Pinto.

O sr. *Jara* censurou violentamente o procedimento do poder legislativo, que tão levemente tem andado em um assumpto de tanta importancia.

O sr. *Corréa* fez uma dissertação sôbre a origem da pharmacia em Portugal. Lastimou o procedimento do poder legislativo e declarou que approvava a representação por a julgar bem elaborada, muito digna e energica.

O sr. *Drack* declarou, em nome do sr. dr. Alves, que este

socio lhe pedira para participar á sociedade que, por motivo de gravissima doença d'uma pessoa de familia, não podia comparecer á sessão, mas que annua a qualquer deliberação que se tomasse. Que o mesmo cavalheiro, na sua qualidade de deputado, já tinha pedido para que o requerimento do sr. Oliveira fôsse a informar ás commissões de instrucção e saude publica.

O sr. *Corrêa* usou novamente da palavra para apresentar uma proposta, que foi considerada urgente.

O sr. *Silva Machado* propoz que a mesa fôsse encarregada de dar cumprimento á proposta do sr. Corrêa na parte que lhe fôsse possível.

Os srs. *Cunha*, *Coelho de Jesus* e *Jara* tornaram novamente a fallar a favor da sociedade, protestar pela imprensa contra o acto do poder legislativo.

O socio *Fragoso* propoz como questão previa, que em vista da maneira como os diferentes socios tinham fallado, pugnando em favor d'um protesto pela imprensa, desejava saber se a sociedade podia protestar contra os actos do poder legislativo.

O sr. *Coelho de Jesus*, em resposta disse que se podia protestar e que o mesmo já se tinha feito na questão Rangel de Quadros.

O socio *Fragoso* apresentou vario argumento contra esta opinião. Que ella não o podia fazer.

Que os pharmaceuticos, collectivamente, podiam fazel-o, mas em nome da sociedade não lhe era permittido. Citou um facto recente acontecido na sociedade de geographia, em que um socio propoz um voto de censura contra um membro do poder executivo, sendo então a imprensa d'opinião que o governo devia mandar fechar aquella casa. Comparou isto com o que a sociedade desejava, que, na opinião d'elle, ainda era mais grave por ser contra o poder legislativo, que é a quem cumpre fazer as leis. Que entendia que o facto não devia passar sem um solemne protesto na imprensa pharmaceutica, que era mais livre, e na imprensa diaria, mas nunca em nome da sociedade.

O sr. *Alegria* concordou com a opinião do socio *Fragoso* e fez varias considerações sôbre o estado da pharmacia.

Fallaram ainda os srs. *Mattos*, *Drack* em favor das opiniões do socio *Fragoso* e outros socios.

Em seguida resolveu-se que a representação fôsse publicada, que não se fizesse protesto e approvou-se a proposta do sr. *Corrêa*.

O sr. *Pires* mandou para a mesa uma proposta para socio honorario, assignada tambem pelo sr. *Emilio Estacio*.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas.—
O 2.º secretario, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 29 DE JANEIRO DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Às oito horas da noite abriu-se a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

O socio *Emilio Fragoso* apresentou, por parte d'uma commissão a que pertenciam os srs. *Cunha*, *Coelho de Jesus* e elle (orador) os seguintes quesitos:

1.º Sendo duas as interpretações dadas á quinta advertencia do actual regimento de preços dos medicamentos, qual é a preferivel?

2.º Sendo as manipulações pharmaceuticas a applicação dos conhecimentos scientificos e practicos, adquiridos pelo pharmaceutico, devem acabar as taxas impostas pelo Estado e pedir cada um o que julgar mais em harmonia com o trabalho que desempenhou, ou devem continuar a ser nos impostas?

3.º Os pharmaceuticos das provincias devem pedir mais a quinta parte sôbre o preço total fixado a uma receita, como prescreve o alvará de 3 de novembro de 1810, ou esta disposição está derogada?

Ficaram para ser discutidos na sessão seguinte:

Elegeu-se em seguida para 2.º vice-presidente o sr. *Manuel Vicente de Jesus*.

Foi tambem eleito, para vogal da commissão de historia natural, o sr. Coelho de Jesus, que pediu escusa apesar de ser vivamente instado para aceitar.

O sr. *Antonio Manuel Augusto Mendes* declarou estar administrando a pharmacia do sr. conselheiro Pedro Franco, em Belem, onde punha á disposiçãõ da sociedade os seus serviços.

O sr. *presidente* agradeceu.

Em seguida encerrõu-se a sessãõ. Eram dez horas.—O 2.º secretario, *Emilio Fragoso*.

SAUDE PUBLICA

Mistura alcoolica vendida com o nome de fino Champanhe

O sr. Lugon, tendo procedido á analyse d'este suppõsto liquido, encontrou pelo tornasol a reacçãõ fortemente acida, offerecendo-lhe qualidades de uma agua-ardente de superior graduacãõ; o extracto é em proporçãõ inteiramente anormal, apresentando o cheiro e sabor do sumo de ameixas; o liquido cupro-potassico foi reduzido pela ebullicãõ; os per-saes de ferro deram coloraçãõ verde-escura; finalmente, o chloreto de baryo deu precipitado abundante, insolovel nos acidos.

Estas reacções mostram que o liquido analysado é um alcool muito fraco, transformado em agua-ardente por meio da mistura que contêm cacãu, sumo de ameixas ou outra substancia rica em assucar e o acido sulfurico.

(*Bull. de la soc. de pharm. do Calvados.*)

Falsificaçãõ da pimenta pelo bagaço da azeitona

O sr. Roubardin, depois de haver observado, nõo microscopio, o bagaço, encontrou que a forma das cellulas é pedregosa, alongada e irregular. Este processo é baseado

sobre o principio de que o bagaço da azeitona contém muito mais lenhoso que a pimenta.

Pesa-se 1 gramma de pimenta, que se pretende ensaiar, e submete-se á ebullição continua, durante uma hora, em 100 grammas de agua distillada, acidulada por 1 gramma de acido sulfurico; deixa-se esfriar, recolhe-se o residuo sobre um filtro tarado, lava-se em agua distillada ebulliente, secca-se na estufa e pesa-se.

N'estas condições, a pimenta branca pura deu 0,175 de residuo lenhoso; as pimentas Tellichéry, Malabar, Saigon dão 0,300; a pimenta Alepy, 0,320; pelo contrario, os bagaços da azeitona dão residuo que se eleva a 0,745.

Deduz-se que a presença dos bagaços augmenta sensivelmente o peso do residuo lenhoso.

(Journ. de pharm. et de chimie.)

Pesquisa do acido borico no leite

PELO SR. MEISSEL

Para procurar o acido borico no leite, incinera-se 100^{cc} de leite tornado alcalino pela baryta; dissolve a cinza na menor quantidade possivel de acido chlorhydrico; evapore até secura; observe com a curcuma e ajunte uma ou duas gôtas de acido chlorhydrico. Pela evaporação, a banho de agua, e do mesmo modo 0,001 p. 100 de acido borico no leite, produz coloração vermelha.

(Journ. of the chem. society.)

Emprego do ether e do chloroformio na pesquisa do acido salicylico nos vinhos

PELO SR. MALENFANT

Em todos os processos que têm sido publicados, até ao presente, para a analyse qualitativa ou quantitativa do acido salicylico nos liquidos, é sempre o ether que vejo empregado pelos chimicos como solvente d'este acido.

É preferivel usar-se do chloroformio, por varias razões:

a primeira, porque solve perfeitamente bem o acido salicylico e de modo muito facil; as outras serão abaixo expostas.

Primeiramente indicarei a marcha que segui na analyse qualitativa do acido salicylico; tomando por exemplo as occorrencias que se apresentam, muitas vezes ao pharmaceutico, na analyse dos vinhos.

Meço para um frasco de vidro 50^{cc} de vinho que se pretende analysar e 20^{cc} de chloroformio puro; agito moderadamente a mistura, de forma que não emulsione completamente; depois deito este liquido n'um funil com torneira e deixo repousar; passados alguns minutos separo as duas camadas que se formaram e o chloroformio occupa o fundo do funil; separo 10^{cc} para um tubo d'ensaio, ajunto uma gôta de perchloreto de ferro officinal, alguns centimetros cubicos de agua distillada e agito. Se o liquido, submettido á analyse, contém acido salicylico, obtem-se da agua, que sôbrenada o chloroformio, a coloração violeta, caracteristica dos solutos aquosos d'este acido. Como deixo expôsto, este processo é de facil execução, muito simples e muito rapido; torna desnecessaria a evaporação do chloroformio para se obter a coloração violeta: é sufficiente um quarto de hora para fazer esta analyse.

D'este modo tenho conseguido caracterisar evidentemente o acido salicylico, no vinho que contém sómente dois centigrammas por litro; e com um centigramma, do mesmo acido, por litro não tenho obtido coloração alguma.

Nos diversos ensaios que tenho experimentado, para determinar o limite de sensibilidade do chloroformio e do perchloreto de ferro, empregados concorrentemente, tanto nos solutos recentes, mas nos de um mez ou mais, de acido salicylico, obtive sempre os mesmos resultados.

Considero esta sensibilidade como sufficiente para as carencias da pratica, porque a quantidade de acido salicylico que se ajunta nos vinhos, para evitar a fermentação, é ordinariamente dez ou quinze vezes mais consideravel, sem que a fermentação continue.

Todavia, tenho empregado o ether como vehiculo extractor, em lugar do chloroformio, e posposto o limite d'esta sensibilidade.

Os inconvenientes que tenho achado com o emprêgo do ether (fallo do ether a 63°), são os seguintes:

1.º Com relação á sensibilidade, não offerece vantagem alguma sobre o chloroformio; ainda que, com um centigramma de acido salicylico por litro, não obtive coloração apreciavel em substituir o ether ao chloroformio;

2.º Empregando-se o ether é impossivel operar com o funil com torneira; o ether, pela sua leveza, occupa a parte superior do funil; como é muito volatil, evapora-se rapidamente e pode concorrer para que seja abandonada, sobre a superficie interna do funil, certa proporção de acido salicylico, obrigando d'este modo ás lavagens, nocivas á rapidez da analyse e bem assim á exactidão da analyse quantitativa;

3.º Não se usando do funil com torneira, é necessario servir-se de um frasco com bôcca larga ou separar então o ether por meio da pipetta; sendo então, n'este caso, muito difficil separar a totalidade do ether sem arrastar algum vinho, quando reste diminuta camada d'ether na sua superficie;

4.º O ether tem o inconveniente de se emulsionar muito mais facilmente que o chloroformio; de que resulta que a separação das duas camadas é muito mais demorada;

5.º O mesmo ether produz espuma muito abundante em certos vinhos; esta espuma, persistindo por muito tempo, é um obstaculo.

Do que fica exposto, o ether é inferior ao chloroformio; e as vantagens d'este são:

1.º O chloroformio, em razão da sua muita densidade e da difficuldade que apresenta de se misturar com um liquido aquoso ou ligeiramente alcoolico como o vinho, separa-se muito mais facil e promptamente que o ether. Pode-se, finalmente, acelerar esta separação apertando na mão (estando esta quente) a parte do funil junto á torneira, ou

separando ligeiramente esta parte com o dedo, de maneira que os globulos de chloroformio emulsionados se congreguem mais rapidamente;

2.º O chloroformio, sendo sôbrenadado por uma camada de vinho, não ha a receiar a evaporação e pode esperar todo o tempo necessario para a separação completa dos dois liquidos;

3.º Segundo o processo acima indicado, colhe-se o chloroformio mais facilmente que o ether; por que é mais denso que o vinho e separa-se d'este sem a necessidade de lavagens;

4.º Agitado com o vinho não lhe produz tanta espuma nem se emulsiona como o ether;

5.º Nas diferentes experiencias por mim feitas, sôbre este assumpto, tenho sempre operado directamente, sem evaporação preliminar do liquido submettido á analyse; não tenho encontrado o acido salicylico no vinho que houvesse reduzido a metade; antes tenho obtido, n'este ultimo caso, abundante espuma, impossivel de decantar completamente do chloroformio.

Sou pois de parecer que, em geral, é preferivel proceder-se sôbre o vinho sem o fazer evaporar.

Em quanto á analyse quantitativa do acido salicylico, só tenho a dizer que os processos colorimetricos, actualmente seguidos, parecem-me os mais simples.

Termino fazendo observar que, dosando-se no vinho o acido salicylico, pela pesagem, depois da evaporação do ether ou do chloroformio, expõe-se a erros; por que o ether solve com facilidade o acido tartarico e o chloroformio apodera-se igualmente de diminutas quantidades d'este mesmo acido, tornando-se fallivel a mencionada pesagem.

(*Journ. de pharm. et de chimie.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Soluto officinal de ergotino

O emprego do ergotino, assim como o de varios alcaloides pelo methodo hypodermico, tem-se generalisado muito para os casos em que os clinicos desejam obter acção therapeuticamente rapida e energica. D'ahi a conveniencia de haver, nas pharmacias, um soluto officinal de ergotino para as injeccões hypodermicas; mas as formulas que tēem sido indicadas, incluindo a da pharmacopèa portugueza, offercem o inconveniente de dar um producto que se conserva mal, creando micodermas, pouco tempo depois de preparado, além de que, parece averiguado que a glycerina, que entra n'essas formulas em elevada quantidade, torna dolorosa a injeccão.

Os inconvenientes que ficam apontados são porém removidos na formula seguinte, devida a Bonjean:

Ergotino de Bonjean	4
Agua de loureiro-cerejeira	7

Dissolve-se o ergotino na agua, aquecendo brandamente em banho de agua; deixa-se em repouso durante 5 dias, filtra-se com cuidado para não levantar o sedimento formado no fundo do vaso, sedimento devido ao emprego da agua de loureiro-cerejeira. Trata-se pelo carvão animal lavado, em peso igual ao do ergotino dissolvido; deixa-se em contacto por espaço de 24 horas, agitando de vez em quando, e filtra-se.

Esta formula dá um soluto de côr alambreada que, conservado em frasco de rôlha de vidro, fica permanentemente limpido, e do qual 4 grammas corresponde approximadamente a igual peso de cravagem de centeio de bôa qualidade.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 95.)

RHOEADES

Papaveraceae. Juss.

Chelidonium majus. L.

Celidonia maior, Herva andorinha legitima.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Bragança, Monchique, em diferentes pontos da Beira, Douro e Tras-os-Montes

Flor. de fevereiro a junho.

P. u. a planta florida e a raiz.

Emp. como emetica, drastica, diuretica e espectorante. Constitue a base do *decoctum ad ictericos* da Pharmacopêa de Edimburgo. O seu succo de cor amarella, que é acre e mesmo caustico, usa-se para a destruição das impigens, verrugas e callos dos pés. As fricções com a planta verde fóram aconselhadas contra as molestias de pelle; tambem se pôde usar do succo misturado com glicerina. A infusão da raiz d'esta planta em vinagre quente dizem ser um bom remedio para acalmar as dores de dentes.

Papaver rhoeas. L.¹

Papoila ordinaria ou Papoila vermelha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto, Braga, Bragança e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera e principio do verão.

P. u. as petalas.

¹ Variedades: β. setigerum. Boenn.; γ. vestitum. Gr. et Godr.; δ. subintegrum.

Emp. como peitoral, sudorifica e narcotica ⁴.

Papaver somniferum. L. ²

Dormideira.

Planta originaria do Oriente, muito cultivada no nosso paiz e ás vezes encontrando-se quasi espontanea ³.

Flor. na primavera.

P. u. as capsulas e folhas ⁴.

Emp. como narcotico e calmante. O opio extrahe-se do succo concreto obtido, por incisões, das capsulas quasi maduras d'esta planta ⁵.

Fumaria officinalis. L. ⁶

Herva molarinha das boticas.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, nas proximidades da estação do caminho de ferro e no Choupal, Faro e outros pontos do paiz. Esta planta não é muito vulgar.

Flor. na primavera e no principio do estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como depurativa nas affecções cutaneas, escorbúticas e escrophulosas.

Fumaria capreolata. L. ⁷

¹ É necessario muito cuidado em distinguir esta especie do *P. dubium*. L. Papoila comprida e do *P. hybridum*. L. Papoila peluda, o que se consegue attendendo a que as capsulas da primeira são oblongas e as da segunda muito hirsutas, enquanto que as capsulas do *P. rhoeas*. L. são ovadas quasi globosas e glabras.

² Variedade β . hortense (P. hortense Hues.)

³ O dr. Brotero na sua *Flora lusit.* acerca d'esta planta diz o seguinte: «Habita quasi espontanea nos montes visinhos do grande aqueducto das Aguas livres de Lisboa, nos sitios arenosos, nos arredores de Setubal e n'outras partes junto das povoações.»

⁴ As capsulas devem ser colhidas em plena maturação e antes de commencarem a amarellecer; a colheita das folhas deverá ser feita no começo da floração.

⁵ As sementes não gosam das propriedades narcoticas das capsulas, pelo que são despresadas nas preparações pharmaceuticas; mas dão pela expressão um oleo graxo que dizem ser comestivel.

⁶ Variedades: β . scandens. Hamm.; γ . minor. Hamm.; δ . floribundo. Hamm.

⁷ Variedades: β albiflora. Hamm. (F. Pallidiflora. Jord.); γ . speciosa. (Jord.) Hamm.

A *Fumaria officinalis* que Brotero indica na *Flor. lusit.* é segundo a opi-

Herva molarinha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto, Bragança e em quasi todo o paiz.

Flor. de janeiro a junho.

P. u. a planta florida.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Fumaria agraria. Lag.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Faro e em outros pontos do paiz.

Flor. no inverno e primavera.

Tudo o que diz respeito às especies antecedentes.

Cruciferae. Adanson

Cheirantus cheiri. L.

Goivo amarello.

Planta originaria da Europa austral, occidental e meridional. Entre nós cultiva-se muito nos quintaes e jardins, e nas provincias do sul encontra-se em alguns sitios quasi espontanea junto das povoações.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as flores.

Emp. como expectorantes, antispasmodicas e emmenogogas. O succo das summidades dizem ser um bom diuretico.

*Nasturtium officinale*¹. R. Br.

(*Sisymbrium Nasturtium*. L.; *Cardamine fontana*. Lam.)

Agrião.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Bragança e em quasi todo o paiz.

Flor. em abril e maio.

não do sr. Carlos Machado a *Fumaria Bastardí*. Bor. (*F. media*. Loïf. α Gussonei. Hamm.; *F. Gussonei*. Boiss.) e não a especie linneana. Esta planta é muito vulgar em alguns pontos do paiz, por exemplo: na serra de Monsanto, e pôde substituir as especies que acima mencionamos, assim como a *F. spicata*. L. (*Platycapnos spicatus*. Bernh.) e a *F. pariflora*. Lamk. que habitam nas proximidades de Lisboa.

¹ Variedades: α . genuinum. Gr, et Godr.; β . suffolium. Steud.

P. u. a planta recente.

Emp. como estimulante. O uso da salada de agriões é aconselhado nas affecções scorbuticas, e molestias de pelle; o xarope nas affecções pulmonares.

Barbarea vulgaris. R. Br.

(*Erysimum Barbarea*. L.; *Sisymbrium Barbarea*. Crtz.)

Herva de Santa Barbara.

Hab. nos arrabaldes de Coimbra junto ás margens do Mondego, Bussaco, Ourentã, Obidos e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta recente.

Emp. como antiscorbutica. Pouco usada.

Cardamine pratensis. L.

Cardamina dos prados.

Hab. nos campos do Mondego proximo a Pereira, nas serras da Louzã e da Estrella, visinhanças do Porto, Cintra e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Douro.

Flor. em maio e junho.

P. u. as flores e folhas recentes.

Emp. as flores como estimulantes, diaphoreticas e anti-spasmodicas; as folhas como antiscorbuticas. Pouco usada.

Lobularia maritima. Desv. ¹

(*Clypeola maritima*. L.; *Alyssum maritimum*. Lam.)

Masturço maritimo.

Hab. na costa de Caparica, Serra do Monsanto, Cacilhas, Porto e em muitos outros pontos do nosso litoral.

Flor. durante quasi todo o anno.

P. u. as summidades floridas.

Emp. na Catalunha usa-se muito para combater a blennorrhagia. Pouco usado.

Cochlearia glastifolia. L.

Hab. nas margens do Douro proximo do Porto quasi espontanea (Brot.).

Flor. no estio.

¹ Variedade β . densiflora. Lge.

P. u. a planta recente.

Emp. excitante, estomachica e antiscorbutica ¹. Pouco usada.

Cochlearia armoracia. L.
(*Roripa rusticana*. Gr. et Godr.

Rábão rustico.

Planta originaria da Europa e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz recente ².

Emp. como estimulante e antiscorbutica ³.

Cakile maritima. Scop.

(*Bunias Cakile*. L.; *Cakile Serapionis*. Lob.)

Rábão marítimo.

Hab. em quasi toda a nossa costa. É muito abundante nas proximidades da Figueira da Foz, Buarcos, entre a Foz do Douro e Leça, Esposende, Algès, Praia das Maçãs, Faro e Villa Real de Santo Antonio.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e raiz recente.

Emp. o mesmo que o da especie anterior e segundo Lermery é tambem diuretica e litonprítica. Pouco usado.

Sisymbrium officinale. Scop.

(*Erysimum officinale*. L.)

¹ A *Cochlearia* que mais se emprega em pharmacia é a *C. officinalis*. L. Ha duas variedades d'esta planta, a saber: α . *maritima*. Gr. et Godr.; β . *Pyrenaica* Gr. et Godr. (C. *Pyrenaica*. D. C.; *C. officinalis*. Lap. non L.) a primeira habita a região maritima e a segunda as montanhas da Europa.

Não nos consta que habite no nosso paiz. A *C. Danica*. L. que se encontra em Lavadores, Boa Nova e Castello do Queijo nas proximidades do Porto e o *Jonopsidium acaule*. Rehbch. (C. *Olisiponensis*. Brot.) que habita na Serra do Monsanto, proximo a Lisboa podem substituir a *C. officinalis*. L., porém as suas propriedades pharmaceuticas são menos activas. Ambas florescem no inverno.

² Em Portugal alguns pharmaceuticos empregam as folhas em logar da raiz, que é a unica parte d'esta planta que se deve empregar.

³ No norte da Europa, por exemplo em Allemanha, a raiz do Rábão rustico serve de condimento á carne e peixe cosido. A raiz é raspada e misturada com mostarda e vinagre.

Rinchão, Erysimo das boticas.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Lisboa, Monchique e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como bechico e antiscorbutico.

Sisymbrium sophia. L.

Sophia ou Herva dos Cirurgiões.

Hab. junto do Douro, principalmente perto da Barca d'Alva, Bragança e em outros pontos de Trás-os-Montes.

Flor. em maio e junho.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas e applicadas debaixo da fórma de cataplasma para combater as ulceras atonicas; as sementes como vermifugas e litonptricas. Pouco usada.

Alliaria officinalis. Andrz.

(*Erysimum Alliaria*. L.; *Hesperis Alliaria*. Lam.; *Sisymbrium Alliaria*. Scop.)

Herva Alheira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, proximo da Conraria, e em muitos pontos da Beira e Douro.

Flor. no estio.

P. u. a planta recente.

Emp. como diuretica, espectorante estimulante e antiscorbutica. Cazin, Ray e outros, têm recommendado muito o succo d'esta planta para lavar as ulceras gangrenosas. Pouco usada.

Capsella bursa-pastoris. Much.¹

(*Thlaspi Bursa-pastoris*. L.)

Bolsa de pastor.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto, Bragança e em quasi todo o paiz.

Flor. de março a setembro.

P. u. toda a planta.

Emp. como levemente adstringente.

¹ Variedade. β . microcarpa. Lose.

Lepidium sativum. L.

Mastruço ordinario.

Hab. nas visinhanças de Bragança.

Flor. no estio.

P. u. as folhas recentes.

Emp. como antiscorbutica e diuretica. Tambem se tem usado como depurativa e resolativa.

Lepidium latifolium. L.

Hervá pimenteira maior. Herva serra.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Braga, Beja, Caparica, Silves, Villa Nova de Portimão e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como antiscorbuticas e diureticas.

Brassica nigra. Koch.

(*Sinapis nigra.* L.)

Mostarda negra.

Planta muito cultivada no paiz e encontrando-se ás vezes espontanea.

P. u. as folhas recentes e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas e as sementes como estimulantes, revulsivas e rubefacientes.

Sinapis alba. L.

Mostarda branca.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em diferentes pontos da Beira e Douro.

Flor. em maio e junho.

P. u. as sementes.

Emp. como estomachicas, estimulantes. Em dôse superior a 4 grammas podem obrar como laxantes ¹.

¹ As folhas da *Senebiera Coronopus*. Poir (*Cochlearia Coronopus* L.; *Coronopus*. Ruelli Gärtn.; *C. vulgaris* Desf.), *Brassica oleracea*. L., Couve e suas variedades, *Brassica Napus*. L., Nabo, *Raphanus sativus*. L., Rabão, *Raphanus Raphanistrum*. L. (*Raphanistrum segetum*. Rehb.), Saramago podem empregar-se como antiscorbuticas. Segundo Linneo as sementes do Saramago são tão venenosas que, achando-se ás vezes misturadas no trigo, têm occasionado na Sue-

Resedaceae. D. C.*Reseda odorata*. L.

Minonete ou Minoneta.

Planta de patria desconhecida e muito cultivada nos jardins. Em Lisboa encontra-se ás vezes quasi espontanea nos muros ou proximo a elles.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. como antispasmodica e sudorifica. Pouco usada.

Reseda luteola. L. ¹

(Luteola tinctoria. Wbb. et Berth.)

Lirio dos tintureiros.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Gerez, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a planta florida.

Emp. como diaphoretica e febrifuga. Constitue a base do remedio de Darbon contra a tenia. Pouco usado.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

VARIEDADES**Acido borico contra o suor dos pés**

Os pés, depois de lavados, untam-se com a pomada seguinte:

Acido borico em pó fino..... 6,0 grammas

Vaselina..... 30,0 »

F. s. a.

cia verdadeiras epidemias. A raiz do Nabo obra como peitoral e espectorante, e, empregada debaixo da forma de cataplasma, como resolutiva: a do Rábão como rubefaciente.

¹ Variedade β . Gussonei J. Müll. (R. Gussonei. Bss; R. crispata. Ten., R. Lusitanica. Pourr.; R. Luteola var. crispata. Bourg.)

Analyse de um sal de conserva para o leite, manteiga, carne, etc.

(H. FRESENIUS)

Sulfato de cal.....	0,76	grammas
Chloreto de sodio.....	0,79	»
Azotato de potassa.....	1,10	»
Borato de soda.....	12,53	»
Acido borico.....	48,96	»
Agua.....	35,86	»
	<hr/>	
	100,00	

(As combinações são calculadas no estado anhydro.)

Emprego therapeutico do acido borico

(ROSENTHAL)

O auctor recommenda o emprego do acido borico no estado de soluto em 5 partes de glicerina, preparado a quente, que se conserva indefinidamente, sem alteração e sem formação de vegetações microscopicas; tem sido applicado sôb esta forma e produzido os melhores resultados na cystita chronica.

Emprego therapeutico de hippurato de soda

(P. BOA)

O hippurato de soda tem a propriedade de decompôr o acido urico, segundo as observações de Carrod; é administrado sôb a forma de pô ou de soluto.

1.º Hippurato de soda.....	5,15	grammas
Carbonato de lithina.....	1,55	»
Glicerina.....	15,00	»
Agua de canella.....	240,00	»

F. s. a. Toma-se a oitava parte d'este soluto em uma vez (2 colheres das de sopa).

2.º Hippurato de soda	7,50	grammas
Citrato de potassa	14,50	»
Xarope simples	24,00	»
Agua d'hortelã pimenta.....	180,00	»

F. s. a. Para tomar ás colheres das de sopa.

Emprego therapeutico do nitrito de amylo

(ROSENTHAL)

O nitrito de amylo pode ser empregado, como antiseptico, contra a decomposição da urina e como base de um soluto a utilizar em lavagens das affecções da bexiga.

Emprego therapeutico do peptonato de ferro

(ROSENTHAL)

O auctor emprega este producto em injeções subcutaneas, na proporção de 1 para 10 de agua distillada.

Envenenamento pela cafeina

(ARCHIV DER PHARMACIE)

Um drachma de cafeina, depois de ingerida, apresentou no espaço de 15 minutos os phenomenos seguintes: sensação de adustão epigastrica, delirio, vomitos e diarrhêa com dôres no baixo ventre, intelligencia clara, 120 pulsações, collapseo.

A administração de carvão animal, de nitrito de amylo e do ether fizeram terminar os vomitos; deu-se em seguida a nitroglycerina, na dôse de 0,025 grammas, conjunctamente com a dedaleira. Passadas nove horas terminou o collapseo, restabelecendo-se completamente o paciente depois de tres dias.

Uso do tabaco de fumo

O parlamento americano votou uma lei, prohibindo a ven-

da de tabaco aos jovens que não tenham dezeseis annos de idade.

Nos considerandos da lei, diz-se estar provado que o tabaco perturba profundamente as funcções do estomago, sobre tudo tratando-se de adultos ainda mal constituidos; que augmenta a acção do coração e causa palpitações; que determina perturbações gastricas; que irrita as fossas nasas e a garganta, pelo effeito do fumo; que occasiona a asthma e predisõe para as bronchitas e pneumonias; que faz perder o appetite; desperta o vicio da embriaguez e origina grande numero de doenças de olhos.

Lacre fino

Terebinthina de Veneza, 100 gram.; gomma laca, 250 gram.; colophonia, 500 gram.; vermelhão, 125 gram.; alcool a 80°, 60 gram.

Graxa solida para calçado

Carvão animal em pó fino e melação, aã 360 gram.; sulfato ferroso pulverisado e azeite, aã 60 gram.; galha em pó, 8 gram.; vinagre, 950 gram.; acidos chlorhydrico e sulfurico, aã 120 gram. Mistura-se, com espatula de madeira, o carvão com o sulfato e a galha e, quando esta mistura esteja completa, adiciona-se-lhe em pequenas porções o melação, o azeite e metade do vinagre; continua-se a agitar e tambem, em pequenas parcelas, ajunta-se-lhe os acidos e o vinagre; agitando ainda por algum tempo.

Colla forte

E' o soluto de silicato de potassa, que se applica a frio para collar a madeira, pedra, marmore, estatuas, vasos de louça, porcellana, vidro, papel, estôfos, pannos, etc.; sendo sufficiente passar, nas superficies, um pincel molhado n'este soluto e ligar bem os objectos.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Consulta da sociedade, de 25 de julho de 1884, sobre o Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na pharmacopéa portugueza, elaborado pelo socio honorario o sr. Alfredo da Silva Machado.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, tendo deliberado dar o seu parecer e juizo ácerca do valor scientifico e utilidade profissional de um livro, que escreveu sobre chimica pharmaceutica, o seu consocio e membro honorario, o sr. Alfredo da Silva Machado, encarregou este assumpto a uma commissão especial, a qual, depois de haver cumprido o mandato, apresentou o seu parecer, que, examinado e discutido em sessão de 9 de julho do corrente anno de 1884, foi pela mesma sociedade approved, tomando-o como seu, e que é o seguinte:

SENHORES:—A commissão que vós nomeastes para emitir o seu parecer sobre o livro de chimica pharmaceutica, escripto pelo nosso consocio o sr. Alfredo da Silva Machado, e por elle intitulado com toda a propriedade *Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na pharmacopéa portugueza*, vem hoje satisfazer o seu encargo.

A commissão, tendo lido attentamente o dito Elucidario, é de opinião que elle satisfaz cabalmente o fim que o seu auctor se propoz. O sr. Silva Machado não só explica, com muita clareza e a sufficiente minuciosidade, as reacções summariamente indicadas na pharmacopéa official, mas tambem n'alguns casos aponta outras que concorrem para mais facilmente se reconhecer a natureza das impurezas das substancias que se examinam, quando estas se acham adulteradas. Ao fazer a enumeração das substancias que costumam inquinar as drogas, diz-nos quaes são as provenientes do processo de preparação, e aquellas que por dólo lhes são ajuntadas; o que tudo muito interessa ao pharmaceutico ter sempre de memoria. E recorda em notas muitos factos e reacções interessantes e de immediata applicação

na pratica. Assim com relação ao sulfato de quinina, por exemplo, depois de explicar as reacções aconselhadas pela pharmacopêa para reconhecer a pureza d'este sal, acrescenta o processo de deshydratação na estufa a 100°, para avaliar a perda da humidade. Cita não só o processo recommendado por Baudrimont para determinar a quantidade de cinchonidina, quando ella existe no estado de sulfato misturada ao sulfato de quinina, mas tambem o processo de Kerner e os seus defeitos, as experiencias de Byasson para reconhecer no sulfato suspeito 3 a 4 0/0 de sulfato de cinchonina, 4 a 5 0/0 de quinidina, e 5 a 6 0/0 de sulfato de cinchonidina. Finalmente refere-se ao ensaio optico, e cita os trabalhos de Arthur Petit, pelos quaes este observador determina com exactidão a pureza do sal em questão em vista do seu poder rotatorio.

Por tanto a vossa commissão é de parecer que o livro do nosso consocio, o sr. Alfredo da Silva Machado, é um manual de incontestavel valor e utilidade para todos, e principalmente para os menos versados nos trabalhos de laboratorio, so quaes encontrarão condensada no *Elucidario* a explicação de muitos phenomenos e a enumeração de muitas reacções, para obter cujos conhecimentos por outra fórma lhes seria necessario compulsar muitos livros. Pelo que a commissão julga o auctor digno dos encomios d'esta sociedade.

Lisboa e sala da commissão, em 7 de julho de 1884.—

Dr. Joaquim José Alves.—*Manuel Vicente de Jesus Abrantes.*—*José Ribeiro Guimarães Drack*, relator.

Em certeza do que mandámos passar a presente consulta, que vae assignada pela mesa, e timbrada com o emblema de que usamos.

Dada em Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 25 de julho de 1884.—O 1.º Vice-presidente, *José Ribeiro Guimarães Drack.*—O 1.º Vice-secretario, *Joaquim Simões Serra.*—O 2.º Secretario, *Emilio Fragoso.*

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

RESUMO DO BALANÇO GERAL DA RECEITA E DESPEZA
DO ANNO ECONOMICO DE 1883 A 1884

Receita		INSCRIPÇÕES	METAL
Saldo em cofre em 1 de julho de 1883.	9:000\$000		44\$765
Quotas dos socios	-5-		48\$800
Diplomas de 14 socios novos	-5-		16\$800
Juros de inscrições	-5-		270\$000
Analyses toxicologicas feitas no labora- torio chimico	-5-		156\$000
Assignaturas do jornal	-5-		10\$320
	9:000\$000		982\$685
Despeza		INSCRIPÇÕES	METAL
Impressão do jornal	-5-		120\$525
Analyses toxicologicas	-5-		117\$000
Compra de livros para a bibliotheca e assignaturas de jornaes estrangeiros	-5-		7\$800
Encadernações de livros para a biblio- theca	-5-		3\$300
Renda da casa	-5-		200\$000
Iluminação	-5-		28\$325
Contribuição da renda da casa	-5-		21\$630
Seguro de mobilia e utensilios	-5-		6\$000
Ordenado do continuo	-5-		180\$000
Gratificação do escripturario	-5-		86\$400
Portes de jornaes e correspondencias	-5-		18\$875
Compra de livros e impressos e outras despezas de expediente	-5-		32\$855
Compra de moveis e utensilios e concer- tos	-5-		9\$800
Despezas extraordinarias	-5-		71\$200
Ditas mudadas	-5-		14\$940
	-5-		918\$650
Saldo para o anno economico seguinte.	9:000\$000		64\$035
	9:000\$000		982\$685

Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 30 de junho de 1884.—O 2.º Secretario, *Emilio Fragoso*.—O Thesoureiro, *José Ferreira Rodrigues*.

SOCIETY OF CHEMISTS
ANALYSE DE UM LEITE CONDENSADO

ANALYSE DE UM LEITE CONDENSADO

Os leites condensados são simplesmente os coagulados pela evaporação, aos quaes se junta certa quantidade de assucar de canna para sua conservação.

O leite, de que damos a analyse, pode ser considerado como typo d'estas especies de preparação.

Eis aqui os algarismos com relação a 100 partes do producto:

Manteiga	8,68
Assucar de leite	12,45
Assucar de canna	32,27
Caseina	16,37
Saes.	1,58
Agua	28,36
	99,71

Doseamento do amido na cevada

Os srs. Bungener e Fries verificaram que este amido dissolve-se facilmente no soluto de acido salicylico ao centesimo; o sr. Schwarz dá por certo este facto e bem assim mais outro, em que o acido salicylico dissolvente exerce acção sobre o oxydulo de cobre.

Pesquisa do acido tartarico no acido citrico

O sr. Pusch recommenda collocar-se uma grammma de acido citrico em pó com dez grammas de acido sulfurico concentrado, puro e incolor, n'um tubo d'ensaio; manter-se este ultimo, por meio de uma pinça no copo de vidro de Bohemia cheio de agua, aquecida á temperatura de ebulição durante uma hora; o acido citrico dissolve-se com desinvolvimento gazoso e formação de espuma, produzindo

um liquido de coloração amarella, conservando-a durante uma hora quando o acido citrico é puro; e, quando contém sómente meio por cento de acido tartarico, a coloração amarella passa para atrigueirada e depois para vermelha-escura, depois de uma hora de tratamento.

É evidente que, para este ensaio, deve-se evitar as causas de erros devidos á presença de corpos estranhos. Pusch tem feito repetidas analyses comparativas e confirma que, por este processo, pode-se conseguir menos de meio por cento de acido tartarico no acido citrico.

Reacção alcalina do vidro, causando erros nas analyses

Os srs. Kreussler e Henrold annunciam que os instrumentos de vidro ordinario, empregados no laboratorio e sôb a acção da agua ebulliente, causam erros na apreciação das reacções chímicas.

Se, por exemplo, submittendo-se a acção d'uma corrente de vapôr, no interior de tubos de ensaio, matrazes, balões, etc., se recolher a agua de condensação, observa-se que esta apresenta reacção fortemente alcalina nos papeis de tornasol e de curcuma, aquecendo-se no tubo de ensaio, a branda ebullição: a tinctura de tornasol vermelha passa a azul-carregada depois de alguns minutos. O vidro de Bohemia resiste a esta influencia da agua feryente.

Riqueza dos pães de gluten em amido

O sr. Mallat observou que os pães de gluten, recommendados aos diabeticos, contêm maior porção de amido do que se julga geralmente.

O processo, de que este auctor tem empregado no do-seamento, é o seguinte:

Cinco grammas de pão, reduzido a pó, é submittido á ebullição prolongada na agua acidulada com 3 por 100 de acido chlorhydrico; verificando-se que a saccharificação está

completa pela ausencia de toda a coloração com iodo a frio; 500^{cc} de liquido é dosada a glucosa pelo soluto cupro-sodico graduado; a cifra encontrada multiplica-se, em relação de $\frac{162}{180}$ dos equivalentes da substancia da materia amylicea e da glucosa, e tem-se obtido, em diversas amostras examinadas, as cifras seguintes, representando a riqueza por cento de amido: 12,80—13,20—15,10—15,93—19,65—27,15—28,60—30,10—34,10.

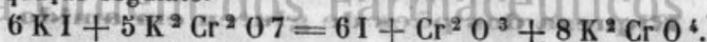
Fica entendido que o termo amido designa não sómente o amido real, mas os productos de transformação egualmente saccharificos e que são susceptiveis de fornecerem assucar na economia.

Vê-se, muitas vezes, como é variavel a quantidade da materia feculenta nos pães de gluten; as amostras examinadas contêm fora d'isso proporções de agua muito proximas, os resultados são bem comparaveis.

Em dois pães, dos mais ricos em amido, as amostras, apresentaram 28 e 30 por 100, correspondente precisamente a marcas muito apreciaveis e muito diffundidas.

Separção do chloro e do iodo pela via secca

O sr. Krutwig expõe que, aquecendo-se uma mistura secca de iodeto de potassio e de bichromato de potassa em excesso, o iodo é pôsto em liberdade, como indica a equação seguinte:



Para separar o chloro do iodo, na mistura de iodeto de potassio e de chloreto de sodio, aquece-se a mistura n'um cadinho de porcellana com bichromato de potassa: o iodo é determinado pela perda de peso ou pela quantidade de oxydo de chromo formado. O soluto, separado pela filtração do oxydo de chromo, é acidulado pelo acido azotico para dosar o chloro pelo azotato de prata.

Tannino falsificado

Verificando-se uma amostra de tannino, era este incompletamente solúvel na agua e no alcool; tratado pelo seu peso de ether e de agua, deixava abundante residuo insolúvel, esbranquiçado e denso, em quanto que o ether tomava a côr verde-intensa. O residuo, insolúvel na agua e no alcool, tratado pelo iodo, adquiria coloração azul; era inteiramente saccarificavel pelos acidos mineraes diluidos; examinado ao microscopio, mostrava ser constituído pela *fecula da batata*.

Determinada a proporção de fecula, recolhendo-a sôbre um filtro tarado e lavado com agua fria, depois seccando-a progressiva e lentamente, evitava-se a formação da gomma; depois de sêcca, completamente a 110°, obteve-se fecula, 22,80 por cento de tannino.

Esta falsificação é grosseira e muito facil de reconhecer, porque se descobre pela insolubilidade da materia estranha nos dissolventes do tannino, a agua e o alcool.

J. D. COBRÊA.

HISTORIA NATURAL**BOTANICA****Cardo sancto e seus succedaneos**

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

Cnicus benedictus Lin. et Gärtn.

(*Centaurea benedicta* L.; *Calcitrapa lanuginosa* Lam.; *Cardus benedictus* Camer.)

Cardo sancto (Herba Cardui benedicti florens).¹

Planta florida de caule ramoso, anguloso, sulcado, hirsuto e avermelhado, fôlhas alternas, sub-decorrentes, oblongas,

¹ Em allemão: Benediktenkraut, Kardobenedikte, Bitterdistel. Em francez: Chardon béni. Em inglez: Blessed thistle. Em hollandez: Kardo benedict. Em dinamarquez: Corbenedikt, etc.

lanceoladas, rugosas, roncadas, recortadas em lobulos oppostos celheados na margem e denteados em espinho, capitulos terminaes, solitarios, de flosculos amarellos envolvidos em bracteas oblongas e espinhosas; cheiro ingrato, sabor muito amargo e salino.

(*Pharmacopœa portugueza* 1876.)

É planta annual e floresce de abril a principios de agosto. Habita no nosso paiz, pelos marachões arenosos dos montes d'Arregaça junto a Coimbra aonde é rara (Brot.); nas visinhanças de Bragança (Moller), proximo a Abrantes e Evora (Daveau).

P. us. a planta florida.

Nas pharmacias deverá existir esta planta como:

Droga (*Herba Cardui benedicti*): Ph. germ. 176; Ph. ross. 174; Ph. helv. 61; Cod. méd. 46; Ph. belg. 22; Nederl. A. 66; Ph. dan. 114; Ph. suec. 85. Berg, Waarenk. 30t; Flückig. Pharm. 478.

Preparados (*Extractum Cardui benedicti*): Ph. germ. 442; Ph. ross. 124; Ph. helv. 41; Cod. méd. 439; Ph. helv. 167; Nederl. A. 426; Ph. suec. 72.

Especies amargas (*Species amarae*): Ph. hung. 399; Ph. suec. 495.

Vinho amargo (*Vinum amarum*): Nederl. A. 370.

Tinctura amarga (*Tinctura amara*): Ph. dan. 263. Etc.

O sabor muito amargo do cardo sancto é devido a uma substancia especial chamada *enicina*. (Nativelle e Husem, 940.) Rabuteau (*Éléments de thérapeutique et de pharmacologie*) diz que a enicina é um corpo neutro crystallizado em agulhas, pouco solúvel na agua fria e na agua acidulada, muito solúvel no alcool e nas aguas alcalinas, onde

¹ Descripção mais completa: Jeronymo Joaquim de Figueiredo, *Flora pharmaceutica e alimentar portugueza*, pag. 482; D. Juan Texidor y Cos, *Flora pharmaceutica de España y Portugal*, pag. 780; *Prodromus Florae Hispanicae*; Willkomm et Lange, vol. II, pag. 138; *Medicinisich-pharmaceutische Botanik*, von Dr. Chr. Luerssen, vol. II, pag. 1147; *Histoire naturelle des drogues simples*, par Guibourt, corrigée et augmentée par G. Planchon septième édition, tome 3, pag. 22. etc.

perde o sabor amargo. A cnicina é menos solúvel no ether do que no alcool.

Há uma analyse d'esta planta feita pelo sr. Morin, de Rouen (Journal de chimie médicale 1827 pag. 106.) Antes de Nativelle obter a cnicina do cardo sancto já Guérin-Vary a tinha extrahido da *Centaurea Calcitrapa* L. (*Calcitrapa stellata* Lamk.) Cardo estrellado. Golignon tambem extrahiu da *C. Calcitrapa* um principio que denominou *Acido calcitrapico*.

A acção therapeutica d'esta planta é segundo J. Lindley (Medical and Oeconomical botany) tonica, diaphoretica e emetica; A. Moquin-Tandon (Éléments de botanique médicale) tonica; Chernoviz (Formulario ou Guia medica) tonica e febrifuga.

Emprega-se internamente em pó e em infuso. Para o infuso 4 grammas das summidades floridas para 250 grammas d'agua fervendo. Em pó 1 a 4,0.

Moquin-Tandon diz que outr'ora foi usada como estomachica, aconselhada na peste e como antidoto nas mordeduras de animaes venenosos. Lindley recommenda-a nas dyspepsias. Arnaldo de Villanova considerou esta planta como o melhor antidoto dos venenos e como bom meio prophylactico das epidemias. Dorvault diz que o maior obstaculo que ha na administração do cardo sancto é a sua acção muito vomitiva. Texidor y Cos a considerava febrifuga, vermifuga, estomachica e sudorifica. O dr. Beirão recommenda-a como diaphoretica, antifebril e tonica, costumando-se empregar na medicina popular, mais do que na classica, o chá de cardo sancto nos catarrhos e nas febres intermitentes. Diz tambem que, n'outro tempo, o infuso d'esta planta era applicado contra a peste e contra a mordedura de animaes venenosos.

Parece-nos que se pôde empregar na falta do Cardo sancto a *Centaurea Calcitrapa* L., Cardo estrellado ou *Calcitrapa*; em francez: *Chausse-trape*, *Chardon étoilé*.

E' planta indigena do nosso paiz encontrando-se com muito mais frequencia do que aquella. É vulgar nas visi-

nhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Floresce no estio e emprega-se a planta florida. É um bom tonico e Texidor y Cos diz que alguns auctores modernos a tem considerado como um dos melhores febrifugos indigenas. Sendo a composição chimica da Calcitrapa muito analoga á do Cardo sancto e botanicamente pertencendo ao mesmo genero, segundo Linneu, e tendo ambos o mesmo principio amargo, ao qual devem a sua acção therapeuticamente, não duvidámos de a recomendar como um bom succedaneo do cardo sancto que é muitas vezes difficil de obter, como agora está succedendo a muitos pharmaceuticos de Portugal.

Alguns auctores tambem indicam como succedaneo do cardo sancto a *Centaurea cyanus* L., Fidalguinhos, Loios dos jardins, Ambreta cyanea, em francez *Bluet*; assim como o Chardon bénit des Parisiens que é o *Kentrophyllum lanatum* DC. (*Carthamus lanatus* L.); Cardo sanguinho, tambem planta indigena.

Presentemente o Cardo sancto está sendo muito procurado pela maior parte dos nossos pharmaceuticos, para prepararem o elixir anti-choleric, de que o digno par do reino, o ex.^{mo} sr. dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, distinctissimo lente de medicina da nossa Universidade, que tão brilhantemente rege a decima cadeira d'aquella faculdade (Tocologia, e clinica tocologica) e um notabilissimo clinico, com fama em todo o paiz, tirou tão bons resultados durante a epidemia da cholera que grassou em Coimbra em 1856.

A formula é a seguinte:

Cardo sancto.	} aã 12 grammas.
Raiz d'angelica	
Losna ¹	} aã 8 grammas.
Calamo aromatico	
Canella	
Macella	

¹ A losna empregada nas pharmacias de Coimbra não é a *Artemisia Absin-*

Aloes socotorino	aa	7 grammas.
Camphora		
Myrrha		4 grammas.
Noz moscada		6 decigrammas.
Açafrão		15 centigrammas.
Aguardente a 18° de Cartier		8 hectogrammas.

Macere por dez dias, vascolejando repetidas vezes, decante e mande.

Aos primeiros symptomas 6 grammas em 80 grammas de infuso de tilia, de meia em meia hora.

Apresentando estado grave 60 grammas puras, de meia em meia hora ¹.

Como o *Cardo sancto* é planta rara na maior parte do nosso paiz e, apesar de Brotero o citar na Arregaça proximo a Coimbra, onde depois d'elle não nos consta que fôsse encontrado por pessoa alguma, parece-nos que a planta, empregada em 1856, por *Cardo sancto* pela maioria dos pharmaceuticos d'esta cidade, não era a planta verdadeira mas sim um outro cardo qualquer das muitas especies que por estes sitios abundam.

A planta que se empregou em Coimbra, durante a epidemia de cholera em 1865, por *cardo sancto*, foi, segundo as informações que tenho obtido e que julgo verdadeiras, o *Kentrophyllum lanatum* DC. (*Carthamus lanatus* L., *Centaurea lanata* DC., *Carduncellus lanatus* Moris., *Atractylis lanata* Scop., *Carduus lanatus* Brot.) *Cardo sanguinho* que habita nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do Douro, Beira e Estremadura e floresce de junho a agosto; e a *Carlina gummifera* Less. (*Atractylis gummifera* L., *Arcana gummifera* Willd., *Carthamus*

thium L. (*Absinthium vulgare* Lam. et Gärtn., *Ab officinale* Brot et Nees) *Absinthio*, *Acintro*, *Losna maior* ou de *Dioscorides*, *Absinthio vulgar*, *Losna ordinaria*; mas sim a *Artemisia Arborescens* L. (*A. argentea* Seb. Maur.; *Absinthium arborescens* Lob.; Bess.; Moench.; et Brot.) *Losna arbustiva menor* ou do *Algarve*. A acção therapeutica d'esta ultima planta é menos energica do que a da primeira.

¹ A cholera-morbu s, sua prophylaxia e tratamento, pelo dr. Lourenço de Almeida Azevedo. Coimbra, Imp. da Univ. 1884.

gummiferus Lamk., Chamaeleon gummifer Cass., Cirselium gummiferum Brot.), Carlina bastarda, Chameleão branco bastardo, Cardo do visgo que habita nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros sitios do Douro, Beira, Estremadura e Alemtejo e floresce em julho e agosto.

A primeira d'estas duas plantas foi a mais empregada nas pharmacias, a segunda tambem o foi mas empregou-se com especialidade na medicina caseira. Ultimamente têm sido enviadas d'aqui para o Porto grandes porções do Cardo sanguinho (*Kentrophyllum lanatum* DC.), por Cardo sancto; naturalmente por ser a que falsamente se empregou em 1856, quando nos parecia ser muito mais acertado, havendo difficuldade de obter o Cardo sancto, empregarem antes a *Centaurea Calcitrapa* L., pois, como já dissemos, tem o mesmo principio amargo, etc.

Planchon diz que alguns auctores julgam que o *Kentrophyllum lanatum* é o Chardon bénit des Parisiens, mas não sabe bem até que ponto elles fundam a sua asserção.

Muitos dos nossos pharmaceuticos não conhecem a verdadeira planta, pois que alguns nos têm enviado amostras de cardos para lhes indicarmos o legitimo, porém até hoje ainda não mandaram o verdadeiro ⁴.

As estampas do Cardo sancto encontram-se nas obras seguintes:

Reichenbach, Icones, vol. xy. t. 17.—*Berg u. Schmidt, Offic. Gew. Taf.* xxii a.—*Hayne, Arzneigew.* xii, Taf. 34.—*Nees v. Esenb. Pl. med. tab.* 223, etc.

⁴ Só vi o verdadeiro Cardo santo n'uma pharmacia d'aqui, que lhe foi mandado pelos srs. Azevedo e Filhos, de Lisboa.

VARIEDADES

A GEOLOGIA

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 118)

XII

A geologia deve à França o grau de perfeição que atingiu. A escola Werner não tinha bem compreendido toda a importancia dos restos organicos, retidos nas camadas da terra.

Só no começo do seculo xix dois francezes, Cuvier e Alex. Brongniart, de quem as fronte resplandecerão eternamente com uma auréola de gloria, a par de Werner e Saussure, mostraram a importancia do estudo dos fosseis, fornecendo assim, á geologia, um novo recurso de observação. Demonstraram exuberantemente que os restos organicos, contidos nas camadas pedregosas, são as testemunhas da formação d'essas camadas, e mesmo o indice das revoluções que experimentaram. Cuvier publicou com Alex. Brongniart os *Essais sur la geologie mineralogique des environs de Paris*, esta obra é quasi toda devida a Mr. Brongniart; em paleontologia publicou-se:

1.º *Extrait d'un ouvrage sur les espèces de quadrupedes dont on a trouves les assements dans l'intérieur de la terre, 1799, in. 8.º*

2.º *Recherches sur les assements fossiles des quadrupedes, où l'on établit les caractères de plusieurs espèces d'animaux, que les revolutions du globe paraissent avoir détruites, 1812.*

Esta obra é precedida de um *Discours préliminaire sur les revolutions de la surface du globe, et sur les changements qu'elles ont produites dans le regne animal.*

Este discurso é a obra prima de Cuvier e contém toda

a sua doutrina. O estylo ameno, a disposição, a clareza e a concisão, prendem e encantam o leitor.

Mr. Adolphe Brongniart dedicou-se ás plantas fosseis, tanto quanto Cuvier se dedicou aos vertebrados; assim produziu a botanica fossil, publicando a sua *Prodrome d'une histoire des vegetaux fossiles*.

XIII

Mr. Elias de Beaumont, aproveitando a theoria engenhosa do levantamento das montanhas, descoberta por Leopold de Buch, teve a honra de a desinvolver scientificamente e demonstrou que o systema de mr. Leopold de Buch, relativamente ás montanhas da Allemanha, era applicavel aos systemas de montanhas de todos os paizes e com especialidade ás da Europa, de que fixou a idade relativa, pesquisando os phenomenos os mais característicos, que acompanharam o levantamento. Provou que os depositos, de formações sedimentares, se tinham formado em periodos de longa duração, uniformes e tranquillos; mas em differétes épocas, sobrevindo grandes cataclysmos, alterara a regularidade d'esses depositos. Porém, pela composição differente dos diversos depositos, facilmente se distinguiram as differentes formações, tendo além d'isso um character particular os fosseis organicos de cada formação.

Estes phenomenos, assim como a deslocação de certas camadas, segundo a opinião de Mr. Beaumont, só podem ser attribuidas a catastrophes subitas, produzidas pelo levantamento das montanhas.

Pelas observações produzidas, Mr. Beaumont conclue que o levantamento das montanhas se effeitnou em quatro periodos differentes; mas pesquisas ulteriores o levaram a augmentar o periodo até doze, e mesmo até quinze. Esta theoria, auctorisada e desinvoldida com o talento de Elias de Beaumont, conquistou grande numero de proselytos, sendo propagada energeticamente pelos discipulos do celebre geologo. Mas annos depois a experiencia dos factos,

melhor estudados, demonstrou certo exaggero na theoria geral e absoluta de Elias de Beaumont.

Ainda assim não menos gloria cabe ao celebre geologo.

XIV

Dado assim o impulso, muitos observadores percorriam o globo, colhendo ebservações; nas principaes cidades colleccionavam exemplares, abriam escolas; em França e Inglaterra installavam-se sociedades de geologia.

A geologia, ha pouco olvidada, tomava lugar entre as sciencias exactas e constituia parte integrante da instrucção do homem.

Mr. d'Omalius d'Hallay compunha um pequeno mappa geologico da França; Smith compunha o da Bretanha, em escala maior e mais desinvolvido.

A escola de minas creava um curso de geologia, leccionado por Brochant de Villier, antigo professor na escola de Tarentaise, onde os Alpes tinham sido amplo theatro para a descoberta de muitos segredos. Os progressos da sciencia urgiam um mappa geologico da França assás desinvolvido.

Brochant iniciou o plano do trabalho, executando-se a maior parte, em sua vida, com intervenção de MM. Dufrenoy e Elias de Beaumont.

As importantes pesquisas de Fourier, Arago e Cordier sôbre o calor central, e especialmente as diligencias d'este ultimo, concederam a esta opinião tal certeza, que a theoria da incandescencia central do globo, hoje admittida geralmente, constitue um dos principaes fundamentos da geologia moderna. A theoria do metamorphismo, ou transformação das rochas estratificadas d'origem neptunina em rochas estratiformes crystallinas d'apparencia plutonica occupa a attenção de muitos geologos. Sôbre tal assumpto, lembramos os trabalhos de Mr. de Buch, Lyel, Elias de Beaumont, Dufrenoy, Virlet, Boblaye, Studez, Gras, Coquand, Delesse, Daubrée, etc. O estudo das geleiras pertence a M. M. de

Charpentier, Agassiz, Rendu Ch. Marlins, G. de Martillet, etc.

Os pedaços de gelo erraticos produziram memorias de M. M. Brochant, Sedgwich, de la Beche, Brogniart, Buckland, etc. As cavernas ou jazigos d'ossos foram exploradas por M. M. Buckland, Marcel de Serres, De Christol, Schemerling, Chaussen, Lartet, Christy, etc.

A gognossia deve especialmente os seus progressos ás descobertas effectuadas nas rochas. Sua classificação e descripção é producto dos trabalhos importantes de M. M. Haüy, De Buch, Brochant, De Leonhart, Boué, Huet, Rivière, Cordier, D'Omalius, D'Halloy, etc. Sôbretudo as topographias geognosticas, muito têm contribuido para o progresso da geologia.

Na impossibilidade de citar todos os cultores da sciencia, que tão bons serviços têm prestado á geologia, nós nomearemos os principaes, taes como: M. M. Constant Prevost, Desnoyers, Passy, Graves, Dujardin, Boué, Lecoq, Rozet, D'Archiac, Triger, V. Raulin, Leymerie, Hebert, Bertrand-Gelin, etc, em França; Sismonda, Thurmann, D. Bonnard, Beudant, Hoffmann, Phillips, Murchison, Mantell, de la Beche, Dumont, Fitton, Darwin, Alexandre de Humboldt, n'outras localidades. Não esqueceremos tambem os excellentes trabalhos de M. M. de Verneuil, Murchison e Keyserling, na Russia.

XV.

Uma sciencia nova ainda não classificada nos ultimos annos do seculo xviii, a paleontologia progrediu a par da geologia, a quem ella prestou relevantes serviços.

G. Cuvier com o auxilio da anatomia comparada, que applicou brilhantemente, recompõe gerações inteiras, tornando-se assim o creador da paleontologia positiva, de que se não tinha ainda avaliado a importancia.

O impulso, operado pelo naturalista francez, propagou-se rapidamente. Muitos sabios francezes e estrangeiros se occuparam d'este ramo da sciencia geologica. Os mammiferos

fôram estudados por Meyer, Bojanus, Goldfuss, de Humboldt, Samoneruize, Schlotheim, Buckland, l'abbé Croizet, Jobert, Kaup, Falconer, Owen, e com especialidade pelo sabio contemporaneo E. Lartet.

Sir Everard Home, Buckland, de la Beche Conybeare, etc estudaram os reptis e os sanrios; Agassiz, De Munster, Bulkland, Sedgwich, Murchisson, Blainville, os peixes; Desmarest, Alex. Brongniart, Green, Alph. Milne-Edwards se occuparam com os cetaceos.

Os moluscos occuparam as atencões de Lamarck, Souerby, Parkinson, de Schlotheim. Alcide d'Arbigny, de Basterot, Voltz, Dujardin, Zieten, Goldfuss, Brocchi, Philipe, M. M. D'Archiac, e sobretudo Deshaies, de que os excellentes trabalhos ácerca dos invertebrados da bacia de Paris tão bons serviços prestaram á sciencia. Os echinodermos fôram estudados por M. M. Goldfus, Agassiz Ch. Desmoulins, Grateloup, e actualmente por Mr. G. Cotteau; os zoophytos por Goldfus, de Blainville, Mchelin, Edwards e Jules Haine tão cedo arrebatado á sciencia. Emfim M. M. Agardh, Ad. Brangniart, Sternberf, Gappert, e De Saporta estudaram especialmente os vegetaes fosseis.

Ainda ha pouco se duvidava da existencia do homem na epoca quaternaria; chegou-se a não admitir a existencia do homem fossil.

Um homem surgiu porém, que por suas investigações e perseverança desfez o erro, fazendo a luz e incutindo a convicção.

Este foi Boucher de Perthes; elle descobriu nas camadas diluvianas, nos suburbios de Saint-Acheul e de Abbeville, silex manufacturados pelo homem; mais tarde, em Moulin-Quignon, uma machila humana, e n'outras localidades visinhas, ossadas humanas.

Observados estes exemplares a sciencia julgou o facto demonstrado; novas observações produziram a descoberta de muitos silex manufacturados; o homem antediluviano tinha existido. Todas as atencões têm sido ultimamente occupadas com esta importante questão scientifica e, com

os progressos da sciencia, os raros incredulos serão em breve completamente convictos.¹

Terminando este rapido esboço ácerca dos progressos da geologia, não podemos deixar de mencionar os cursos, leccionados e assiduamente seguidos em Paris por uma mocidade estudiosa e intelligente. D'esses cursos muito têm a esperar o futuro da geologia. Estes cursos perfeitamente dirigidos por MM. Hebert, na faculdade de sciencias; Bayle, na escola de minas; e Daubrée e Gaudry, no museu, são frequentadas com bastante aproveitamento.

Com estes esforços alcançou-se já um grande resultado; assim as differentes assentadas de terreno, que constituem a porção da crôsta terrestre accessivel ás nossas investigações, estão hoje positivamente classificadas; a epoca da formação d'essas camadas foi determinada, bem como as principaes circumstancias dos jazigos e sua população fossil; a epoca em que os seres organisados começaram a habitar o globo, reconhecendo-se que gradualmente tem progredido nos seus aperfeiçoamentos até ao homem, o ultimo ente da criação e o mais perfeito, são factos perfeitamente coordenados.

F. P. A. GONÇALVES.

Farinha de linhaça inalteravel

O sr. Lallier diz que a cataplasma de linhaça apresenta o inconveniente de produzir erupções pustulosas quando a farinha não é recente; elle tem obtido, com o sulfureto de

¹ Na actualidade (1881) esta questão pode-se considerar plenamente resolvida; o homem antediluviano existiu não só na epoca quaternaria, mas na epoca terciaria, onde traços da sua existencia se manifestam nas camadas superiores d'aquelle terreno (audaz plioceno). No nosso paiz existem abundantemente ossadas humanas antediluvianas, encrustadas nas camadas do terreno quaternario, e instrumentos manufacturados de pedra nos terrenos terciarios. Se os ocios m'o permittirem eu apresentarei a serie de theorias e observações ácerca do homem terciario e quaternario, resultante dos estudos de muitos homens de sciencia de todo o mundo, entre as quaes o nosso paiz figura vantajosamente.

(Nota do traductor.)

carbono, a farinha de linhaça privada do óleo, de uma conservação indefinida e possuindo todas as propriedades medicamentosas da farinha recente.

Tincta para marcar roupa branca

(CLARK)

SOLUTO N.º 1

Carbonato de soda.....	16 gram.
Gomma arabica em pó.....	12 gram.
Agua distillada.....	128 gram.

Solva a gomma na agua e depois ajunte o carbonato de soda.

SOLUTO N.º 2

Azotato de prata crystallizado.....	10 gram.
Gomma arabica em pó.....	12 gram.
Agua distillada.....	24 gram.

Solva a gomma na agua e depois ajunte o azotato.

Estes dois solutos devem ser conservados separadamente; o primeiro em frasco de vidro branco, o segundo em frasco de vidro negro ou amarello enxaguados em agua distillada. Quando d'elles se fizer uso, deve-se embeber no soluto n.º 1 uma pequena esponja fina, bem lavada tambem em agua distillada e molhar-se o logar do panno que tem de receber a marca; depois passar-se por cima do mesmo logar um ferro de brunir quente até seccar a parte humedecida, sobre a qual se escreve com penna de pato molhada no soluto n.º 2.

Não se deve servir de pennas metallicas, porque decompem o soluto n.º 2.

Agua para limpar objectos de cobre

Acido sulfurico, 30 gram.; sulfato d'alumina, 70 gram.;

agua, 125 gram. applica-se este soluto, molhando-se n'este um panno e passando o sôbre os objectos.

Glycerina contra a trichinosa.

O sr. Barton cita quatro casos de cura da trichinosa, com a administração de grandes doses de glycerina. Recommenda este modo de tratamento, fundado sôbre a acção toxica exercida pela glycerina nas trichinas.

Pó de carne

Segundo o sr. Amanieux a carne, pela preparação, não é modificada nem chimica nem histologicamente; perde tres quartas partes do seu peso.

O pó de carne não é refractario ao succo gastrico; as digestões *in vitro* provam que elle é tres vezes mais prompto que a carne crua e cortada miudamente.

Verrugas plantarias

O sr. Corneau recommenda que os tratamentos mais efficazes das verrugas plantarias, são: a cauterisação, depois a abrasão e cura da epiderma pelo acido acetico crystallizado ou a pasta de Vienna.

J. D. CORRÊA.

da Ordem dos Farmaceuticos

Centro de Documentação Farmaceutica

PEÇAS OFFICIAES

Representação da Sociedade, de 3 de setembro de 1884, pedindo ao governo energicas providencias sôbre o abuso do exercicio da profissão pharmaceutica por individuos sem habilitações legais.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—A mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em cumprimento de deliberação tomada por esta na sua sessão de 26 d'agosto proximo passado, vem perante v. ex.^a pedir energicas providencias contra o pernicioso abandono a que está votada a vigente lei de saude, na parte que diz respeito ao exercicio da profissão pharmaceutica.

Aqui, na propria capital, os fazedores de *mirificas panacéas*, quasi sempre de nociua composição, exploram impunemente a ignorancia das classes menos illustradas e a propensão do publico para o *maravilhoso*, por intermedio de pomposos annuncios nos jornaes; e os droguistas, pela sua parte, confiando tambem na actual impunidade, aviam receitas e vendem substancias medicinaes por baixo preço para afastar o povo das pharmacias, unicos estabelecimentos legais para a manipulação e venda de medicamentos.

Ora, com taes abusos, soffrem não só os legitimos interesses da classe pharmaceutica, mas tambem (o que é mais importante) a saude publica, que assim é muitas vezes damnificada, como aconteceu recentemente com uma mulher que foi victima, como é notorio, de lhe haver sido vendido por um droguista um toxico qualquer por sulfato de magnesia.

A mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em vista do expôsto e confiando plenamente no desvelado interesse de v. ex.^a pelo bem publico, pede pois e espera se digne ordenar o rigoroso cumprimento da lei de saude de 3 de dezembro de 1868, artigos 78.^o 80.^o e a lei de 13 de julho de 1882, artigo 1.^o que estão ainda em vigor.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica

Lusitana, em 3 de setembro de 1884.—O presidente, *José Tedeschi*.—O 1.º secretario, *Alfredo da Silva Machado*.—O 2.º vice-secretario, *Antonio Augusto d'Ascensão*.

**Acta da sessão solemne
commemorativa do quadragésimo nono anniversario
da sociedade pharmaceutica lusitana**

Presidencia do sr. Guimarães Drack, primeiro vice-presidente

Em 24 de julho de 1884, pelas nove horas da noite, achando-se na sala das sessões muitos socios das classes que compõem a sociedade, os membros da mesa occuparam os seus respectivos logares e o sr. presidente annunciou aberta a sessão solemne anniversaria.

O segundo secretario, Emilio Fragoso, a convite do sr. presidente, fez a leitura do seguinte:

Relatorio dos trabalhos da sociedade, durante o 49.º anno da sua instituição.

Meus senhores:—Na qualidade de segundo secretario d'esta Sociedade e em obediencia ao que preceitua o artigo 9.º no seu paragrapho 3.º; sou obrigado a vir hoje, d'este logar, relatar-vos os trabalhos por vós executados durante o anno.

Confiando na vossa benevolencia não me recusei ao cumprimento d'este dever, aparentemente facil, mas muito superior aos meus merecimentos.

O segundo secretario d'uma sociedade d'esta ordem tem diante de si um cargo bastante penoso e não muito facil de executar com aprazimento de todos vós; entretanto, se substituir o deficiente da intelligencia pela boa vontade e dedicacão em servil-a, tem-se cumprido com um dever: foi isto o que eu fiz.

Meus senhores: Não ha muito tempo que um illustrado pharmaceutico d'este paiz, escriptor de merito e orador fluente, o sr. Sousa Telles, ex-presidente d'esta sociedade, dizia, que de todos os males que vexam a classe pharmaceu-

tica, o maior era o abandono de muitos dos nossos collegas, que se abstêm de concorrer com a sua intelligencia para a grande obra em que muitos andam empenhados: o desinvolvimento d'esta associação.

A excessiva modestia d'uns, o infundado receio d'outros de não poderem hobrear com os que se lhes affiguram superiores, são os motivos que imperam em certos espiritos pusillanimes para não concorrerem a esta casa.

É por isso que as vossas sessões são pouco concorridas, pouco se produz e o segundo secretario vê-se bastante embaraçado para poder fazer um relatório de trabalhos que primem pela originalidade, que sejam os mais proprios d'uma sociedade d'esta ordem, que illustrem, vos instruem e não vos envergonhem perante o mundo scientifico.

E quereis saber quem é o mais responsavel por estes factos, são os novos — é a mocidade pharmaceutica, com grande pesar, o digo.

Se uma geração notavel de pharmaceuticos, cujos restam poucos, conseguiu implantar esta sociedade que tantos beneficios dispensa á collectividade, merecendo por isso a nossa admiração e respeito, a geração actual, a mocidade, com raras excepções, só merece uma accusação energica por não seguir o caminho trilhado pelos nossos antepassados á custa de immensos sacrificios.

Se outro fim não tivesse esta sociedade, que não fôsse o de criar aqui um viveiro de pharmaceuticos com aptidões varias, desinvolvendo-lhes a intelligencia, facilitando-lhes o mais tarde poderem fallar em publico de modo que não envergonhem a classe, deslustrando o diploma, isto era o sufficiente para que todos vós e principalmente os novos, que são os que ganham mais n'estas pugnas da intelligencia, fizessem o possivel para a sua manutenção.

E o que é mais para notar, meus senhores, é que nos lances difficeis, quando julgam lesados os seus interesses ou quando se commette qualquer attentado, por parte dos poderes constituídos, contra o que julgam as suas prerogativas, os que até ali só tinham riso alvar e zombeteiro para

todos os vossos actos, correm então a esta casa cheios d'uma indignação, quasi apoplectica, a pedir o vosso auxilio que até então para nada servia.

N'este procedimento egoista, condemnado pela razão, são os novos, os mais eivados d'este amor exclusivo das suas pessoas e cousas.

E quando nos vemos dia a dia rarearem as nossas fileiras, uns, porque a morte os arrebatou ao amor da familia e á estima de todos vós; outros porque os seus multiplices negocios e um trabalho de muitos annos lhes dão o direito de descançarem, mais perigosa julgo para a existencia d'esta sociedade o abandono a que a votou a geração nova.

A' mocidade que me escuta só recordarei que foi pelo trabalho e pelo convívio com as illustrações pharmaceuticas d'este paiz e n'esta casa, que muitos se têm tornado acima do vulgar.

Meus senhores: Passando a uma analyse perfunctoria dos factos mais importantes, decorridos durante o anno, começo por sentir que um dos nossos mais notaveis consocios, ex-presidente d'esta sociedade, socio da Academia Real das Sciencias e um dos auctores da *Pharmacopéa Portugueza*, fôsse obrigado, pelos variados trabalhos em que o seu espirito anda embrenhado, a deixar de cooperar com a sua illustração e notavel competencia nos trabalhos d'esta sociedade.

Durante a minha curtissima carreira pharmaceutica, tenho por mais de uma vez podido aquilatar dos merecimentos do consocio a que me refiro, ouvindo o seu conselho e opinião auctorisadissima.

Já deveis saber, meus senhores, que é ao sr. Urbano da Veiga o consocio a que me refiro.

Acompanhando passo a passo e pela sua ordem os factos mais notaveis do ultimo anno, dir-vos-hei—que o vosso consocio e habil pratico o sr. Fernandes da Cunha apresentou varias propostas d'interesse profissional, sendo a mais importante a que se refere ao ensino pharmaceutico.

Durante a discussão d'esta ultima ventilou-se a questão

das duas formas de habilitação pharmaceutica, sendo a maioria dos nossos consocios de opinião que haja exclusivamente uma, acabando-se com a que se chama impropriamente segunda classe de pharmaceuticos.

Não é esta uma questão que se debata d'uma forma apaixonada, appellando exclusivamente para o sentimentalismo.

A organização da pharmacia das principaes cidades da Europa é subordinada a duas formas de habilitação.

Basta saber-se este facto, para haver a maxima reflexão sobre a questão, não nos deixando guiar pelas pomposidades de estylo, em que muitas vezes são sacrificados a verdade e o bom senso.

A Hespanha, paiz onde o ensino pharmaceutico adquiriu maior desinvolvimento, tem quatro faculdades de pharmacia, annexas ás universidades, conferindo-se n'ellas os titulos academicos de licenciados, bachareis, e doutores em pharmacia.

A França, tem actualmente duas classes de pharmaceuticos com differente instrucção e ultimamente um deputado o sr. Hypolito Faure, pharmaceutico, muito conhecedor das necessidades da pharmacia, apresentou um projecto de reforma da pharmacia e inclue n'elle as duas formas de habilitação.

Na Belgica, Allemanha e outros paizes tambem o ensino da pharmacia é feito por duas formas.

Ora, meus senhores, quando nações d'um desinvolvimento intellectual tão prodigioso, adoptam um systema d'ensino mais consentaneo aos interesses publicos e profissionaes, devemos nós ir ensaiar um systema que tem contra si auctoridades tão dignas de credito?

A sociedade, na sua maioria entende actualmente que sim, eu sou d'opinião contraria, mas tenho diante de mim tantas auctoridades estrangeiras e d'este paiz, como Pedro José da Silva, Candido Xavier Cordeiro, o medico Bernardino Antonio Gomes, e outros, que não tenho receio de ser atravessado pelas settas dos meus adversarios que, á procura de argumentos para defenderem uma causa má, são os proprios

que reconhecem publicamente a sua incapacidade scientifica. Não pensem, meus senhores, que eu considero as duas habilitações pharmaceuticas do nosso paiz como sufficientes no estado actual de adiantamento em que se encontram as sciencias experimentaes. Longe de mim tal ideia e creio que me fazeis justiça não julgando o meu espirito obsecado por uma opinião, a tal ponto, que sustentasse semelhante absurdo.

Dos meus escriptos, das minhas palavras pronunciadas n'esta casa, quando foi objecto de discussão, a proposta do meu particular amigo o sr. Cunha, não se depreheende com justiça semelhante juizo.

Defender as duas habilitações, não é defender o estado actual do ensino pharmaceutico.

Este acho-o deficiente, mas por isso mesmo julgo-o susceptivel d'uma reforma que não vá além d'um augmento de varias disciplinas nas que cursam o curso irregular, subordinando-as especialmente ao ensino pratico e este só deve ser ministrado em escolas especiaes dirigidas por pharmaceuticos, a exemplo do que se dá nos estabelecimentos d'instrucção superior.

Não morreu o assumpto, ainda ha-de ser discutido, quando vós julgares que é occasião de apreciareis a reforma d'ensino pharmaceutico apresentada pela faculdade de medicina da universidade.

E é preciso que presteis toda a vossa attenção a este projecto para que elle não seja convertido em lei sem vós emittires opinião junto do governo.

Apesar das vossas ideias sôbre instrucção, eu não creio que possaes approvar um projecto em que o ensino é confiado exclusivamente a medicos, sem que a classe tenha ingerencia n'elle.

A universidade muito ciosa dos seus pergaminhos, não concede as honras de doutor ao pharmaceutico, para que este não seja nivelado com o advogado, o medico, etc.

Deixo á vossa illustrada consideração o tratar d'este assumpto com a maxima urgencia.

Proseguindo n'esta analyse não devo esquecer que a sociedade fez varias representações aos poderes publicos, sendo acompanhada, n'esta gloriosa mas quasi infructifera tarefa, pelo Centro Pharmaceutico Portuguez.

Uma arrematação de medicamentos feita por ordem do ministerio da guerra, n'uma villa do paiz, deu logar a que esta sociedade representasse contra ella por a julgar contraria ás leis.

Redigida a representação pelo nosso digno vice-presidente, que com tanta intelligencia dirige os trabalhos d'esta sociedade, por doença do sr. commendador José Tedeschi, e entregue no gabinete do ministro fomos advertidos por um funcionario muito distincto que taes arrematações não eram prohibidas pelas leis, pelo contrario, as proprias leis as auctorisavam.

Effectivamente, por decreto de dezembro de 1859, as arrematações de medicamentos eram auctorisadas collocando-as a par das arrematações de calçado, forragens, etc.

Causaria riso se nós, de ha muito, não estivéssemos costumados a presenciar factos que nos levam ao convencimento dos vicios e defeitos do nosso mechanismo administrativo.

Na pharmacia, principalmente e em tudo que se refere á saude publica, ha um cahos profundo que daria materia para varios volumes.

Meus senhores: Se factos se deram, que nos entristecem bastante e para os quaes só o esquecimento d'elles é o maior lenitivo, outros houve que nos honram e nos elevam na estima e consideração publicas.

Uma lei promulgada na ultima sessão legislativa em que se concede a gradação de major ao pharmaceutico militar mais antigo, devida á iniciativa d'um escriptor primoroso, d'um medico e litterato distincto, que maneja brilhantemente a penna, nos artigos de politica partidaria e nos de propaganda scientifica, foi o objecto do vosso jubilo.

E não querendo deixar no esquecimento a honrosa distincção conferida a um dos nossos collegas, elevastes á dignidade de membro honorario o distincto medico que tanto

se tem mostrado amigo da classe pharmaceutica, dispensando-lhe quotidianamente e sempre que pode, os favores compatíveis com a sua dignidade.

O nosso illustrado collega Silva Machado, que, com tanta intelligencia e notavel actividade desempenhou o cargo de 1.º secretario d'esta sociedade, publicou um livro intitulado: *Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na Pharmacopéa Portugueza.*

Invocar os serviços que veio prestar á classe pharmaceutica, com a publicação do seu trabalho, seria superfluo, quando a imprensa pharmaceutica e medica, em artigos especiaes, os poz bem em relevo.

Quando em o nosso paiz a litteratura pharmaceutica é tão pobrissima, é sempre bem recebido qualquer trabalho onde se revele estudo e aptidão pouco vulgares, de que dá sobejas provas o livro do sr. Silva Machado.

Meus senhores: Parece-me ter chamado a vossa attenção para os factos mais notaveis occorridos no ultimo anno.

Resta-me agora dizer duas palavras sobre o que se me afigura d'uma elevada importancia social e societaria.

Ha muito tempo que se falla com interesse nas manifestações a realisar no proximo anno, para solemnizar o quinquagesimo anniversario d'esta sociedade.

Tudo o que se fizer para a elevação moral da classe, será promover o respeito dos governos e do paiz.

Com dois factos se pretende assignalar aquella data que ficará memoravel nos fastos d'esta sociedade.

Se fôr possível realisarem-se com o luzimento compativel com a nossa dignidade, serão os mais brilhantes fundamentos lançados n'este soberbo edificio iniciado pelo venerando presidente honorario o sr. José Dionysio Corrêa que me está escutando.

Este respeitavel ancião, vergado ao peso d'uma doença que lhe vae, passo a passo, minando a existencia, ainda se julga com forças para poder assistir a estes certamens da vossa intelligencia, e praza a Deus que assim aconteça.

Ainda o espero vêr, dotado ainda com todo o vigor d'es-

pirito e intelligencia, mostrar á geração nova o que pode uma iniciativa arrojada, acompanhada d'uma fôrça de vontade, soberba para poder vencer as immensas difficuldades que o assoberbaram ao implantar n'este paiz uma sociedade que tem atravessado á acção dos tempos coberta, se não de gloria, ao menos d'uma vida honrada e pura.

O congresso e a exposição pharmaceutica serão os dois certamens gloriosos que mostrarão ao paiz o que pode a pharmacia portugueza, encarada pelo dupla qualidade de scientifica e commercial.

Appello para todos vós, para a vossa vaidade que se deve orgulhar com taes manifestações, que assenteis n'esta idéa, conseguindo tambem que os descrentes, os eivados d'um scepticismo condemnsavel, por qualquer lado que se olhe, vos acompanhem n'esta pugna brilhante da vossa actividade e intelligencia.

Meus senhores: Tendo tratado largamente de varios assumptos, consenti agora que eu lamente a perda de dois dos vossos collegas, mais prestimosos e sabidos.

Ambos eram cidadãos probos, modestos, honrados e extremamente sinceros.

De Francisco Antonio Alves d'Azevedo, disse um seu biographo «que elle era um d'esses portuguezes antigos, de rija tempera, de convicções ardentes, de character francamente aberto, indifferente a todas as exterioridades fatuas, a todo o brilho futil, simples, modesto, honrado e sincero, e de um desprezo pelas exigencias do luxo, quanto ao seu vestuario, que chamava sôbre si a attenção de todos que viam n'elle a encarnação do philosopho.»

Se a estas qualidades, eu juntar a de um grande sabedor, um erudicto de primeira plana, que conhecia a fundo a botanica, a ponto de ser convidado por um illustrado lente da escola medica, para a classificação d'um horto botanico, teremos feito, em resumidas palavras a biographia de tão prestante cidadão.

Antonio Gomes Roberto, se não era tão erudicto como Alves d'Azevedo, tinha muita illustração como demonstrou

redigindo um jornal da especialidade, quando desempenhava as funcções de professor de pharmacia em Gôa.

Exercendo o cargo de vice-presidente d'esta sociedade, muitas vezes foi obrigado, pelas circumstancias, a vir dirigir os trabalhos.

De genio um pouco concentrado, e quem de perto tratava com elle é que podia apreciar as bellissimas qualidades moraes que ornavam aquella alma tão nobre e tão pura.

Disse.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. primeiro vice-secretario, Joaquim Simões Serra, para dar conta dos assumptos seguintes:

**Programma das questões scientificas para o
50.º anno da sociedade**

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º, do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias, o seguinte:

PROGRAMMA

1.ª Questão

Qual o processo preferivel para a preparação dos extractos, de modo que representem as substancias de que são tirados?

2.ª Questão

Posologia dos extractos seccos?

3.ª Questão

Qual o meio de evitar a alteração dos hydrolatos?

4.ª Questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do azeite pelo oleo de amendoim?

5.ª Questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do oleo d'amen-
doas doces?

6.ª Questão

Influencia que os canos de ferro e de chumbo, actualmen-

te empregados em Lisboa, podem ter nas propriedades physicas e chemicas das aguas potaveis, por elles conduzidas, demonstrada por analyses quantitativas, executadas e descriptas de modo que se não possa duvidar da sua veracidade.

A memoria em que se tratar este ponto poderá comprehender o estudo da influencia que as aguas potaveis, conduzidas por canos de ferro ou chumbo, exercem na economia animal.

Condições

Os premios consistirão em medalhas de ouro, tendo de um lado, no centro de uma corôa de louro, a seguinte inscripção: «*Ao membro benemerito*» e do outro o timbre da Sociedade e a legenda, «*Sociedade Pharmaceutica Lusitana*».

A estes premios terão direito os individuos que satisfizerem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a Sociedade julgar dignos da honra do *accessit*, receberão o diploma de membro honorario.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez se os seus auctores fôrem naturaes d'este paiz, e em francez, se fôrem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da Sociedade por todo o mez d'abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fora, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela Sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*».

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes nem

sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authentico de que os seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade nos seus programas.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade, durante o quadregesimo nono anno

Pelo sr. Alfredo da Silva Machado, de Lisboa:—Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na Pharmacopéa Portugueza, elaborado por Alfredo da Silva Machado.

Pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, de Coimbra:—O Hospital de Santo Antonio da Misericordia do Porto. Relatorio — Um dos projectos de hospitaes districtaes, com applicação ao novo hospital da Misericordia do Porto.—Regulamentos internos do hospital de Santo Antonio da Misericordia do Porto.

Pelo sr. A. J. d'Oliveira, de Coimbra:—Historia da medicina em Portugal (Apontamentos), por A. J. d'Oliveira.

Pela Camara Municipal, de Lisboa:—Archivo municipal de Lisboa.

Pelo «Colegio de Farmacéuticos, de Madrid:—Memoria resumen de la exposicion farmacéutica nacional, leida en el acto de la solemne distribucion de los premios, por el dr. D. Fausto Garagarza y Dugiols.—Estatutos reformados del «Colegio de Farmacéuticos de Madrid.»

Pelo sr. Commendador José Tedeschi, de Lisboa:—Enciclopedia médico-farmacéutica, de Barcelona.—La crónica oftalmológica, de Cádiz.—Los Avisos, por D. Pablo Fernandez Izquierdo.—Semanaario farmacéutico, de Madrid.—La Gaceta de Sanidad militar de Madrid.—El Laboratorio, revista de farmácia y ciencias accessorias, de Barcelona.—El Monitor de la Salud, de Barcelona.—El Corsario, de Barcelona.—El sentido católico en las ciencias médicas, de Barcelona.—Giornale di medicina militare, de Roma.—Giornale di farmacia, di chimica e di scienze affini publicato dalla società di farmacia di Torino.—L'Orosi, giornale di chimica, farmacia e scienze affini publicato per cura dell'associazione chimico-farmacéutica fiorentina.—Bulletin des travaux de la «Société de Pharmacie de Bordeaux».—Bulletin de la Société de Pharmacie du Sud-Ouest, Toulouse.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales.—L'union pharmaceutique, journal de la pharmacie centrale de France.—Bulletin commercial annexe de l'union pharmaceutique.—Revista medica de Chile.—Gazeta medica da Bahia.—União medica, do Rio de Janeiro.—O Instituto, de Coimbra.—Boletim de Pharmacia, do Porto.—Journal de agricultura e sciencias correlativas, do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica» do Porto.—Coimbra medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—O Gremio litterario, do Fayal.—Gazeta dos hospitaes militares, de Lisboa.—Revista de medicina dosimetrica, baseada na physiologia e experimentação clinica, segundo o methodo do Dr. Burgraeve.—Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.—El Observador medico, do Mexico.—Revista de medicina, cirurgia, pharmacia e sciencias ac-

cessorias, de Paris.—Moniteur de la Pharmacie Belge, de Bruxelles.—A Medicina contemporanea, de Lisboa.—Boletin de Ciencias Médicas, do Mexico.—Moniteur de la policlinique, de Paris.—Revista da Soidade Academica do Rio de Janeiro.—Crónica de especialidades medico-quirurgicas, de Cádiz.—Revue scientifique de la France et de l'étranger, de Paris.—Le Progrès pharmaceutique, de Lyon.—Paris médical, de Paris.—Revista Medico Quirurgica, do Mexico.—La Reforma Médica, de Mexico.—Revista Pharmaceutica, do Rio de Janeiro.—O projecto Caldas Aulete perante a medicina portugueza. — Notícia de algumas séculas procedentes de Puerto Rico, por D. Ignacio Vivés y Nogueir.—Questões hygienicas pelo dr. João Pires Farinha, do Rio de Janeiro.—Defeza da dosimetria, ou a reforma do dr. Burggraevé, por A. J. d'Oliveira Castro.—Amputação utero-ovarica, these por Joaquim Carlos de Mello e Minas.—Os aneurismas iliacos e a compressão da aorta abdominal, these por Aristides B. de Sousa.—Breves considerações sôbre o mal perforante do pé, these por Joaquim Esmeraldo Nobre.—Duas palavras sôbre as fracturas multiplas da bacia, these por Marianno Level Duarte.—Do hydrocéle idiopathico, these por João Augusto Martins.—Do jiquirity como tratamento das granulacões da conjunctiva, these por Alvaro da Fonseca.—A morphiomania, these por Izidoro Nogueira d'Azevedo.—Paralysis infantil, these por Virgilio Machado.—Prenhez extra-uterina, these por Augusto Faustino dos Santos Crespo.—A sangria na pneumonia, por Francisco dos Reis Stromp.—A uropoese no estado febril, these por João Pedro d'Almeida.

Pelo Congresso das Associações Portuguezas: Relatorio sôbre a federação dos serviços clinico e administrativo das associações de socorros mutuos de Lisboa, apresentada á junta do departamento do sul.—Trabalhos complementares do primeiro congresso das associações portuguezas. Relatorios das secções da junta departamental do sul.

Pelo sr. David Corazzi, de Lisboa: Historia da botanica em Portugal, por Anthero de Brito.

Pelo sr. Francisco de Carvalho, de Lisboa: Estatisticas geraes do serviço de saúde do exercito, nos annos economicos de 1877-1878 e 1878-1879.

Pelo sr. dr. Guilherme José Ennes, de Lisboa: Estudos de clinica militar, notas e observações colhidas em quatorze annos de pratica nos hospitaes militares.—Homens e livros da medicina militar.—A vida medica das nações.

Pelo sr. Henrique José Pinto, do Porto: Revista de medicina dosimetrica baseada na physiologia e experimentação clinica, segundo o methodo do dr. Burggraevé.

Pelo sr. José Dionysio Corrêa, de Lisboa: An nuire de thérapeutique, de matière médicale, de pharmacie et d'hygiène, 1884, par A. Bouchardat.

Pelo sr. José Marques Loureiro, do Porto: Catalogo geral e descriptivo das plantas cultivadas no Real Estabelecimento Horticola de José Marques Loureiro.

Pelo Ministerio do Reino: Collecção de leis e regulamentos geraes de sanidade urbana e rural, tomo 2.º, 1883.

Pela «Pharmacie Centrale de France»: Compte rendu de l'assen blée générale annuelle du 29 avril 1883.

Pelas redacções: — Annaes do Club militar naval.— Cor-

reio Medico de Lisboa. — Gazeta dos hospitaes militares de Lisboa. — Gazeta de pharmacia, de Lisboa. — Jornal de pharmacia e sciencias accessorias, de Lisboa. — A medicina contemporanea, de Lisboa. — O Instituto, de Coimbra. — Coimbra medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra. — Jornal de horticultura pratica, do Porto. — Boletim de pharmacia, do Porto. — Boletim noticioso-commercial da «Casa pharmaceutica» do Porto. — A Sentinella da fronteira, de Elvas. — União medica, do Rio de Janeiro. — Tribuna pharmaceutica, do Rio de Janeiro. — Enciclopedia medico-pharmaceutica, de Barcelona. — La crónica oftalmologica, de Cádiz. — El Restaurador pharmaceutico, de Barcelona. — Revista pharmaceutica, organo de la «Sociedad nacional de farmacia argentina». — El Monitor de la salud, de Barcelona. — Boletim del Instituto medico valenciano. — Jornal da Sociedade das sciencias medicas, de Lisboa. — Revista Pharmaceutica, do Rio de Janeiro. — Revista de Ciencias Médicas, de Barcelona. — El Mercurio, de Hamburgo.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa:

—Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. — Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881. — Secção de medicina, relatorios dos srs. drs. Leonardo Torres e Jacintho Augusto. — Medicina, secção de botanica, relatorio do sr. dr. Julio Augusto Henriques. — La question du Zaire. — Stanley's first opinions. — Les institutions de prévoyance du Portugal, par Costa Goodolphim.

Alterações occorridas no quadro da sociedade, durante o 49.^o anno da sua instituição

FÓRAM ADMITTIDOS

Para a classe de honorarios nacionaes

Dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem, *Lisboa*.

Joaquim dos Santos e Silva, *Coimbra*.

Para a classe de effectivos.

Francisco João da Rosa.

Joaquim Antonio Cardoso.

José Antonio da Motta.

José Augusto Pancada.

José de Mattos Saraiva.

Para a classe de correspondentes nacionaes.

Acelino Augusto Lopes, *Obidos*.

Antonio Martins Vidigal Salgado, *Benavente*.

Boaventura de Lima Sanches, *Campo Maior*.

Candido Ferreira da Motta, *Evora*.

Cesario Corrêa da Silva, *Crato*.

Joaquim Alves Christovão, *Alcoentre*.

Manuel Augusto da Motta Feliz, *Mangualde*.

Manuel Gomes Soares, *Povoa de Varzim*.

PEDIRAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes.

João Ferreira dos Santos, *Porto*.

José Maria Ribeira Retina, *Braga*.

FALLECERAM

Honorarios nacionaes

Antonio Gomes Roberto, *Lisboa*.

Effectivos

Francisco Antonio Alves d'Azevedo.

Correspondentes nacionaes

Ezequiel Augusto Barata Taborda, *Abrantes*.

Frederico Rodrigues Serra, *Caparica*.

João José de Brito Corrêa, *Benavente*.

Joaquim Pedro Bicho, *Castello de Vide*.

José da Costa, *Fronteira*.

RESUMO

Ficam existindo

Protectores.....	2
Benemeritos.....	28
Honorarios nacionaes.....	33
Honorarios estrangeiros.....	32
Effectivos.....	86
Correspondentes nacionaes.....	213
Correspondentes estrangeiros.....	26
	<hr/>
Total.....	420
	<hr/>

Finalmente, o sr. primeiro vice-presidente, José Ribeiro Guimarães Drack, disse o seguinte:

Meus senhores:—Acho-me n'este logar em virtude do artigo 7.º do nosso regimento interno.

A convallescença demorada do nosso illustre e respeitavel

presidente, o sr. Tedeschi, cuja voz eloquente tantas vezes tendes escutado aqui, obrigou-o a declinar a honra que immerecidamente me cabe, de presidir a esta festa, que para nós, pharmaceuticos portuguezes, recorda um dia auspicioso, como é o vinte e quatro de julho, de 1835, e nomes beneemeritos, como os do nosso presidente honorario e amigo presente, o sr. José Dioniysio Corrêa, José Vicente Leitão, Gregorio de Sousa Pereira e outros.

Homens dedicados ao trabalho, amantes da sciencia, fanaticos pelo progresso e lustre da especialidade que constituia a sua profissão, lançaram em um dia, como o de hoje, a pedra fundamental d'este edificio, tão modesto na apparencia, como fecundo em fructos para a patria e para a sciencia, cujo desinvolvimento e diffusão tem procurado alargar por todos os meios, e quanto os seus recursos de toda a especie lhe têm permittido.

Animou estes prestantes cidadãos e nossos collegas, no seu patriotico e levantado apprehendimento, o despontar da liberdade n'este canto da Europa occidental o qual, passando então a desfructar as docuras do novo regimen, que actualmente gosamos, deixou antever a todos os corações generosos, que pulsam forte ao pensar nas grandes reformas sociaes; um futuro mais brilhante, conquistado pelos esforços pacificos e não menos ingentes da intelligencia.

Animou-nos mesmo, principalmente, essa revolução pacifica e benefica, já então operada, em larga escala, no vasto campo da philosophia natural, aonde fôra iniciada pelos trabalhos maravilhosos de tres homens grandemente illustres, os quaes, de nacionalidades e condições differentes, constituiram na segunda metade do seculo passado uma trindade scientifica, que veio imprimir uma phase nova aos conhecimentos humanos.

Como vêdes, refiro-me a Schéele, cuja modestia quasi me inspira tanta veneração como os seus proprios trabalhos, ao bulçoso e erudito Priesteley, e ao afortunado Lavoisier, a quem a sorte caprichosa abandonou no fastigio da glo-

ria, para immolal-o ao furor de um governo imbecil e sanguinario, que pelo mais futil dos pretextos o fez subir ao cadafalso.

A sciencia tinha ainda tanto a esperar d'este ultimo, bruscamente arrancado aos seus trabalhos favoritos, que os desgraçados que constituiam o governo da convenção em 1794, só merecem o perdão da posteridade, porque não souberam o que fizeram. Felizmente para nós, pode dizer-se que Lavoisier tinha já formado, com os seus trabalhos experimentaes, um corpo de doutrina philosophica, por isso mesmo que elle, sendo dotado de uma viva penetração de entendimento e de um grande espirito tão incansavel como eminentemente pratico e investigador, já a esse tempo conseguira fazer a apreciação exacta e rigorosa de um grande numero de phenomenos. Armado com a balança, até então inutil nos dominios da chimica, ou cuja importancia incalculavel era ainda desconhecida, soubera ir sempre de deducção em deducção com a fina logica e com a claresa de raciocinios, que na sua mão foram a vara magica, com a qual elle, como um verdadeiro genio, derrocou as antigas theorias da sciencia, até então indecisa, e sem orientação certa e racional.

E, embora antecedido por dois astros de primeira grandesa, por Bacon e por Descartes, os quaes por processos até certo ponto oppostos lhe traçaram o caminho que elle e os outros reformadores deviam seguir—por tal forma soube fazer a *observação e a experiencia* dos factos, applicando o *methodo*, ensinado pelo primeiro, que foi elle, verdadeiramente, quem criou a chimica moderna juntamente com Schéele e Priesteley.

Pois bem, meus senhores, a chimica e a physica acabavam de receber um impulso estranho e formidavel dos trabalhos d'estes três experimentadores singulares. Ao tempo que Lavoisier encetava as suas manobras no campo das investigações, baseado em uma solida instrucção, ministrada em mathematicas e astronomia pelo abbade *la Caille*, em botanica por Jussieu, e na propria chimica pelo afama-

do Rouelle; ao tempo que punha ao serviço do seu saber e do seu talento raro uma fôrça de vontade prodigiosa e uma fortuna, que lhe proporcionava todos os recursos appeteciveis para o bom exito das suas aspirações, o immortal Schéele, simples ajudante de pharmacia por muito tempo, exercitava constantemente a sua actividade fecundissima sobre o estudo dos phenomenos que a pratica da pharmacia quotidianamente lhe proporcionava. As suas horas de applicação, roubava-as elle ao descanso da noite; os seus apparelhos, com os quaes tantas vezes surprehendeu os mysterios da natureza, eram os que as pharmacias modestas, onde trabalhava, lhes proporcionavam; os copos para agua lhe serviam de campanulas; nas bexigas de porco recolhia os gazes, e mais de uma vez as diabruras dos companheiros lhe transtornavam o resultado das observações minuciosas e delicadas. Pois com taes elementos foi um emulo digno de Lavoisier. Em quanto *este pesava e fazia* o estudo de muitos corpos pelo methodo synthetico, que lhe dava a chave dos segredos até então vedados ao homem, Schéele por meio da *analyse* chegava ás vezes aos mesmos resultados, e descobria no reino organico e no inorganico uma lista tão longa como interessante de corpos, cuja composição era ignorada. Priesteley fizera verdadeiros prodigios com a electricidade no mesmo campo das descobertas. A pharmacia, que fôra sempre o berço das sciencias, e o proprio theatre das operações de muitos dos seus mais dilectos cultores, viu diante de si um vasto campo, illuminado pelos clarões deslumbrantes que emittiam de si as theorias do grande Lavoisier, já então aceites pela maioria dos chimicos.

Ateara-se por toda a parte o fôgo sagrado, que alentava a actividade dos obreiros mais dedicados da sciencia.

A pharmacia portugueza, impressionada tambem pelos acontecimentos que acabo de vos esboçar, e fascinada principalmente pelo exemplo seductor da França, que caminhava na vanguarda da reforma, quiz incorporar-se na phalange que havia de corrigir os antigos erros, afeiçoar e

enriquecer a sciencia com dados novos; ou quiz ao menos seguir de perto essa phalange.

E assim nasceu a nossa sociedade, em 24 de julho de 1835 e, acto continuo, o seu jornal.

Já em setembro de 1834 se estreara nos conselhos da corôa um estadista de pulso vigoroso, e a todos os respeitos notabillissimo.

A instrucção publica fôra para elle a mais seria preocupação.

Intelligencia resplandecente, parece que considerava como principio axiomatico, que a regeneração e a prosperidade das nações têm por ponto de partida a saude e a robustez de seus filhos, bem como o seu grau de illustração. *Mens san in corpore sano.*

Assim, nós o vemos dar os estatutos á escola medico-cirurgica do Porto, logo em outubro do mesmo anno, isto é, um mez depois da sua ascensão ao poder e, em seguida, refundir e vasar em melhores moldes alguns estabelecimentos scientificos, e crear outros novos, tanto em sciencias de applicação como principalmente em bellas artes. Em 1836 cria as escolas de pharmacia annexas á universidade e ás escolas medico-cirurgicas.

A organização d'estas escolas, perante o estado da pharmacia n'aquella época, entre nós, e como medida transitoria, significava já um passo assignalado para a renascença que devia seguir-se-lhe e pôr-nos ao nivel moral e scientifico das outras nações, embora tivesse o defeito de não nivelar a instrucção entre todos os membros da nossa classe.

Porém, desde a iniciativa de Manuel da Silva Passos, o concurso indispensavel do governo para o progresso da pharmacia tem atravessado um periodo de incubação tal, que parece interminavel. Uma pausa assim faz suppôr, por momentos, que um poder occulto, qual associação da mão negra, machina nas trevas a nossa ruina, condemnando-nos á immobilidade.

Todos os esforços e tenacidade d'esta benemerita associação, e isto só lhe bastaria para justificar o titulo, apêsar

de ininterruptos, se têm baldadamente quebrado junto á indifferença obstinada dos nossos estadistas.

Eu duvidaria até do fundamento e da importancia das nossas constantes e reiteradas solicitações sôbre este ponto verdadeiramente momentoso para o decoro e interesses nacionaes, se o exemplo das outras nações, incluindo o proprio Brasil, para vergonha nossa, e se a voz da consciencia me não pezasse mais no espirito, do que a incuria e o desdem dos nossos imperantes, os quaes por alguma d'estas causas, que não por outras, se têm mantido firmes na contumacia.

Mas hoje não é dia proprio para exprimir-mos os nossos sentimentos de agravo, nem val esmorecer, meus amigos.

A França, desvairada, respondeu ás fecundas e brilhantes concepções de Lavoisier, apontando-lhe para o cadafalco; a Suecia, contemporanea de Schéele, esqueceu-se d'elle, se por ventura lhe não ignorou o nome illustre, deixando-o morrer pobre e ignorado; a Inglaterra mais de uma vez perseguiu Priestley, chegando a fazer presa das chammas a casa d'este sabio e os poucos bens que n'ella se continham. Antes d'estes, Socrates, Galileu, e tantos outros benemeritos da humanidade, cujos nomes vós conheceis melhor do que eu, obtiveram a recompensa com que as sociedades inconscientes agradecem quasi sempre aos seus mais acrisolados bemfeitores.

Se tem sido esta a sorte de muitos genios, que passam raro sôbre a terra, como os metéoros pelo nosso firmamento, que admira pois, que tão somente a indifferença governativa tenha respondido ás sollicitas indicações e aos esforços desinteressados d'esta sociedade, cujo lemma é—*o progresso da pharmacia e tudo, o que nos limites da sciencia fôr concernente á saude publica?*

A essa indifferença, que eu não pretendo classificar, mas que recentemente uma authority ¹ insuspeita e desapaixo-

¹ O nosso respeitavel e digno consocio benemerito, ex.^{mo} sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, na sua oração da sapiencia, feita em 16 de outubro de 1881, por occasião da abertura das aulas da Universidade de Coimbra, re-

nada julgou vergonhosa e miseravel nas suas consequencias, opponhamos nós a persistencia tenaz, a resignação paciente dos apóstolos da verdade, que, seguros da orthodoxia dos principios que defendem e obedecendo á voz da consciencia, luctam até á victoria.

E se esta não chegar nos nossos dias, nem por isso morreremos menos tranquillos a tal respeito.

Entretanto, quando alguma grande calamidade, d'estas que o terror precede e trazem consigo a desolação, pairar sôbre a patria, se a nossa intervenção para a esconjurar fôr immediatamente necessaria, saberemos dar exemplo do que é a dedicação e o amor pela humanidade.

Oxalá que o flagello que parece ter a sua origem nas margens inhospitas do Ganges, e ora opprime uma parte da França, não transponha as nossas fronteiras; mas, se tal succeder, a pharmacia portugueza mais uma vez terá occasião de offerecer, em holocausto aos seus concidadãos, os commodos da vida e essa mesma.

Acostumada instinctivamente, por assim dizer, e em todos os tempos, a valer ao pobre e ao rico, prestando-lhes sem distincções, nem restricções de especie alguma, tanto os soccorros de profissão como da propria medicina, nas conjuncturas difficeis e apertadas, ella conhece, pela pratica, o que é o civismo e a caridade christã, na accepção mais nobre e elevada d'esta palavra.

Incitar-vos ao exercicio d'estas virtudes, em sacrificio da humanidade, seria offender-vos, esquecendo o passado de muitos de vós, que sois um nobre exemplo para aquelles que ainda não têm atravessado épocas tão dolorosas, como a que actualmente pesa sôbre Marselha e Toulon.

ferindo-se ao ensino pharmaceutico, disse: «que estavamos fazendo uma excepção vergonhosa, unica e á parte, de tudo que elle conhecia das differentes universidades da Europa; que um facto d'esta ordem, tão estranho, tão excepcional e tão scientificamente miseravel, é mais que sufficiente para o descredito de um paiz qualquer, em assumptos de saude publica e do ensino de sciencias medicas, e parecia incrivel que nos tenhamos conservado até hoje n'um atraso deploravel!»

Meus senhores, desejava ainda fallar-vos de uma questão palpitante, que já tem sido tratada pormais de uma vez n'este logar e sôbre ella desinvolver as minhas idéas — o uso no nosso paiz dos medicamentos estrangeiros de composição conhecida e desconhecida; mas, de consideração em consideração, já insensivelmente ultrapassei o ponto que devia respeitar, para não abusar da vossa delicada benevolencia em me escutar.

Sinto não ter-vos offerecido um discurso que á opulencia e primor do estylo reunisse a elevação dos conceitos que vos captivassem os animos, como tinheis direito a esperar de quem se assenta n'esta cadeira; mas, lembrae-vos de que eu, desde os bancos das escolas, habituado ao recinto do laboratorio, mal poderia sair do campo da chimica e da pharmacia, que exerço por igual, para seguir o exemplo instructivo dos meus illustres antecessores n'este logar.

Sem possuir, como elles, a eloquencia que arrebatava, nem a sciencia complexa e transcendental que, surprehendendo a natureza no seu mecanismo magestoso e na sua marcha triumphal através dos tempos, se eleva em conjecturas até ao campo infinito e vago da metaphysica, contento-me em ter conjurado a vossa attenção para os problemas que mais directamente nos interessam. E assim termino.

A's onze horas encerrou-se a sessão. — O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

VARIEDADES

Tratamento da diptheria pelo bromo

O sr. Hiller recommenda a medicação bromada na diptheria. Sobre 50 casos pessoas teve um só fallecimento (na convalescença, pela myocardita). Segundo Schutz e Gotwald, combina as lavagens e as inalações; as primeiras devem ser feitas todas as duas ou tres horas, com o soluto seguinte:

Bromo puro.....	aã
Brometo de potassio.....	0,50 a 1 gram.
Agua distillada.....	200 »

F. s. a.

Para as inalações (5 a 10 minutos de duração, todas as horas ou todas as duas horas, segundo a gravidade dos casos). Hiller applica o soluto seguinte:

Bromo puro.....	aã
Brometo de potassio.....	0,60 gram.
Agua distillada.....	300,00 »

F. s. a.

As pesquizas experimentaes de Hiller confirmam estes resultados therapeuticos; os solutos bromados dissolvem bem as membranas dipthericas e os solutos de bromo, de 2 a 4 por 100, desinfectam perfectamente os liquidos infectuosos.

Palmilhas contra a transpiração dos pés

A transpiração dos pés é um grave encommodo para as pessoas que são affectadas. E' prudente fazer cessar esta exsudação? Ha opiniões encontradas: alguns medicos opinam que não ha perigo com a cessação de transpiração e, por este motivo, aconselham as loções aquosas adstringentes com a casca de carvalho, tannino, extracto de saturno,

etc.; outros aconselham que se deve conservar esta enfermidade, prescrevendo-lhe um agente não toxico e que tenha a propriedade de neutralisar o cheiro. Para este fim o sr. Estanislaw Martin indica a formula seguinte:

Permanganato de potassa.....	1 gram.
Agua distillada.....	100 »
Thymol.....	30 gotas.
F. s. a.	

Humedece-se n'este soluto papel de filtrar, panno de linho, algodão, palmilhas de cortiça ou de palha e deixe secar. As palmilhas devem ser cortadas de maior tamanho e todos os dias renovado um par. A pelle dos pés não deve ser corada pelo permanganato de potassa e, quando assim aconteça, applica-se ás palmilhas, depois de sêccas, uma ligeira camada de collodio, clara de ovo ou tinctura de benjoim.

Transporte dos microorganismos da terra no ar

O sr. Bantlech tem feito varios ensaios e divergem dos obtidos pelo sr. Naegeli e outros observadores.

Tem humedecido areia calcinada, da rua ou de jardim, com diminuta quantidade de argilla, de um liquido contendo bacterias e cobre-a com uma campanula de vidro; depois de algumas horas a agua condensa-se nas paredes internas da campanula, acompanhada dos microorganismos que preexistam no liquido empregado.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 12 DE FEVEREIRO DE 1884

Presidencia do sr. Guimarães Drack, primeiro vice-presidente

Às sete horas e meia da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

Por proposta do sr. Alfredo Machado foi eleito socio honorario o sr. Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos chimicos do laboratorio da Universidade de Coimbra.

Foi eleito membro da commissão de historia natural o sr. Antonio Joaquim Pinto Junior.

O socio *Fragoso* chamou a attenção da sociedade para dois factos que julgava importantes.

O primeiro versava ácerca da interpretação dada pelos escriptores de fazenda á lei sobre o real d'agua, em que exigem do pharmaceutico os direitos correspondentes ao alcool que consomem nas suas officinas.

Entendia que o pharmaceutico não era mais do que um revendedor e como tal não deve ser obrigado ao pagamento do impôsto, por isso que das casas onde elle se fornece já o têm pago. Além d'isto, os medicamentos em que entra o alcool não podem ser considerados como bebidas e a estas é que o impôsto deve ser exigido. Foi assim que em França interpretaram a lei quando se levantou uma questão identica.

Desejava que a sociedade tomasse a iniciativa d'esta questão, que era importante.

O outro facto tambem devia merecer todas as attenções e é o seguinte:

A Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra elaborou um projecto de lei em que cria a *Faculdade de Pharmacia*; mas, ao passo que toma a iniciativa da refor-

ma dos estudos pharmaceuticos, exclue estes do ensino e entrega-o exclusivamente aos medicos.

Por enquanto não discutia a questão por lhe parecer prematura, e pedia á sociedade tratasse immediatamente de estudar o projecto, discutindo-o para lhe oppôr quaesquer objecções á sua adopção.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram nove horas.—
O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 8 DE ABRIL DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Em consequencia de não estar presente o sr. primeiro secretario, e não podendo o sr. segundo secretario escrever, por lh'o inhibir o seu estado de saude, o sr. presidente convidou os srs. Coelho de Jesus e Queiroz a occuparem os referidos logares.

Não foi lida a acta da sessão antecedente por não ter sido apresentada pelo sr. segundo secretario, que declarou que lhe não tinha sido possivel escrevel-a em virtude da rasão exposta.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura de um officio da Academia Real das Sciencias, de 2 do corrente, em que enviava a esta sociedade bilhetes de admissão para a conferencia que devia realizar-se no dia 5 do presente mez.—
Recebido com agrado.

Foi apresentado um livro, offerecido pelo ex.^{mo} sr. Guilherme José Ennes a esta sociedade, que deliberou se lhe agradecesse a sua offerta.

Antes da ordem da noite pediu a palavra o sr. Carvalho que, sendo-lhe concedida, pediu explicações á mesa, afim de o elucidar ácerca de ter ou não sido dado licença, pelo governo, ao sr. André Gonçalves Pinto para fazer exame de pharmacia sem ter as habilitações prescriptas pelas leis vigentes.

O sr. *presidente* disse que não tinha conhecimento de que houvesse sido concedida ao sr. Gonçalves Pinto licença alguma, porém sabia que estava estudando em Coimbra.

O sr. *Carvalho*, usando novamente da palavra, propoz que se representasse ao governo, para não sancionar tal licença.

O sr. *Coelho de Jesus* declarou que era da opinião do sr. *Carvalho* e por isso que também opinava pela representação.

O sr. *Fragoso* disse que não se conformava com a proposta do sr. *Carvalho*, por que o sr. G. Pinto se apresentava com documentos taes que permittiam ao ministro, em face das leis vigentes, conceder-lhe a dispensa dos preparatorios que lhe faltavam, o que já havia sido concedido a outros aspirantes pharmaceuticos; e fez diferentes considerações ácerca do assumpto.

O sr. *Carvalho*, sustentando a sua proposta, disse que, embora o governo a não tomasse na devida consideração, era comtudo um protesto que devia ficar consignado.

O sr. *Simões d'Abreu*, declarando que era da opinião do orador que o precedeu, disse mais que os documentos do sr. G. Pinto, embora apresentados como legaes, tinha sobre os motivos para os não julgar conformes, e por isso votava pela proposta do sr. *Carvalho*.

O sr. *Fragoso* requereu que se procedesse á votação da proposta do sr. *Carvalho*.

Procedendo-se á votação a proposta de representação do sr. *Carvalho* não foi approvada.

Passou-se á ordem da noite: eleição de um socio honorario e de commissões.

O sr. *Coelho de Jesus*, usando da palavra, disse que, apesar de não ter sido lida a acta da sessão anterior, estava bem certo do que se havia passado e por isso perguntava, qual a razão porque se havia feito uma circular contra o que se havia approvado na sessão anterior, de ser discutida e não se eleger uma commissão para tratar da proposta do sr. Carlos Richter.

Os srs. *presidente* e *segundo secretario* declararam que isso havia sido, sem duvida, por lapso involuntario do sr. primeiro secretario.

O sr. *Coelho de Jesus* julgava, em vista d'esta falta, conveniente o não se discutir a proposta do sr. C. Richter por isso que muitos socios, julgando de somenos importancia a eleição da commissão, teriam deixado de comparecer á sessão, e portanto propunha que a discussão ficasse adia-da.—Posta esta proposta á votação foi approvada.

O sr. *Machado* propoz que se fixasse uma sessão extraordinaria para tratar exclusivamente d'este assumpto.—Posta á votação foi regeitada.

Foi eleito por unanimidade, socio honorario, o ex.^{mo} sr. dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem.

Em seguida procedeu-se á eleição da commissão que deve dar parecer sôbre o *Elucidario* do sr. Machado, que ficou composta dos seguintes socios: dr. Joaquim José Alves.—José Ribeiro Guimarães Drack.—Manuel de Jesus Abrantes.

Não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão. Eram dez horas e meia da noite, dando o sr. presidente para ordem da noite da sessão seguinte, propostas, pareceres de commissões e segundas leituras.—Pelo segundo secretario, *José Baptista da Fonseca Queiroz*.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 137)

NELUMBIA.

Nymphaeaceae. *Salisb.*

Nymphaea alba. L.

Golfão branco.

Hab. nas vallas, poços e paúes dos campos do Tejo, Mondego, Vouga e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as flores e a raiz recente.

Emp. as flores são muito mucilaginosas e emollientes; Alibert considera-as ligeiramente narcoticas. A raiz é muito feculenta e gosou já de grande reputação como sedante e antiaphrodisiaca. Ainda hoje se emprega em alguns paizes o xarope de nymphéa. Pouco usado.

Nuphar luteum. Smith.

(*Nymphaea lutea*. L.)

Golfão amarello.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

PARIETALIS

Cistaceae. D. C.

Cistus ladaniferus. L.¹

Esteva.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Barreiro e nas nossas provincias do Alemtejo, Extremadura, Douro e Beira.

Flor. na primavera.

P. u. a resina cirosa obtida, pela decocção na agua, das summidades floridas.

Emp. entra na composição de alguns emplastros resolutivos e de algumas preparações odoríferas².

Droseraceae. D. C.

Drosera rotundifolia. L.

Rosella, Orvalhinha ordinaria.

Hab. nas serras do Gerez, Montesinho, Estrella e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. no estio.

¹ Variedade β . *maculatus*. Dun. (*C. grandiflorus*. Pourr.) Barreiro, Coimbra, Adorigo, Alfandega da Fé, etc.

² Póde substituir-se-lhes o que provém do *Cistus creticus*. L. especie do Levante (*Pharmacopœa Portugueza*, 1876).

P. u. toda a planta.

Emp. como peitoral. Aconselha-se tambem nas ophthalmias. Pouco usado.

Drosera longifolia. L.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, na matta de Antanhol, e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Violariaceae. D. C.

Viola tricolor. L. var. *arvensis*. D.C. ¹

Amor perfeito, Herva seraphica ou da Trindade.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. Tem sido preconizada contra a crosta leitosa e em algumas molestias cutaneas pouco intensas, como depurativo.

Viola odorata. L. ²

Viola ou Violeta de cheiro.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Bragança, serras de Cintra e Monchique e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de fevereiro a abril.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como emolliente e diaphoretico.

Viola canina. L. ³

(*V. ericetorum*. Schrad. *V. silvestris*. Lam.)

Violeta brava, Beneffe da Beira.

¹ A *Viola tricolor*. L. tem as seguintes variedades: α . vulgaris. Lge.; arenaria. Sond.; γ . hortensis. D.C.; δ . alpestris. D.C.; ϵ . arvensis. D.C.; σ . segetalis. Jord.; ϕ . parvula. D.C.

² Variedade scotophylla (*V. scotophylla*. Jord.)

³ Variedades: β . montana. Horn. (*V. montana*. L.); γ . lucorum (*V. lucorum*. Rehb.); δ . minor. Lge. (*V. flavicornis*. Sm., *V. canina sabulosa*. Rehb.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Bragança, nas serras da Arrabida e Monchique e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de março a junho.

P. u. as folhas e flores.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente, porém as suas propriedades pharmaceuticas são menos activas.

PEPONIFERAE

Cucurbitaceae. Juss.

Bryonia dioica. Jacq.

Bryonia, Norça branca.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança e em outros pontos do paiz.

Flor. em julho e agosto.

P. u. a raiz.¹

Emp. internamente como purgante drastico, externamente como resolvente.

Citrullus vulgaris. Schrad.²

(*Cucumis citrullus.* Ser.; *Cucurbita citrullus.* L.)

Melancia.

Planta originaria da Africa e da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor no estio.

P. u. as sementes³.

Emp. como antiphlogistica e pertencem ao grupo das chamadas sementes frias⁴.

Ecbalium elaterium. Rich.

(*Momordica elaterium.* L.; *Elaterium cordifolium.* Mnch.; *Ecbalium agreste.* Rchb.)

¹ A melhor epocha para se colhêr a raiz é no outomno.

² Variedades: α . Pasteca; β . Jacé.

³ Vulgarmente chamadas *pevides*. As *pevides* deverão ser privadas do epis-perma só na occasião do emprego.

⁴ Antigamente tambem eram consideradas sementes frias as *pevides* do melão, pepino, abobora e colombo.

Pepino de S. Gregorio.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira e Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. os fructos e raiz.

Emp. os fructos como purgante hydragogo, e tambem se tem reputado como emenagogo; a raiz foi aconselhada por Celso como antipsorica. Os arabes a empregam muito contra a ictericia e dizem que tambem contra a chlorose⁴.

Lagenaria vulgaris. Ser.

(*Cucurbita lagenaria*. L.)

Cabaço, Colombro, Abobora carneira.

Planta originaria da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. o peponideo e as sementes².

Emp. o peponideo como purgativo e as sementes como refrigerantes. Pouco usado.

Cucumis sativus. L.

Pepino.

Planta originaria da Tartaria e da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. o epicarpo³.

Emp. para confeccionar a pomada de pepinos que se usa

¹ A raiz do pepino de S. Gregorio é um purgante drastico, e talvez se possa empregar na falta da raiz de Bryonia. Em Inglaterra empregam muito contra a hydropieia a fecula extrahida dos fructos do pepino de S. Gregorio, e é a esta fecula que se dá o nome de *elaterio* nas pharmacias. Em Coimbra tambem se empregam muito os fructos d'esta planta, na medicina popular, contra a ictericia, e na falta d'elles as fôlhas. O principio activo d'esta planta é a *elaterina* que se extrahе esgotando o fructo pelo alcool. A elaterina é um purgante violento na dose de 3 a 6 milligrammas. Os fructos do pepino de S. Gregorio devem ser colhidos antes da plena maturação.

² Vulgarmente chamadas *pevides*. Empregue o peponideo privado do epicarpo e das sementes.

³ Vulgarmente chamado *casca*. Golha os fructos dos pepinos só quando se acham completamente maduros.

no curativo de algumas feridas; tambem gosa de propriedades emollientes ¹.

Cucumis melo, L. ².

Melão.

Planta originaria da Persia e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes ³.

Emp. como refrigerantes e laxativas. Pouco usado.

Cucurbita pepo, L.

Abobora porqueira.

Planta originaria do Levante e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes ⁴.

Emp. efficazmente para expulsar a tenia e as lombrigas; tambem podem ser usadas como refrigerantes e peitoraes ⁵.

OPUNTIAE

Cactaceae. D.C.

Opuntia vulgaris. Mill.

(Cactus opuntia. L.)

Figueira da India.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz, principalmente nas provincias do sul.

1 O povo emprega o chá da casca do pepino para combater as dores de colica.

2 Variedades: α . reticulatus. Ser.; β . Cantalupo. Ser.; γ . deliciosus (C. deliciosus, Roth.)

3 Vulgarmente chamadas *pevides*. As pevides deverão ser privadas do episperma só na occasião do emprego.

4 Vulgarmente chamadas *pevides*. As pevides deverão ser privadas do episperma só na occasião do emprego.

5 Podem substituir a *Curcubita Pepo*, L. a *C. mazima*, Duch. (Abobora manganga) e a *C. Melopepo*, L. (Abobora menina).

As pevides de quasi todas as Cucurbitaceas gosam de propriedades antelminticas.

Flor. na primavera.
 P. u. os fructos.
 Emp. como temperantes¹. Pouco usada.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

FORMULARIO

Acido borico contra a diphtheria

(Harrie)

Acido borico.....	7	grammas.
Glycerina.....	15	»
Agua.....	15	»

M. s. a. Applica-se na superficie doente, nos intervallos menos ou mais longos, á medida que diminua a formação das falsas membranas e os symptomas da doença.

Collyrio contra as opacidades da cornea

(Gaudron)

Sulfato de cadmio.....	0,05	cetigram.
Mucilagem liquida de gomma..	10,00	gram.

F. s. a.

Injecção subcutanea d'ergotina e chloroformio

(Dr. Atkinson)

Ergotina de Bonjean.....	7,50	gram.
Agua distillada.....	22,40	»
Chloroformio.....	2,00	»

F. s. a. Cada centimetro cubico d'este soluto contém 30

¹ Dos fructos d'esta planta obtém-se um magnifico alcool. Em Barcelona usam muito d'um oleo medicinal que é feito com os fructos da Figueira da India, que é applicada em fricções para debellar as dores inflammatorias.

centigrammas d'ergotina, d'ose que n'ao dever' ser excedida.

Segundo este auctor, a associa'ao do chloroformio 'a ergotina, como pratica Simpson, concorre para conservar os solutos destinados 'as inject'oes subcutaneas, durante semanas, sem altera'ao do liquido; e, al'em d'isto, o mesmo chloroformio attenua a dor occasionada pelas inject'oes d'ergotina solvida na agua e da glicerina.

Injec'ao tannica contra a diphtheria

(Couzot)

Tannino.....	40 gram.
Mucilagem arabica.....	100 »
Espirito d'hortela pimenta.....	40 »

F. s. a.

Iodoformio no tratamento do lupus erythematoso

(Besnier)

Iodoformio.....	} a' 10 centigram.
Sabao medicinal.....	

F. s. a. uma pilula. Administra-se ao doente duas pilulas por dia; e, se o iodoformio e bem tolerado, pode-se augmentar esta d'ose at'e a de um gramma de substancia activa por dia.

Mistura purgativa

(Bonnati)

Folhas de senne.....	6 a 12 gram.
infunda em	
Agua fervendo.....	300 gram.
filtre e ajunte	
Hydrato de chloral.....	1,50 a 4 gram.
Xarope simples.....	30 gram.

Misture. Este preparado tem dado excellentes resultados, nos casos em que a jalapa e o oleo de croton não tenham produzido effeito.

Oleo de croton contra a tinha

(Descroizilles)

Oleo de cacão.....	10 gram.
Cera branca.....	10 »
Oleo de croton.....	20 »

F. s. a.

Pó de iodoformio contra o cancro

(Gille)

Iodoformio.....	18 gram.
Sulfato de quinina.....	3 »
Essencia de hortelã-pimenta.....	40 gôtas
Carvão pulverisado.....	15 gram.

M. s. a.

Poção antiescrofulosa

(Guibout)

Julepo gommoso.....	120 gram.
Iodeto de potassio.....	4 gram.
Tinctura de iodo.....	10 a 20 gôtas.
Tannino.....	1 gram.
Xarope de quina.....	20 »

F. s. a. O iodo encontra no tannino um correctivo que impede irritar o estomago e na quina um util adjuvante.

Poções de apomorphina

(Rossbach)

1. ^a —Chlorhydrato de apomorphina.	3 a 5 centigram.
Acido chlorhydrico diluido.....	50 »

Agua distillada..... 150 gram.

F. s. a. Administra-se uma colher, todas as duas horas, para facilitar a expectoração nos tysicos.

2.^a—Chlorhydrato de morphina... 3 centigram.

Chlorhydrato de apomorphina..... 3 a 6 »

Acido chlorhydrico diluido..... 50 »

Agua distillada..... 150 gram.

F. s. a. Administra-se uma colher, todas as duas horas, para facilitar a expectoração e acalmar a tosse.

Pomada de acido borico

(Championnière)

Acido borico bem pulverisado..... 60 gram.

Vaselina..... 30 »

F. s. a. Tem sido empregada nos eczêmas mui fetidos.

Para fazer esta pomada com o cheiro mais agradável, o sr. dr. Delaporte recômmenda addicionar a este preparado mais 0,50 gram. de balsemo peruviano.

Tratamento da dacryocystita

(Galezowsei)

Unguento duplo hydrargyrico..... 6 gram.

Vaselina..... 4 »

Camphora..... 25 »

F. s. a. Para unções na região do sacco lagrymal e depois recobrir com a cataplasma de arroz.

Tratamento das ephelidas

(Unna)

Oxydo de bismutho..... } aã 4 gram.

Amido de arroz mui puro..... }

Kaolin..... 8 »

Unguento de glicerina..... 20

Essencia de rosas..... 10 gôtas

F. s. a. Para fricções com pincel e recobrir de cassa.

Tratamento da epilepsia

(Charcot)

Brometo de potassio..... 8 gram.

Brometo de ammonio..... 4 »

Agua distillada..... 200 »

F. s. a. Na primeira semana, quatro colheres das de sopa e, na segunda semana, seis das ditas colheres.

Tratamento das syphilidas vulvárias

(Martineau)

Agua distillada..... 1 litro.

Hydrato de chloral..... } aã 10 gram.

Tinctura de eucalypto..... }

M. s. a. para loções.

Xarope bechico

(Dr. Gallois)

Xarope de balsamo de Tolú..... 25 gram.

Xarope de sulfato de morphina..... 25 »

Agua de loureiro-cerejeira..... 5 »

Misture. Administra-se em duas poções, durante a noite, a fim de diminuir os quintos de tosse, promover o somno aos tuberculosos ou ás pessoas que soffrerem affecção aguda das vias respiratorias.

Xarope expectorante

(Mason)

Chloreto de ammonio..... 12 gram.

Tartaro emetico..... 0,12 centigram.

Sulfato de morphina.....	0,18
Xarope de alcaçûs.....	120,00 gram.

F. s. a. Para tomar, uma colher das de café, todas as quatro horas, contra a tosse persistente com expectoração difficil.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Conferencias scientificas e os bacillos da expectoração

As conferencias interessantissimas do distincto professor de chimica da escola polytechnica, José Julio Rodrigues, de que os periodicos têm dado noticias mais ou menos desenvolvidas e que serviriam para acreditar o seu auctor, no mundo scientifico, se d'isto ainda carecesse, levaram-nos a escrever este artigo.

Com effeito, lêmos n'um diario, que tem apresentado extractos bastante desenvolvidos, umas observações d'um dos seus esclarecidos redactores a respeito dos microbios, que nos despertaram a attenção.

Fizeram-nos recordar o apreciavel artigo do dr. Carlos Moniz Tavares, um dos illustres redactores da *Gazeta dos Hospitaes Militares*, d'onde com a devida venia, vamos extrahir a parte que mais directamente nos interessa.

O professor Debove apresentou-se defensor da doutrina dos microbios e, para elle, a tuberculosa é sempre resultante de contagio; a tísica não se manifesta, sem se haver recebido do exterior o germen da doença, o bacillo especifico, mas disposições ha hereditarias ou adquiridas, que podem facilitar o contagio.

A existencia dos bacillos nos esputos dos doentes caracteriza a tuberculosa pulmonar.

A quantidade d'elles é muito variavel de um dia para o outro e até n'um só dia. Tambem têm sido encontrados no pus dos abcessos e mais particularmente dos abcessos

frios, nas materias fecaes e na urina; e, em todos os casos, a presença d'elles tem feito reconhecer a tuberculosa, e por esta circumstancia, assim como Debove diz que todos os medicos, mesmo sem serem micrographos, devem saber procurar os bacillos da tuberculosa, nós dizemos que todos os pharmaceuticos devem conhecer os processos de reconhecer a existencia dos bacillos e ter nas suas pharmacias os artigos necessarios, para rapidamente fazerem analyse quando lhes seja reclamada.

D'entre o consideravel numero de processos, preconizados para reconhecer a existencia dos bacillos, Debove só descreve dois, o de Koch, por ser o do descobridor do bacillo especifico da tuberculosa, e o de Ehrlich, como o mais simples, o mais pratico e o que permite reconhecer a existencia do parasita mais facil e rapidamente.

No processo de Koch, mergulha-se a peça, que se pretende examinar, n'um liquido, compôsto de um gramma de soluto alcoolico de azul de methylene, cem grammas de agua distillada, e dois decigrammas de soluto depôtassa (de 1 : 10). Retirada a peça do banho, depois de vinte e quatro horas de imerção, acham-se corados de azul todos os elementos cellulares, bem como todos os micro-organismos e parasitas da preparação, e para distinguir os da tuberculosa, basta tornar a mergulhar a peça n'um soluto aquoso de vesuvina; no fim de minutos, só os bacillos da tuberculosa se conservam azues, tudo o mais se torna pardo. Não ha, pelo menos, não se conhece até agora, micro-organismo algum susceptivel de se corar por esta forma e com o qual se dê a mesma reacção micro-chimica, com excepção unica do bacillo da lepra, que tambem se cora facilmente nos solutos aquosos e não alcalinos; mas entre a lepra e a tuberculosa ha differenças clinicas taes, que a confusão é impossivel.

O processo de Ehrlich foi descripto e executado por Debove, na presença dos ouvintes, começando o professor pela recommendação de que os solutos a empregar devem ser recentes e não terem mais de dois a tres dias de feitos e que todas as prescripções devem ser seguidas á risca.

N'um tubo de vidro, deitam-se alguns centímetros cubicos de agua distillada e uma certa quantidade de um soluto saturado de anilina; agita-se bem, e obtem-se mistura, um pouco turva, contendo oleo de anilina em excesso; filtra-se por um filtro fino, previamente molhado, e recolhe-se um liquido transparente; adicionam-se algumas gôtas de um soluto saturado de fuchsina, (fuchsina, azul de methylene, vesuvina, etc.) em alcool absoluto, tira-se o excesso da materia corante, tornando a filtrar o liquido, que deve ficar limpido; é este liquido que se deita n'um vidro de relógio, que ha de servir para corar a preparação.—Escolhe-se depois a parte mais purulenta e mais opaca de um esputo, colloca-se n'uma lamina de vidro bem transparente e ahi se desagrega até obter uma camada bem delgada, que se deixa seccar por alguns instantes, de modo que haja uma certa adherencia entre o vidro e o esputo; se a camada ainda fôr muito espessa e muito opaca, para poder ser examinada, esmaga-se com uma outra lamina, que se applica sôbre a primeira; toma-se então uma das laminas, com uma pinça, e passa-se pela chamma de uma lampada de alcool, tendo o cuidado de não elevar o aquecimento além de 80°; a albumina coagula-se e a adherencia torna-se assim bastante intima para impedir a separação da camada do esputo pelos diferentes liquidos, que têm de atravessar diversas vezes. Assim disposta, a preparação é mergulhada no soluto de anilina, com a camada para baixo, e ahi se deixa permanecer vinte e quatro horas; no fim d'este tempo, todos os elementos cellulares, todos os micro-organismos estarão corados de vermelho; tira-se então, lava-se para a separar do excesso da materia corante, e mette-se em acido nitrico (1:3); immediatamente se descora, e a lamina de vidro é envolvida de vapôres de cor amarella-alaranjada; promove-se a agitação do liquido, para estabelecer o contacto da peça com as novas camadas do acido, afim de se conseguir um descoramento perfeito e evitar todas as causas d'erro. Depois, torna-se a fazer uma lavagem para supprimir o excesso do acido nitrico, demo-

rando a preparação na agua, se ella é destinada a ser conservada; e então percebe-se uma ligeira côr rubra, devida aos bacillos da tuberculosa, que se conservam vermelhos, enquanto que todos os outros elementos da preparação fôrão completamente descorados pelo acido nitrico.

Esta reacção chimica tem uma importancia soberana e, sendo, muitas vezes, difficil de reconhecer um ou dois bacillos n'um fundo descorado e não se podendo apreciar a sua topographia, as suas relações com os outros elementos, estando estes tambem descorados, procurou-se obviar a taes inconvenientes, fazendo sobresair os bacillos n'um meio tambem corado; para isso, mergulha-se de novo a preparação n'um soluto aquoso basico de uma côr de anilina, de azul de methylene, por exemplo, só por alguns instantes, para que a muita côr não difficulte, por sua vez, distinguir os bacillos; repete-se uma lavagem com agua e obtêm-se assim corados de azul todos os nucleos das cellulas e todos os microbios differentes dos da tuberculosa, enquanto que estes, os bacillos de Koch, se conservam rubros e se destacam muito nitidamente do restante da preparação.

Se a preparação estiver um pouco escura, aclara-se pelo meio da essencia de cravo e, para a guardar, cobre-se com balsamo ou terebinthina do Canadá.

F. DE CARVALHO.

Peixes venenosos

Os srs. Gressin e Bottard, naturalistas distinctos, acabam de fazer uma interessante descoberta scientifica.

Sabe-se quanto é dolorosa a picada das espinhas operculares e dos raios espinhosos dos peixes denominados *Vive* (*Trachinus draco*, Lin.) e *Arselin* (*Trachinus vipera*, Cuv.).

Todos os auctores, depois de Aristoto até Cuvier, têm attribuido a dôr causada pela picada d'estes peixes e os accidentes consecutivos que sôbrevêem, ás vezes, á fôrça de penetração da espinha e não á existencia de veneno.

Todavia, os srs. Gressin e Bottard, insistem na sua descoberta e bem assim da glandula que o segrega.

Na base e em cada lado das espinhas operculares encontram-se aquellas glandulas, que contêm o veneno, que é conduzido pelas ditas espinhas; tornando-se o mesmo mecanismo que das viboras, sômente, em lugar de penetrar na ferida pelo canal central, como a bôcca das serpentes, o veneno segue por dois canaes collocados symetricamente de cada lado da espinha.

Tratamento da dôr de dentes

O dr. Kennedy propôz o methodo seguinte: fundir duas partes de cera branca ou de espermacete, ajuntar uma parte de acido phenico crystallizado e outra parte de hydrato de chloral, agitar até completa solução. Enquanto a massa estiver liquida, mergulha-se-lhe pedaços de algodão phenicado e fazem-se seccar; e, quando se quizer fazer uso, emprega-se pequena porção d'este algodão preparado em forma de rôlha, aqueça-se brandamente e introduza-se na cavidade do dente, aonde se solidificará.

Contraveneno do iodoformio

O sr. Bechring applica, contra o envenenamento pelo iodoformio, o soluto aquoso de bicarbonato de potassa, de 5 a 10 por 100.

Douradura do aço

O aço polido pode ser dourado pelo soluto ethereo de chloreto de ouro. Solvido o chloreto de ouro, ainda pouco acido, que fôr possível, na agua distillada, ajunta-se, ao soluto, tres vezes o seu volume de ether, agita-se e deixa-se depositar pelo espaço de 24 horas. Os objectos com

ação polido, mergulhados n'este soluto, recobrem-se de uma camada de ouro.

Conservação das collas de gelatina

Ajunta-se a os solutos de gelatina 8 a 10 por 100 de chloreto de calcio ou de magnésio, que os torna impudrescíveis, sem que as suas propriedades flexiveis e adhesivas tenham diminuido.

Uma colla, contendo 30 partes de chloreto para 100 partes de gelatina sêcca, conserva-se quasi indefinidamente.

Café com agua distillada

Fazendo-se café com agua distillada, obtem-se um producto muito mais agradável que quando preparado com agua commum; de uma finura e delicadeza de gôsto e arôma incontestavelmente superiores; as suas qualidades gostativas muito desinvolvidas, completas e perfeitas; porque os carbonatos terrosos, que contêm todas as aguas potaveis, decompõem uma parte do tannino do café, formando producto insolúvel e sem sabôr, em quanto que a agua distillada deixa o tannino intacto e conserva a o café toda a sua sensação agradável e as propriedades tonicas, cuja acção é tão notavel sôbre o estomago.

J. D. CORRÊA.

Erratas mais notaveis existentes em o n.º 9 d'este tomo

PAG. LIN.

ERROS

EMENDAS

161	32	lei de saude de 3 de dezembro de 1868, art. 78.º e 80.º, e a lei de 13 de julho de 1882, art. 1.º	lei de saude de 3 de dezembro de 1868, art. 78.º, e da lei de 13 de julho de 1882, art. 3.º
177	27	a observação a a experiencia dos factos.	a experiencia e a observação dos factos.
179	27	nivelar.	eleva convenientemente.
180	36	da sapiencia.	de sapiencia.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 29 DE ABRIL DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia seguiu o seu destino.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura d'um officio do nosso consocio do Lumiar, no qual participava á sociedade que uma pharmacia em Odivellas se achava ao abandono e sem pessoa competente com a habilitação legal para a administrar.

Fallaram sôbre o assumpto os srs. Corrêa, Mella, Pessoa, pedindo este para que a sociedade não resolvesse sem haver pleno conhecimento do facto, por isso que lhe constava que a pharmacia tinha pessoa habilitada que lhe dava o nome, mas que se achava um pouco distante d'aquella localidade.

Antes da ordem da noite explicou franca e desinvolvidamente o ex.^{mo} sr. presidente, demonstrando á sociedade quanto era conveniente e importante a nomeação d'um deputado que nos representasse no parlamento, e que tratasse unicamente dos interesses da classe, pondo-se ao abrigo de tudo quanto fôsse politica partidaria, para só advogar as questões concernentes aos direitos pharmaceuticos; que felizmente tinhamos na camara dos srs. deputados homens pertencentes á classe que, por diferentes vezes, nos prestavam relevantes serviços, mas que a missão d'aquelles cavalheiros não era exclusiva aos interesses da classe.

O sr. *Carvalho* discordou um pouco dos fins, com referencia á reunião, e desinvolveu os seus argumentos conforme as impressões que se lhe suscitaram no espirito, de-

pois d'effeituada a mesma reunião e á qual tinha assistido.

O sr. *Fragoso* combate energicamente as conclusões do sr. *Carvalho*, tomando os debates cada vez maior intensidade desde que fallaram estes dois oradores.

O sr. *Coelho de Jesus* disse que a reunião não tinha a responsabilidade que o sr. *Carvalho* lhe attribuia.

O sr. *Carvalho* respondeu ao sr. *Emilio Fragoso*.

O sr. *Drack* explicou as razões que nos levaram a reunir e tambem as vantagens que resultavam para a classe se, no parlamento, se fizesse representar por individuo que unicamente advogasse a sua causa.

O sr. *Fragoso* referiu-se ao sr. *Drack* e insistiu nas suas idéas contradictando o sr. *Carvalho*.

O sr. *Machado* lembrando a maneira como estava redigida a circular, convidando para a reunião, disse que podia francamente concluir-se que o motor da reunião era o desejo de todos concorrerem para o bem estar da sociedade e da classe.

O sr. *presidente* declarou formalmente que se a reunião tivesse outro fim que não fôsse o de manter a ordem na classe e assegurar garantias, para cuja estabilidade devemos contribuir denodadamente, não teria comparecido á reunião, nem voltaria a occupar os cargos com que a sociedade se tem dignado honral-o; que a sua politica tem sido a dedicação constante á sociedade e á classe pharmaceutica, constituindo este modo de proceder um verdadeiro sacerdocio; não é nem foi nunca affeioado á politica partidaria.

O sr. *Carvalho*, usando ainda da palavra, disse que a sua argumentação não tinha por fim melindrar as convicções de ninguem, nem dar aos debates outro caminho que não fôsse o verdadeiro; que modificava as suas idéas se ellas, de qualquer maneira, desviavam a discussão da orbita serena e regular.

O sr. *Corréa* declarou que não tinha estado na reunião passada e por isso se não julgava competente para apreciar os seus fins.

Fallaram ainda sôbre o assumpto os srs. Fragoso, Ascensão, Cunha, Pratas, Corrêa, tomando os debates um character energico e em sentido oppôsto á theoria do sr. Carvalho.

O sr. *presidente* levantou-se e disse que tendo dado todas as explicações necessarias para justificar os seus actos na reunião passada e sendo essa a expressão dos seus sentimentos, não podia continuar a occupar aquelle logar sem que a sociedade se conformasse plenamente com o seu procedimento. S. ex^a retirou-se de sala das sessões e assumiu a presidencia o sr. Drack.

O sr. *Alfredo Machado* mandou para a meza a seguinte moção d'ordem: — «A sociedade satisfeita com a declaração da meza e continuando a manter plena confiança no zelo dos membros que a compõem, passa á ordem da noite.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade pharmaceutica Lusitana 29 de Abril de 1884. — O socio honorario, *Alfredo da Silva Machado*.

O sr. *Drack*, poz á votação a moção d'ordem do sr. Machado e foi approvada por unanimidade.

Terminado este incidente fôram diferentes socios convidar o sr. Commendador José Tedeschi a occupar de novo a presidencia.

Sôbre a materia em discussão, fallaram ainda, para explicações os srs. Drak, Mella, Emilio Fragoso e outros socios.

O sr. *Carvalho* não desejando de forma alguma que as suas ponderações fôsem tidas como subversivas, mas só resultante da maneira diversa de vêr as questões, pediu para assignar a moção do sr. Machado (o que lhe foi concedido) e para que fique bem consignado na acta o seu procedimento.

Os srs. *Mella, Machado e Drack* apresentaram propôstas para socios, sendo a do sr. Drack apresentada pela primeira vez na sessão passada.

Sendo 11 horas o sr. presidente encerrou a sessão. — O 2.^o vice-secretario — *Antonio Augusto d'Ascensão*.

SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1884

Presidencia do sr. Guimarães Drack, primeiro vice-presidente

Foi aberta a sessão ás oito horas e meia da noite.

Foi lida a acta da sessão passada. Sôbre a acta, pediram alguns socios a palavra e fallaram da maneira porque estava redigida; a qual depois de algumas discussões foi approvada salva a redacção.

O sr. *primeiro secretario* leu a correspondencia a qual teve o devido destino.

Foi approvedo para socio correspondente o sr. Joaquim Alves Christovão, pharmaceutico estabelecido em Alcoentre.

O sr. *Fragoso* propoz para socio effectivo o sr. Francisco João Rosa. — O sr. Coelho de Jesus pediu a urgencia da proposta, a qual foi approvada.

O sr. *Silva Machado*, usando da palavra, fez sciente á sociedade da nomeação para cargos importantes, os socios Mattos, Fragoso, Rosa e Sisenando Marques; sendo os tres primeiros para analyistas do laboratorio da camara municipal de Lisboa, e o quarto para uma commissão no ultramar; e felicitou não só os collegas nomeados, pela honra que lhes foi dispensada, mas tambem a sociedade por vêr escolhidos entre seus membros, individuos para exercerem missões tão elevadas.

O sr. *presidente* disse que, effectivamente a sociedade tinha a regosijar-se com o facto annunciado pelo sr. Machado; por quanto o considerava de maximo valor.

O sr. *Fragoso* agradeceu em seu nome e dos seus collegas, as palavras que se acabavam de proferir em seu favor.

O sr. *Machado*, disse que, apesar de se ter feito, sem resultado benefico, varias representações pedindo a reforma d'ensino pharmaceutico, que julgava util continuar até se obter o fim desejado.

O sr. *presidente* declarou que estava para se effectuar em Runa, uma arrematação de medicamentos, para um dos cor-

pos do exercito, que fôra ao ministerio da guerra para falar ao sr. Ministro e entregar-lhe uma representação contra a referida arrematação. Sendo recebido por um official superior d'aquelle ministerio e dizendo-lhe o fim para que ali ia, elle me respondera, que se não podia prohibir porque estão auctorizadas por uma lei, que diz respeito á fazenda militar. Advertindo-lhe o sr. presidente o facto dado o anno passado em Santarem, fundado n'umas correspondencias, publicadas no *Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias de Lisboa*, nas quaes um collega d'ali, dizia ter prestado á classe um grande serviço, fazendo com que se não effeituasse uma das referidas arrematações; o dito official lhe dissera não ser exacta a referida communicação; se não foi levada a effeito pela primeira vez que foi á praça o referido fornecimento, não fôra pela opposição de pharmaceutico algum, mas sim, porque os proponentes não desceram á quantia pela qual o conselho desejava effeituvar a arrematação.

Às dez horas foi fechada a sessão.—O socio effectivo, servindo de segundo secretario, — *Antonio Simões Terceiro*.

CHIMICA

Doseamento volumetrico do antimonio em presença do estanho

Pelo sr. Herroun

Este methodo assenta sôbre o facto de que o chloreto antimonico é reduzido pelo acido iodhydrico a o estado de chloreto antimonioso, pondo em liberdade o iodo, em quanto que o chloreto d'estanho não se reduz nas mesmas condições.

A liga, subtilmente dividida, é atacada pelo acido chlorhydrico concentrado; ajunta-se frequentemente, durante a dissolução, pequenas quantidades de chlorato de potassa; quando a totalidade do metal esteja dissolvida, adiciona-se

lhe pequeno fragmento de chlorato para assegurar a transformação total dos metaes em perchloretos; faz-se ferver brandamente o soluto para expellir os productos chlorados; deixa-se resfriar e ajunta-se ligeiro excesso de soluto concentrado de iodeto de potassio. O iodo, pôsto em liberdade, é dosado por meio de soluto diluido de hyposulfito; a quantidade de iodo obtida, multiplicada por 0,48031, dá a quantidade de antimonio.

Se existir na liga, ferro ou outro metal em que possa pôr o iodo em liberdade, é necessario então separar o estanho e o antimonio empregando-se o acido azotico.

Emprego do tannino na analyse das aguas

Os srs. Bouchardat, Fanré e especialmente Kämmerer, têm recommendado o emprego de tannino para verificar a presença de certas materias organicas nas aguas. Segundo a opinião d'este ultimo chimico, toda a agua que se turvar pela addição de tannino deve ser considerada como perigosa para a saúde.

Havendo eu tido occasião de analysar uma agua de poço notei que empregando o que fôra indicado pelo sr. Kämmerer, quero dizer, ajuntando 3 c.c. de soluto tannico a 300 c.c. de agua em um vaso tapado, o liquido turvou-se immediatamente; todavia o residuo, deixado pela evaporação d'esta agua, continha fraca proporção de materias organicas e a quantidade d'estas não estava em relação com o volume do precipitado obtido pelo tannino.

A agua analysada possuia fraca reacção alcalina e, por este motivo, procurei conhecer a causa d'este phenomeno. Para este effeito introduzi n'uma proveta 300 c.c. de agua distillada e addicionei algumas gôtas de soluto de chloreto calcico; este liquido, que ficara perfeitamente limpido depois de lhe ter misturado 3 c.c. de soluto de tannino, turvou-se fortemente pela addição de pequenissima porção de ammonia; a potassa e a soda causticas e, em menor grau, os carbonatos alcalinos procederam do mesmo modo que a

ammonia em presença da mistura do tannino e de um sal calcico em soluto diluido. Os precipitados obtidos d'esta experiencia dissolviam-se facilmente no excesso de reactivo e nos acidos diluidos, mesmo no *acido carbonico*.

É por esta razão que o sr. Schmidt recommenda ajuntar-se grande excesso de reactivo á agua, na qual se pesquisa a presença de materias organicas azotadas, precipitaveis pelo tannino. Convém, pois, mencionar que a agua continha pequena quantidade de ammonia, para que o seu resultado não possa ser descoberto, nem pelo chloreto mercurico nem pelo papel vermelho de tornasol, que produz precipitado pelo tannino, quando se lhe encontre saes calcicos.

Recordaremos, n'este logar que, na sua memoria, o sr. Kämmerer relatava que alguns dos precipitados, por elle obtidos per meio do tannino, dissolviam-se facilmente no acido sulfurico diluido, character que não apresenta a combinação insolavel da gelatina e do tannino.

Pode-se tirar partido da sensibilidade da reacção da mistura de tannino e de saes calcicos sobre os solutos fracamente alcalinos, para certificar a presença de alcalis livres ou carbonatados e especialmente da ammonia, em certos liquidos que, naturalmente, devem ser isentos de principios susceptiveis de dar precipitados, ou seja com o tannino, ou seja com os saes calcicos em soluto diluido. Por este motivo, convém empregar-se o reactivo composto de volumes eguaes de soluto alcoolico de tannino 4 : 10 e de soluto aquoso de chloreto calcico 4 : 10.

Uma gôta d'este liquido, misturado á agua distillada contendo mui pouca ammonia, para não modificar sensivelmente o papel de tornasol avermelhado, produz-lhe turvação branca.

J. D. CORRÊA.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 194)

CARYOPHYLLINAE

Portulacaceae. Juss.

Portulaca oleracea. L. ¹

Beldroega.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas, febrifugas, litiontripticas e diureticas; as sementes como vermifugas. Pouco usada ².

Caryophylleae. Juss.

Spergularia rubra. Pers. ³(Arenaria rubra α . campestris. L.; Lepigonum rubrum. Wahlbg.; Spergula rubra. Godr.)

Arenaria vermelha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Lisboa, Cintra, Portalegre, Porto e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a junho.

¹ Variedade β . sativa. D.C. (P. sativa. Haw.)² Faz-se um unguento, em que entram as folhas da Beldroega, que dizem ser muito efficaz nos padecimentos hemorrhoidaes. A salada das folhas d'esta planta é muito util na prisão de ventre.³ Variedades: α . campestris. Fzl; β . alpina. Wk.; γ . longipes. Lge.; δ . pinquis. Fzl.

P. u. a planta florida.

Emp. contra as areias e calculos urina-rios.

Stellaria media, Vill.¹

(*Alsine media*, L.)

Morugem vulgar ou branca. Orelha de rato dos her-
varios.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, Braga, Porto,
Lisboa, Serpa e em quasi todo o paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. a planta florida.

Emp. como adstringente. Pouco usada.

Dianthus caryophyllus, L.

(*D. longicaulis*, Csta.)

Cravo.

Hab. em alguns paizes da Europa e entre nós cultiva-se
muito nos jardins um grande numero de variedades.

Flor. na primavera e principios do verão.

P. u. as petalas.

Emp. como bechico e tonico. Constitue a base do xar-
ope de Claveles. Pouco usado².

Saponaria officinales, L.

Saboeira legitima.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, nos terrenos proximos
ao Mondego, Serra da Estrella, Villa Velha do Bodão,
Porto, Lamego e em outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz e as folhas.

Emp. como tonica e diaphoretica³.

Silene inflata, Sm.⁴

(*Cucubalus Behen*, L., *Silene Cucubalus*, Wib.)

¹ Variedade β . major. Koch.

² Deverão empregar-se, sempre que se possa, as petalas dos cravos ver-
melhos de preferencia ao de outras côres.

³ As folhas da *Saponaria communica*m á agua a propriedade de espumar,
como a agua de sabão, e é por isso que se chama vulgarmente saboeira. Deve
esta propriedade a uma substancia que contém chamada *saponina* ou *struthina*.

⁴ Variedades: α . genuina; β . ciliata. Lge.; γ . glareosa (Jord.)

Herva traqueira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, Porto, Geréz, Setubal, Portalegre e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a raiz.

Emp. como analeptica. Pouco usada.

Agrostemma githago. L.

(Githago segetum. Desf., Lychnis Githago. Lam.)

Nigella bastarda.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Porto, Adorigo, Montargil e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. como antipsorica (Fuchsius) e util para curar hemorrhagias, ulceras e fistulas (Simon Pauli). Pouco usada.

Phytolaccaceae. R. Br.

Phytolacca decandra. L.

Tintureira vulgar, Herva dos cachos da India.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, nos terrenos juntos ao Mondego, Marinha Grande, e em muitos outros pontos das nossas provincias do Douro, Estremadura, e Beira ¹.

Flor. de maio a agosto.

P. u. as folhas, o succo das mesmas, as bagas (fructos) e a raiz.

Emp. O succo das folhas é purgativo na dose de 15 grammas (meia onça). As bagas e a raiz são também purgativas. As folhas applicadas sobre a pelle causam irritação; usam-se em cataplasmas contra as feridas de mau character (Chernoviz).

COLUMNIFERAE

Malvaceae. Juss.

Lavatera cretica. ²

¹ Esta planta é originaria da Virginia, India occidental, China, etc., e só foi conhecida na Europa depois da descoberta da America. Hoje não só cresce espontanea em Portugal como em muitos outros paizes da Europa.

² Variedade β. stenophylla.

(*L. silvestris*. Bröt.; *L. Neapolitana*. Ten.; *Malva pseudo-lavatera*. Wbb.; *M. hederifolia*. Viv.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, Porto, Berlengas, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a raiz, folhas e flores.

Emp. como emolliente.

Lavatera arborea. L.

(*Anthemum arborea*. Presl.)

Hab. nas margens do Douro e do Tamega, Berlengas e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

Tudo que diz respeito á especie antecedente.

Althea officinalis. L.

Althea, Malvaisco.

Hab. em alguns terrenos proximos do Tejo e do Mondego, Adorigo, nas visinhanças de Obidos e em outros pontos da Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como emolliente.

Malva silvestris. L.¹

(*M. vulgaris* Ten. non Trag.; *M. hirsuta* Viv. nec Ten.)

Malva.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de abril a julho.

P. u. a raiz, folhas e flor.

Emp. como emolliente.

Malva rotundifolia. L.

Malva.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de maio a agosto.

P. u. a raiz, folhas e flores.

¹ Variedade β . Mauritanica. Bss. (*M. Mauritanica*. L.)

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ¹.

Tiliaceae. Juss.

Tilia platyphylla. Scop.
(*T. grandiflora*. Ehrh.; *T. pauciflora*. Hayne; ; *T. mollis*.
Spach.; *T. Europaea*. L.)

Tilia.

Arvore originaria do norte da Europa e cultivada entre
nós nas provincias septentrionaes.

Flor. em junho.

P. u. as bracteas floriferas ².

Emp. como antispasmodicas e diaphoreticas.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

ZOOLOGIA

**Nota sobre a séde do principio activo
entre os vesicantes**

O sr. H. Beauregard, naturalista, descreveu o seguinte:

Especies epispasticas.—As pesquisas comprehendidas em
diversas epochas por Bretonneau (1828), Farines (1829),
Leclerc (1835), Courbon (1855), Ferrer (1859), e mais re-
centemente pelo sr. Beguin 1874, têm mostrado que, sós,
os insectos da tribo dos vesicantes (Mulsant) possuem o prin-
cipio crystallisavel, a cantharidina, que têm a propriedade
epispastica, caracterisada pelo effeito que produz sobre a
epiderma.

Tem-se procurado preencher as lacunas por uma serie
de experiencias, como se segue:

Para se reconhecer a força epispastica de um insecto, é
seccal-o e reduzir a pó; depois humedecer este ligeiramente

¹ Póde substituir-se-lhe as outras especies indigenas do genero *Malva* que habitam no nosso paiz (*Pharmacopœa Portugueza*, 1876).

As outras especies que habitam em Portugal são *Malva Alacea*. L.; *M. hispanica*. L. e a *M. moschata*. L. α . laciniata. Gr. Godr.

² Vulgarmente chamadas flores.

e collocar uma certa quantidade sôbre o antebraço e cobri-lo com um pedaço de tafetá, por espaço de oito a doze horas,

Apresentando-se empôla, o insecto é immediatamente reconhecido por vesicante; não apresentando nenhum phenomeno, procede-se a tratar o pó obtido por uma pequena quantidade de ether acetico (processo de Galippe), á temperatura de 30°. Depois de doze horas de maceração, decanta-se o liquido e o residuo, espremido do liquido, será todo este filtrado e submettido a evaporação espontanea; em seguida obtem-se oleo escuro e crystaes de cantharidina, se esta existe. Este oleo, misturado dos crystaes e empregado no antebraço, produz rapidamente a formação de uma empôla.

Por uma serie de ensaios, d'este modo tenho reconhecido a propriedade epispastica dos generos: *Meloe*, *Cerocomma*, *Mylabris*, *Corina*, *OEnas*, *Lydus*, *Alosymus*, *Caballa*, *Lagorina*, *Cantharis*, *Litta* e *Sitaris*, experimentando ou seja sôbre especies já conhecidas como vesicantes ou sôbre as ainda não estudadas.

Tenho igualmente verificado o poder epispastico do genero *Henous* (*H. confertus*), que não tinha ainda sido experimentada.

Para o genero *Zonitis*, Leclerc havia estabelecido os insectos não vesicantes, e Beguin, pelo contrario, tem observado a força das especies (*Z. præusta*, *Z. fulvipennis*, *Z. mutica* e *Z. bilineata*), apresentando empôlas em oito horas de applicação.

O genero *Nemognatha*, proximo dos precedentes e que seria inactivo depois de Leclerc, é hoje considerado muito vesicante e, bem assim os *N. chrysomelina* e *N. lutea*.

Finalmente, pode-se dizer que todos os insectos da tribo dos vesicantes são epispasticos; todavia reservando-se ainda os generos *Horia* e *Tricania*, com os quaes não se tem podido obter empôla bem definida.

Localização do principio activo. — Falta-me resolver a questão incompletamente elucidada da séde exacta da cantharidina no corpo d'estes insectos; tenho tomado para as-

sumpto dependente a cantharida ordinaria (*Cantharis vesicatoria*), tão empregada na Europa e que, devido á benevolencia do meu sabio amigo sr. Nicolas, d'Avignon, tenho podido ter em grande quantidade.

As pesquisas, sôbre este ponto especial, têm sido effectuadas pelos methodos chimicos de Berthoud, Ferrer, Fumouze e Lissonde; os resultados obtidos podem-se resumir pela proposição seguinte: «as partes molles são muito mais activas do que as duras (elytros, patas, cabeça).» Todavia, Courbon, experimentando physiologicamente sôbre a *Epicauta adspersa* (Montevideo), obteve toda a acção epispastica das partes duras, e Leydi sôbre a *E. vittata*, foi mais longe ainda, asseverando que, n'esta especie, o principio vesicante residia no sangue e n'outra materia gôrda, propria em certas glandulas accessorias do aparelho da geração e nos ovos.

Os meus ensaios sôbre a cantharida, depois dos methodos acima indicados, têm-me mostrado que, entre esta especie (*C. vesicatoria*), o sangue é vesicante em alto grau; as partes duras, desinvolvidas do sangue, são absolutamente inactivas; em quanto ás partes molles, são: os musculos, corpo adiposo, aparelho digestivo e os tubos de Malpighi destituídos do poder epispastico, residindo este unicamente no aparelho genital.

No macho, os testiculos e os canaes deferentes são inactivos e, sôbre tudo, a par das vesiculas seminaes em tubos cylindricos muito allongados e desenfando no comprimento do corpo, que me tem apresentado o poder vesicante energico. A applicação no antebraço, com pequena parte d'estas vesiculas, determina a formação de volumosa empôla, com tumefacção dolorosa na periphèria; algumas vezes tenho obtido empôlas com a parte dos canaes deferentes, a mais visinha d'estes tubos.

Na femèa, todas as partes do aparelho genital: vesicula copulativa e ovaria com ovos são epispasticos; e, finalmente, os ovos, depois da postura, possuem a força vesicante muito energica.

Tenho podido certificar que a primeira que sae do ovo é igualmente activa. Vinte e cinco larvas, reduzidas a pôlpa e collocadas sôbre o antebraço, têm-me dado pequenas empôlas attestando o seu poder vesicante.

Ultimamente, as mais novas cantharidas perfeitas, medindo 8 a 10 millímetros de comprimento, que não tinham sido emparelhadas, são igualmente indicadas vesicantes. Estes diversos resultados infirmam as conclusões de Neutwich, que pretendia que o poder epispastico não se desinvolve senão depois da cohabitação e que os insectos mais recentes e de mediana estatura não produziam empôlas á superficie da pelle.

J. D. CORRÊA.

FORMULARIO

Emulsão de iodoformio para injeções vesicaes nos casos de cystita chronica (Nussbaum)

Iodoformio.....	1 gram.
Glycerina pura	5 »
Agua	100 »

F. s. a. Cada injeção deve ser precedida de lavagem da bexiga.

Gargarejo de menthol (Auzeigen Blatt)

Menthol	0,75 gram.
Acido carbolicó.....	4,00 »
Extracto d'alcaçús	60,00 »
Agua distillada.....	300,00 »

F. s. a. Contra o catarrho, diphtheria, escarlatina, etc.

Mistura contra a alopecia (Rundschau)

Acido lactico.....	0,50 a 1,00 gram.
Acido borico.....	2,00 a 2,50 »

Agua.....	220,00	gram.
Alcool.....	30,00 a 40,00	»

F. s. a. Para untar o couro cabelludo, durante tres ou quatro minutos.

Repete-se esta operação duas vezes por dia, com duas ou tres colheres d'esta mistura.

Misturas contra o rheumatismo muscular

1. ^a Sabão animal	6,00	gram.
Ether acetico	30,00	»
Camphora.....	4,00	»
Essencia de tomilho.....	0,40	»

F. s. a. Para fricções.

2. ^a Alcoolatura de raiz de aconito	3,00	gram.
Banha preparada	10,00	»
Chloroformio.....	5,00	»
Hydrochloreto de morphina.....	1,00	»

F. s. a. Para fricções.

Oleo antiseptico contra o eczéma

(Lassar)

Azeite doce..... 100 gram.

Acido phenico..... 1 a 2 »

M. s. a. Faça unções sôbre a pelle, no periodo agudo do eczéma.

Á medida que o oleo é absorvido, a pelle fica macia, as crôstas desfazem-se e o prurido diminue. applica-se então uma tira de panno circular, feita de musselina molhada no oleo antiseptico, e cobre-se por cima com panno de linho. Se, após um certo tempo, o oleo phenicado não é mais supportado, substitue-se pelo azeite doce contendo 1 a 2 por cento de acido salicylico, ou então $\frac{1}{2}$ a 1 por cento de acido thymico. Este ultimo preparado é muito effcaz em todas as inflammações com bôlhas pemphygodas e tambem no pemphygo propriamente dito e na erysipela.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Os estudos do dr. Pasteur

Um mal terrível, ascoroso, indelevel, que pesava sobre a victima como um estigma, flagellava as populações dos seculos passados.

Quando aquelle ramo de peste invadia as aldeias felizes, pelos labôres honestos e os burgos ridentes pelas laurejadas messes, sobre a povoação, pesava um desanimo de resignação, e as frentes curvavam-se transidas de pavôr, acceitando, victimas imbelles, o destino austero como uma condemnação terrível e inexoravel.

E as mães conchegavam ao peito os filhos do seu amor, rosados e felizes; tremulas de susto, pelo receio que o contagio lhe arrebatasse o penhor dos seus affectos, ou o ferrete indelevel lhe estampasse na tez as picadas caracteristicas da terrível doença, desfigurando-o, maculando-lhe as feições correctas ou extinguindo-lhe a luz dos olhos.

Eram as bexigas, este mal sem remedio, que irrevogavelmente havia de acommetter toda a humanidade, como uma praga terrível, que o averno vomitasse sobre a humanidade.

Mas um dia a aurora surgiu feliz e risonha. Afagando os pequeninos, um anjo na pessoa de Jenner, remiu a humanidade do jugo das bexigas, que se tornaram um chimera, uma futilidade ante o antidoto do novo Christo, Jenner, que, como elle rasgava as mortalhas, resuscitando os mortos prestes a cair na fossa tumular.

E *urbi et orbi* se patenteava o talisman— a vaccina.

Pois bem, uma ontra doença horrorosa, incuravel, fatalmente mortal subjuga a victima, expondo-a em espectaculo desolador, horripilante, com as convulsões horrendas que fazem medo, que aterram o espectador. Nos doces ocios da vida, nas avenidas ou nos passeios, quando procuramos aspirar as plenas laustas, as auras frescas do pôr do sol, o

mal nos pode ser inoculado, o soffrimento atroz, a morte irrevogavel.

É a hydrophobia.

Pois na epoca presente um homem, de quem o nome é já uma gloria para a França; distinctamente laureado pelos estudos sôbre a geração espontanea, sôbre as fermentações, sôbre o germen das doenças contagiosas, sôbre o virus vaccinico contra o cholera etc.; o chimico Pasteur, em maio ultimo apresentou á academia franceza um relatorio sôbre os seus estudos, sôbre a hydrophobia que elle pretende aniquilar, inoculando no individuo um virus rabico refractario áquella terrivel doença.

Diz elle, no seu relatorio: «Realmente, as primeiras experiências são bastante favoraveis; mas é preciso multiplicar as provas em varias especies d'animaes, antes que se tenha a coragem de tentar no homem esta prophylaxia;

«Facilmente se deve comprehender que, não obstante a confiança que me incutem as experiencias, que executo ha quatro annos, não é sem algum receio, que publico presentemente factos que só se dirigem a uma prophylaxia possível da hydrophobia

«Por obediencia a certos escrúpulos tomei a liberdade de escrever a M. Fallieres, ministro da instrucção publica, solicitando-lhe a graça de nomear uma commissão, á qual eu submetta os meus cães refractarios á hydrophobia.

«A experiencia consistirá em sujeitar vinte dos meus cães refractarios á hydrophobia, á influencia do virus rabico, juntamente com vinte cães não vaccinados. Sendo verdadeiros os factos que aponto, os vinte cães julgados por mim refractarios hão de sair incolumes d'esta prova, emquanto que os outros serão atacados de hydrophobia. «Uma outra experiencia não menos decisiva será feita com quarenta cães, sendo vinte vaccinados na presença da commissão, e vinte não vaccinados.

«Em seguida serão todos inoculados com o virus de um cão damnado.

«Os vinte cães vacinados resistirão, os outros vinte morrerão todos damnados.»

O virus preservativo é obtido pelo sr. Pasteur inoculando successivamente o virus rabico em varios animaes: taes como cães, coelhos, macacos; até invalidar a acção do virus tornando-o de effeito passageiro.

O systema de inoculação executa-se por meio de seringas apropriadas, taes como se usam nas injecções hypodermicas.

Quem sabe se um dia a humanidade se preservará de enumeras doenças pela vaccinação apropriada?

F. P. ALBANO GONÇALVES.

Etherodina, liquor d'ether

O sr. Dannecy diz ser muito fraca a proporção do ether que contém o xarope do Codex; e, longe de satisfazer á exigencia da therapeutica actual, que aconselha empregar-se este medicamento em doses mais elevadas com grande exito.

Os doentes queixam-se frequentemente da impressão, sempre desagradavel, que produz o ether, quando elle se esparge sôbre a mucosa do estomago, no momento da ruptura da perola que o contém, impressão assaz incommoda e que, algumas vezes, é necessario suspender o emprego.

Sôbre a opinião de numerosos praxistas e frequentemente confiado nas queixas dos doentes, formulou este auctor o seguinte preparado, que denomina *etherodina*:

Alcoolato ligeiramente aromatico (hortelã-pimenta, aniz, framboezas, etc.) a 80° 400

Xarope commum preparado por simples solução a frio 500

Êther sulfurico puro q.b.

Os tres liquidos são introduzidos successivamente em um frasco para xarope d'ether, depois é agitado com attenção.

Depois de algumas horas de repouso a operação está terminada; o liquor, perfeitamente limpido, é dividido para frascos de vidro escuro, bem rolhados e conserva-se para uso.

Esta mistura constitue um liquor muito agradável e rico de ether, cujo emprego tem-se generalizado cada vez mais.

Lapis-sinapismos

Depois do lapis de menthol, uma casa de Berlim procura divulgar os lapis-sinapismos, destinados a substituir os papeis de Rigollot e a essencia de mostarda.

É bastante esfregar com o lapis, ao direito da pelle que se pretende provocar a acção revulsiva local; por exemplo: atraz da orelha, na odontalgia; a testa, nos casos de enxaqueca; na syncope, sôbre as differentes partes do corpo affectadas de dôres rheumatismaes; etc.

Recommendam-se estes lapis, pela circumstancia de serem commodas ás pessoas que viajam.

Incompatibilidades medicamentosas

O sr. Rabuteau tem chamado attenção sôbre certas incompatibilidades medicamentosas, particularmente o iodeto de potasio e o sulfato de quinina. Administrando-se ao mesmo tempo estes dois medicamentos, os doentes apresentam anxiedade, anorexia, perturbações nervosas e fastio geral; similhantemente quando se administra o iodeto imparo que contém iodato de potassa.

A mistura de um iodeto e de um iodato, não pode conservar-se em presença dos acidos do estomago; o mesmo acontece quando o iodeto de potassio e o sulfato de quinina se encontram misturados no mesmo estomago, porque o iodo é pôsto em liberdade e produz perturbações.

Ao sr. Rabuteau aconteceu-lhe que, tendo administrado sulfato de quinina a uma mulher, durante a epoca menstrual, apresentou accidentes muito graves e mesmo mortaes.



Centro de Aperfeiçoação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JOSÉ DIONYSIO CORRÊA

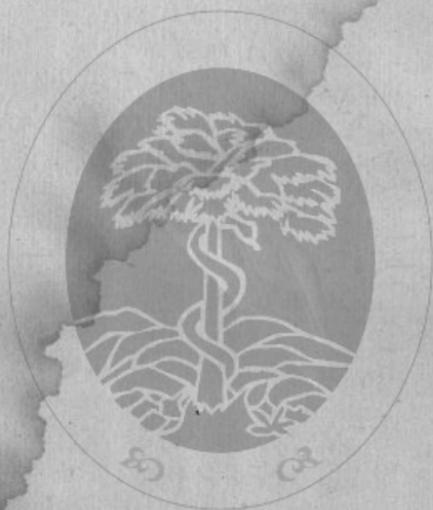
n. em 22 de setembro de 1808

FUNDADOR E PRESIDENTE HONORARIO
DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Administrador e reformador da botica do hospital de S. José; Vogal do antigo conselho de saúde pública do reino.
Cavalleiro das ordens da Conceição de Villa Viçosa e da Torre e Espada
etc., etc., etc.

m. em 3 de dezembro de 1884



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
de Orléans

Casa onde falleceu o Fundador e Presidente honorario
da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, José Dionysio Corrêa,
aos 5 de dezembro de 1884, na rua de S. José, 51.



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JOSÉ DIONYSIO CORRÊA

As virtudes que ennobreciam o character d'este homem illustre, espelhavam-se-lhe na fronte serena e limpida, como as paizagens que bordam os lagos tranquillos, se reproduzem nitidas na transparencia das aguas.

A natureza, comprazendo-se em dotal-o de uma plastica distincta, onde se encerravam sentimentos elevados e faculdades pouco vulgares, não teve que arrepende-se da sua prodigalidade, porque elle soube dedicar o melhor de seus dias, ou antes, toda a sua vida, ao estudo d'essa mesma natureza, que tanto amou, e procurou conhecer em todas as suas manifestações.

Passando toda a mocidade em um meio proprio para desenvolver e aperfeiçoar os dotes apreciaveis com que a natureza o favoreceu, não só se illustrou, mas tambem adquiriu com o trato dos homens notaveis maneiras e affabilidade, que nem sempre são apanagio dos homens da sciencia, e que, quadrando perfeitamente á sua pessoa, o tornaram um cavalheiro distincto a todos os respeitos, e agradável no mais alto grau a quantos com elle trataram de perto. Mas a sua cortezia sem affectação não o privava de empregar o sal alico nas suas conversações, sempre amenas e instructivas; antes o fazia com tal arte e delicadeza, que mais captivava assim aquelles a quem se dirigia.

Ainda muito moço e já pharmaceutico, quando Mousinho d'Albuquerque abriu os seus cursos na Casa da Moeda, correu pressuroso a frequental-os e, admittido logo a ajudante do preparador, tambem pharmaceutico, passou em pouco tempo a preparador effectivo das lições do illustre professor.

A primeira sociedade de Lisboa, incluindo muitas damas, acudia ás lições de Mousinho, e a bella presença e trato amavel de Dionysio Corrêa, junto ao prestigio que a sua illus-

tração lhe grangeava já, proporcionaram-lhe por essa época ensejo de relacionar-se com muitos homens, que mais tarde vieram a representar um papel importante no paiz.

Foi então que elle fez conhecimento e privou muito com João Carlos Saldanha de Oliveira Daun, que mais tarde foi o celebre marechal e duque, o estadista notabilissimo, que occupou o logar mais proeminente na historia politica dos nossos ultimos cincoenta annos.

Pois o nobre duque foi-lhe muito afeiçoado durante toda a sua vida, e, achando-se nos conselhos da corôa, por mais de uma vez o attendeu tanto em assumptos de interesse professional, como de saude publica.

Versado em todos os ramos das sciencias accessorias da pharmacia, cultivou especialmente a chimica e a botanica, a chimica sobretudo, como sendo aquella que mais valiosos subsidios lhe podia prestar na pratica pharmaceutica, e, após cursar esta sciencia e a physica, na Casa da Moeda, transferiu logo para factos de immediata utilidade publica a prova dos seus variados conhecimentos; já dirigindo a fabrica de productos chimicos da Margeira, creada n'essa época, e que, debaixo das suas vistas, attingiu o seu maximo grau de prosperidade; já fazendo a hydrologia de uma parte do paiz, e entregando-se aos trabalhos da chimica toxicologica e da analyse de productos de toda a especie; já, mais tarde, transformando completamente, ampliando, e creando mesmo officinas na botica do hospital de S. José, que em 1834 passou a estar a seu cargo.

E note-se bem, que até aos tempos a que nos estamos referindo, e que não vão longe, a chimica, entre nós, era mais uma sciencia especulativa e de gabinete, do que aquella sciencia pratica, cujas applicações variadas tanto têm concorrido para o progresso da civilisação. Outra circumstancia, digna de notar-se, é que Dionysio Corrêa teve por companheiros em muitos dos seus trabalhos alguns pharmaceuticos, que como elle souberam illustrar o seu nome.

Portanto, fomos nós, os pharmaceuticos, dos primeiros, senão os unicos, em Portugal, que deram uma feição pra-

tica e verdadeiramente util á chimica, desbravando, arroteando e lançando á terra, assim preparada, a semente, que outras classes mais favorecidas têm aproveitado. Somos assim uns verdadeiros representantes do Portugal velho — para nós a gloria, e para os mais o proveito.

Pelo que diz respeito á iniciação, succedeu entre nós o mesmo que nos mais paizes: agora quanto ao resto, fazemos uma excepção singularissima, e tanto mais vergonhosa, quanto mais prosperas e fecundas em resultados practicos se nos offerecem á contemplação as escolas especiaes de França, as faculdades de Hespanha, os collegios de Inglaterra e da America, etc.

Dizemos isto, porque um dos mais ardentes desejos do collega, que hoje pranteámos, foi ver o paiz dotado com uma escola de pharmacia, que satisfizesse as necessidades impreteriveis da época, e as sensatas aspirações da classe. Dionysio Corrêa levava ao fanatismo o culto pela pharmacia.

Obreiro assiduo e infatigavel d'esta sociedade, cuja existencia se deve aos seus esforços e iniciativa, fel-a participante de uma parte dos seus trabalhos, collaborando em muitas e importantes commissões, eleitas no seio da sociedade, para a habilitarem a responder a varias consultas, que os governos successivamente lhe têm dirigido, e pelas quaes tem merecido mais de uma portaria de louvor.

N'estes ultimos annos, mais devastado pela doenca do que pela idade, limitava o seu trabalho á redacção d'este jornal, e a acompanhar o movimento da sociedade, a cujas sessões assistia com toda a pontualidade. Mas a doenca assoberbava-o cada vez mais, a ponto de o não deixar sair de casa, ultimamente, senão acompanhado: e em agosto do anno preterito, em plena sessão, e usando da palavra, foi accommettido, de uma syncope, que sobresaltou a quantos estavam presentes. Grande era já a sua prostração.

Alma grande e generosa, parece que nem conhecia a emulação, pelo lado que esta paixão pôde ter de menos nobre: as glorias e alegrias dos collegas eram igualmente

suas, porque elle via em cada pharmaceutico como que um membro da sua familia.

Tinha o merito pouco commum de exaltar os mais novos, procurando sempre que podia, pôr em relevo os rapazes, a quem animava constantemente, por todos os meios ao seu alcance. Não temos a fortuna de haver conhecido o professor Chevallier, a quem os alumnos da escola de Paris singularisavam, chamando-lhe o *maitre* Chevallier; mas, a avalial-o pelo que d'elle disse o sr. Ferrand, cremos que entre a vida d'estes dois pharmaceuticos houve muito ponto de contacto.

Nunca lhe ouvimos fallar das distincções honorificas com que os governos galardoaram os seus serviços, que foram muito superiores ás recompensas que obteve: nem d'ellas fazia ostentação. Citava apenas com satisfação intima a medalha que o municipio de Lisboa conferiu para recompensar os serviços prestados por occasião da epidemia em 1857, quando a febre amarella assolou a cidade, medalha que elle ganhou sem arredar pé do campo da batalha, como dizia, superintendendo então, não só todo o serviço pharmaceutico para o hospital de S. José, mas tambem inspeccionando diariamente todos os medicamentos e preparações que por conta do estado se consumiram fóra d'aquelle estabelecimento.

Apesar de trabalhar durante toda a sua vida não legou bens de fortuna, porque não era ambicioso senão pelo bem estar e pelo prestigio da sua classe; mas deixou saudades, muitas saudades a todos quantos com elle cultivaram relações, principalmente á sua extremosa familia, e aos seus collegas, que muito amava do coração.

Nós que sempre nos honrámos com a sua estima, e que durante a nossa vida profissional fomos alvo das suas atenções immerecidas, deixámos consignado n'este logar o nosso preito de homenagem e gratidão, tanto pessoal, como do corpo de redacção d'este jornal, do qual elle foi por mais de cincoenta annos o principal e mais activo collaborador.

Agradecendo a toda a imprensa a parte que tem tomado na nossa dôr, e para não repetirmos por outras palavras o que já está escripto, transcrevemos em seguida, com a devida venia, as apreciações feitas por alguns jornaes politicos e da especialidade a respeito do passamento de tão illustre varão, e assim completámos a sua biographia.

JOSÉ RIBEIRO GUMARÃES DRACK.

ULTIMAS HONRARIAS

APRECIÇÕES DA IMPRENSA

TRIBUTO DE GRATIDÃO

«A irreparavel perda de um amigo e collega dos mais afeiçoados e prestantes, de um cidadão honrado e laborioso, de um pharmaceutico portuguez dos mais distinctos, de um membro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, cuja fundação e inauguração lhe é devida, da qual o brilhantismo era o seu maior empenho e prazer, cuja conservação e prosperidade lhe occupava sempre o pensamento, de que cuidava incessantemente e de preferencia a tudo de que o poderiam incumbir, sociedade a quem amava como sua filha predilecta, como muitas vezes lhe chamava, e além d'isto nosso companheiro em muitos trabalhos, que nos foram incumbidos, sem que jámais houvesse entre nós uma interrupção, durante o longo espaço de quarenta e oita annos, me tornaram na obrigação de lhe offerecer um tributo de reconhecimento e saudade, o que fazemos, publicando e dedicando-lhe este simples Supplemento ao nosso jornal, colleccionando todos os factos que tiveram relação com o seu passamento, que servem de gloria para a classe a que elle se honrava de pertencer, de lenitivo para sua extremosa familia, e de incentivo para os pharmaceuticos portuguezes, que muito se distinguirão se o imitarem no zelo e dedicação pela prosperidade de sua classe, e

soberem satisfazer plenamente ao pedido por elle feito nas proximidades do seu passamento.

Eis o que nos apraz registrar como tributo de eterna saudade e para perpetuar sua memoria.

No jornal *O Commercio de Portugal* do dia 6 do corrente dezembro, se lê o seguinte:

ULTIMAS HOMENAGENS

Verificou-se hontem, no cemiterio oriental, o funeral do prestimoso cidadão José Dionysio Correia, presidente honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que bem se mostrou digna do interesse e do affecto que ella lhe mereceu durante toda a sua vida até aos seus ultimos momentos.

O funeral foi uma imponente manifestação de saudade e de consideração pelo finado, achando-se a referida sociedade representada por grande numero dos seus mais distinctos membros, alguns dos quaes, quando o cadaver estava para entrar no jazigo, pronunciaram os sentidos e eloquentes discursos, que vamos reproduzir.

O athaude foi sempre coberto com a bandeira da Sociedade, tendo sido sobre ella collocadas quatro corôas, uma da consternada familia, outra da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, a terceira do Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto, e a quarta da *Gazeta de Pharmacia*.

A da Sociedade tinha os seguintes dizeres:—*A Sociedade Pharmaceutica ao seu Presidente Honorario*—5—12—84.

A terceira:—*O Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto, á memoria do sr. J. D. Correia*—5—12—84.

Finalmente a quarta:—*A Gazeta de Pharmacia ao seu collaborador*—5—12—84.

Da entrada do cemiterio á capella, pegaram ás borlas do caixão os srs. José Gregorio da Rosa Araujo, presidente da camara municipal de Lisboa; dr. Joaquim José Alves; Sousa Telles; Freixão Coelho; Wintermantel; e J. C. Melicio.

Da capella ao jazigo foram ás borlas, os srs.: commendador José Tedeschi, presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; dr. J. J. da Silva Amado, presidente da Sociedade das Sciencias Medicas; dr. Marcellino Craveiro; conselheiro Pedro Augusto Franco; Alfredo Machado e Freixão Coelho.

Uma força de infantaria fez as honras militares, em consequencia do finado ter a Torre e Espada, ganha valentemente por occasião da terrivel epidemia da febre amarella.

Eis o discurso a que acima nos referimos e que foi lido pelo sr. commendador José Tedeschi:

Meus senhores! — A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e, com esta, a classe pharmaceutica portugueza, estão de luto.

A lei cruel da mortalidade acaba de nos roubar o mais distincto, o mais activo, o mais zeloso dos nossos collegas.

Eis-nos, pois, na presença dos restos mortaes d'esse homem incansavel em promover o credito e a elevação da classe pharmaceutica, a que tanto se honrava de pertencer.

José Dionysio Correia vae desaparecer da lista dos nossos consocios, dos nossos collegas; seu nome já mais poderá esquecer nem deixará de ser pronunciado com respeito pelos nossos successores nos labores da nossa querida Sociedade; — esta Sociedade, que n'este logar vejo reunida em avultado numero para lhe prestar as derradeiras honras e protestar sua eterna gratidão.

José Dionysio Correia natural de Lisboa, onde nasceu em 22 de setembro de 1808, o apostolo evangelizador da nossa classe, o seu protector infatigavel, o creador e fundador da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, deixou de existir!

A creação d'esta Sociedade, o seu desenvolvimento, o aperfeiçoamento na forma da sua regencia, o preenchi-

mento dos fins a que ella se dirigia, mereceram-lhe sempre, e sem interrupção, os maiores cuidados e attenções. José Dionysio Correia teve a idéa da fundação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, para que esta podesse, como centro da nossa classe, promover a sua liberdade; o que pharmaceuticos mui distinctos e zelosos da sua dignidade não haviam podido conseguir, trabalhando isoladamente.

E esta idéa feliz, é que o torna digno da nossa eterna gratidão, não lhe fôra suggerida pelo interesse pessoal.

Sim! elle, exercendo a sua nobre profissão de pharmaceutico n'um estabelecimento que não estava dependente das auctoridades civis, nada por estas era incommodado, nem vexado, como o eram os seus collegas, que possuíam pharmacias estabelecidas para o serviço do publico.

Mas, senhores, os males dos seus collegas o affligiam como se fossem seus proprios, e tanto o penalisavam, que lhe sobreveio a idéa da fundação d'esta Sociedade.

Cercando-se de alguns, ainda que poucos collegas, elle estabeleceu as bases da sua creação, fez propaganda pela classe, cujos membros, ainda que opprimidos pela despótica auctoridade de um physico-mór, se foram inscrevendo até ao numero de quarenta e quatro, conseguindo fazer, com a maior solemnidade, a sua inauguração no, para nós pharmaceuticos, tão festivo dia 24 de julho de 1835, dia memoravel de que resultou o acabamento da funesta acção d'aquella iniqua auctoridade.

Ainda ha bem poucos dias nos dizia José Dionysio Correia que dos quarenta e quatro instituidores d'esta Sociedade sómente viviam elle e mais tres! E dizia isto commovido pela saudade que tinha dos seus antigos companheiros de trabalho e de propaganda!

José Dionysio Correia foi desde os mais tenros annos dedicado ao estudo, e á pratica experimental das sciencias naturaes.

Confiado por seus paes aos cuidados de um habil pharmaceutico, que tinha a sua pharmacia na rua Augusta d'esta cidade, ali fez o tirocinio exigido pela deficientissima lei,

que regulava a habilitação e exercicio da pharmacia em Portugal.

Lei deficientissima, que unicamente exigia para ser admitido, umas insignificantes provas, em exame secreto, e apresentação de um attestado de quatro annos de pratica em qualquer pharmacia, passado pelo seu proprietario.

José Dionysio Correia foi por esta fórma habilitado com uma carta de pharmaceutico; mas, repugnando-lhe o ficar tão pobre em sciencias naturaes, foi voluntaria e apressadamente matricular-se nos cursos de physica e chimica professados n'esta cidade, e Casa da Moeda, pelo tão sabio, como infeliz Luiz da Silva Mousimbo d'Albuquerque, que largando as sciencias pela politica, e substituindo o uso dos livros pelo da espada, morrêra no vigor dos annos e da vida nos campos de Torres Vedras, onde se travára triste e damnosa batalha entre irmãos.

Tendo-se distinguido entre os seus condiscipulos, foi pelo seu professor escolhido para o coadjuvar nos trabalhos do laboratorio, onde tomando conhecimento dos mais aperfeiçoados processos chímicos, preparou os mais difficeis productos, que tem uso na pharmacia e na industria.

Os creditos de bom chimico, adquiridos n'estes exercicios escolares, o levaram a dirigir os trabalhos no laboratorio chimico da Margueira, estabelecimento que teve vida prospera e productiva durante muitos annos, começando a sua decadencia pela separação de tão habil director.

Foi d'este estabelecimento, que tantos lucros produziu, e tanta honra deu ao paiz, que José Dionysio Correia passou a exercer o importante logar de administrador da botica do hospital real de S. José.

Sempre incansavel em promover os creditos e dignidade pharmaceutica, elle, á custa de muitas reclamações, tendo de vencer as difficuldades, que como por encanto se lhe deparavam, umas filhas da falta de conhecimento que a administração d'aquelle estabelecimento tinha do que é necessario para se ter uma boa botica, outras, filhas da inveja e dos ciumes que causava a sua dedicação pela repar-

tição cuja administração lhe fôra confiada, foi conseguindo, pouco a pouco, e como por especial favor, melhoramentos e reformas, que tornaram a pharmacia do hospital de S. José um modelo, e onde se preparavam de baixo da sua direcção e vigilancia não sómente os productos pharmaceuticos, mas tambem um grande numero de preparados e compostos chemicos, cuja perfeição e pureza eram uma garantia para os clinicos que os empregavam.

Assim decorreram os largos annos, que lhe foram destruindo a saude e diminuindo as forças, até que pôde alcançar a sua justissima reforma.

Serviu José Dionysio Correia muitos cargos publicos, que sempre desempenhou com o zêlo, que lhe dava o seu muito prestimo e sua provadissima honradez.

Commissões de analyse chymica das mais serias, de maior gravidade e responsabilidade lhe foram por muitos annos encarregadas: analyses toxicologicas, analyses de aguas mineraes, de substancias alimentares e de uso nas industrias lhe eram pedidas muito a miudo pela certeza que havia da consciencia com que expunha a sua opinião depois de feitas as devidas averiguações.

Vagando o lugar de vogal pharmaceutico do conselho de saude publica do reino, pelo obito do sempre chorado collega Avellar, cuja falta ainda hoje lamentamos, e cuja perda foi bem reconhecida pela nossa classe, foi José Dionysio Correia, nomeado por decreto para aquelle importante cargo.

Ali foram bem revelantes os serviços prestados á classe, tendo de luctar constantemente com a opposição que encontrava em quasi todas as medidas que apresentava, tendentes a fazer melhoras nas condições de exercicio nas pharmacias civis; até que a lei de 3 de dezembro de 1868 o deslocou, com bastante injustiça, supprimindo o lugar de vogal pharmaceutico, consequencia de uma certa guerra acintosa, que se faz a tudo que pôde concorrer para a illustração, elevação e independencia d'esta nossa tão util quanto infeliz classe pharmaceutica.

Nem só no paiz foram reconhecidos os seus muitos merecimentos. N'este foi sempre muito considerado e attendido nas diversas associações, de que fazia parte, sendo eleito repetidas vezes para os cargos de sua direcção e administração.

Consultem-se as actas da Sociedade das sciencias medicas, do Monte-pio geral, e de algumas outras associações, e ahí acharemos o nome de José Dionysio Correia inscripto, como um dos mais exactos cumpridores dos estatutos e regulamentos, que as regiam; e tendo recebido por vezes votos de louvor e agradecimento pelos serviços a ellas prestados.

Do estrangeiro são innumerados os diplomas que recebeu, como recompensa de ter estabelecido amigaveis relações com as muitas sociedades scientificas, principalmente pharmaceuticas e medicas, com que se communicava frequentemente, sendo por algumas consultado sobre o estado da pharmacia em Portugal.

Em suas respostas, elle por patriotismo, e amor da classe, occultava, quanto lhe era possivel, os males de que são victimas os pharmaceuticos, e o atraso relativo, em que se encontra esta classe, sempre desprotegida pelos governos, que lhe teem sempre negado os melhoramentos na instrucção especial, constantemente pedida, e constantemente olvidada e desprezada! Um de seus maiores desejos era ter podido alcançar a creação de uma escola especial de pharmacia, regida por pharmaceuticos, como existem em todos os paizes, sem exceptuar a nossa visinha Hespanha: — nunca viu satisfeitos esses tão justos desejos! Na Sociedade e na imprensa era incansavel em pedir esta justa e conveniente reforma, que, debaixo dos mais frivolos e falsos pretextos, nunca os governos nos concederam, apesar de serem bem conhecidas as vantagens que d'ahi resultariam não sómente para a illustração e brilho d'esta classe, mas para o publico, que utilizará tanto mais quanto maior fôr a illustração dos pharmaceuticos, cujos auxilios e serviços lhe forem necessarios.

9. Era cavalleiro das ordens da Conceição de Villa Viçosa e da Torre e Espada, graças que havia recebido, aquella em reconhecimento de seus serviços, prestados como vogal pharmaceutico do conselho de saude publica do reinô; esta pelos prestados durante a calamitosa epidemia da febre amarella, que assolou esta cidade em 1856 e 1857.

Não foi tambem esquecido pela camara municipal d'esta cidade de Lisboa, que lhe conferiu a medalha de honra, creada de proposito para condecorar os que se haviam distinguido em serviços prestados ao publico em tão triste conjunctura.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana lhe deu sempre as maiores provas de reconhecimento pelos seus muitos e constantes serviços, conferindo-lhe todas as distincções, de que pôde dispôr, elevando-o successivamente ás classes de honorario e benemerito, e conferindo-lhe o titulo de seu presidente honorario, distincção que nunca se houvera concedido n'esta Sociedade. Bem hajam os membros da Sociedade que apresentaram a devida proposta, e aquelles que a approvaram com geral applauso de todos os collegas.

10. Eis, senhores, traçada mui rapidamente a vida publica d'este honrado collega: sua vida particular foi sempre um modelo de amor da familia, que adorava como seu idolo. Seus filhos, netos e bisnetos choram n'este momento a falta do seu querido e estimado ascendente, cuja memoria lhes servirá de guia em sua vida publica, bem como na particular. E nós os acompanhamos no puro sentimento da eterna saudade, que nos inspira sua falta, vertendo nossas lagrimas sobre este triste athaude.

11. Relevem-me, senhores, o mal alinhavado d'estas linhas, e o incompleto da historia d'este nosso bom amigo, e optimo collega, que foi feita com a rapidéz que o caso exigia, e debaixo de uma oppressão de espirito, que só experimenta quem sofre a perda de um amigo leal e dedicado.

Disse.

Em seguida o sr. Emilio Manuel Fragoso leu este discurso :

Senhores: — Ao encerrar-se para sempre os despojos d'uma existencia que em vida nunca lhe faltou a encher-lhe o espirito uma dedicação extrema pelo engrandecimento da classe, que tanto a enaltecia, permitti que eu venha hoje, em nome da redacção da *Gazeta de Pharmacia*, desfolhar sobre o seu tumulo as saudades que nos lega o companheiro e amigo sempre affectuoso e dedicado.

A perda para a pharmacia portugueza foi grande, immensa; José Dionysio Correia no dilatado transcurso de setenta e seis annos, honrava-a com as luzes do seu espirito sempre esclarecido, e a elle se devem, em grande parte, as reformas liberaes introduzidas no exercicio d'uma profissão que nos tempos do absolutismo estava opprimida e vexada sob o jugo d'umas entidades nefastas por dissolventes.

Homem de principios liberaes, foi no convivio com os publicistas de 1820 que as suas idéas mais se radicaram. Intelligencia brilhante acompanhada com uma organização physica mais que prodigiosa, sublime, fundou a Sociedade Pharmaceutica Lusitana apoz dois annos de estar já plantada no nosso paiz a frondosa e vecejante arvore da liberdade, d'onde tantos fructos opimos teem rebentado.

Outra individualidade que não fosse a de José Dionysio Correia teria logo baqueado ás primeiras luctas que tornaram agitado o alvorocer da benemerita Sociedade. Elle não baqueou porque não queria vel-a sossobrar qual fragil baixel. Estimando-a como um pae estremoso e amantissimo pôde estimar uma filha predilecta, não só a salvou d'um naufragio quasi certo, mas tambem, como habil e intelligente timoneiro que era, fel-a atravessar quasi meio seculo d'existencia por entre luctas umas fecundas e beneficas, as da intelligencia; outras, nada productivas e destruidoras, as do egoismo tantas vezes condemnado mas ainda vulgar, que não é raro ver-se dia a dia baquear as

mais illustres associações só porque n'ellas entrou aquelle poderoso elemento de discordia.

É por isso, meus senhores, que são justissimas as entranhadas tristezas de todos os pharmaceuticos ao desaparecerem para sempre os despojos d'uma existencia que em vida era uma garantia para a conservação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Nos ultimos annos já alquebrado pela doença, mas com toda a lucidez do seu espirito, claro, limpido e brilhante, era de vel-o como entrava nas discussões armado com uma poderosa dialectica levar de vencida os novos, aquelles que hoje mais pranteiam a morte do amigo e do collega.

Director da pharmacia do hospital de S. José, ali deixou vinculada a sua passagem, introduzindo melhoramentos que, na época em que exerceu o logar, foram considerados de grande alcance.

Como vogal effectivo do antigo *conselho de saude publica do reino*, era a atalaia vigilante que a classe pharmaceutica ali tinha para a defeza das suas immunidades.

Como pae amantissimo, era no amor de seus filhos e na estima que lhes dedicava, que se espelhava mais e mais José Dionysio Correia, por isso, a sua familia deplora hoje comnosco a perda do seu chefe.

Educado na santa religião de Christo, rendeu-lhe o espirito quem na terra foi sempre bom collega, bom amigo e bom pae.

Disse.

da Ordem dos Pharmaceuticos

O sr. Sousa Telles, em um sentidissimo improviso, pôz em relevo as excellencias de character do finado, a sua isempção, cordura, honestidade e austeras virtudes.

Com grande criterio fez s. ex.^a notar que em uma época de profunda degradação moral, qual a que vamos atravessando, era uma consolação e um dever celebrar a passagem na terra de caracteres taes como os de que o de José Dionysio Correia foi espelho e exemplar; consolação ao triste espectáculo que vamos presenciando, dever, que se nos im-

põe por bem das gerações porvindouras, de que nossos filhos serão sequencia e nucleo.

Terminado o improviso do illustre professor, leu então o sr. commendador Tedeschi o excerpto de umas disposições particulares, que o finado deixára a seu digno filho, o nosso presadissimo amigo, Carlos Eugenio Correia, e que é concebido nos seguintes termos:

«Peço mais ao meu filho... faça constar, por escripto, ao presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, o que se segue sublinhado: — *Que a mim, na hora do passamento, acompanhou-me não só a saudade da minha familia e amigos, mas a de todos os meus collegas e consocios, aos quaes sempre prestei respeito, consideração e estima; rogando-lhes, outro sim, que prosigam na honrosa tarefa da conservação e engrandecimento da benemerita Sociedade, cujos fins têm sido e continuarão a ser em proveito da humanidade, da patria e da classe pharmaceutica.*

Foi assim que a benemerita Sociedade Pharmaceutica Lusitana e um punhado de verdadeiros amigos do sr. José Dionysio Correia e de sua respeitavel e sympathica familia, prestaram as ultimas homenagens a quem d'ellas se tinha tornado digno pelo seu ardente amor á sciencia, pelo seu fraternal affecto para com todos os seus collegas, pela delicadesa e superioridade dos seus sentimentos, pelos seus relevantes seaviços publicos, pela sua entranhada devoção pela liberdade e pelo seu acrisolado e inexcedível patriotismo.

A terra seja leve a quem deixou á familia e aos contemporaneos o exemplo das mais nobres e santas virtudes!

Damos em seguida a biographia, que transcrevemos do *Commercio de Portugal* do dia 6 do corrente:

A 22 de setembro de 1808, nasceu em Lisboa, na fre-
Oitava serie — Anno de 1884.

guezia de Nossa Senhora do Soccorro, o sr. José Dionysio Corrêa.

Limitada era a fortuna de seus paes, excessivo e immenso o seu desejo de estudar, e mais que sobejo foi esta inclinação, reveladora do nome distincto, e titulo honroso que deveria colher um dia, para aproveitar os estudos da lingua latina, philosophia, francez e desenho, a que se dedicou até á idade de treze annos, época em que obteve de seus paes a devida licença para praticar a pharmacia, profissão que escolheu seguindo suas proprias inspirações e propensão natural, e a que deu começo a 27 d'agosto de 1822, applicando-se conjunctamente aos estudos de chimica na sala e laboratorio estabelecido na Casa da Moeda, preleccionada então pelo mui respeitavel e sabio lente o sr. Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque; sendo taes sua applicação e repetidas provas de não mui vulgar engenho, que lhe valeram o convite pelos srs. Carvalho e Almeida, para operador, com o seu collega e amigo o sr. Leal Junior, no laboratorio chimico, que acabavam de estabelecer na Margueira, concelho de Almada; onde se conservou desde o 1.º de janeiro de 1828 até 20 d'egual mez de 1831, época em que mais brilhantes destinos o aguardavam.

E com effeito: examinando-se em pharmacia a 10 de novembro de 1829, e sendo galardoado com plena approvação, ficou apto para, quando depois vagou o lugar de administrador da botica do hospital de S. José de Lisboa, por fallecimento do pharmaceutico José de Salles Cardoso, apresentar-se no concurso a que se procedeu para o seu provimento: e se porventura temiveis deveriam ser seus oppositores pela sciencia e pela pratica que professavam, não menor foi o seu triumpho, vendo-se proclamado o vencedor, e encontrando alfim coroados seus estudos, recompensado o fructo das suas insomnias e vigalias sobre os livros da sciencia, e premiada devidamente a sua applicação no laboratorio do operador, com o despacho para o provimento d'aquelle lugar, por provisão do enfermeiro-mór o

ex.^{mo} e rev.^{mo} Principal Camara (20 de janeiro de 1831), sancionada depois pelo governo de sua magestade, em portaria do ministerio dos negocios do reino, datada de 9 de setembro de 1833.

É no exercicio d'este emprego, sobre maneira arduo e difficil, que seu genio indubitavelmente grande e admiravel se ha revelado: é ainda aqui que seu saber e consumada experiencia tem colhido para a sciencia mui uteis e grandes resultados e a humanidade recolhido tão immensa copia de beneficios, que só estes lhe bastavam para titulos summamente honrosos, se por ventura aos já enumerados não tivéssemos de juntar outros não menos gloriosos. Á primeira intuição conheceu o sr. Correia quanto a botica d'este estabelecimento, inquestionavelmente um dos principaes da Europa, carecia uma assisada reforma, que involvesse um córte pelo superfluo, refreasse abusos, e fosse um germen de indispensaveis melhoramentos; e esta necessidade foi para elle uma idéa fixa, que lhe absorveu todos os pensamentos, todas as faculdades. Melhorar repentinamente aquelle estado, era quasi impossivel, porque havia certas causas a estudar, milhares de efeitos a ensaiar, e um systema bastante vasto a combinar, para que a obra saisse por fim a todos os respeitos digna de seu auctor, honrosa para o nome que subscrevesse a proposta, e merecedora das benções da humanidade enferma para o governo que a pozesse em pratica.

O sr. Correia, aguardando a occasião, empregou o tempo a estudar e combinar, até que o seu plano de reforma, e projecto de regulamento, onze annos depois foi apresentado á commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia: e elle é um documento memoravel da meditação e vastidão do seu genio sublime e creador, onde se encontram considerações uteis não só em referencia á grandesa e importancia do estabelecimento, mas tambem á effectiva existencia dos doentes no hospital, economia da fazenda, melhor arrecadação, contabilidade, fiscalisação, ordem e policia. O seu trabalho mereceu a respectiva consideração, e grande

parte das suas luminosas idéas foram incorporadas na lei subsequente.

Não decorreram, porém, estes annos sómente no estudo dos dados para o seu projecto de reforma, por quanto aquelle trabalho seria inglorio, se porventura no decurso d'este tempo se não applicasse a outros que innumerados e mui variados são, quer a bem da fazenda do hospital, quer da sciencia e da humanidade enferma, cimento laborioso e mui difficil de amalgamar, mas que teve a constancia de levar por diante, porque sobre elle deviam assentar os seus planos de reforma para montar o estabelecimento n'aquella esphera, que lhe era devida. A botica do hospital, como que antigamente esquecida e quasi totalmente ignorada, é admirada hoje por quantos a observam. Suas grandes accommodações, immensos depositos, utilissimas officinas, e variados instrumentos a collocam a par das principaes da Europa, honrando assim o reformador que comprehendeu as suas necessidades, e o zeloso empregado que não sómente satisfez, mas ainda excedeu, a confiança que o throno n'elle depositara pela sua nomeação. Estabelecendo um systema regular, fez economisar ayultadas quantias, e ao seu engenho se deve a invenção de um fogão com que, além da economia para a fazenda do hospital, se conseguiu a immensa vantagem de pouca demora na applicação dos medicamentos aos doentes que d'elles necessitam, quando annos antes succedia que muitos dos remedios fossem ministrados (as ultimas porções) trinta e seis horas depois de preparados.

O laboratorio chimico, annexo á botica e pelo mesmo senhor projectado, demonstra assás o genio emprehendedor de que é dotado, e o interesse que d'aquelle estabelecimento se pôde colher. A officina da divisão das substancias, mereceu-lhe particular cuidado, estabelecendo-lhe nova fórma e accommodações adequadas, isolando, em gabinetes proprios, as plantas venenosas das innocentes, que antes se contaminavam pelo contacto. A necessidade do esparadrapo adhesivo, e sua excessiva applicação, reclamando

avultadas porções, fez lembrar á administração do hospital, em 1831, o uso do preparado em Inglaterra: todavia o sr. Correia, aperfeiçoando-o extremamente, conseguiu evitar a importação d'aquelle, demonstrando assim, plena e satisfactoriamente, o amor pela sciencia que sabiamente professava.

Varias são as commissões de que o sr. José Dyonisio Correia tem feito parte, e em todas se tem havido com aquelle character honrado, verdadeiro e scientifico que os seus amigos lhe reconhecem, e confessam, correspondendo á confiança com que algumas vezes o governo, e outras os seus collegas o tem honrado. A commissão creada em 1833 por ordem de Sua Magestade Imperial o duque de Bragança, para analyse de algumas das aguas potaveis de Lisboa, e a que em 22 de setembro de 1835 foi encarregada igualmente da analyse da agua dos banhos no casal do Estoril, o contaram entre o numero de seus membros, e por ventura o não menos zeloso; e ainda ha pouco a analyse chimica de tres aguas da cisterna e poços existentes no edificio da Luz, pertencente ao hospital de S. José, de que foi encarregado pela commissão que o governo nomeou para organizar um plano de hospital de alienados, é trabalho que bastante o acredita.

Em 1833 (17 de setembro), por provimento do physicomór do reino, exerceu o logar de visitador e examinador de pharmacia, em que se houve com honra e intelligencia admiraveis. A 17 de abril de 1837, em satisfação da lei de 29 de dezembro de 1836, passou a exercer o logar de pharmaceutico e membro do jury de exames de pharmacia na escola medico-cirurgica de Lisboa, que desempenhou até 22 de agosto de 1839, em que pediu a sua exoneração, por não ser obrigado a exercer as operações pharmaceuticas para as demonstrações senão na mesma botica do hospital, em conformidade da dita lei.

Na commissão encarregada de organizar um plano de reforma pharmaceutica (4 de outubro de 1834) foi eleito seu secretario. Foi d'esta commissão que nasceu o pensamento

da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e ao sr. Correia se deve a sua installação.

Grande e nobre por certo que foi este pensamento, porque mais uteis e proficuos são os resultados que da sua instituição a patria pôde colher, quando pelos esforços dos seus associados a sciencia toque esse ultimo gráo de perfeição que lhe compete, como aquella de que está dependente a vida ou a morte; como aquella cuja origem se remonta á antiguidade dos homens, pois que com elles nasceu a imperiosa necessidade de curar as enfermidades inseparaveis da existencia humana: como a que finalmente foi por muitos seculos a herança de algumas familias e profissão privilegiada; não menos interessante e sublime que a medicina e cirurgia, a pharmacia constitue uma parte importante da arte de curar. A utilidade d'esta sciencia não ha por ali quem a ignore: seu elogio não nos compete aqui fazel-o, porque fallamos hoje de um dos seus acreditados cultores, e aventurarmos algumas linhas sobre a instituição da patriotica Sociedade Pharmaceutica Lusitana, não comportaria aos estreitos limites que nos propozemos, dizer quanto é possível da sciencia que teve um culto e seus templos, onde os sacerdotes foram o que a antiguidade conta de mais honroso e distincto.

Egualmente a Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, a Associação Industrial Portuense, as academias Cirurgica Matritense, e de Medicina e Cirurgia de Cadiz, as sociedades Medico Botanica de Londres, Pharmaceuticos do Norte d'Allemanha e Baviera Rhenana, e o Instituto Palentino de Sciencias Medicas, têm inscripto nos seus registros de socios, nas honrosas classes de effectivos, correspondentes e honorarios o nome distincto e illustre do pharmaceutico portuguez o sr. José Dionysio Correia.

Por decreto de 26 de março de 1851, houve por bem Sua Magestade a Rainha confirmal-o no lugar d'administrador da botica do hospital de S. José, com os vencimentos e prerogativas que lhe pertencerem pelo decreto regulamentar de 15 de fevereiro do mesmo anno.

Finalmente, por decreto de 2 de março de 1854, foi servido Sua Magestade o Rei regente, em nome d'El-Rei, prover o sr. Correia no lugar de vogal pharmaceutico do conselho de saude publica do reino, em attenção a ter sido antigo visitador e examinador das boticas pela extincta physicultura-mór do reino, aos bons serviços gratuitos que por vezes tem prestado em coadjuvação da auctoridade publica, e ao superior conceito em que é tido assim pela corporação dos pharmaceuticos.

(Supplemento ao Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.)

«Dos vultos mais notaveis da pharmacia portugueza contemporanea destaca-se o do saudoso pharmaceutico, ha pouco fallecido. Filho de paes pobres, bem novo ainda, começou logo a revelar a sua brilhante intelligencia predestinada a representar um papel illustre nos tempos que decorreram desde a época gloriosa da revolução de 1820 até ao presente anno, em que baqueou ao sopro da morte para não mais resplandecer.

No nosso biographado ha a considerar o rapaz ardente, apaixonado por uma idéa, de nobres aspirações democráticas, que com tanta pujança e talento defendia; e o homem de sciencia, que tantas e repetidas provas deu do seu saber, quando era chamado pelos governos a desempenhar varias commissões de character scientifico e de interesse publico.

Em primeiro lugar o rapaz.

da Ordem dos Pharmaceuticos

Se todo o cidadão tem o direito não só de pensar no bem publico mas tambem de contribuir com todas as suas forças para o promover, na phrase conceituosa do notavel academico Ernesto Renan, assim o comprehendeu Dionysio Correia, que na adolescencia da vida, quando o paiz gemia tutelado por um governo oppressor e despotico, começou logo a revelar as tendencias do seu espirito essencialmente libe-

ral, não propenso a permanecer indifferente n'uma época em que se tornava necessario o concurso de todas as actividades, de todas as intelligencias, de todos os homens, emfim, que não viam com bons olhos actos já classificados pela historia ao fazer a critica dos acontecimentos politicos precedentes á implantação do systema liberal.

E quem podia assistir indifferente ás prepotencias dos homens que, vendo periclitar os principios do seu credo politico, commettiam as maiores violencias nas pessoas dos adversarios?!

Quem podia assistir impassivel ao martyrologio dos liberaes trucidados aos apupos d'uma plebe inconsciente e vil?!

Qual era o rapaz d'instrucção variada adquirida nos bancos das escolas em convivio com condiscipulos propensos pela idade, por temperamento e por educação subordinada aos principios liberaes proclamados pelos publicistas de 1820, que podia assistir indifferente ás scenas de sangue que tornavam tristissimos os primeiros passos dados em favor da causa liberal?!

José Dionysio Correia não! Que o digam os attestados honradissimos passados pelos cirurgiões Bernardino Antonio de Carvalho e Agostinho Joaquim Ferreira; o primeiro cinco annos preso no Limoeiro só por ter commettido o *nefando* crime de ser liberal e pugnar pela causa da legitimidade da Sr.^a D. Maria II; o segundo na qualidade de agente em favor da causa da legitimidade junto á columna movel ao sul do Tejo.

Durante o tempo em que Bernardino jazeu no carcere foi soccorrido pecuniariamente por Dionysio Correia, que lhe prestou outros serviços com sacrificios da sua pessoa e bens, e, digo bens, porque nos famosos tempos do absolutismo até confiscavam os haveres dos liberaes!

Que formoso coração o d'aquelle rapaz que assim tão nobremente comprehendia a sublime virtude — a caridade. Aquella alma espelhava-se em prodigalisar os sentimentos mais nobres, mais phylantropicos, mais caridosos em favor dos seus correligionarios encarcerados ao mando d'um au-

thocrata infeliz é do qual só nos resta uma memoria bem triste.

Ao cirurgião Antonio Ferreira não só o auxiliou Dionysio Correia, junto da columna movel, já levando-lhe as ordens do imperador, já prestando-lhe outros serviços, mas tambem lhe ministrou soccorros pecuniarios e mais tarde escondeu-o em sua casa durante mezes, para não cair nas mãos dos esbirros do absolutismo que o queriam encarcerar.

Actos d'estes não devem esquecer-se: são o melhor legado deixado a seus inconsolaveis filhos e que mais honram a memoria do illustre ancião.

Fallemos agora do homem de sciencia, do pharmaceutico que tanto honrou a classe nos trabalhos de que o encarregaram.

Estamos em 1825, n'uma época em que a pharmacia portugueza estava tão atrasada que um estrangeiro illustre, Balbi, a atacou violentamente n'um livro publicado com o titulo de *Ensaio sobre estatistica*. Não havia escolas, não havia ensino regular, tudo era deficiente, tudo era anormal, tudo estava dependente da vontade d'uma auctoridade, denominada physico-mór. Os que se queixam actualmenté da deficiencia do ensino não olham para traz, não vêem que, o que está, já é uma grande conquista da liberdade.

Mas deixemos este assumpto, e voltemos a 1825. Examinara-se José Dionysio Correia n'esta época, levando como bagagem scientifica um conhecimento profundo do latim, que era a especialidade dos nossos avós, phylosophia, francez, desenho, e sciencias naturaes.

N'esta occasião abriu-se um curso livre de chimica na casa da moeda dirigido pelo notavel estadista Luiz Mousinho d'Albuquerque, que tinha chegado de Paris, onde esteve estudando esta sciencia no laboratorio de Vauquelin.

A fama do illustre chimico, a dicção sempre amena e eloquente das suas lições, fizeram com que corresse a ou-

vil-o toda a mocidade d'esta capital, especialmente os pharmaceuticos, e a seu lado, como preparador, tinha elle um dos pharmaceuticos mais illustrados e sabedores d'aquelle tempo, o sr. Antonio de Carvalho, do Corpo Santo.

Ali correu tambem, como era d'esperar, José Dionysio Correia. Conhecendo já a chimica, facil lhe foi tornar-se um dos estudantes mais notaveis do curso, mostrando logo grande intelligencia e habilidade nas manipulações que executava. O espirito illustrado e prespicaz do douto professor viu logo em Dionysio Correia um habil ajudante, chamando-o mais tarde para desempenhar o logar de preparador em substituição, julgamos nós, de Carvalho.

Assim decórreeram dois ou tres annos, até que em janeiro de 1828 foi chamado pelos chimicos Vergolino d'Almeida e Carvalho, para ir servir como ajudante no laboratorio chimico então creado em Margueira, onde esteve até 1831 d'onde saiu para dirigir a pharmacia do hospital de S. José.

De 1831 a 1833 dedicou-se exclusivamente ao serviço de pharmacia hospitalar, propondo varias reformas importantes, e estabelecendo officinas proprias para os diferentes misteres a que é chamada a desempenhar uma pharmacia da importancia da do primeiro hospital do paiz.

Foi aqui, apoz um anno de estar implantado o governo liberal, que fundou a sociedade pharmaceutica lusitana.

Tem-se dito já o bastante sobre as vantagens d'este corpo scientifico, para que nos detenhamos a apresental-as n'este logar, que não é o mais proprio para preleções sobre as vantagens moraes e materiaes d'uma associação d'aquelle ordem.

José Dionysio Correia com um espirito claro, intelligente e conhecedor a fundo do meio em que vivia, comprehendeu e muito bem, que só a agremiação d'uma classe com ramificações em todo o paiz podia luctar e com vantagem contra a tyrannia oppressora das entidades que vexavam a classe pharmaceutica. D'ahi a creação da sociedade, que trouxe e continua a trazer vantagens bem conhecidas á classe em geral e a cada um em especial.

Acabe ella e aquelles que hoje se riem dos que sacrificam haveres e tempo para a sua conservação, hão de reconhecer o mal que fizeram com o seu scepticismo bem condemnavel.

A sociedade pharmaceutica nos seus primitivos tempos era muito procurada pelos governos e camaras municipaes para desempenhar certos e determinados serviços, a que era preciso ir pedir o auxilio da chimica. A analyse das aguas mineraes do reino, a analyse das aguas de todos os chafarizes d'esta capital, a analyse de productos exóticos, todos desempenhou a sociedade, tendo sempre á sua frente o nome então muito sympathico de Dionysio Correia.

Como elle se desempenhou d'estas commissões, attestam-n'o as portarias honrosas dirigidas á sociedade, as condecorações que ornavam o peito do illustre pharmaceutico, e a graça concedida pelo então regente do reino el-rei D. Fernando II que o nomeou vogal pharmaceutico do conselho de saude publica do reino.

Sendo um dos pharmaceuticos cujo nome era mais conhecido, as sociedades scientificas estrangeiras, querendo estreitar relações de boa camaradagem scientifica com a sociedade pharmaceutica, investiram-n'o com os diplomas mais honrosos. As *Academias Medico-Botanica*, de Londres, *Pharmaceutica do Norte da Allemanha*, *Quirurgica*, de Madrid, *Medicina*, de Cadiz, *Farmaceutica*, de Madrid, *Sciencias medicas*, de Lisboa, etc., concederam-lhe os diplomas que só são conferidos aos mais illustres homens de sciencias, tanto na pharmacia como em outro qualquer ramo das sciencias medicas.

Eis os factos mais notaveis da vida de Dionysio Correia a quem deviamos immensas provas d'estima, boa camaradagem e leal amisade.

Ha pouco mais de tres annos, apoz o nosso exame, que fomos admittidos na sociedade de que elle era presidente honorario, e, desde logo começámos a sentir pelo venera-

vel ancião o respeito que só se deve aos benemeritos, aos que, a exemplo d'elle trabalharam em favor d'uma causa justa e santa. Dionysio Correia foi uma victima do seu amor pela sociedade pharmaceutica á qual tributava a mais entranhada amisade.

As suas ultimas palavras ao deixar este mundo revelam que o seu pensamento constante, unico e pelo qual sacrificava tudo, era a conservação d'aquella sociedade.

Dar-lhes publicidade é a maior homenagem prestada á memoria do fallecido.

Peço mais ao meu filho... faça constar, por escripto, ao presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, o que se segue sublinhado: *«Que a mim, na hora do passamento, acompanhou-me não só a saudade da minha familia e amigos, mas a de todos os meus collegas e consocios, aos quaes sempre prestei respeito, consideração e estima; rogando-lhes, outro sim, que prosigam na honrosa tarefa da conservação e engrandecimento da benemerita Sociedade, cujos fins têm sido e continuarão a ser em proveito da humanidade, da patria e da classe pharmaceutica.»*

Que o scepticismo d'uns, o desamor d'outros e a indifferença de muitos se compenetrem d'estas palavras é o nosso mais ardente desejo.»

(Gazeta de Pharmacia.)

E. FRAGOSO.

«Sepultou-se hontem de tarde, no cemiterio oriental, o cadaver do illustre pharmaceutico José Dionysio Correia.

Os pharmaceuticos de Lisboa, concorrendo na sua maioria ao funeral do seu collega, prestaram a mais justa e merecida homenagem ás virtudes do fallecido.

José Dionysio Correia era um homem notavel, que Lisboa talvez desconhecia, porque o não apregoaram as tubas da fama sopradas pelo *reclame*; mas que na sua esphera, conquistou a estima, o respeito e, mais ainda, a veneração

dos seus amigos, que eram todos os que o conheciam. E, não se julgue que era acanhada a esphera onde ostentou os raros dotes da sua actividade e da sua intelligencia.

José Dionysio Correia na sua modesta posição de pharmaceutico, era um sabio cultor das sciencias naturaes, um habil chimico e ainda um bom escriptor. Foi professor de pharmacia na escola de medicina e director da botica do hospital de S. José. Exerceu a chimica na casa da moeda, onde foi discipulo de Mousinho de Albuquerque, e redigiu permanentemente, durante quasi cincoenta annos, o jornal da sociedade pharmaceutica.

Era dotado de rara actividade e robustez physica, que lhe permittiram uma lueta de mais de meio seculo, lueta que nas suas mais pequenas manifestações tendia sempre para o bem da classe pharmaceutica.

No conselho de saude publica, de que era membro, na sociedade das sciencias medicas, na botica do hospital de S. José ficam indeleveis provas da sua intelligencia e do seu vasto saber; mas o que sobredoira o seu nome glorioso é a creação e a manutenção da sociedade pharmaceutica.

Na epocha de egoismo que atravessamos, poucos comprehendirão o desinteresse e a abnegação com que elle sacrificava o seu trabalho, o seu estudo, a sua saude e até os seus haveres para o engrandecimento da sociedade pharmaceutica, que elle considerou sempre como um penhor da autonomia e do bem estar para a classe.

A sociedade que elle amou tanto, retribuiu-lhe a sua divida sagrada, fazendo-lhe uma solemne consagração sem o aparato das pompas, mas com a eloquente manifestação da dôr e das lagrimas.

Ao occultar-se para sempre na sua jazida mortuaria o cadaver d'este honestissimo homem e benemerito cidadão, leu o respeitavel presidente da sociedade pharmaceutica, o sr. José Tedeschi, um esboço biographico do fallecido. Em seguida, o illustrado redactor da *Gazeta de pharmacia* o sr. Emilio Fragozo leu tambem breves mas sentidas e eloquentes palavras de veneração pelo seu collaborador. Por

ultimo o sr. Sousa Telles, pharmaceutico que occupa hoje uma alta posição no magisterio publico, pronunciou um curto discurso, em que fez resaltar principalmente a honestidade e compostura de que era dotado o fallecido e o amor quasi fanatico que elle tinha á sociedade pharmaceutica.

Terminou esta cerimonia por um incidente que comoveu profundamente todos os presentes. Foi a leitura de um documento escripto pelo punho de Dionysio Correia poucas horas antes de fallecer, em que pedia ao presidente da Sociedade que dissesse a todos os pharmaceuticos presentes ao seu funeral, que a quem mais tinha amado na sua vida era a sociedade pharmaceutica.

Prestaram-lhe as derradeiras homenagens, além da maioria dos pharmaceuticos de Lisboa, muitos membros da imprensa, o sr. presidente da camara municipal, o presidente da sociedade das sciencias medicas, o sr. dr. Craveiro da Silva pelo conselho de saude, um representante do Centro Pharmaceutico do Porto e grande numero de amigos particulares do finado.

Honra á memoria do que soube em vida honrar-se tanto, honrando a sua classe e a sua profissão.»

(Correio da Manhã)

«Faz hoje oito dias honrava-se a *Gazeta Commercial*, publicando o retrato e biographia de um dos homens mais honrados, mais amoveis, mais laboriosos e mais caritativos, que n'estes ultimos tempos viveram em Portugal; e que, apesar dos altos dotes de seu espirito e de seu coração, foi, em vida, menos conhecido e menos applaudido, do que deveria sel-o, porque cuidadosamente se furtou sempre a louvores e distincções, que de ordinario não buscam os que só pedem á propria consciencia o galardão de seus serviços.

Honra-se hoje tambem, expondo á veneração de seus leitores a effigie e algumas breves noticias do preclaro pharmaceutico, cujo nome já agora exaltado e coberto de

benções pela imprensa litteraria, scientifica e politica de todos os partidos, e como que divinizado pelos seus collegas, ha de ficar inscripto nos annaes da historia da civilização de Portugal com letras de ouro.

Singular coincidência fez que no curto espaço de uma semana tivéssemos de commemorar dois homens pertencentes a classes differentes, que talvez se não conheceram, e que têm um com o outro as maiores analogias.

Na modestia do berço, na attribulada infancia, na luta com as difficuldades da vida, na briosa energia da vontade, no constante aspirar a tudo o que é verdadeiramente grande e nobre; no inexcêdível amor do trabalho, na exemplar compostura, na honestidade das palavras, na affabilidade para com todos, no carinho para com a familia, nos dissellos para com a classe, nos relevantes serviços ás associações, Manuel José Mendes e José Dionysio Corrêa não poderiam ser mais parecidos.

Quem estas linhas escreve teve a ventura de conviver com ambos, de lhes merecer a estima, e de avaliar de perto os thesouros de virtudes, hoje infelizmente raros, que aquelles dois nobilissimos espiritos encerravam.

José Dionysio Corrêa começou muito cedo a sua carreira scientifica. Concluido o estudo das humanidades, dedicou-se ao estudo e á pratica da pharmacia, n'uma botica da rua Augusta, em Lisboa. Feito o exame de pharmacia, e obedecendo ao desejo que tinha de alargar cada vez mais a esphera dos conhecimentos scientificos, para adquirir os quaes não havia n'aquelle tempo a facilidade, que hoje ha, matriculou-se no curso de physica e chimica professado com a maior proficiencia por Mousinho de Albuquerque na casa da moeda, na mesma sala, onde, annos depois, brilhantemente ensinaram as mesmas sciencias, por ter ardido o collegio dos nobres, onde estava a escola polytechnica, os notaveis profossóres Guilherme Pegado e Julio Maximo de Oliveira Pimentel, depois Visconde de Villa Maior e reitor da Universidade de Coimbra, ha pouco roubado ás sciencias, que deploram a sua perda.

No curso de chimica de Mousinho, frequentado por muitos estudantes e ouvintes notaveis, conseguiu José Dionysio Corrêa distinguir-se por fôrma, que o abalisado professor o convidou para seu auxiliar nas demonstrações e lhe deu inequivocas provas de estima e consideração.

Dos conhecimentos obtidos em fonte tão pura e caudal se serviu Corrêa para depois se dedicar á pratica da chimica industrial no laboratorio da Margueira, com o fallecido Francisco Mendes Cardoso Leal Junior, que, passados annos, teve um laboratorio na velha igreja do Carmo, hoje Museu de Archeologia e séde da Associação dos architectos.

Em janeiro de 1831, e depois d'um notavel concurso, foi provido no logar de administrador da botica do hospital de S. José.

Os serviços, que n'aquella importante repartição prestou, não podem ser relatados no curto espaço, de que dispomos, taes e tantos elles foram.

A reforma do material da officina pharmaceutica, a criação do laboratorio chimico, a regularisação dos serviços, o aperfeiçoamento dos preparados, tudo lhe mereceu incessantes cuidados, e muito e muito conseguiu em beneficio da sciencia, e da saude dos numerosos enfermos, que aquelle vasto e piedoso instituto recebe e trata annualmente.

Além do penoso serviço da botica hospitalar, foi tambem encarregado em 1837, de desempenhar o logar de pharmaceutico da escola medico-cirurgica de Lisboa, coadjuvando nas experiencias e demonstrações chimico-pharmaceuticas o sempre chorado professor Bernardino Antonio Gomes, servindo por essa occasião de vogal nos exames de pharmacia.

Foi no desempenho d'esta commissão, que José Dionysio Corrêa ficou ferido em consequencia da explosão d'um aparelho, em que se desenvolvia o gaz hydrogenio.

Além dos relevantes serviços, que o distincto pharmaceutico prestou durante perto de meio seculo na botica do hospital de S. José, cujo movimento ordinario e pesadissimo é cheio de difficuldades, por isso que todos os dias alli

se preparam, além de grandissima quantidade de medicamentos officinaes, medicamentos magistraes para mais de mil doentes, foi José Dionysio Corrêa encarregado de varias e importantes commissões, d'entre as quaes nos lembram a commissão de inquerito á botica da Casa Pia de Lisboa; a commissão nomeada pelo governo para organizar um plano de hospital de alienados, e proceder á analyse das aguas existentes no edificio da Luz; duas commissões encarregadas de analysar uma porção de chá, e a agua sulfurea do Arsenal da Marinhá, outra commissão para analysar a agua do poço e quinta do hospital de Rilhafolles, e outra para fazer um formulario de medicamentos para o serviço de soccorros domiciliarios nos termos da portaria do ministerio do reino de 1862.

Quando Lisboa foi assolada pelas devastadoras epidemias de cholera morbus e febre amarella, José Dionysio Corrêa conservou-se sempre no seu posto, attendendo não só ao serviço interno da pharmacia do hospital de S. José, mas fazendo a inspecção diaria dos medicamentos fornecidos pelas boticas particulares para os hospitaes do Bairro Alto, Sant'Apollonia e rua Formosa, serviços que lhe valeram rasgados elogios do enfermeiro-mór e dos drs. Manuel Tavares de Macedo, Francisco Antonio Barral, Simão José Fernandes e Joaquim José Fernandes.

Nomeado vogal pharmaceutico do conselho de saude publica do reino, lugar para que o recommendavam, além da sua muita probidade e sciencia, trabalhos especiaes de chimica e pharmacia, entre os quaes avultam, além dos já citados, os que fez na commissão, de que foi director, creada em 1833, para analysar varias aguas potaveis de Lisboa, e posteriormente em 1835 para a analyse da agua dos banhos do Estoril e de outras, e da reforma pharmaceutica, que lhe foi commettida em 4 de julho de 1834, desempenhou aquelle novo emprego com a proficiencia, de que tinha dado tantas provas, e que nunca depois desmentiu.

Muito de proposito deixámos para o fim o facto da vida de José Dionysio Corrêa, que mais o ufanava e que sem

contestação merece profunda e indelevel gratidão de todo o paiz e da classe pharmaceutica.

Referimono-nos á fundação da prestantissima Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Para se poderem avaliar os serviços, que este instituto tem prestado á humanidade, á sciencia e á classe pharmaceutica, era mister compulsar todos os cincoenta volumes do jornal da mesma sociedade, conhecer o que era a pharmacia em Portugal até 1835, a guerra que acintosamente se lhe fazia, as deficiencias das leis a ella concernentes e o abatimento, em que jaziam os pharmaceuticos desunidos e indifferentes uns aos outros. Foi a voz potente, a intelligencia sã, e zelo verdadeiramente apostolico e o grande coração de José Dionysio Corrêa, que conseguiu realizar o que n'aquella época foi um verdadeiro milagre: grupar em torno do pendão pharmaceutico centenas de homens de diferentes edades e de diversissimas opiniões politicas, e inspirar a todos o grande e elevado amor da sciencia, da patria, da classe e da sociedade, que a José Dionysio Corrêa deve quanto tem feito e quanto esperamos que faça.

Na sociedade exerceu o finado pharmaceutico todas os cargos mais importantes, tratou com os homens mais notáveis do paiz, relacionou-se com quasi todas as sociedades scientificas da Europa e do Novo Mundo, combateu sempre os inimigos da pharmacia, guerreou sem treguas o charlatanismo, adoptou e vulgarizou quantos melhoramentos a sciencia foi introduzindo na chimica, na physica, nas sciencias naturaes, na materia medica, na toxicologia e na pharmacia, e deixou o seu nome gloriosamente vinculado a todos os melhoramentos, que a sociedade iniciou.

Cumularam-o de distincções as sociedades scientificas portuguezas e estrangeiras.

Era socio prestantissimo da Sociedade de sciencias medicas de Lisboa, da Industrial Portuense, das Academias cirurgica-matritense e de medicina e cirurgia de Cadix, das Sociedades medico-botanica de Londres, Pharmaceuticas do Norte da Allemanha e da Baviera Rhenana, do Instituto

Palatino de Sciencias-medicás e do Collegio de Pharmaceuticos de Madrid.

A muitas outras sociedades portuguezas, e especialmente ao mialheiro das viuvas e orphãos dos operarios, e á Associação dos melhoramentos das classes laboriosas prestou bons serviços.

Nos ultimós tempos, alquebrado pelos annos, devastado pela doença, que sempre o affligiu desde que, em 1857, foi atacado pela febre amarella, e quasi impossibilitado de andar, ainda assim, não faltava nem a uma sessão da Sociedade Pharmaceutica, a qual com uma sincêridade encantadora denominava sua filha predilecta.

Honrou-o esta, em vida, concedendo-lhe o titulo de presidente honorario, que até então a nenhum socio fôra conferido, e offerecendo-lho n'uma sessão solemníssima, na qual um dos socios leu um extenso discurso encomiastico; honrou-o depois de morto, prestando-lhe todas as homenagens, ainda assim inferiores ao merito do fallecido.

Nós, n'estas breves e toscas phrases associamo-nos ao sentimento da classe e da Sociedade Pharmaceutica e fazemos votos, para que o grande espirito de José Dionysio Corrêa a illumine d'além mundo, a proteja, a defenda e a dirija, até se realisarem todas as suas nobres aspirações.

(Gazeta Commercial de 14 de dezembro de 1884.)

Centro de Documentação Farmacêutica

PAX TECUM!

«Vamos dar principio ao quarto anno da publicação do *Boletim* noticioso-commercial, infelizmente, com um facto, de grande sentimento para nós, e que é uma perda enorme para a classe pharmaceutica portugueza.

... não necessitamos dizer que nos queremos referir ao passamento, ultimamente occorrido em Lisboa, do varão insigne e illustre, que se chamava José Dionysio Corrêa, e que era, por confissão de todos, um dos vultos mais sympathicos e de mais respeito da nossa classe.

— Apesar da sua avançada edadê; apesar da doença pros-

tradora, o venerando ancião ainda era um dos primeiros campeões do levantamento intellectual e social da nossa classe! Assim as prohibições medicas e os rogos filiaes, que lhe aconselhavam repouso e socego d'espírito, eram desprezados por J. D. Correia, porque a taes prohibições elle antepunha a dedicação á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que elle havia creado, e os rogos eram vencidos pelo desvelo, que rendia a tudo que dissesse respeito á pharmacia! Para J. D. Correia a casa da Sociedade era um templo augusto e sagrado, as suas sessões o semear evangelizador de colheitas futuras — era nova e de prosperidade para o BEM PHARMACEUTICO.

Nunca esqueceremos as seguintes palavras, que ouvimos n'uma das sessões da Sociedade a tão nobre pharmaceutico: — *Eu ao pé dos meus estou doente e cheio de dores, aqui, na casa da minha Sociedade, ao pé de vós meus collegas, meus amigos, meus irmãos, a dor desaparece e só sinto alegria e bem estar. Estas lagrimas, que vedes correr, não são de soffrimento e sim de satisfação e contentamento...* (!)

Essas palavras ahí ficam, senão para estimulo dos presentes, pelo menos para recordação dos vindouros.

E' pois merecidamente que a benemerita Sociedade Pharmaceutica Lusitana, representando a classe, se cobre de luto. É devido e bem merecido que a filha cheia de vida, chore o pae morto e para sempre perdido!

Dorme, pois, em paz, ancião venerando, e sirva d'allivio á dôr profunda da tua familia as saudades vivamente duradouras, que deixaste em tanto coração amigo!

Dorme em paz, cidadão illustre, que ninguem pôde fazer mais do que tu, pois entregaste a tua classe á melhora da tua intelligencia e dividiste por ella e pela familia o carinho do teu nobre coração!

Dorme em paz, pharmaceutico benemerito, que a tua querida Sociedade, ponto luminoso, que tantas vezes tem aclarado o horisonte escuro e carregado da nossa desprotegida classe, fica entregue a quem já tão briosamente a tem honrado e sempre feito prosperar.

«Dorme em paz, mestre de tantos e amigo de todos, que se a tua actividade e o teu amor de classe creou o Templo, o teu exemplo e a tua lição o fez povoar de Levitas intelligentes e dedicados!»

«Dorme, pois, em paz, obreiro infatigavel.»

Porto—Dezembro de 1884.

(Boletim Noticioso-Commercial da casa Pharmaceutica) H. DE LIMA

«Na vasta galeria de portuguezes illustres, que o Occidente inaugurou e constantemente enriquece com retratos e biographias de quantos se tornaram dignos da estima e da gratidão da patria, apparece hoje a imagem d'um homem, cuja modestia o escondeu, em vida, aos applausos e á glorificação, a que tinha jus, porém que a justiça social tem devidamente exaltado, depois de morto, tanto mais desassombradamente, quanto os elogios, que se lhe tecem, nascem da profunda convicção do merito incontestavel, que os inspira, sem a minima sombra de lisonja, ou de parcialidade.»

«Ha pouco mais d'um mez que José Dionysio Corrêa falleceu, e já a opinião publica, revelada pela voz potente e auctorizada de toda a imprensa do paiz e de nações estrangeiras, o proclamou benemerito e lhe conferiu a côrôa, que só compete aos, que foram verdadeiramente grandes.»

«E grande foi Dionysio Corrêa no amor ao estudo, na pratica das virtudes domesticas; na esmerada educação, que deu a seus filhos; na exemplar compostura de suas acções e palavras; na gentilissima delicadeza, com que a todos tratava; na lealdade de character; na caridade, com que acudia, quanto seus haveres lh'o permittiam, ás desgraças alheias, já defendendo de vinganças politicas os, que sem a sua protecção, d'ellas teriam sido victimas, nos ominosos tempos do absolutismo, já subministrando o pão do corpo e do espirito a mancebos pobres, que lhe deveram a educação e as posições sociaes, que depois occuparam, já inscrevendo-se em associações de beneficencia, e dedicando-se-lhes de todo o coração.»

Grande, e muito grande, foi no zelo e proficiencia, com que desempenhou por muitos annos o logar de director da botica do hospital de S. José, de Lisboa, de professor de pharmacia na Escola Medico Cirurgica, de vogal do Conselho de saude publica do reino, e de muitas e muito importantes commissões scientificas, que lhe valeram louvores, nunca solicitados, e distincções honorificas, ainda assim inferiores aos seus merecimentos e serviços.

O facto, porém, que mais ennobrece e abrilhanta o nome de José Dionysio Corrêa, é, incontestavelmente, o ter fundado a sociedade pharmaceutica, uma das mais antigas, das mais uteis e das mais laboriosas sociedades scientificas de Portugal.

Não é este o logar proprio para historiar o abatimento, a que chegára em Portugal a pharmacia, e os vexames, que sobre os pharmaceuticos exerciam as auctoridades e as leis, quando n'este paiz raiou a aurora da liberdade.

Quebradas as algemas, abertos os carceres, derrubados os cadafalsos, facultadas aos pobres as escolas, que até alli tinham sido só para ensino dos protegidos da fortuna, desamordaçada a imprensa e estabelecido o reinado da justiça e da tolerancia, poude José Dionysio Corrêa realisar o pensamento, que havia muito acariciava em segredo, nas compridas e tristonhas horas da perseguição e da vindicta, durante as quaes gemiam os homens honestos e livres, esperando resignados, como os antigos patriarchas, a vinda do Messias.

Ainda uns se occupavam em curar as feridas e doenças contrahidas nas masmorras, e outros em abraçar suas familias, das quaes tinham vivido largos annos separados; ainda se escutava o troar do canhão e os estrondos da fuzilaria da guerra fratricida, que tão tristemente, para alguns, findou em Evora Monte; parecia ouvir-se o crepitar das fogueiras, onde expiaram o crime de serem liberaes tantos martyres, que relembravam, na sua intemerata coragem e serena resignação, os, que nos primeiros tempos do christianismo, sellaram com seu sangue a doutrina nova, que ao mundo trouxera o mayoso Jesus.

28 No meio d'este movimento confuso, ao mesmo tempo risonho e sombrio, em que aos sorrisos de uns correspondiam as lagrimas de outros, e do qual havia de surgir uma era nova de luz, de progresso, de tolerancia, de perdão e de liberdade, José Dionysio Corrêa convocava os seus collegas de todo o reino, liberaes e miguelistas, e com fé ardentissima na efficacia do principio associativo, e por intuição, que mal se comprehende hoje, creava a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, instituto destinado a promover simultaneamente o desenvolvimento da sciencia e illustração da classe, a pugnar sem treguas contra todas as prepotencias, e a combater todos os abusos introduzidos na pratica de uma profissão tão util e indispensavel.

Só quem conhece os grandissimos serviços prestados ao paiz, e á classe pharmaceutica por esta sociedade; a estima, de que o Governo lhe tem dado repetidas provas em diferentes epochas; a consideração, em que é tida pelos institutos scientificos estrangeiros, e a tenacidade, com que tem proseguido no desempenho do lemnia, que inscreveu no seu pendão, é que pode avaliar quão grande serviço prestou José Dionysio Corrêa, fundando-a e amparando-a durante cincoenta annos, sem um só dia deixar de lhe prestar serviços.

Desempenhou alli os cargos mais importantes; fez parte das mais importantes commissões; escreveu em quasi todos os numeros do jornal, que consta de cincoenta volumes; tomou parte em quasi todas as discussões; e conseguiu impôr-se, sem constrangimento de vontades, nem ardis da ambição, ao respeito e amor de todos os seus collegas.

Conferiram-lhe estes o titulo, a nenhum outro concedido, de Presidente Honorario, e entregaram-lh'o n'uma das mais apparatusas sessões, que n'aquella sociedade se tem celebrado, sendo lido n'essa occasião perante numerosissimo auditorio um extenso elogio ao, que soubera merecel-o, como poucos.

Ha muito o trabalhava uma fatal doença, a que succumbiu no dia 3 de dezembro de 1884.

Já quasi no paroxismo dictou a seu filho, para que as transmittisse á Sociedade Pharmaceutica, umas palavras repassadas de ternura e de saudade, com que se despede de todos os confrades, e lhes recommenda a continuação da sua obra.

Com estas breves e imperfeitas phrases, não pretendemos fazer o elogio, e muito menos a biographia, do illustre finado; não tinhamos nem aptidão, nem tempo para tanto. Não faltará quem pague esta divida.»

JOÃO JOSÉ SOUSA DE TELLES.

(O Occidente de 11 de janeiro de 1885.)

A todos os collegas tanto da capital, como das provincias, cujos artigos não podemos reproduzir por falta de espaço, renovamos os nossos sinceros e cordeaes agradecimentos.

D.

VARIEDADES

Formulario dos hospitaes militares de França

O sr. Chœuffèle, na sessão da sociedade de pharmacia de Paris, de 5 de novembro ultimo, offereceu em nome do seu ministro um exemplar do *Novo formulario dos hospitaes militares*, e fez referencia á parte muito activa que o sr. Marty, presidente da sociedade, tomou na redacção do mesmo formulario.

A ultima revisão datava de 1870. Para o pôr em harmonia com os progressos da sciencia, uma decisão ministerial, de 3 de fevereiro de 1883, tinha nomeado a seguinte commissão:

O sr. Coulier, pharmaceutico-inspector, presidente; Bourot, Massaloup, medicos principaes de 1.^a classe; Kelsch, medico principal de 2.^a classe; Jaillard (mais tarde substituido pelo sr. Schmitt), Courant, Marty et Chœuffèle, pharmaceuticos principaes de 1.^a classe.

Como se sabe, os pharmaceuticos-inspectores do exercito francez, teem a patente correspondente aos generaes de brigada, e os pharmaceuticos principaes de 1.^a classe a de coroneis, como os medicos da mesma denominação.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE TOMO

A

- Acido borico contra a blennorrhagia. 52.
- borico contra a diphtheria. 194.
- borico contra o suor dos pés. 137.
- borico (emprego therapeutico de). 138.
- borico (pesquisa do) no leite. 125.
- chromico contra as verrugas. 75.
- phenico. 67.
- salicylico (maneira de descobrir o) no leite. 83.
- salicylico nos vinhos (emprego do ether e do chloroformio na pesquisa do). 125.
- tartarico no acido citrico (pesquisa do). 144.
- trichloracetico considerado como reagente da albumina na urina. 104.
- Aço dos objectos delicados d'este metal (maneira de temperar o). 119.
- e ferro (maneira de distinguir o). 120.
- Acta da sessão solemne, para comemorar o 49.º anniversario da sociedade. 162.
- Actas das sessões litterarias da sociedade (extractos das). 21, 41, 61, 81, 121, 185.
- Agua albuminada. 118.
- dentifricia. 53.
- para limpar objectos de cobre. 159.

- Aguas distilladas aromaticas e essencias. 12.
 - Alcaloides da quina (doseamento dos). 103.
 - Alterações occorridas no quadro da sociedade, durante o 49.º anno da sua instituição. 174.
 - Amido na cevada (doseamento do). 144.
 - Analyse de um leite condensado. 144.
 - de um sal de conserva para o leite, manteiga, carne, etc. 138.
 - Arôma do café (conservação do). 120.
 - Assucar de leite. 28.
 - (pesquisa pelo acido picrico). 46.
 - Assumptos pharmaceuticos. 96, 110.
 - Atanasia (essencia e decocto de). 75.
 - Azeite de oliveira com oleo de algodão (pesquisa do). 14.
 - (ensaio do) que se suppõe falsificado com oleo d'algodão. 27.
 - (ensaio rapido do) 74.
- #### B
- Bacillos da expectoração (conferencias scientificas e os). 199.
 - Balanco geral (resumo do) da receita e despesa da sociedade, do anno economico de 1883 a 1884. 143.
 - Bibliographia. 60, 76.
 - Botanica. 33, 46, 68, 88, 130, 147, 188.

C

- Café com agua distillada. 204.
 Cafeina (envenenamento pela). 139.
 Canero (pó de iodoformio contra o). 196.
 Canos das espingardas (maneira de bronzear os). 119.
 Cardo sancto e seus succedaneos. 147.
 Carta de lei, de 3 de maio de 1884, relativa ao pharmaceutico mais antigo do exercito, logo que contive vinte e cinco annos de bom e effectivo serviço. 101.
 Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez, pelo membro honorario o sr. Adolpho Frederico Moller, inspector do jardim botanico da universidade de Coimbra. 33, 46, 68, 88, 130, 188, 212.
 Cerveja (pesquisa do acido picrico na). 45.
 Chimica. 30, 66, 85, 103, 144, 209, 210, 211.
 Chloro e iodo (separação do) pela via secca. 146.
 Chronologia de todas as leis, alvaras, decretos, portarias, editaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza. 101.
 Cigarros americanos (perfumes de). 106.
 Colla forte. 140.
 Collas de gelatina (conservação das). 204.
 Collyrio contra as opacidades da cornea. 194.
 Comissões permanentes, para o 50.º anno da sociedade.
 Conferencias scientificas e os bacillos da expectoração. 199.
 Conservação do aroma do café. 120.
 — das collas de gelatina. 204.
 — das madeiras. 74.
 Consulta da sociedade, de 25 de julho de 1884, sobre o Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na pharmacopéa portugueza, elaborado pelo socio honorario o sr. Alfredo da Silva Machado. 141.
 Contra veneno do iodoformio. 203.
 Cura da hydrophobia pelo curare. 44.
D
 Dacryocystita (tratamento da). 197.
 Desinfectação do suor dos pés. 53.
 Desinfectante. 100.
 Diphtheria (acido borico contra a). 194.

- Diphtheria (tratamento da) pelo bromo. 183.
 — (injecção tannica contra a). 195.
 Direito pharmaceutico portuguez. 101.
 Dispensa de preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia, requerida por João da Cunha e Oliveira, natural de Loanda. 3, 5, 7.
 Doadores e objectos doados á sociedade (lista dos) durante o 49.º anno. 172.
 Dôr de dentes (tratamento da). 203.
 Douradura do aço. 203.
 Discurso do socio sr. José Dionysio Corrêa, feito na sessão de 13 de novembro de 1883, narrando o que tem occorrido acerca dos pharmaceuticos de primeira e segunda classe. 23.
 — do sr. vice-presidente, José Ribeiro Guimarães Drack, feito na sessão solemne commemorativa do 49.º anniversario da sociedade. 175.
 Discussão sobre o parecer da commissão de pharmacia, de 27 de novembro de 1883, com respeito a varios quesitos de differentes socios, em sessão de 29 de dezembro de 1883. 64.
 Dosagem da uréa pelo processo alcalimetrico do sr. L. Hugouneq. 31.
 Doseamento do amido na cevada. 144.
 — dos alcaloides da quina. 103.
 — rapido do opio. 66.
E
 Elixir anti-cholericó, pelo sr. dr. Lourenço d'Almeida Azevedo. 150.
 Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na pharmacopéa portugueza, elaborado pelo socio sr. Alfredo da Silva Machado. 60, 76.
 — aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na pharmacopéa portugueza, elaborado pelo socio honorario o sr. Alfredo da Silva Machado (consulta da sociedade, de 25 de julho de 1884, sobre o). 141.
 — apreciações feitas nos importantes jornaes scientificos abaixo mencionados:
Boletim commercial noticioso da Casa pharmaceutica do Porto. 76.
Correio Medico de Lisboa. 78.

Gazeta dos Hospitaes Militares. 78.
Gazeta de Pharmacia. 79.
Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias de Lisboa. 79.
El Restaurador Pharmacéutico. 80.
Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. 60.

Emprego do ether e do chloroformio na pesquisa do acido salicylico nos vinhos. 125.
 — therapeutico de acido borico. 138.
 — therapeutico de hippurato de soda. 138.
 — therapeutico de nitrato de amylo. 139.
 — therapeutico de peptonato de ferro. 139.

Emulsão de iodoformio para injeções vesicaes nos casos de cystita chronica. 219.

Ensaio do azeite que se suppõe falsificado com oleo de algodão. 27.
 — rapido do azeite. 74.

Envenenamento pela cafeina. 139.

Ephelidas (tratamento das). 197.

Epilepsia (tratamento da). 198.

Ergotino (solutio officinal de). 129.

Erratas mais notaveis existentes em o n.º 9 d' este tomo.

Esbôço historico de geologia. 12, 37, 56, 71, 715. 153.

Essencia de mostarda negra. 28.
 — e decocto de atanasia. 75.
 — e aguas distilladas aromaticas. 12.

Ether e chloroformio (emprego do) na pesquisa do acido salicylico nos vinhos. 125.

Extractos das actas das sessões da sociedade. 21, 41, 61, 81, 121, 185, 205.
 — pharmaceuticos (presença de cobre nos). 10.

F

Falsificação da pimenta pelo bagaço da azeitona. 124.

Farinha de linhaça inalteravel. 158.

Fino Champanhe (mistura alcoolica vendida com o nome de). 124.

Flora pharmaceutica portugueza. 39.

Formulario. 57, 105, 194, 219.

Fornecimento de medicamentos para o Asylo dos Invalidos de Runa (representação da sociedade, dirigida a El-Rei em 4 de junho de 1884, pedindo providencias contra a arre-matação, em hasta publica, do). 105.

Francisco Antonio Alves d'Azevedo (necrologia de). 16.

Funcionarios para o 50.º anno da sociedade.

G

Gargarejo de menthol.

Geologia (esboço historico da). 12, 37, 56, 71, 115, 153, 919.

Glycerina aromatica. 53.
 — como vomitiva. 59.
 — contra a trichinosa. 160.

Graxa liquida para calçado. 120.
 — solida para calçado. 140.

H

Herborisações. 39.

Hippurato de soda (emprego therapeutico de). 138.

Historia natural. 33, 46, 68, 88, 130, 147, 188.

Hydrophobia (cura da). 44.

I

Importancia de um ramo de sciencias medicas. 96, 110.

Incenso. 28.

Incompatibilidades medicamentosas. 224.

Injecção de brometo de potassio. 54.
 — hypodermica de bromhydrato de quinina. 54.
 — hypodermica de chlorhydrato de quinina. 54.
 — subcutanea d'ergotina e chloroformio. 194.
 — tannica contra a diphtheria. 195.
 — vesical de acido borico. 55.

Iodoformio no tratamento do lupus erythematoso. 195.

L

Lacre fino. 140.
 — para garrafas. 119.

Lapis-sinapismos. 224.

Leite condensado (analyse de um). 144.
 — (pesquisa do acido borico no). 125.

Licor mineral antiseptico. 105.

Linho e o algodão (processo para reconhecer o) nos tecidos de seda. 75.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade, durante o 49.º anno. 172.

Lupus erythematoso (iodoformio no tratamento do). 195.

M

Madeiras (conservação das) 74.

Maneira de afastar ou destruir as moscas e mosquitos. 119.

— de bronzear os canos das espingardas. 119.

— de descobrir o acido salicylico no leite. 83.

— de distinguir o aço do ferro. 120.

— de temperar o aço dos objectos delicados d'este metal, sem lhes alterar as formas. 119.

Medicamentos fornecidos por meio de arrematação. 9.

Meio de separar a agua do alcool. 40.

Mel commum. 29.

Microorganismos da terra no ar (transportes dos) 184.

Mistura alcoolica vendida com o nome de fino Champanhe. 124.

— contra a alopecia (Hundschauf) 219.

— contra o rheumatismo muscular. 220.

Mistura purgativa. 195.

Mocção feita pelo ex.^{mo} sr. presidente da sociedade, em sessão de 8 de janeiro de 1884, sobre o projecto de lei que dispensa a André Gonçalves Pinto, droguista na provincia de S. Thomé, os preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia. 7.

Moscas e mosquitos (maneira de afastar ou destruir as). 119.

N

Naphtol. 85.

Neerologia. 16.

— do consocio Francisco Antonio Alves d'Azevedo. 16.

— do consocio José Dionysio Corrêa. 225.

Nitrito de amylo (emprego therapeutico do) 139.

Nota sobre a sede do principio activo entre os vesicantes. 216.

O

Objectos de cobre (agua para limpar). 159.

— doados à sociedade (lista dos doadores e) durante o 49.^o anno. 172.

Officio do Centro Pharmaceutico Portuguez, de 18 de janeiro de 1884, em resposta ao que lhe fôra endereçado por esta sociedade, datado de 14 do referido mez. 26.

— do socio o sr. José Ribeiro Guimarães Drack, de 11 de agosto de 1883, com relação á exposição pharmaceutica nacional. 22.

Oleo antiseptico contra a eczema (Lassar). 220.

— de algodão no azeite de oliveira (pesquisa do). 14.

— de croton contra a tinha. 196.

Opacidades da cornea (collyrio contra as). 190.

Opio (doseamento rapido do). 66.

P

Pães de gluten em amido (riqueza dos). 145.

Palmilhas contra a transpiração dos pés. 183.

Papel transparente para photographia. 40.

Parecer da commissão de direito pharmaceutico, de 5 de maio de 1883, acerca do fornecimento de medicamentos, para o exercito portuguez, por meio de arrematação. 9.

— da commissão de guerra da camara dos senhores deputados, acerca do pharmaceutico mais antigo do exercito. 109.

— da commissão de pharmacia, de 27 de novembro de 1883, sobre varios quesitos de diferentes socios. 62.

Pecas officiaes. 3, 21, 41, 61, 81, 102, 121, 141, 161, 185, 205.

Peixes venenosos. 202.

Peptonato de ferro (emprego therapeutico de). 139.

Perfumes de cigarros americanos. 106.

Pharmaceutico mais antigo do exercito (carta de lei, de 3 de maio de 1884, relativa ao) logo que conte vinte e cinco annos de bom e effectivo servico. 101.

Pharmacia. 10, 28, 129.

Pesquisa do acido borico no leite. 125.

— do acido picrico na cerveja. 45.

— do acido tartarico no acido citrico. 144.

— do assucar pelo acido picrico. 46.

— do oleo de algodão no azeite de oliveira. 14.

Pitulas de acido phenico contra a septicemia puerperal. 55.

— anticatharraes de alcátrão compostas. 52.

— balsamicas. 55.

Pimenta (falsificação da) pelo bagaço da azeitona. 124.

Plantas medicinaes (catalogo das) que habitam o continente portuguez; pelo membro honorario o sr. Adolpho Frederico Moller, ins-

pector do jardim botânico da universidade de Coimbra. 33, 46, 68, 88, 130, 188.

Pê antiseptico. 106.

— de carne. 160.

— de iodoformio contra o cancro. 196.

Poção acida com hortelã pimenta. 107.

— antiescrofulosa. 196.

— antimetrorrhagica. 107.

— de brometo e chloral. 107.

— sedativa. 108.

Poções de apomorphina. 196.

Pomada de acido borico. 197.

— contra a vaginita. 55.

Potassa caustica. 29.

Presença de cobre nos extractos pharmaceuticos. 10.

Processo para reconhecer o linho e o algodão nos tecidos de seda. 75.

Programma das questões scientificas para o 50.º anno da sociedade. 170.

Proposta do socio o sr. Alfredo da Silva Machado, feita em sessão de 27 de novembro de 1883, para que se eleja uma commissão para elaborar um projecto de reforma de ensino pharmaceutico. 42.

— do socio o sr. Emilio Fragoso, feita em sessão de 11 de dezembro de 1883, para o adhiamento da discussão sobre os pharmaceuticos de primeira e segunda classe. 44.

Q

Quadro da sociedade (alterações occorridas no), durante o 49.º anno da sua instituiçãõ. 174.

Questões scientificas (programma das), para o 50.º anno da sociedade. 170.

R

Reacção alcalina do vidro, causando erros nas analyses. 145.

Reagente da albumina na urina. 145.

Relatorio dos trabalhos da sociedade, durante o 49.º anno da sua instituiçãõ, feito pelo 2.º secretario o sr. Emilio Fragoso. 162.

Representaçãõ da sociedade, dirigida a El-rei em 4 de junho de 1884, pedindo providencias contra a arremataçãõ, em hasta publica, do fornecimento de medicamentos para o Asylo dos Invalidos de Ruina. 102.

— da sociedade, de 3 de setembro de 1884, pedindo ao governo energicas providencias sobre o

abuso do exercicio da profissãõ pharmaceutica por individuos sem habilitações legais. 161.

— do Centro Pharmaceutico Portuguez e da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, dirigidas à camara dos srs. deputados, contra o requerimento que tem por fim dispensar a João da Cunha e Oliveira, natural de Loanda, os preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia. 3, 5, 7.

Resumo do balanço geral da receita e despesa da sociedade, do anno economico de 1883 a 1884. 143.

Riqueza dos pães de gluten em amido. 145.

S

Sal de conserva (analyse de um) para o leite, manteiga, carne, etc. 138.

Saude publica. 27, 44, 83, 124.

Separaçãõ do chloro e do iodo pela via secca. 146.

Sessão solemne (acta da), para comemorar o 49.º anniversario da sociedade. 162.

Sessões da sociedade (extracto das actas das). 21, 41, 61, 81, 121, 185.

Soda caustica. 30.

Soluto officinal de ergotino. 129.

Suppositorios contra o volvismo. 56.

Syphilitas vulvurias (tratamento das). 198.

T

Tabaco de fumo (uso do). 139.

Tannino falsificado. 147.

Tecidos de seda (processo para reconhecer nos) o linho e o algodão. 75.

Tincta de vanadio. 40.

— para marcar roupa branca. 159.

Tinha (oleo de croton contra a). 196.

Trabalhos da sociedade (relatorio dos) durante o 49.º anno, feito pelo 2.º secretario o sr. Emilio Fragoso.

Transpiraçãõ dos pés (palmilhas contra a). 183.

Transporte dos microorganismos da terra no ar. 184.

Tratamento da dacryocystita. 197.

— da diptheria pelo bromo. 183.

— da dôr de dentes. 203.

— da epilepsia. 198.

— das ephelidas. 197.

— das syphilitas vulvurias. 198.

Trichinosa (glycerina contra a). 160.

U

Uréa (dosagem da) pelo processo al-

calimetrico do sr. L. Hugoueng. 31.

Uroroseina, nova materia corante de urina. 30.

Uso do tabaco de fumo. 139.

Variedades. 12, 37, 56, 71, 76, 109, 137, 153, 183, 199, 221, 224, 229,

Verrugas (acido chromico contra as 75.

— plantarias. 160.

Vinho nutritivo de carne. 15.

X

Xarope bechico. 108, 198.

— contra a tosse convulsa. 108.

— de quina para creanças. 108

— expectorante. 198.

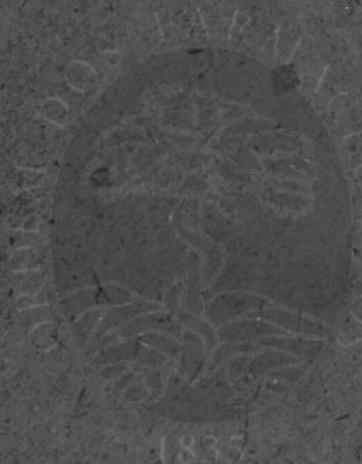


Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

180



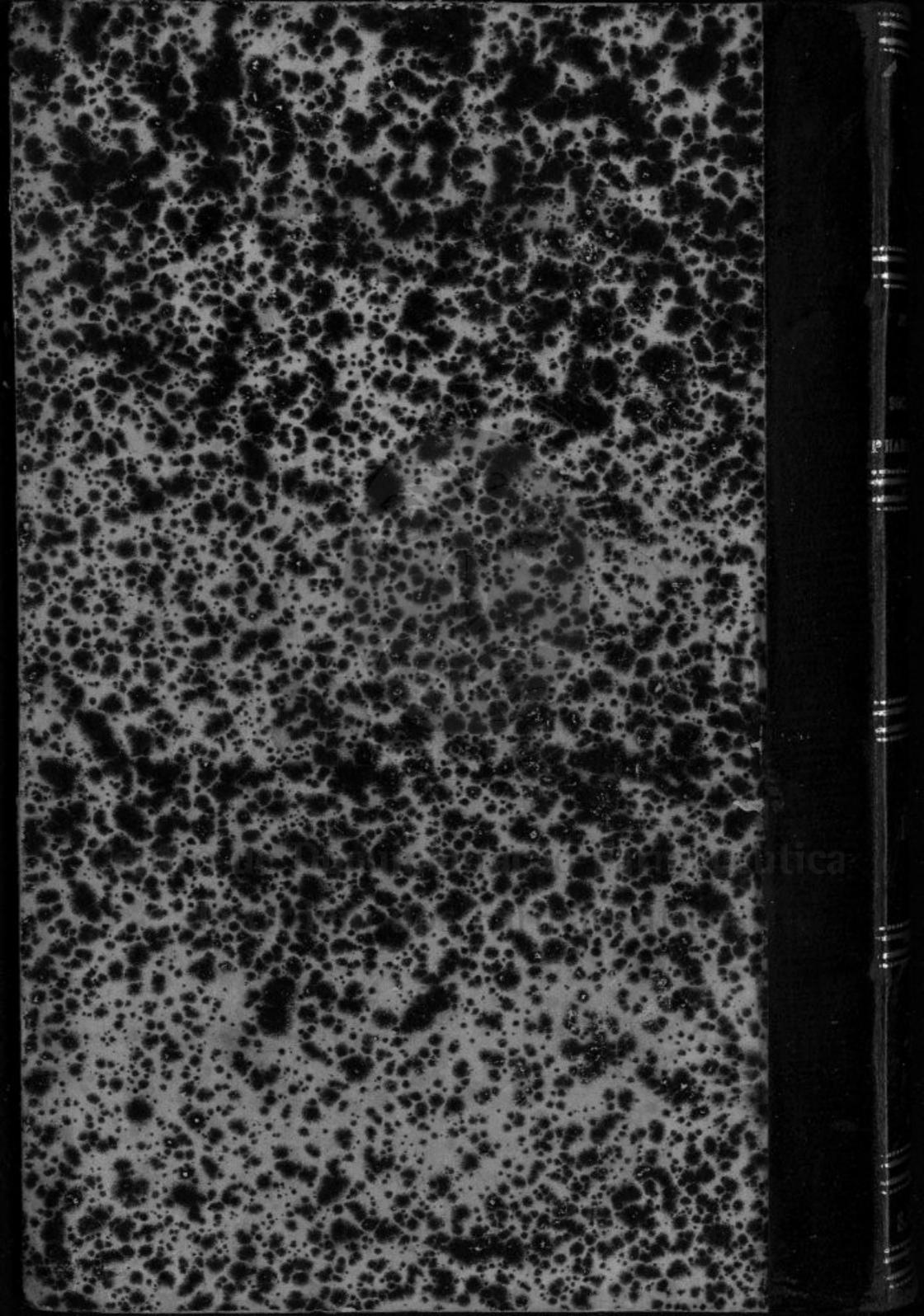
Centro de Documentación Farmacéutica
del Orden de los Farmacéuticos



Centro de Documentação e Informação
da Universidade Nova de Lisboa



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



REVISTA DE FARMACIA
E DE QUIMICA
E DE MEDICINA
E DE BOTANICA
E DE ZOOLOGIA
E DE AGRICULTURA
E DE COMERCIO
E DE INDUSTRIA
E DE MANUFATURAS
E DE MINERAS
E DE METALURGIA
E DE AERONAUTICA
E DE ASTRONAUTICA
E DE AERONAUTICA
E DE ASTRONAUTICA

JORNAL

DA

SOCIEDADE

FARMACEUTICA

DE BRASIL

EDITADO POR

DR. JOSE DE ALMEIDA

DEPARTAMENTO DE FARMACIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

AVENIDA PASTEUR, 100 - MARACANA, RIO DE JANEIRO

TEL. 21-251-1111

ISSN 0035-0075

1884

1884

1884

1884

1884

1884

1884

1884

1884

1884

1884

1884

1884